

**MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS SÓ NA SUÉCIA
PUBLICADO EM 10 IDIOMAS**



NINGUÉM QUIS SABER

MARI JUNGSTEDT

contraponto®

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS SÓ NA SUÉCIA
PUBLICADO EM 10 IDIOMAS**



NINGUÉM QUIS SABER

MARI JUNGSTEDT

contraponto

TÍTULO

MARY JUNGSTEDT
NINGUÉM QUIS SABER

(I Denna Stilla Natt - 2004)

Comissário Anders Knutas #02

*Ao meu marido, Cennet Nicklasson,
Meu querido amigo de alma.*

* * *

ÍNDICE

Capa	
Título	
Índice	
A Autora	
Série	
Resumo	
A Ilha de Gotland	
Capítulos	
<i>Um</i>	
<i>Dois</i>	
<i>Três</i>	
<i>Quatro</i>	
<i>Cinco</i>	
<i>Seis</i>	
<i>Sete</i>	
<i>Oito</i>	
<i>Nove</i>	
<i>Dez</i>	
<i>Onze</i>	
<i>Doze</i>	
<i>Treze</i>	
<i>Quatorze</i>	
<i>Quinze</i>	
<i>Dezesseis</i>	
<i>Dezessete</i>	
<i>Dezoito</i>	
<i>Dezenove</i>	
<i>Vinte</i>	
<i>Vinte e Um</i>	
<i>Vinte e Dois</i>	
<i>Vinte e Três</i>	
<i>Vinte e Quatro</i>	
<i>Vinte e Cinco</i>	
<i>Vinte e Seis</i>	
<i>Vinte e Sete</i>	
<i>Vinte e Oito</i>	

Vinte e Nove

Trinta

Trinta e Um

Trinta e Dois

Trinta e Três

Epílogo

Agradecimentos

* * *

A AUTORA

MARI JUNGSTEDT nasceu em 31 de outubro de 1962 em Estocolmo. É jornalista sueca e autora de novelas policiais e já se consolidou como uma das autoras mais famosas da novela policial escandinava. Trabalhou como jornalista na Rádio Pública Sueca e na Televisão Sueca, apresentando o talk show Förkväll na TV4. Suas primeiras três novelas se ambientam na ilha de Gotland e contam com o inspetor Anders Knutas e o jornalista Johan Berg. Adquiriu grande popularidade nos mais de quinze países onde foi publicada. No total, já foram vendidos mais de três milhões de livros em todo o mundo. Em seu país natal já foram publicados dez títulos da série. Duas de suas novelas foram filmadas pela televisão sueca. Mora atualmente em Nacka, próxima de Estocolmo. Seu marido é de Visby, Gotland, e passam suas férias em Gotland.

* * *

LIVROS DA SÉRIE COMISSÁRIO ANDERS KNUTAS

1. 2003; *Den du inte ser; Unseen;*
2. 2004; *I denna stilla natt; Unspoken;*
3. 2005; *Den inre kretsen; The Inner Circle.*
4. 2006; *Den döende dandyn; The Killer's Art.*
5. 2007; *I denna ljuva sommartid; The Dead of Summer.*
6. 2008; *Den mörka ängeln; The Dark Angel.*
7. 2009; *Den dubbla tystnaden; The Double Silence.*
8. 2010; *Den farliga leken; The Dangerous Game.*
9. 2011; *Det fjärde offret.*
10. 2012; *Den sista akten.*
11. 2013; *Du går inte ensam.*

* * *

RESUMO

HENRY FOI em tempos um ótimo jornalista/fotógrafo e vivia uma vida regalada com a sua mulher e filha, mas com o decorrer do tempo o álcool começou a tomar conta dele, passando a ser um dos seus melhores amigos, até um dia se tornar o único. A família abandonou-o, perdeu o emprego e os seus dias se tornaram um inferno provocado pela dependência. A vida de Henry ficou reduzida ao álcool, ao jogo e às noites boêmias até à inconsciência, embora por vezes em momentos de maior lucidez Henry ainda exercia a sua paixão pela fotografia.

Fanny é uma jovem de 14 anos, que devido ao alcoolismo da sua mãe, foi obrigada a se tornar uma adulta precoce, para poder cuidar da mãe e de si própria. Mas por vezes esse crescimento precoce trás consequências, nem sempre a cabeça de uma jovem ainda criança, consegue aguentar tamanha pressão e responsabilidades, aliás isso nem deveria acontecer. Fanny se desvia da vida normal que se espera de uma jovem da sua idade, o que a leva a seguir por um caminho sem retorno.

Em comum, ambos tinham um destino traçado, a morte, nas mãos de um assassino. Knutas é o investigador responsável pela investigação das suas mortes, um quebra-cabeças, devido à dificuldade em encontrar pistas que o levem ao autor dos crimes. Mas estarão relacionados ou serão casos isolados?

* * *

A ILHA DE GOTLAND



* * *

Um

Domingo 11 de Novembro

PELA PRIMEIRA VEZ em toda a semana o céu clareou. Os lânguidos raios do sol de novembro abriram passagem entre as nuvens e os espectadores do hipódromo de Visby voltaram seus rostos esperançosos para a luz solar. Era o último dia de corridas da temporada e no ar fluu o otimismo, misturado com alguma nostalgia. Um público enregelado, porém entusiasmado, havia se concentrado nas grades. Bebiam cerveja e café quente em copos de plástico, comiam cachorros-quentes e faziam anotações no programa das corridas.

Henry Dahlström, o Flash, apanhou uma garrafinha do bolso e deu um bom trago na aguardente caseira. Fez um gesto de desagrado, porém a beberagem esquentou-o. Ao seu redor nas grades estava sentada todo o grupo: Bengan, Gunsan, Monica e Kjelle. Todos eles bêbados em maior ou menor grau. O desfile acabava de começar. Os briosos trotadores foram aparecendo um após o outro, bufando, enquanto a música saía com grande estrépito dos autofalantes. Os jóqueis estavam sentados com as pernas abertas e bem apoiadas nas selas. Na pista, o painel de apostas, até então desligado, começou a funcionar. Henry folheou o programa: Ginger Star corria com o número sete e ele pensava em apostar nela. Parecia que não inspiraria confiança a mais ninguém, pois só tinha três anos. Seguiu essa potranca durante as competições do verão e, ainda que estivesse certa tendência a cair no galope, vinha melhorando a cada corrida.

— Flash, está vendo a Pita Queen? Não parece que é muito veloz? Balbuciou Bengan esticando a mão para a garrafinha.

Apoiavam Henry, o Flash, porque trabalhara durante muitos anos como fotógrafo para os jornais locais de Gotland, antes que a bebida se apossasse totalmente de sua vida.

— Não acredito nela e nem você. Com aquele treinador... Respondeu se levantando para ir realizar as suas apostas.

As cabines de apostas estavam em fileira, uma após a outra, com as janelinhas de madeira levantadas. As pessoas apanhavam alegremente a carteira, o dinheiro trocava de mãos e cada um guardava seus comprovantes de apostas. Num andar mais acima ficava o restaurante, onde a clientela fixa comia e bebia cerveja. Os jogadores veteranos davam chupadas em seus puros enquanto discutiam a força dos cavalos e os métodos dos jóqueis.

A corrida estava a ponto de começar. Seguindo o regulamento, o primeiro jóquei

cumprimentou aos juizes com uma ligeira inclinação de cabeça para a torre onde estes estavam. O comissário da corrida autorizou a partida.

Henry havia preenchido uma cartela de apostas para cinco corridas, uma V5, e depois da quarta tinha quatro acertos na V5. Se a sorte continuasse acompanhando-o poderia conseguir um pleno em sua aposta. Como, além disso, na última corrida havia apostado em Ginger Star, uma potranca em quem muita gente não arriscaria, o prêmio deveria ser muito bom.

Deram a partida e Henry seguiu a corrida tão concentrado como pôde, depois de ter bebido oito cervejas e incontáveis doses. Quando anunciaram a última volta, o pulso dele acelerou. Ginger Star estava bem, muito bem colocada. A cada passo que dava se aproximava mais das duas favoritas que estavam ponteadando e seus contornos apareciam com mais nitidez: o pescoço forte, as narinas bufando, as tesas orelhas apontando para frente. Aquela égua podia conseguir. “Nada de galopar agora, nada de galopar”, Henry repetia para si mesmo aquela súplica como se fosse um mantra. Tinha os olhos grudados na potra, que se aproximava da ponta com uma energia incrível. Já havia ultrapassado uma das rivais. De repente, notou o peso da câmera que trazia pendurada no pescoço e se lembrou de que havia pensado em tirar fotografias. Tirou umas quantas, com a mão medianamente firme.

A areia vermelha das pistas saía dos cascos, que avançavam a uma velocidade vertiginosa. Os jockeys golpeavam os cavalos com o chicote e o entusiasmo amentava entre o público. Nas cadeiras muitos se colocaram de pé, alguns aplaudindo, outros gritando. Ginger Star avançava por fora e agora estava na altura do cavalo que liderava. Então o jockei utilizou o chicote. Dahlström se pôs de pé, enquanto seguia a corrida a través do frio olho da câmera. Quando Ginger Star cruzou a linha de chegada com o focinho na frente da grande favorita se escutou um murmúrio de decepção entre o público. Henry captou algum que outro comentário solto: “Que merda!”, “Não é possível!”, “Incrível!”. Ele se afundou na cadeira. Tinha acertado a V5.

* * *

Somente se ouvia o barulho da vassoura contra o chão e o ruído das mandíbulas dos cavalos enquanto mastigavam a sua porção de aveia da noite. Havia se restabelecido a calma depois daquele movimentado dia de competição. Fanny Jansson varria com passadas curtas, rítmicas. O corpo doía pelo trabalho e, quando terminou, se deixou cair no monte de forragem que havia junto ao box de Regina. O animal a olhava. Colocou a mão entre as grades e lhe acariciou a testa. A jovem, delgada e de tez morena, havia ficado sozinha nas cavalariças. Tinha renunciado a acompanhar os demais, que haviam ido jantar em um restaurante da área, para comemorar o final da temporada. Fanny podia imaginar o alvoroço que haveria lá; pior que normalmente. Fora algumas vezes e não gostara daquilo. Os proprietários dos cavalos bebiam demais e tentavam fazer brincadeiras com ela. Chamavam-na de “princesa”, seguravam-na pela cintura e lhe beliscavam o traseiro. Alguns ficavam mais atrevidos quanto mais bebiam. Faziam comentários acerca de seu corpo, tanto com o olhar como de viva voz. Era uma multidão de velhos asquerosos.

Bocejou, mas não tinha vontade de apanhar a bicicleta e ir para casa. Ainda não. Sua mãe hoje estava de folga e a probabilidade de que estivesse bêbada era muito grande. Se permanecesse sozinha,

estaria sentada no sofá com a boca torcida em uma careta de insatisfação e a garrafa de vinho barato na frente. E, como de costume, Fanny sentiria remorsos por passar o dia com os cavalos em vez de com ela. Sua mãe não entendia que era um dia de competição e que havia muitas coisas para fazer. Tampouco entendia que Fanny precisava se afastar. As cocheiras eram sua corda de salvação. Se não tivesse os cavalos, já teria sucumbido. A inquietação se apoderou dela quando imaginou um cenário ainda pior: que sua mãe talvez não estivesse sozinha. Se estivesse lá o seu “namorado” Jack, estariam ainda mais bêbados e ela custaria a adormecer.

Na manhã seguinte tinha que madrugar para ir para a escola e precisava dormir para poder aguentar. O oitavo ano estava sendo um suplício do qual ansiava se livrar o quanto antes. Fanny se esforçara ao começar o ano, porém ia cada vez pior. Custava a se concentrar e havia começado a faltar bastante as aulas. Não se sentia com forças, simplesmente. Já tinha mais que suficiente com a carga que carregava às costas.

* * *

Dois

Segunda-feira 12 de Novembro

HAVIA SE FORMADO saliva na comissura dos lábios. Cada vez que respirava, esta ia ficando maior, até que explodiu e foi escorregando pelo queixo até acabar na almofada. Estava claro no aposento. As persianas estavam subidas e as marcas de sujeira dos vidros da janela se viam perfeitamente. No parapeito havia um solitário vaso com uma violeta africana murcha há muito tempo. Henry Dahlström foi recuperando lentamente a consciência ante os insistentes toques do telefone, que rompiam o espesso silêncio, ressoando entre as paredes daquele escuro apartamento de dois cômodos e cozinha, até retirá-lo por fim do sono. Em seu interior foram aflorando alguns pensamentos soltos que lhe devolveram inexoravelmente à realidade. Tinha uma ligeira sensação de felicidade, porém não conseguia se lembrar do porquê.

A dor de cabeça surgiu quando desceu as pernas da cama. Levantou-se devagar. Via o desenho impreciso da colcha borrado. A sede obrigou-o a se levantar e foi dando tropeções até a cozinha. O chão se movia. Apoiou-se no marco da porta e viu o caos. Os armários da cozinha estavam abertos de par em par e a pia abarrotada de copos sujos e pratos com restos de comida, e na jarra da cafeteira elétrica só restava café requentado. Alguém havia deixado cair um prato no chão. Conseguiu distinguir restos de arenque frito e de purê de batatas entre os pedaços de porcelana. A mesa estava cheia de latas de cerveja e de garrafas vazias, além de um cinzeiro repleto de guimbas e um monte de boletos de apostas das corridas de cavalos.

De repente, lembrou a quem se devia essa sensação de felicidade. Tinha acertado uma aposta V5, e foi o único acertador. O prêmio fora grande, ao menos para ele. Haviam pagado mais de oitenta mil coroas em dinheiro, que foram parar diretamente em seu bolso. Nunca tivera tanto dinheiro. No mesmo momento pensou que não sabia o que havia feito com o dinheiro. Sentiu uma pontada no estômago ante o temor de que tivesse desaparecido. Semelhante fortuna. Angustiado, percorreu de cima a baixo as prateleiras meio vazias dos armários da cozinha com o olhar inquieto. Deveria ter tido a suficiente prudência de guardá-lo. A não ser que algum deles... Não, se negava a acreditar. Ainda que, se tratando de álcool ou de dinheiro, nunca se podia estar certo. Ignorou a ideia e tentou se lembrar do que havia feito na noite anterior quando chegaram em casa depois das corridas. Onde demônios...?

Ah, sim, claro, no armário da limpeza. Com as mãos trêmulas conseguiu apanhar o maço de bolsas de papel para o aspirador. Quando tocou o monte de notas, respirou aliviado. Sentou-se no chão com o pacote entre as mãos, como se fosse um jarro de porcelana de grande valor, ao mesmo tempo em que na cabeça misturavam os pensamentos do que iria fazer com esse dinheiro todo. Uma

viagem para a praia e beber vários copos desses com sombrinhas? Talvez convidar Monica ou Bengan, e... Por quê não as duas?

Lembrou-se de sua filha. A verdade é que deveria lhe mandar algo. Sua filha já era adulta e morava em Malmö. A relação entre eles estava rompida há muito tempo. Henry voltou a colocar o pacote no armário e se levantou. Milhares de estrelas bailavam ante seus olhos. Tinha necessidade de beber algo. As latas de cerveja estavam vazias e o mesmo acontecia com as garrafas de licor. Acendeu uma das maiores guimbas que encontrou no cinzeiro e soltou uma maldição quando queimou o dedo. Então descobriu uma garrafa de vodca debaixo da mesa onde ainda restava um bom gole. Bebeu-o com ansiedade e o carrossel que dava voltas em sua cabeça acalmou um pouco. Saiu à varanda e aspirou o frio e úmido ar de novembro. No chão havia uma lata de cerveja sem abrir. Bebeu-a com um logo gole e se sentiu definitivamente melhor. Na geladeira encontrou um pedaço de salsicha e um prato com restos de purê de batata. Era segunda-feira à tarde. Já passava das seis e o Systembolaget estava fechado. Tinha que sair para procurar algo para beber.

* * *

Henry subiu no ônibus para ir até o centro. O motorista era um tipo simpático que lhe permitia viajar gratuitamente, ainda que agora, sem dúvida, tinha dinheiro para pagar a passagem. Quando desceu em Östercentrum, era o único passageiro. A chuva flutuava no ar, já era de noite e a cidade parecia totalmente deserta. A maioria das lojas já estariam fechadas nessa hora.

Em um dos bancos que havia junto ao trailer de salsichas de Ali, Bengan estava sentado com aquele tal de Örjan recém-chegado da Península. Um tipo desagradável; pálido e com o cabelo negro, penteado para trás, e com uma expressão penetrante nos olhos; os músculos dos braços revelavam como havia matado o tempo na prisão, de onde há pouco saíra. Fora condenado pelo crime de lesões graves. Tinha os braços e o peito cobertos de tatuagens e uma parte do desenho sobressaía por baixo do sujo pescoço da camisa. Henry se sentia qualquer coisa menos cômodo com ele, e ele não contribuía para melhorar as coisas, pelo fato de que sempre trazia consigo aquele cachorro de briga hostil, branco, com os olhos vermelhos e o focinho quadrado. Feio como o demônio. Jactava-se de que havia matado um poodle em Östermalm, bem no centro de Estocolmo. A dona do cachorro, uma mulher da classe alta, ficara como louca e batera várias vezes em Örjan com o guarda-chuva antes que chegasse a policia e se encarregasse dela. Ele havia se livrado, com a advertência de que comprasse para o cachorro uma correia mais forte. Até a televisão havia noticiado o incidente. Quando Henry se aproximou ouviu um grunhido surdo saído da garganta do cachorro, que estava deitado aos pés de Örjan. Bengan o cumprimentou fazendo um trêmulo sinal com a mão. Reparou que o amigo estava completamente embriagado.

— Olá, e aí? Parabéns outra vez. Olhou para o amigo com olhos turvos.

— Obrigado. Örjan apanhou uma garrafa de plástico cujo conteúdo era transparente, impossível de identificar.

— Quer?

— Sim, claro. Aquela bebida tinha um aroma penetrante. Depois de dar vários longos goles, as mãos pararam de tremer.

— Isto caiu bem, não? Örjan fez a pergunta sem sorrir.

— Claro, disse Henry, sentando no banco ao lado dos outros dois.

— Como estão as coisas?

— Boas, a cabeça para cima e os pés no chão. Bengan se aproximou mais de Henry e lhe bufou na orelha.

— Maravilha, o da grana, disse. — Grande história. Que vai fazer?

— Não sei.

Henry deu uma rápida olhada para Örjan, que acendia um cigarro. Olhava para Ostergravar, na área este da muralha, e parecia que havia parado de escutar.

— Gostaria que mantivesse a boca fechada sobre o dinheiro, não quero que ninguém mais saiba disso. Entendeu? Falou em voz baixa.

— Claro, claro, prometeu Bengan. — Não falo mais, amigo. Deu uma palmadinha no ombro de Henry e se voltou para Örjan. — Anda, me dê mais um gole, disse segurando a garrafa.

— Beba mais devagar, merda. Piano.

“Típico de Örjan”, pensou Henry. “Sempre precisava se fazer de importante. De quê piano estará falando?”. O cachorro mostrou os dentes. A única coisa que Henry queria agora era comprar a bebida e sair dali o quanto antes.

— Tem algo para vender? Örjan começou a rebuscar em uma velha bolsa de pele de imitação. Retirou uma garrafa de plástico com aguardente de fabricação caseira.

— Cinquenta coroas. Ainda que agora tenha mais dinheiro para soltar, não é?

— Não. Somente tenho uma nota de cinquenta. Henry lhe deu a nota e colocou mão na garrafa. Örjan não a soltava.

— E se eu não acreditar? E se achar que tem mais, só que não tem vontade de pagar mais?

— Que diabo! Corta essa história! Puxou a garrafa se levantando ao mesmo tempo. Örjan sorria brincalhão.

— Não aguenta uma pequena brincadeira?

— Preciso ir. Adeus, nos veremos por aí.

Dirigiu-se para a parada do ônibus sem se virar. Sentia os olhos de Örjan cravados em suas costas como agulhas.

* * *

Estava comodamente recostado na única cadeira que havia no quarto. De volta para casa havia comprado num quiosque um refrigerante de uva, Grape Tonic, e misturara-o com a aguardente que conseguira, uma combinação que gostava. Na mesa diante dele tinha um copo já cheio, com seus tilintantes cubinhos de gelo. Henry observava a brasa do cigarro na semipenumbra do quarto desfrutando de sua solidão.

Que os aposentos estivessem sem limpar após a farra da noite anterior era algo que não o preocupava. Colocou no estéreo um velho disco de Johnny Cash. A vizinha imediatamente protestou dando uns socos na parede, provavelmente porque a música atrapalhava a telenovela sueca que passavam na televisão. Nem se mexeu, detestava tudo o que pudesse se considerar a vida normal de

um cidadão sueco comum. Inclusive na época em que ainda estava ativo profissionalmente, evitava cair na rotina. Como fotógrafo principal do Gotlands Tidningar, normalmente podia ele mesmo organizar o horário. E quando, passado o tempo, montara a sua própria empresa, fazia, claro, o que lhe dava vontade. Em alguns momentos de lucidez pensava que essa liberdade havia sido o princípio do fim. Isso havia permitido que se desse à bebida e que esta, de forma lenta porém implacável, fosse retirando tempo do trabalho, da família, do lazer e que, ao final, ficasse à frente de todo o resto; seu casamento acabou, os serviços desapareceram e a relação com a filha ficou cada vez mais esporádica e, depois de uns anos, acabara totalmente. No final ficara sem dinheiro e sem trabalho. Os únicos amigos que lhe restavam eram os companheiros de bebedeira.

Saiu de suas recordações por causa de um ruído vindo de fora. Ficou parado no meio do quarto enquanto levava o copo à boca. Seria algum dos malditos garotos da área que se dedicavam a roubar bicicletas para em seguida pintá-las e vendê-las? A sua estava com o cadeado colocado. Já haviam tentado roubá-la antes. Outro ruído. Olhou o relógio. Quinze para as onze. Alguém andava lá fora, não tinha dúvidas. Podia se tratar de algum animal, evidentemente, talvez um gato. Abriu a porta da varanda e esquadrinhou a escuridão. A exígua franja de gramado que havia na esquina, estava iluminada pela fria iluminação do poste. A bicicleta estava apoiada contra a parede como sempre. Próximo do caminho de pedestres uma sombra desapareceu entre as árvores. Provavelmente se tratava somente de alguém que saía para dar uma volta com o cachorro. Para maior segurança, fechou a porta à chave.

Essa interrupção o irritou. Acendeu a lâmpada do teto e deu uma olhada pelo aposento com aversão. Não se sentia com forças para contemplar aquele desastre, então colocou os pés nos chinelos e desceu para o quarto de revelações que tinha no porão, para verificar como haviam saído as fotografias que tirara nas corridas. Tinha usado um carretel inteiro em Ginger Star, um par delas quando cruzara a linha com a cabeça estirada para diante, as crinas ao vento e o focinho adiante de todas as demais. Que sensação! O porteiro havia sido muito amável e havia lhe permitido utilizar um quarto de trastes que antes se usava para guardar as bicicletas. Henry o havia arrumado e colocara lá a aparelhagem necessária para realizar as revelações, as cubas para os líquidos e um varal para secar as fotografias. A janela do porão estava tapada com pedaços de papelão negro para impedir que entrasse a luz do sol. A única fonte de luz que havia era um bulbo vermelho na parede. Sob o débil reflexo desta lampadazinha podia trabalhar sem dificuldades. Gostava de ficar no quarto de revelações. Concentrar-se em alguma coisa envolto em silêncio e numa escuridão quase total. Essa sensação de calma só havia experimentado antes em outra ocasião, durante a lua de mel em Israel. Um dia Ann-Sofie e ele mergulharam com tubos respiratórios. Deslizar sob a superfície do mar, entre as águas silenciosas, foi como se achar em outra dimensão. Tranquilos, onde o barulho constante do exterior não podia alcançá-los. Fora a única vez que havia praticado essa modalidade de mergulho, porém ainda conservava nítida a recordação daquela experiência.

Já estava trabalhando há um bom tempo quando foi interrompido por uns golpes discretos na porta. Instintivamente parou e aguçou o ouvido. Quem poderia ser? Já devia ter passado da meia-noite. Voltaram a bater, mais devagar e durante mais tempo. Retirou do líquido fixador a fotografia na qual estava trabalhando e a pendurou para que secasse, enquanto os pensamentos lotavam a sua cabeça. “Deveria abrir a porta?”. A prudência lhe dizia que o melhor era não fazê-lo. Que podia estar relacionado com o prêmio. Alguém que queria o dinheiro. A notícia de que havia ganhado nas

corridas já teria se propagado. O ruído do outro lado da porta escondia um perigo. A boca ficou seca. Ainda talvez fosse só o Bengan.

— Quem é? Gritou.

A pergunta ficou flutuando na escuridão. Não teve resposta, só um espesso silêncio. Deixou-se cair no banco, buscou às cegas a garrafa de aguardente e deu uns rápidos goles. Passaram-se alguns minutos sem que nada acontecesse. Ele permanecia sentado completamente quieto esperando, sem saber o quê.

De repente começaram a bater com força na janela do outro lado. Deu um pulo tão brusco que esteve a ponto de deixar cair a garrafa no chão. Os últimos restos da ressaca desapareceram e cravou os olhos no pedaço de papelão que cobria a janela. Quase não se atrevia a respirar. Então se repetiram. Fortes. Como se a pessoa que batia não usasse os nós dos dedos, mas sim algum objeto. Parecia que o teto e as paredes iriam desabar. O medo se apoderou dele. Estava preso como um rato, enquanto alguém no exterior brincava com ele. A testa se cobriu de suor e lhe revoltaram os intestinos. Precisava ir ao banheiro. As batidas deram passagem a um rítmico golpear, uma monótona sucessão de batidas contra a janela. No edifício ninguém iria ouvir seus gritos pedindo ajuda. Num dia à meia-noite? A pessoa ou pessoas que estavam lá fora, pensariam em quebrar a janela? De qualquer maneira seria impossível entrar por ela, era muito pequena. A porta estava fechada com chave, disso estava certo.

Repentinamente ficou tudo em silêncio. Tinha todos os músculos do corpo em tensão. Aguçou o ouvido tentando captar algum ruído. Permaneceu durante quase uma hora paralisado na mesma posição, antes que se atrevesse a levantar. O rápido movimento fez que se sentisse algo mareado e que começava a cambalear. Via estrelas brancas que centelhavam no meio da escuridão. Precisava ir ao banheiro, já não conseguia aguentar mais. As pernas o seguravam à duras penas.

Quando abriu a porta se deu conta imediatamente de que havia cometido um erro.

* * *

Fanny observou a si mesma no espelho enquanto passava o pente pelo cabelo brilhante. Tinha os olhos castanho-escuros, tal como a sua pele. Mãe sueca e pai antilhano. Mulata, mas sem os típicos traços africanos. Seu nariz era pequeno e os lábios, delgados. O cabelo, negro como o azeviche, chegava até a cintura. Alguns pensavam que era hindu, achava que era do Marrocos ou da Argélia.

Acabara de sair do banho, havia colocado a roupa íntima e somente uma grande camiseta. Sob o jorro de água havia se esfregado com uma escova de cerdas duras que havia comprado nas grandes lojas Åhléns. Raspara o corpo e ficara com a pele dolorida. Sua mãe havia lhe perguntado para quê a comprara.

— Para me esfregar com ela. Fica-se muito mais limpa. É bom para a pele, respondeu. E lhe explicou que o odor dos cavalos lhe impregnava o corpo. O banho havia se convertido em sua melhor amiga.

Ficou de lado e viu seu delgado corpo de perfil. Tinha as costas arqueadas, se a colocasse reta, o peito saía para fora e pareceria ainda maior. Por isso andava sempre ligeiramente encurvada. Havia se desenvolvido muito rápido. No princípio fez o quanto pôde para ocultá-los. As blusas grandes e largas ajudavam. O pior era na aula de educação física. Apesar dos sutiás esportivos que apertavam os seios, se notavam ao pular e correr. As mudanças experimentadas por seu corpo lhe faziam se sentir mal. Por quê alguém ficava tão repugnante ao tornar mais velha? Precisava fazer as axilas se algum pelo crescesse mais de um milímetro. Para não falar do púbis e do sangue que chegava a cada mês e lhe manchava as calcinhas e os lençóis enquanto dormia. Detestava seu corpo.

O fato de que tivesse a pele escura tampouco contribuía para melhorar as coisas. Ela queria parecer como todas as demais. Em sua turma só havia outros dois rapazes negros. Mas eles eram gêmeos, então tinham um ao outro. Dois rapazes adotados no Brasil, e que eram os melhores futebolistas da escola. Eram populares porque se pareciam com Pelé. Para eles a cor de sua pele era uma vantagem. Para ela não. Não queria se destacar.

Gostaria de ter amigos, ficar com eles e, sobretudo, ter uma amiga de verdade. Alguém em quem confiar, com quem compartilhar todas as preocupações. Na escola ninguém parecia reparar nela. Fanny ia e voltava para casa sozinha. Ao mesmo tempo, era consciente de que a culpa era sua. Quando começou o secundário, alguns jovens haviam lhe perguntado se queria ficar depois das aulas. Sempre respondia que não. Não porque não quisesse, mas sim porque tinha que voltar para tratar da Mancha e se ocupar de todo o resto que tivesse que fazer. Convidar algum colega para casa era impensável. O risco de que encontrasse o piso sujo e cheio de fumo, as persianas descidas e a mesa do café-da-manhã ainda sem arrumar era muito grande. Uma mãe permanentemente deprimida, com o cigarro na comissura dos lábios e um copo de vinho na mão. Não, obrigado, não queria expor a si mesma a isso nem tampouco a algum de seus colegas. A última coisa que precisava eram mais problemas.

Por isso Fanny ficou sozinha. Seus colegas se cansaram de perguntar e no final ninguém se preocupava em falar com ela. Era como se não existisse.

Três

Domingo 18 de Novembro

O GRANIZO QUE batia com força contra a chapa do telhado despertou o comissário Anders Knutas em sua casa, próxima da muralha de Visby. Levantou-se da cama e começou a tiritar ao colocar os pés sobre o chão frio. Cansado, buscou às cegas o roupão e levantou as persianas. Olhou surpreso para fora, pois não era normal que caísse granizo no mês de novembro. O jardim parecia ter saído de algum antigo filme de Bergman em branco e preto. As árvores alçavam tristemente seus galhos nus para o céu de chumbo. Nuvens cruzavam o céu ameaçador. O asfalto da rua parecia úmido e frio. Ao longe uma mulher com um casaco azul escuro empurrava com dificuldade um carrinho de bebê pela rua. Ia agachada para se proteger do vento e das agudas gotas de gelo que iam cobrindo o chão. Duas incautas andorinhas se abrigavam uma contra a outra sob as árvores, ainda que seus delgados ramos lhes dessem pouca cobertura. “Para quê levantar?”, pensou e voltou a se enfiar na cama entre as quentes cobertas. Line havia se virado de costas para ele e parecia que continuaria dormindo. Aproximou-se dela e a beijou na nuca.

A ideia de se sentar em frente ao desjejum dos domingos com café e pãezinhos quentes fez com que por fim decidisse a sair da cama. Na rádio local tocava uma música que os ouvintes haviam pedido e na janela o gato estava tentando pegar as gotas de água que havia ao outro lado do vidro. As crianças não demorariam em aparecer na cozinha, sonolentas e ainda de pijama. Petra e Nils eram gêmeos e acabavam de fazer doze anos. Tinham as sardas e os cachos vermelhos de Line e a compleição magra de seu pai. Pareciam iguais, porém suas personalidades eram totalmente diferentes. Petra havia herdado a calma do pai e gostava da pesca, da vida ao ar livre e de golfe. Nils tinha um temperamento vivo, ria às gargalhadas, estava sempre se fazendo de palhaço e gostava de cinema e de música, como Line.

Knutas olhou o termômetro que havia fora da janela. Dois graus. Com certa tristeza constatou que o mês de outubro, com a sua luz avermelhada, havia ficado para trás. Outubro era o seu mês favorito: o ar frio e limpo, as vibrantes cores das folhas das árvores, que iam do ocre à púrpura, o aroma a terra e maçãs. As reluzentes frutas de brilhante cor vermelha e o bosque cheio de brotos. O céu azul. Nem muito calor nem muito frio. Mas agora outubro havia dado passagem ao cinzento mês de novembro, que dificilmente podia agradar a alguém. O sol saía pouco depois das sete e se punha antes das quatro. Os dias iriam ficando cada vez mais curtos e mais escuros até chegar ao Natal.

Não era de estranhar que muita gente ficasse deprimida nesta época do ano. Todos os que estavam fora de casa se apressavam em voltar o quanto antes possível. As pessoas caminhavam encolhidas sob o vento e a chuva, sem ter sequer forças para se olharem. “Deveríamos hibernar como

os ursos”, pensou Knutas. “Este mês é só um período de transição, nada mais.”. Mas o verão ainda estava longínquo. Então a ilha apresentava um aspecto muito diferente. A cada verão invadiam Gotland milhares de visitantes, que chegavam para desfrutar de sua singular natureza, de suas praias de areia fina e da cidade medieval de Visby. Sem dúvida, a ilha precisava de turistas, porém isso significava também mais trabalho para a polícia. Hordas de adolescentes que chegavam a Visby para se divertir nos muitos bares que havia lá. Os problemas com o abuso do álcool e as drogas aumentavam consideravelmente.

Mas no verão anterior tudo isso havia ficado em segundo plano. Um assassino em série colocara em xeque toda a ilha, semeando o medo entre os turistas e os locais. A polícia precisou trabalhar debaixo de uma grande pressão, e a presença massiva dos meios de comunicação não contribuiu precisamente para torná-lo mais fácil. Quando tudo terminou, Knutas se sentiu descontente de como saíram as coisas. Esteve lhe dando voltas na cabeça os motivos pelos quais a polícia não havia visto antes a relação entre as vítimas e evitado os crimes. A família tirara cinco semanas de férias, porém quando voltara ao trabalho se sentia tudo menos descansado. O outono estava muito calmo e isso era justamente o que ele precisava.

* * *

Estava batendo à porta há mais de cinco minutos, com certeza. Flash não podia estar tão profundamente adormecido. Apertou o botão brilhante da campainha, porém dentro do apartamento não houve nenhuma reação. Agachou-se fazendo um esforço e o chamou através da fresta da porta.

— Flash! Flash! Merda, abra!

Dando um suspiro se apoiou contra a porta e acendeu um cigarro, ainda que sabia que a vizinha iria se queixar se o visse fumando. Fazia quase uma semana que se encontraram em Östercentrum e desde então não o havia voltado a ver. Não era próprio dele. No mínimo, deveriam ter se encontrado alguma vez na parada de ônibus ou na entrada do Domus. Deu a última tragada no cigarro e bateu na porta da vizinha.

— Quem é? Respondeu uma voz débil.

— Sou um amigo do Flash... De Henry Dahlström, o vizinho do lado. Queria lhe perguntar uma coisa. A porta se abriu um pouco e uma idosa observou-o com olhos interrogantes detrás de uma grossa corrente de segurança.

— O que aconteceu?

— Tem visto Henry ultimamente?

— Aconteceu alguma coisa? Perguntou com um brilho de curiosidade no olhar.

— Não, não, não acho. Somente que não sei onde ele está.

— Não ouvi nada depois da bagunça do fim de semana. Foi uma barulheira terrível. Como sempre uma dessas festas com muita bebida, disse com insolência, acusando-o com o olhar.

— Sabe se alguém tem a chave do seu apartamento?

— Os porteiros têm a chave de todos. Um deles mora no apartamento em frente. Pode ir lhe perguntar. Chama-se Andersson.

Quando entrou no apartamento com a ajuda do porteiro, encontrou um caos de gavetas abertas, armários arrastados e móveis virados. Os papéis, os livros, a roupa estavam espalhados por todas as partes. Na cozinha havia restos de comida, guimbas e outras porcarias espalhadas pelo chão. Fedia a cerveja velha, a cigarro e a peixe frito. Alguém havia jogado no chão as almofadas do sofá e a roupa da cama. Os dois homens ficaram de pé no meio da sala de estar com a boca aberta. As palavras de Andersson, o porteiro, saiam entrecortadamente.

— Que demônios aconteceu aqui? Abriu a porta da varanda e olhou. — Aqui também não está. Então só existe outro lugar para olhar.

Desceram as escadas até o porão. Ao longo de um dos lados do corredor deserto havia uma fileira de portas, marcadas com diferentes letreiros: “Banheiro”, “Cadeiras de bebês”, “Bicicletas”. No fundo havia uma porta que não tinha nenhum letreiro.

Do quarto de revelações vinha um cheiro de podre que fez com que o estômago deles se revolvesse. O fedor esteve a ponto de derrubá-los. Andersson acendeu a luz e o que viram foi espantoso. Henry Dahlström jazia no chão, coberto com o seu próprio sangue. Estava de boca para baixo. Tinha a parte posterior da cabeça arrebentada e uma ferida do tamanho de um punho. O sangue havia salpicado as paredes e inclusive até o teto. Tinha os braços estendidos e cobertos de pequenas marcas de cor marrom. Nos calças se via uma mancha escura como tivesse se cagado. Andersson retrocedeu para o corredor.

— Preciso chamar a polícia, disse caindo em si. — Tem um celular? Deixei o meu lá em cima. O outro homem negou com a cabeça em resposta. — Fique aqui enquanto isso. Não deixe passar ninguém.

O porteiro deu a volta e se apressou escadas acima. Quando regressou, o amigo do Flash havia desaparecido.

* * *

Os cinzentos edifícios de cimento apresentavam um aspecto sombrio no meio da escuridão de novembro. Anders Knutas e sua colaboradora mais próxima, a inspetora Karin Jacobsson, desceram do carro na Rua Jungmansgatan, no bairro de Grabo. Um vento gelado do norte os fez acelerar o passo até o portal de Henry Dahlström. Em frente à casa já havia se reunido um grupo de pessoas. Algumas delas estavam falando com a polícia. Outros agentes estavam batendo nas portas dos vizinhos e o porteiro prestava declarações na delegacia. O edifício parecia bem deteriorado; a luminária da fachada estava quebrada e nas escadas a pintura das paredes estava descascada.

Cumprimentaram um colega, que os levou até o quarto de revelações. Quando este abriu a porta do porão os assaltou um fedor insuportável. O olor de cadáver, desagradável e sufocante, evidenciava que o corpo já se encontrava em estado de decomposição. Karin sentiu náuseas. Já havia vomitado com demasiada frequência ao se apresentar nos lugares donde havia se cometido algum crime e preferia evitá-lo nesta ocasião. Apanhou um lenço e o apertou contra a boca. O técnico da

polícia, Erik Sohlman, apareceu na porta do quarto de revelações.

— A vítima é Henry Dahlström. Sabem quem é, não? O Flash, esse velho bêbado que havia sido fotógrafo. Este era o seu quarto de revelações. E, evidentemente, parece que continuava utilizando-o. Fez um gesto com a cabeça para trás; para o aposento. — Tem o crânio arrebatado e não se trata de uns poucos golpes. Há sangue por todo o lado. Somente quero avisá-los de que o que vão ver não é nada agradável. Pararam no vão da porta e olharam fixamente para o corpo.

— Quando morreu? Perguntou Knutas.

— Me atrevera a dizer que está aqui há quase uma semana. O corpo não se decompôs muito graças ao frio que faz aqui em baixo. Se tivesse permanecido um dia a mais teria começado a feder toda a escadaria. Sohlman retirou o cabelo da testa e deu um suspiro. — Preciso continuar trabalhando. Passará um tempo antes que possam entrar.

— Quanto?

— Com certeza mais umas horas. Eu preferiria que pudessem esperar até amanhã. Temos muito que fazer aqui. E com o apartamento acontece o mesmo.

— De acordo.

Knutas observou o reduzido quarto. O espaço havia sido aproveitado ao máximo. Potes de plástico apinhadas junto a recipientes com produtos químicos, tesouras, pinças, montes de fotografias, gavetas e caixas. Em um canto se via a ampliadora. Tinham jogado ao chão um dos potes e os produtos químicos haviam se misturado com o sangue. Quando saíram do portal, Knutas aspirou profundamente o frio ar vespertino. Eram oito e quinze da noite do domingo 18 de novembro, e a chuva que caía do céu escuro começava a se transformar em um aguaceiro.

* * *

Quatro

Segunda-feira 19 de Novembro

A BRIGADA DE HOMICÍDIOS se reuniu na manhã seguinte nas dependências policiais da Rua Norra Hansegatan. Havia terminado as obras de restauração e haviam designado à seção criminal, locais novos e reluzentes. A sala de reuniões era clara, de teto alto e com o dobro de tamanho da que tinham antes. A maior parte da decoração seguia um desenho escandinavo simples em tons cinzentos e brancos e com os móveis feitos de bétula. No centro da sala havia uma mesa larga e longa com espaço para dez pessoas de cada lado. Em um dos extremos haviam colocado uma grande lousa branca e uma tela. Tudo cheirava a novo. A pintura clara das paredes apenas tivera tempo de secar. As duas paredes eram ocupadas com grandes janelões. Uma delas tinha vista para a rua, ao estacionamento do supermercado Obs e à parte este da muralha; e mais além desta se via o mar. A outra dava para o corredor, de maneira que se podia ver quem passava. Se preferissem uma reunião mais particular, podiam correr as cortinas. As velhas amarelas haviam sido substituídas por outras brancas com um discreto desenho.

Knutas, contra o seu costume, chegou à reunião com alguns minutos de atraso. Foi recebido por um agradável murmúrio quando entrou na sala com uma xícara de café numa mão e uma pasta com papéis na outra. Já passara das oito e todos haviam chegado. Retirou o casaco e o pendurou no respaldo da cadeira, se colocou como sempre em um dos extremos da mesa e bebeu um gole do amargo café da máquina. Observou os seus colegas enquanto falavam entre eles.

À direita se sentava a sua mais imediata colaboradora Karin Jacobsson: trinta e sete anos, não muito alta, morena de olhos castanhos. Profissionalmente era tenaz e atrevida, podia ser tão obstinada como um terrier. Era aberta e comunicativa, porém de sua vida particular não sabia grande coisa, mesmo estando a quinze anos trabalhando juntos. Morava só e não tinha filhos. Knutas não sabia nem se tinha namorado. Estivera todo o outono sem ela. Karin Jacobsson fora objeto de uma investigação interna por uma suposta prevaricação em relação ao caso dos assassinatos do verão anterior. A investigação fora arquivada, porém ela ficou muito afetada com tudo aquilo. Esteve afastada do serviço durante o tempo que duraram as investigações e em seguida imediatamente tirou férias. Não tinha nem a mais remota ideia do que havia feito durante o tempo que ela estivera afastada. Agora conversava em voz baixa com o inspetor Thomas Wittberg, o qual, com a sua abundante cabeleira ruiva e o corpo bem torneado, parecia mais um surfista do que um policial. Um mulherengo de vinte e sete anos ao que não lhe faltavam os flertes, porém que realizava o seu trabalho de forma irretocável. O talento de Wittberg para se relacionar com as pessoas já havia sido de grande utilidade; à frente de um interrogatório era difícil de superar.

Lars Norrby, do outro lado da mesa, era o pólo oposto de Wittberg. Alto, moreno e metucioso, quase prolixo. Knutas às vezes ficava maluco com sua maneira de dar voltas às coisas. No trabalho os dois conheciam muito bem as manias um do outro. Tinham começado ao mesmo tempo na polícia e haviam patrulhado juntos muitas vezes. Agora ambos se aproximavam dos cinquenta e estavam tão familiarizados com os delinquentes da ilha como com a maneira de ser um do outro. O inspetor Norrby também era o assessor de imprensa da polícia e o chefe adjunto da Brigada de Homicídios, uma posição com a qual Knutas não estava satisfeito.

O técnico do grupo, Erik Sohlman, era enérgico, temperamental e inquieto como um cachorro rastreador, ao mesmo tempo em que era incrivelmente metódico. Sentava-se também à mesa o promotor chefe da primeira instância de Gotland, Birger Smittenberg. Era de Estocolmo, porém havia se casado com uma mulher de Gotland. Knutas apreciava seus conhecimentos e sua grande dedicação. Knutas abriu a reunião:

— A vítima é Henry Dahlström, o Flash, nascido em 1943. Foi encontrado em um quarto do porão que utilizava como câmara escura ontem à tarde, pouco depois das seis. Se algum de vocês ainda não sabe, se trata de um alcoólatra que havia sido fotógrafo. Costumava andar pela área de Öster e era reconhecido facilmente porque sempre trazia a câmara pendurada.

O silêncio era total redor da mesa, todos escutavam com atenção.

— Dahlström apresentava graves contusões na parte posterior da cabeça. Trata-se sem dúvida alguma de assassinato. O corpo será transferido hoje para a Unidade de Medicina Forense do Hospital de Solna.

— Encontraram a arma? Perguntou Norrby.

— Até o momento não. Revistamos o quarto escuro e o apartamento. Somente isolamos esses dois lugares. Não tem sentido isolar uma área mais ampla, já que o corpo permaneceu lá por uma semana e sabe Deus quantas pessoas passaram pela escada desde então. Dahlström morava no andar de baixo, em um apartamento de canto. Justo defronte fica o caminho de pedestres que vai até Terra Nova. Será preciso fazer um reconhecimento toda essa área. A escuridão ontem dificultou os trabalhos, porém a busca foi recomeçada esta manhã e continuará enquanto for de dia. Bom, claro, há apenas uns momentos. Knutas olhou o relógio.

— Quem o descobriu? Perguntou o promotor.

— O corpo foi encontrado por um dos porteiros. Pelo visto existem quatro. Este morava no apartamento da frente. Chama-se Ove Andersson. Contou que um homem que se apresentou como um amigo da vítima, bateu à sua porta ontem à tarde, um pouco antes das seis. O homem explicou que estava há vários dias sem ver Dahlström e que ficara preocupado com o seu sumiço. Encontraram-no no porão, mas, enquanto o porteiro subiu para casa e ligou para a polícia, o tal amigo aproveitou para desaparecer dali.

— Parece algo suspeito que desaparecesse. Pode ser o assassino, sugeriu Wittberg.

— Nesse caso, para quê iria entrar em contato com o porteiro? Objetou Norrby.

— Talvez quisesse entrar no apartamento para apanhar algo que esquecera e não se atrevia a entrar pela força, aventurou Karin.

— Não se pode descartar, claro, ainda que pareça muito improvável, contradisse Norrby. — Porquê iria esperar uma semana inteira? Sempre existia o risco de que alguém encontrasse o corpo.

Knutas franziu a testa.

— Outra possibilidade é que tenha desaparecido porque teve medo de que o considerassem suspeito. Talvez participasse na festa, porque no apartamento houve uma, isso ficou claro. De qualquer maneira, precisaremos localizá-lo o quanto antes.

— Temos a sua descrição? Perguntou Wittberg. Knutas olhou seus papéis.

— De idade mediana, ao redor dos cinquenta, segundo o porteiro. Alto e forte. Moreno, com bigode e com o cabelo longo penteado para trás e amarrado em um rabo de cavalo que lhe caía pelas costas. Camisa escura, calça escura. Não reparou nos sapatos. A mim me parece que se trata de Bengt Johnsson. É o único do grupo de alcoólatras que coincide com essa descrição.

— Sim, deve ser Bengan. Os dois eram como unha e carne, afirmou Wittberg. Knutas se voltou para o técnico.

— Erik, você expõe as questões técnicas? Sohlman assentiu.

— Revistamos o apartamento e o quarto de revelações, porém ainda nos falta muito por fazer. Se começamos com a vítima e as feridas, devemos ver as fotos. Estejam preparados porque são muito desagradáveis.

Sohlman apagou a luz e utilizando um computador, projetou as imagens digitais na tela grande que havia na parede em frente.

— Henry Dahlström jazia de bruços no chão com importantes contusões na parte posterior do crânio. O autor do crime utilizou um objeto rombudo. Eu diria um martelo, porém o legista poderá nos dar mais informações dentro de pouco tempo. O objeto golpeou a cabeça repetidas vezes. As abundantes gotas de sangue se explicam porque o assassino primeiro rompeu o crânio e continuou dando golpes sobre a superfície ensanguentada. Cada vez que levantou a arma para assestar um novo golpe, o sangue salpicava ao redor.

Sohlman utilizou um ponteiro para mostrar as gotas que se viam tanto no chão como nas paredes e no teto.

— Provavelmente o autor do crime jogou Dahlström no chão e em seguida, inclinado sobre ele, continuou golpeando-o. Quanto a precisar quando foi o assassinato, eu calculo que há cinco ou seis dias.

O rosto da vítima apresentava um aspecto cinzento puxando para o verde com manchas amarelas; os olhos tinham uma cor castanha escura avermelhada e os lábios estavam negros e secos.

— O processo de decomposição já havia se iniciado, continuou Sohlman impassível. — Podem ver no corpo essas pequenas manchas de cor marrom com os líquidos do cadáver que haviam começado a sair. É o mesmo que aflora pelos orifícios nasais e a boca.

Ao redor da mesa seus companheiros fizeram caretas de asco. Karin se perguntou como Sohlman era capaz de falar sempre de vítimas sanguinolentas, da rigidez dos cadáveres e de corpos putrefatos como se falasse do tempo ou da declaração de renda.

— Todos os móveis estavam virados e reviraram os armários e gavetas que continham fotos.

Evidentemente, o assassino procurava algo. A vítima apresenta também marcas nos antebraços que só podem ter sido feitas ao tentar se defender. Aqui vemos os arroxeados e os arranhões. Portanto, opôs resistência. O arroxeadado na clavícula pode ter sido o resultado de um golpe que falhou. Já retiramos amostras de sangue. Também encontramos uma guimba no corredor do porão e cabelos que, pelo que parece, não são da vítima. Tudo foi enviado ao SKL, mas, como já sabem, pode ser que passem uns dias antes que tenhamos os resultados.

Bebeu um gole de café e suspirou. A resposta do Instituto Nacional de Ciências Forenses de Linköping, o SKL costumava demorar no mínimo uma semana, porém o normal era três. Sohlman prosseguiu:

— E quanto às impressões, encontramos marcas de sapatos no tapete que fica junto à janela do porão. Lamentavelmente, a chuva fez com que seja impossível identificá-las. Também conseguimos impressões de sapatos no corredor, em frente ao quarto de revelações, que, no melhor dos casos, poderão acrescentar algo. Essas mesmas impressões aparecem também no apartamento, que, além disso, estava cheio de garrafas, cinzeiros, latas de cerveja e outras imundícies. É evidente que houve uma festa lá, coisa que também confirmaram as testemunhas. Obtivemos grande quantidade de impressões digitais e marcas do calçado de quatro ou cinco pessoas. Ademais, o apartamento também havia sido revistado.

As imagens da desordem que reinava no apartamento de Dahlström não deixava lugar a dúvidas; o apartamento fora completamente revirado.

— Dahlström devia ter em casa algo muito valioso, e eu me pergunto o quê poderia ser, falou Knutas. — Um alcoólatra que vive da ajuda social não deve ter pertences de grande valor. Encontraram a câmera?

— Não. Sohlman olhou outra vez para o relógio. Parecia que tinha pressa para sair.

— Disse que encontraram uma guimba no porão. É possível que o assassino estivesse esperando fora do quarto de revelações a que Dahlström saísse? Perguntou Karin.

— É possível. Sohlman se desculpou e saiu da sala.

— Nesse caso, o autor do crime sabia que Dahlström se encontrava no quarto, continuou Karin. — Pode ser que estivesse há horas esperando no portal. O que dizem os vizinhos? Knutas folheou os relatórios dos interrogatórios.

— As investigações de porta em porta se prolongaram ontem até as últimas horas. Ainda não recebi todos os relatórios, porém os vizinhos do portal confirmam, como já disse, que realizaram uma festa no apartamento no domingo anterior. Que lá para as nove chegou no portal um grupo que, pelo visto, andara jogando. Um vizinho, que tropeçou com eles, nos disse que estiveram nas corridas porque ouviu comentários sobre diferentes cavalos.

— Ah, sim, claro, no domingo passado foi o último dia de corridas desta temporada, recordou Karin. Knutas levantou a vista de seus papéis.

— Não me diga? Sim, o hipódromo é próximo dali, então poderiam ter ido caminhando ou de bicicleta de lá até o apartamento. Bem, o caso é que, segundo os vizinhos, houve muito barulho no apartamento. Festejavam e faziam um grande alvoroço, os vizinhos ouviram vozes tanto de homens quanto de mulheres. A vizinha do lado contou que um homem, possivelmente Bengt Johnsson, bateu primeiro em seu apartamento e perguntou se havia visto o Dahlström. Foi ela quem lhe

indicou que falasse com o porteiro.

— Coincide a descrição dela com a do porteiro? Perguntou Norrby.

— A grandes traços. Parecia-lhe um homem muito gordo, mais jovem que Dahlström, em torno dos cinquenta. Bigode e cabelos castanhos penteados para trás e recolhido em um rabo de cavalo, como o dos jovens motociclistas, nas palavras da mulher. Vestido de maneira andrajosa, também segundo as suas palavras. Knutas sorriu. — Usava uns jeans sujos e caídos, a barriga pendurada para fora. Um gorro polar azul e, além disso, fumava. Ela o reconheceu porque o havia visto umas quantas vezes com Dahlström.

— Todos nós sabemos quem é Henry Dahlström, porém o quê sabemos dele realmente? Inquiriu Wittberg.

— Que era alcoólatra há muitos anos, respondeu Karin. — Que normalmente se juntava com seus colegas em Östercentrum ou na parada de ônibus. E na área de Östergravar no verão, claro. Era divorciado, sem trabalho. Estava há mais de quinze anos aposentado por doença, ainda que não parecia totalmente acabado. Pagava o aluguel e as contas em dia e, segundo os vizinhos, não dava problemas, salvo alguma festa de vez em quando. Seus amigos dizem que era um bom tipo, que nunca se metia em brigas nem em assuntos policiais. Evidentemente, sua paixão pela fotografia o mantinha vivo. Eu encontrei-o neste verão, num dia que vim de bicicleta para o trabalho. Estava fotografando uma flor no jardim de Gutavallen.

— Sabemos algo mais do seu passado? Disse Wittberg olhando de soslaio para os papéis que Karin tinha em cima da mesa.

— Nasceu em 1943 no hospital de Visby, prosseguiu Karin. — Cresceu em Visby. Casou-se em 1965 com uma jovem de Visby, Ann-Sofie Nilsson. Tiveram uma filha em 1967, se chama Pia. Separaram-se em 1986.

— Está bem, teremos que prosseguir escavando informações ao longo do dia, disse Knutas. — E, além disso, precisaremos localizar Bengt Johnsson. Olhou através da janela. — Como está chovendo, com certeza o grupo estará sentado na entrada do centro comercial de Domus. O melhor será começar por lá. Wittberg?

— Karin e eu podemos nos ocupar disso. Knutas assentiu.

— Eu comecei a trabalhar com os interrogatórios dos vizinhos e gostaria de seguir nisso, comentou Norrby. — Há um par deles que gostaria de entrevistar outra vez.

— Sim, está certo, aprovou Knutas, e se voltou para o promotor. — Birger, tem algo a acrescentar?

— Não. Se me mantiver informado, ficarei satisfeito.

— De acordo, então paramos aqui. Voltaremos a nos reunir à tarde. Às três?

* * *

Após a reunião, Knutas se fechou em sua sala. Seu novo escritório era o dobro do que tinha antes. Escandalosamente grande em sua opinião. As paredes eram pintadas de uma cor clara que recordava a areia da praia de Tofta num dia ensolarado do mês de julho. A vista era a mesma que a da sala de reuniões adjacente: o estacionamento de Obs e, mais além, a muralha e o mar. Na janela havia um exuberante gerânio branco que recentemente havia deixado de florescer ante a chegada do inverno. Karin o havia presenteado quando fizera aniversário há alguns anos. Era a única coisa que havia conservado de sua velha sala: a planta e a velha cadeira de escritório de carvalho com o seu macio assento de pele. Era giratória, qualidade que ele aproveitava com frequência.

Encheu o cachimbo cuidadosamente. Seus pensamentos se concentraram no quarto de revelações de Dahlström e em o que havia visto lá. Pensar no crânio arrebitado lhe dava calafrios. Tudo apontava para uma briga de bêbados que saíra do controle e tivera um desenlace brutal. Dahlström provavelmente teria descido ao porão com algum colega para lhe mostrar algumas fotos e uma vez lá haviam começado a discutir por algo. A maioria dos casos de agressões graves começava dessa maneira, e cada ano morria algum bêbado ou algum drogado. Rebuscou em sua memória tentando se lembrar da figura de Henry Dahlström.

Quando Knutas começou na polícia há vinte e cinco anos, Dahlström era um fotógrafo respeitado. Trabalhava para o jornal Gotlands Tidningar e era um dos melhores fotógrafos da ilha. Knutas trabalhava então como agente de ordem pública e patrulhava as ruas. Quando acontecia algum acontecimento jornalístico importante, Dahlström era habitualmente o primeiro a aparecer no lugar com a sua câmera. Quando Knutas coincidia alguma vez com ele em alguma reunião particular, ambos costumavam conversar. Dahlström era um homem agradável, com muito sentido do humor, ainda que tivesse tendência a beber demasiado. Em mais de uma ocasião, Knutas o encontrou num bar. Algumas vezes o havia recolhido em seu carro, porque o homem estava tão bêbado que não conseguiria chegar sozinho em casa. Na época Dahlström era casado. Em seguida deixou de trabalhar no jornal e abriu a sua própria empresa. Ao mesmo tempo, seu consumo de álcool parecia ter aumentado.

Uma vez se encontraram entre as ruínas de Sankta Karin, do século XIII, no centro da Praça Stora Torget de Visby. Estava adormecido em uma estreita escada quando foi descoberto por um aterrorizado guia que orientava o seu correspondente grupo de turistas norte-americanos. Em outra ocasião aparecera no restaurante Lindgårdem da Rua Strandgatan e havia pedido um jantar composto de cinco pratos regados a vinho, cerveja e conhaque. Após o jantar pediu um charuto, diretamente importado de Havana, que fumou enquanto bebia outra dose. Quando chegou a conta, disse francamente que, sentia muito, mas não podia pagá-la, já que não tinha dinheiro. Chamaram a polícia, que prendeu o homem, saciado e bêbado, e o soltaram umas horas depois. Dahlström sem dúvida achara que havia valido a pena.

Há muitos anos que Knutas não via a mulher de Dahlström. Já haviam lhe informado da morte de seu ex-marido. Ainda não havia falado pessoalmente com ela, porém ia interrogá-la à tarde. Aspirou seu cachimbo sem acendê-lo e folheou o processo de Dahlström. Tinha cometido alguma que outra pequenas infrações, porém nada grave. Em troca, seu amigo, Bengt Johnsson, havia sido condenado vinte vezes por diferentes delitos. Tratavam-se, sobretudo, de roubos e agressões. Era estranho que não soubessem nada dele.

* * *

Emma Winarve se sentou no desbotado sofá da sala dos professores. Segurava a xícara de café com ambas as mãos para esquentá-las. Tinha muitas correntes de ar no velho edifício de madeira que acolhia a escola Kyrkskolan de Roma. Na xícara estava escrito “A melhor mãe do mundo”. Sim, que ridículo. Uma mãe que havia enganado o marido e que durante os últimos seis meses havia descuidado de seus filhos porque tinha a cabeça ocupada em outras coisas. A um passo dos quarenta e

a outro de perder as rédeas de sua vida.

O relógio da parede marcava nove e meia. Ao redor da mesa já se encontravam os seus colegas, que conversavam animadamente. Há tempo que o olor a café havia aderido às cortinas, aos livros, aos papéis, às pastas e ao descolorido papel pintado das paredes. Emma olhava pela janela, não se sentia com forças para participar das conversas. As folhas dos carvalhos ainda não haviam começado a cair. Estavam em constante movimento, sensíveis ao menor sopro de vento. No prado, ao lado da escola, havia umas lanudas ovelhas cinzentas, aglomeradas umas contra outras, pastando. Não paravam de mexer as mandíbulas em seu incessante ruminar. A igreja de pedra de Roma, com seus oitocentos anos de antiguidade, continuava em seu lugar.

Tudo seguia seu curso imutável, com total independência de quais tormentas assolassem a uma pessoa. Era incompreensível que ela pudesse estar lá sentada aparentemente tranquila, dando pequenos goles em seu café sem que notassem; sem que notassem que seu corpo por dentro era um campo de batalha. Sua vida estava a ponto de ir a pique e, ao seu redor, seus colegas de trabalho falavam discretamente, com gestos e olhares comedidos. Como se nada estivesse acontecendo. Em sua retina se reproduziam a toda velocidade alguns fragmentos de um vídeo: o aniversário de sua filha Sara, quando Emma só sentiu vontade de chorar; Johan e ela dando voltas na cama de um hotel; os olhos inquisidores de sua sogra; o concerto de violoncelo de Filip, do qual tinha se esquecido por completo; o rosto de Olle cada vez que o rechaçava. Colocara-se em uma situação insustentável.

Meio ano antes havia se encontrado com o homem que mudara tudo. Conheceram-se por causa de uma investigação policial no verão anterior, quando Helena, sua melhor amiga, fora uma das vítimas do assassino e ela mesma esteve a ponto de correr a mesma sorte. Johan havia cruzado em seu caminho e não conseguiu ignorá-lo. Era diferente de todos os homens que havia conhecido; tão vital e tão enérgico em tudo o que fazia. Nunca havia rido tanto com alguém nem havia se sentido tão importante, realmente importante. Ele fez ela descobrir aspectos de si mesma que não conhecia. Em seguida se apaixonou perdidamente por ele e, antes que se desse conta, a havia conquistado por completo. Quando faziam amor, se sentia tomada por uma sensualidade que nunca havia experimentado antes. Johan conseguia que ela relaxasse. Pela primeira vez pôde se esquecer totalmente tanto de seu aspecto quanto do que ele pensasse de suas habilidades na cama. Viver o momento cem por cento era algo que só havia experimentado ao dar a luz aos seus filhos.

Mas, com o tempo decidira se afastar dele. Por causa crianças continuara com Olle. Quando se resolveu o drama do assassino em série e despertara no hospital com a família ao seu redor, se deu conta de que não teria forças para enfrentar uma separação, ainda que sentisse que Johan era o grande amor de sua vida. A segurança falara mais alto, ao menos naquele momento. Com grande pesar pusera fim à relação.

Toda a família saíra de férias para a Grécia, porque ela precisava sair e se distanciar do que havia vivido. Mas não fora tão simples. Quando voltaram, Johan havia escrito. Primeiro pensou em jogar a carta fora sem lê-la, porém ficara curiosa. Mais tarde se arrependera de tê-lo feito. Teria sido melhor para todas as partes implicadas que não tivesse lido nem uma só linha.

Karin Jacobsson e Thomas Wittberg desceram caminhando até Östercentrum após saírem da reunião. A rua de pedestres que passava entre as lojas estava quase vazia. O vento e a chuva tinham aumentado. Apressaram-se até a galeria do Obs e sacudiram a água após passar as portas de vidro.

O centro comercial era muito modesto: H&M, uma joalheria de Guldfynd, um par de salões de cabeleireiro, uma loja de produtos dietéticos e uma loja de anúncios. O supermercado Obs com a sua fileira de caixas, em seguida a padaria, o escritório de atendimento ao cliente, a tabacaria. Ao fundo ficavam os sanitários, a área de recolhimento dos cascos vazios das garrafas e a saída para o estacionamento. Nos bancos da saída se reuniam os bêbados quando havia mau tempo, junto com algum aposentado ou pais com crianças pequenas que precisavam descansar um pouco.

O grupo de bêbados se resguardava do frio da rua. A maioria levava uma garrafa escondida em uma sacola ou no bolso, mas, enquanto não bebessem lá dentro, o vigilante da segurança do supermercado os deixava em paz. Dois deles, aos quais Karin conhecia, estavam sentados em um banco ao fundo, próximo da saída, sujos, sem se barbear e com as roupas rasgadas. O mais jovem tinha a cabeça apoiada contra a parede de trás e olhava sem interesse as pessoas que passavam por lá. Casaco negro de couro e tênis velhos. O mais velho usava um casaco acolchoado e um gorro de lã, e estava sentado com a cabeça, entre as mãos. Por debaixo do gorro apareciam umas grenhas ensecadas. Karin se apresentou e apresentou Wittberg, ainda que soubesse que os dois homens os conheciam muito bem.

— Nós não fizemos nada, só estamos aqui sentados. O homem do casaco levantou a vista para eles com os olhos mortiços. “E ainda não são onze horas”, pensou Karin.

— Calma, repôs Wittberg. — Somente queremos fazer umas perguntas. Retirou uma foto do bolso. — Conhecem este homem? O mais jovem continuava olhando fixamente em frente. Não olhou os policiais nem uma só vez. O outro olhou a foto.

— Sim, merda. Mas é o Flash.

— Conhecem-no bem?

— É dos nossos. Costuma ficar por aqui, ou na parada de ônibus. Claro que conheço o Flash, todo o mundo o conhece. Veja, Arne, não é o Flash? Deu um empurrão em seu companheiro e aproximou a fotografia.

— Que pergunta mais idiota. Todo o mundo o conhece. O que se chamava Arne tinha as pupilas como grãos de pimenta. Karin se perguntou o quê teria usado.

— Quando foi a última vez que o viram?

— O que ele fez?

— Nada. Somente queremos saber quando foi a última vez que o viram.

— Sim, quando demônios foi? Que dia é hoje? Segunda-feira? Karin assentiu. O homem esfregou o queixo com os dedos, amarelos de nicotina. — Não o tenho visto há vários dias, porém as vezes desaparece, certo? Karin se dirigiu ao seu companheiro.

— E você?

Este continuava olhando fixamente em frente. “Na realidade seria muito bonito de rosto se não estivesse tão sujo e sem se barbear”, pensou Karin. Sua expressão era desafiante e mostrava uma evidente resistência a colaborar. Karin teve vontade de se colocar na frente dele agitando os braços

para obrigá-lo a reagir.

— Não me lembro. Wittberg estava começando a se irritar.

— Vamos, fale.

— Para quê quer saber? Ele fez alguma coisa? Perguntou o mais velho deles, o do gorro.

— Está morto. Alguém o matou.

— Não fode! É verdade? Então os dois levantaram os olhos.

— Lamentavelmente, sim. Encontraram-no morto ontem à tarde.

— Merda!

— Agora o que precisaremos fazer é tentar encontrar o culpado.

— Sim, claro. Agora que pensei melhor, acho que a última vez que o vi foi na parada de ônibus há uma semana ou por aí.

— Estava só?

— Estava com seus amigos, Kjelle e Bengan, creio.

— Que aspecto tinha?

— Como quê aspecto tinha?

— Como se comportava? Parecia que se encontrava mal ou que estava preocupado por algo?

— Não, estava como sempre. Nunca falava muito. Algo bêbado, claro.

— Sabe que dia foi?

— Com certeza que foi no sábado porque havia muita gente na rua.

— Há uma semana então?

— Sim, é isso. Eu não o tenho visto desde então. Karin se voltou para o outro.

— E você, o viu depois?

— Não. Karin engoliu a crescente irritação que sentia.

— Sabem se esteve ultimamente com alguma pessoa desconhecida?

— Não.

— Existe alguém que quisesse lhe fazer mal?

— Não, ao Flash, não. Nunca se metia com ninguém. Mantinha a cabeça baixa, não sei se entende o que quero dizer.

— Sim, claro, entendo, disse Karin. — Sabem onde está o seu amigo Bengan, Bengt Johnsson?

— Foi ele? Com os vapores do álcool se dissipando o homem mais velho parecia surpreso de verdade.

— Não, não, só queremos falar com ele.

— Há algum tempo que não o vejo, e você?

— Não, disse Arne. Estava mascando chiclete com tanta força que as mandíbulas faziam barulho.

— A última vez que o vi estava com esse rapaz novo da Península, disse o velho. — Chama-se Örjan.

— E o sobrenome?

— Isso eu não sei, porque não está há muito tempo morando em Gotland. Esteve preso na Península.

— Sabe onde podemos encontrar Bengt Johnsson?

— Mora na Rua Stenkumla com a mãe. Deve estar lá.

— Sabe qual é o número?

— Não.

— Está bem, obrigado pela ajuda. Se verem ou ouvirem algo que tenha a ver com o Flash entre imediatamente em contato com a polícia.

— Sim, claro, disse o homem do gorro se apoiando por sua vez na parede.

* * *

Johan Berg abriu o jornal sobre a mesa da cozinha em sua casa da Rua Heleneborgsgatan em Estocolmo. Seu apartamento ficava no andar de baixo e dava para o pátio, porém não se importava com isso. Södermalm era o coração da cidade, e a ele achava que não se podia morar em um lugar melhor. Um lado do edifício dava para Riddarfiärden e a ilha de Långholmen, que alojava antigamente a cadeia, com suas rochas para tomar sol depois de se banhar e seus caminhos arborizados. Do outro lado, a um passo, ficavam as lojas, os pubs, os cafés e o metrô. A linha vermelha levava diretamente até a estação de Kálaplan e, desde lá, aos escritórios centrais da Televisão Sueca eram só cinco minutos a pé. Assinava vários jornais: Dagens Nyheter, Svenska Dagbladet e Dagens Industri, e agora o Gotlands Tidningar havia passado a engrossar o monte de diários que folheava a cada manhã. Após os acontecimentos do verão passado, havia aumentado o seu interesse pelo que se passava em Gotland; por diferentes motivos.

Folheou as primeiras páginas: “Residências para idosos em crise”, “A polícia de Gotland ganha menos que a da Península”, “Agricultores a ponto de perder a ajuda europeia”. Então reparou em uma notícia breve: “Um homem foi encontrado morto em Gråbo. A polícia suspeita que se trata de um assassinato”.

Enquanto arrumava a mesa do café-da-manhã, pensou no artigo. A verdade é que parecia a típica briga de bêbados, porém aquilo despertara a sua curiosidade. Deu uma rápida olhada em frente ao espelho e pôs um pouco de fixador no cabelo, moreno e ondulado. Na realidade deveria fazer a barba, porém não tinha tempo. Sua barba morena podia crescer um pouco mais. Tinha trinta e sete anos, porém parecia mais jovem. Alto e atraente, com feições regulares e olhos castanhos. As mulheres sucumbiam facilmente aos seus encantos, algo do que havia se aproveitado muitas vezes. Ainda que agora não. Há meio ano só existia em sua vida uma mulher, Emma Winarve, de Roma, em Gotland. Conheceram-se quando ele cobria a caçada ao assassino em série no verão anterior.

Ela deu uma virada na sua vida. Nunca havia conhecido uma mulher que lhe tivesse entrado tão fundo. Quando seus amigos lhe perguntavam porque Emma era tão especial, lhe era difícil explicar. Tudo era tão evidente junto a ela. E sabia que esse sentimento era recíproco. Sua relação fora tão longe que acreditou realmente que ela ia se separar, que era só uma questão de tempo. Começou a pensar em se mudar para Gotland e trabalhar em algum jornal ou rádio local. Se passassem a morar juntos se converteria em um segundo pai para os dois filhos de Emma.

Mas as coisas não aconteceram assim, aconteceram justamente ao contrário. Quando prenderam o assassino e tudo passou, ela o deixou. Sua decisão o pegou totalmente de surpresa. Sua vida se desmoronou, se viu obrigado a faltar durante uns dias e quando se sentiu suficientemente recuperado para poder sair de férias, não conseguiu retirá-la da cabeça nem um momento. De volta a casa, lhe escreveu uma carta. Ainda que não esperasse, ela lhe respondeu e começaram a se ver outra vez. Viam-se sobretudo quando Johan estava em Gotland por motivos de trabalho. Em algumas ocasiões,

Emma conseguiu ir a Estocolmo. Mas notava que ela se sentia mal por ter que mentir e que o sentimento de culpa a fazia sofrer. Ao final lhe pediu dois meses para pensar. Outubro e novembro. Precisava se afastar dele e ter tempo para pensar, lhe explicou. De repente se interrompeu todo contato entre eles. Nenhuma mensagem no celular, nenhum e-mail, nenhuma ligação.

Emma havia cedido uma vez. Ele estava em Gotland por motivos de trabalho e ligou para ela. Naquele momento, ela se encontrava mal. Foi um encontro rápido que não fez mais que confirmar que seus sentimentos estavam ainda mais fortes, ao menos de sua parte. Depois nada. Fez um par de torpes tentativas, porém em vão. Emma se manteve firme. Johan entendia. Era muito difícil para ela, casada e com dois filhos. Mas, várias semanas de noites em branco, de abusar do cigarro e iam deixando a sua marca, para não dizer algo pior.

No caminho do metrô, ligou para Anders Knutas em Visby. O comissário atendeu imediatamente.

— Knutas.

— Alô. Johan Berg das Notícias Regionais. Como vai você?

— Vou bem, obrigado. E você? Há tempos que não sei nada de você.

— Estou bem. Vi uma pequena notícia no jornal acerca de um assassinato em Gråbo. É verdade?

— Não sabemos muita coisa.

— O que aconteceu?

Uma pequena pausa. Johan podia imaginar Knutas enchendo o cachimbo e se apoiando no respaldo da cadeira. Tinham mantido uma estreita relação quando Johan cobria desde Gotland os assassinatos e posteriormente teve parte na resolução do caso.

— Ontem à tarde foi encontrado um homem morto em um porão da Rua Jungmansgatan, em Gråbo. Não sei se conhece essa área.

— Conheço.

— Pelas lesões que apresentava suspeitamos que o mataram.

— Tinha quantos anos?

— Nasceu em 1943.

— Conhecido da polícia?

— Sim, porém não porque tivesse cometido nenhum delito digno de menção, mas sim porque era um alcoólatra empedernido. Costumava deambular pela cidade bebendo. Um dos bêbados locais.

— Se trata de uma briga de bêbados?

— Parece isso.

— Como foi assassinado?

— Disso não posso falar.

— Quando foi assassinado?

— O corpo sem vida permaneceu lá uns quantos dias. Pode ser que até uma semana.

— Como é possível que tenha permanecido tanto tempo se estava em um porão?

— Se encontrava em um espaço fechado.

— Em um quarto de trastes?

- Sim, poderia se dizer.
— Como o encontraram?
— O porteiro o encontrou.
— Alguém tinha denunciado o seu desaparecimento?
— Não, porém um amigo se pôs em contato com o porteiro. Knutas estava começando a se impacientar.
— Entendo. Quem era?
— Isso eu não posso dizer. Agora tenho que deixá-lo, no momento terá que se conformar com isso.
— Certo. Quando acha que poderá me dizer algo mais?
— Não tenho a menor ideia. Adeus.

Johan desligou o celular e pensou que aquela morte não parecia interessante para incluí-la nas Notícias Regionais. Provavelmente uma briga normal entre pessoas bêbadas que fugira do controle.

* * *

“O metrô de Estocolmo numa segunda-feira de novembro pela manhã deve ser um dos lugares mais deprimentes do mundo”, pensou Johan, sentado com a cabeça apoiada contra a janela enquanto as negras paredes do metrô passavam a toda velocidade a meio metro de distância. O vagão estava cheio de gente pálida, emburrada pela seriedade e a rotina diária. Não se ouvia nenhuma conversa, só o ruído surdo do metrô. As pessoas olhavam para o teto, para os anúncios publicitários, para o chão, através da janela ou para algum ponto longínquo e indefinido. Para todos os lados, menos para os outros. O olor a tecido molhado se mesclava com o olor a perfume, a suor e ao pó queimado dos aquecedores. Os casacos se apertavam contra os casacos, os lenços contra os gorros, os corpos contra os corpos, sapatos contra sapatos, os rostos quase roçavam, porém sem contato. “Como é possível que tenha tanta gente junta em um mesmo lugar sem que não se ouça nada?”. Continuava pensando Johan. “Isto não pode ser normal.”. Era uma dessas manhãs em que sentia vontade de desaparecer dali.

Quando saiu do metrô na estação de Kálaplan, sentiu uma espécie de libertação. Aqui ao menos se podia respirar. As pessoas caminhavam ao seu redor como se fossem soldadinhos de chumbo a caminho do ônibus, da escola, dos comércios, dos escritórios de advogados ou seja lá para onde. Ele, por sua parte, cruzou o parque que havia junto à igreja de Gustav Adolfskyrkan. As crianças do jardim-de-infância estavam do lado de fora no meio daquele vento cortante. Suas faces brilhavam como maçãs maduras.

O imenso edifício da televisão se destacava entre a neblina do mês de novembro. Johan cumprimentou a estátua que representava Lennart Hyland antes de cruzar o vestíbulo. No andar onde ficava a redação havia movimento. As notícias da manhã de âmbito nacional estavam em marcha e além dos convidados, apresentadores, meteorologistas, maquiadores, repórteres e redatores corriam, saindo do estúdio, indo aos sanitários ou se dirigindo à mesa do café-da-manhã. A fileira de janelões oferecia uma vista do extenso parque Gärdet envolto numa neblina cinzenta, onde pululavam os alegres cachorros do jardim-de-infância canino que havia na Rua Grev Magnigatan. Cachorros marrons, negros e com manchas trotavam e brincavam pelos prados, indiferentes ao fato

de que aquela era uma chata segunda-feira de novembro.

A reunião da manhã das Notícias Regionais contava com a presença de quase todos. Fotógrafos, um editor madrugador, repórteres, programadores e o redator-chefe se encontravam lá. Apenas restava lugar no sofá colocado em um canto da redação. Depois de comentar a última emissão, criticando algumas coisas e elogiando outras, Max Grenfors, o redator-chefe, apanhou a lista de reportagens do dia. O trabalho podia mudar ao longo da reunião. Ou porque algum repórter aportasse uma ideia nova, ou porque os protestos contra uma reportagem proposta fossem tão fortes que esta acabava diretamente na lixeira, ou porque a discussão tomava novos rumos que levavam a mudar todo planejamento. Johan achava que era assim que deveria funcionar uma redação de notícias e gostava das reuniões matutinas.

Contou rapidamente aos demais o que sabia do assassinato de Gotland. Todos estiveram de acordo em aquilo parecia uma briga de bêbados. Para Johan deram a tarefa de acompanhar como evoluiria o assunto, já que no dia seguinte iria viajar até Gotland para fazer uma reportagem a propósito de um camping ameaçado de fechamento. A redação das Notícias Regionais trabalhava sujeita a duros critérios de produtividade. Faziam um programa diário de vinte minutos, em que eles, em princípio, tinham que fazê-lo todo de cabo a rabo. Uma sequência de dois minutos demorava normalmente várias horas para ser gravada e depois outras duas para editá-la. Johan sempre discutia com os chefes porque achava que os repórteres deveriam dispor de mais tempo.

Não gostara das mudanças realizadas desde que começara a trabalhar como repórter na televisão há dez anos atrás. Atualmente os repórteres apenas tinham tempo para repassar o material antes de entregá-lo ao editor. O que trazia consequências nefastas para a qualidade. Filmagens boas, às quais haviam dedicado um grande esforço, corriam o risco de passar despercebidas porque, com a pressa, ninguém prestava atenção nelas. Não eram poucas às vezes em que os câmeras se sentiam decepcionados depois de ver a sequência que iria ao ar. Quando começavam a fazer cortes no tratamento das imagens, que era toda a força da televisão, as coisas iam mal, e Johan se negava a escrever a reportagem e a editá-la antes de ter repassado pessoalmente o material.

Logicamente, havia exceções. Às vezes havia pressa e tinham que montar a reportagem vinte minutos antes da emissão e, em que pese a tudo, conseguia realizar a sequência. A imprevisibilidade era o maior atrativo de se trabalhar em uma redação. Não se sabia nunca pela manhã como ia passar o dia. Johan trabalhava sobretudo fazendo reportagens para a seção de acontecimentos diários, e a rede de contatos que havia estabelecido ao longo desses anos era muito valiosa para a redação. Também era ele basicamente o responsável por cobrir as notícias de Gotland, que pertencia ao âmbito das Notícias Regionais há dois anos. O enorme déficit da Televisão Sueca havia feito com que fechassem a redação local de Gotland e que as notícias da ilha fossem de Norrköping para Estocolmo. Johan havia se encarregado de Gotland encantado, porque era apaixonado pelo lugar desde pequeno. Agora não era só a ilha a que o atraía.

* * *

Mancha puxava a correia. “Não vai aprender nunca a caminhar atrás”, pensou Fanny irritada, porém não se sentia com forças para ralar. As ruas por onde passeava estavam vazias. Uma neblina

escura havia caído sobre Visby e o asfalto brilhava sob a chuva fina. As janelas iluminadas das casas, adornadas com delicadas cortinas, convidavam a entrar nelas. Que acolhedores pareciam. Flores nas janelas, carros reluzentes nas entradas das garagens e belos desagües. Algum que outro recipiente bem cuidado para o lixo.

Distinguia-se muito bem o interior das casas no meio da escuridão da tarde. Uma tinha objetos de cobre na parede da cozinha, em outra havia um rústico relógio de pé pintado em cores vivas. Em uma sala de estar uma garotinha pulava no sofá e falava com alguém a quem Fanny não podia ver. Mais além se via um homem com uma vassoura na mão. “Com certeza caiu sem querer uma migalha sobre o tapete”, pensou Fanny apertando os lábios. Em outra cozinha se via pela janela um casal que, pelo o que ela via, estavam preparando a comida juntos. Repentinamente abriu a porta de um dos chalés maiores. Saiu um casal idoso e se aproximaram conversando animadamente do táxi que os estava esperando. Estavam bem vestidos e Fanny sentiu o forte perfume da senhora quando passaram ao seu lado. Não notaram que ela havia parado e os observava.

Sentia frio com aquele casaco tão fino. Sua mãe lhe esperava em casa no silencioso e escuro apartamento. Ela trabalhava no turno de noite da empresa Flextronics. O seu pai, Fanny só havia visto duas vezes na vida, a última quando tinha cinco anos. Seu grupo tinha um compromisso em Visby e ele lhe fez uma breve visita. Tudo o que recordava era de uma mão grande e seca que segurava as suas e um par de olhos castanhos. Seu pai era negro como a noite. Era um rastafári vindo da Jamaica. Nas fotos que havia visto tinha cabelos longos e retorcidos. Chamavam-se “rastas”, explicara sua mãe. Morava em Estocolmo, onde tocava tambores em um grupo musical, e tinha mulher e três filhos em Farsta. Era tudo o que sabia.

Nunca ligava, nem sequer no dia de seu aniversário. Às vezes imaginava como seria se ele e a sua mãe morassem juntos. Talvez sua mãe não bebesse tanto. Talvez fosse mais alegre. Talvez Fanny se livrasse de ter que se encarregar de tudo: da comida, da limpeza e da lavadora, levar Mancha para passear e fazer as compras. Talvez deixasse de ter má vontade cada vez que fosse a escola, se seu pai estivesse lá. Perguntava-se o quê ele diria se soubesse qual era a sua situação. Mas não se importaria, ela não significava nada para ele. Somente era o resultado de uma aventura amorosa com a mãe de Fanny.

* * *

A primeira coisa que Karin e Wittberg notaram foram as esculturas. De quase dois metros de altura, em cimento, dispostas em grupo sobre o terreno. Uma delas representava um cavalo encabritado que relinchava desesperadamente para o céu, outra lembrava um gamo, uma terceira, um alce com a cabeça demasiado grande. Grotescas e fantasmagóricas, estavam plantadas lá sob a chuva torrencial que caía na extensa superfície plana do gramado. Foram correndo do carro até a casa, cujo teto sobressaía da simples varanda e oferecia um parco abrigo. Era a típica casa dos anos cinquenta: um só andar e porão, com a fachada rebocada em cor cinza sujo. As escadas eram carcomidas, e o risco de que se quebrasse sob seus pés parecia considerável. A campainha da porta apenas se ouvia. Passados uns minutos, abriu uma mulher alta e forte de uns setenta anos. Usava um casaco de crochê e uma estola florida. O cabelo era abundante e branco.

— Somos da polícia, explicou Wittberg. — Queremos lhe fazer algumas perguntas. Você é Doris Johnsson, a mãe de Bengt Johnsson?

— Sim, sou eu. Voltou a se meter em alguma confusão? Entrem. Vão se empapar aí fora.

Sentaram-se no sofá de pele da sala de estar. A sala era repleta de objetos. Além do sofá com sua mesinha, havia três poltronas, uma cadeira rústica, televisor, pedestais com flores e uma estante com livros. Nos parapeitos das janelas se amontoavam vasos com flores, e em cada superfície livre da sala havia figuras de vidro de diferentes formas. Todas tinham em comum uma coisa: representavam animais. Cachorros, gatos, vacas, cavalos, porcos, camelos... Em diferentes tamanhos, posturas e cores, se destacavam sobre as mesas, nas janelas e nas estantes.

— Colecionou tudo isso? Perguntou Karin tontamente. A cara cheia de rugas da mulher resplandeceu.

— Estou a muitos anos colecionando. Tenho seiscentas e vinte e sete, explicou orgulhosa. — O que queriam mesmo?

— Sim, bom, temo que trazemos más notícias. Willberg se ajeitou mais à frente. — Um amigo de seu filho apareceu morto e suspeitamos que possa se tratar de um assassinato. Chamava-se Henry Dahlström.

— Deus meu! O Henry? A mulher empalideceu. — Assassinado?

— Infelizmente. Ainda não prendemos o autor do crime e por isso queremos falar com todas as pessoas próximas de Henry. Sabe onde está o Bengt?

— Não, esta noite dormiu fora.

— Onde?

— Não sei.

— Quando foi a última vez que o viu? Perguntou Karin.

— Ontem à tarde. Eu estava lá em baixo estendendo a roupa, então nós nos encontramos. Somente me cumprimentou do alto das escadas. Esta manhã ligou para me dizer que ia passar uns dias na casa de um amigo.

— Ah, sim? Em casa de quem?

— Isso não me disse.

— Deixou algum número de telefone?

— Não. É um homem adulto. Acho que está em casa de alguma mulher.

— E por quê?

— Precisamente porque agia com tanto segredo. Se não fosse assim, me diria onde está.

— Ligou para o telefone fixo ou celular?

— Para o fixo.

— Tem identificador de chamada no telefone?

— Sim, tenho. Karin se levantou e se dirigiu ao está vestibulo. Voltou depois de um momento.

— Não, não se vê. Deve ser um número oculto.

— Tem telefone celular?

Doris Johnsson estava no vão da porta, e olhou com expressão desafiadora para os policiais que estavam sentados no sofá.

— Antes de continuar respondendo a mais perguntas, quero saber o que aconteceu. Eu também

conhecia Henry. Precisarão me contar tudo.

— Sim, claro, titubeou Wittberg, que parecia impressionado pela atitude autoritária da corpulenta mulher.

— Bengt e o porteiro encontraram Henry ontem a tarde em seu quarto de revelações, no porão do prédio onde morava. Estava morto, mas não posso lhe explicar como. Quando o porteiro foi chamar à polícia, Bengt desapareceu e não deu mais sinais de vida desde então. Portanto, para nós, é muito importante entrarmos em contato com ele.

— Se assustou, claro.

— É muito possível, mas, para poder descobrir o autor do crime, precisamos falar com todos os que viram alguma coisa ou possam nos contar o quê aconteceu com Henry nos dias anteriores ao assassinato. Tem alguma ideia de onde possa estar Bengt?

— Não, conhece muita gente. O que posso fazer é ligar para os seus amigos a ver se eles sabem.

— Quando foi a última vez que viu Bengt, quero dizer que o viu realmente? Apostilou Karin.

— Vamos ver... Fora de ontem à tarde, então. Deve ter sido ontem pela manhã. Dormiu até tarde, como de costume. Levantou-se depois das onze e tomou o café-da-manhã quando eu já almoçava. Em seguida se foi. Não me disse onde iria.

— Que aspecto tinha?

— Normal. Não agia de forma estranha nem nada pelo estilo.

— Sabe se aconteceu algo diferente ultimamente?

— Não, disse indecisa. De repente esticou os braços. — Ah, sim, precisamente. Henry ganhou nas corridas. Acertou uma V5 e foi o único vencedor, então ganhou um monte de dinheiro. Oitenta mil coroas, eu acho. Bengt me contou no outro dia. Karin e Wittberg a olharam assombrados.

— Quando foi isso?

— Não foi neste domingo, então deve ter sido no anterior. Sim, é isso, porque então foram às corridas.

— E Henry ganhou oitenta mil. Sabe o quê fez com o dinheiro?

— Comprar bebida, imagino. Uma parte deve ter gastado diretamente com álcool. Quando têm dinheiro, se dedicam a convidar a todos.

— Que mais pessoas fazem parte de seu círculo de amizades?

— Tem um que se chama Kjelle, com o qual conversava muito, e um par de mulheres, Monica e Gunsan. Bem, na realidade se chama Gun.

— Os sobrenomes? A senhora meneou a cabeça. — Onde moram?

— Também não sei, porém acho que é aqui na cidade. Ah, e um tal Örjan também, pelo visto chegou aqui à pouco. Bengt tem me falado dele ultimamente. Creio que mora na Rua Styrmansgatan.

Despediram-se de Doris, que prometeu se colocar em contato com eles tão logo soubesse onde se encontrava o filho. A informação do prêmio ganho na V5 mostrava que agora existia um motivo claro para o assassinato.

* * *

Knutas havia levado sanduíches de pão dinamarquês de centeio, Smörrebröd, para o almoço. Recentemente visitara o seu sogro e fizera as delícias de toda a família com os produtos da Dinamarca de que tanto gostavam. As três rabanadas escuras tinham diferentes acompanhamentos: patê de fígado

de porco com uma espécie de legume em conserva que lembrava muito ao pepino, e o seu favorito, rullepölse, um embutido de carne de porco cozida, enrolada e defumada. Tudo isso regado com uma cerveja bem gelada. Foi interrompido por uma batida na porta. Norrby assomou a cabeça.

— Dispõe de um momento?

— Claro.

Norrby dobrou seu corpo de quase dois metros de estatura em uma das poltronas que Knutas tinha para visitas.

— Falei com um vizinho que tinha algo interessante para contar.

— De quê se trata?

— Anna Larsson é uma senhora idosa que mora no andar acima do de Dahlström. Na segunda-feira à noite, em torno das dez e meia ouviu-o sair. Usava seus velhos tênis, que soavam no chão de uma forma especial. Knutas franziu a fronte.

— Como pôde ouvi-lo do interior de seu apartamento?

— Boa pergunta, porém o caso é que o seu gato estava com diarreia.

— E?

— Anna Larsson mora só e não tem varanda. Quando estava a ponto de ir para a cama, o gato cagou no chão. Cheirava tão mal que não podia deixar dentro do apartamento a sacola com a merda. Já havia colocado a camisola e não queria descer até o contendor de lixo por temor de se encontrar com algum vizinho. Por isso deixou a sacola provisoriamente no chão diante de sua porta. Pensou que se a recolhesse de manhã cedo ninguém notaria.

— Vá ao ponto, cortou Knutas impaciente. A tendência de Norrby a se perder nos detalhes era às vezes mais irritante do normal.

— Pois bem, no momento que ela abriu a porta, escutou Dahlström saindo de tênis, fechando a porta e descendo as escadas do porão.

— Está bem, concluiu Knutas dando uns golpezinhos com o cachimbo na mesa.

— A senhora Larsson não pensa mais no fato. Deita-se e adormece. Meia-noite acorda porque o gato está miando. Desta vez cagou no quarto. É evidente que o gato tem uma forte gastroenterite.

— Mmm.

— Se levanta, limpa-o e fica com outra sacola com merda de gato para deixar na porta. Quando abre, alguém entra no portal e para em frente à porta de Dahlström. Mas desta vez não escutou o ruído dos tênis de Dahlström, mas sim alguém que usa sapatos de verdade. Fica curiosa e começa a escutar. O desconhecido não bate, porém a porta se abre e quem quer que seja entra, sem que ela o ouça conversando com alguém. Aquilo despertou o interesse de Knutas. Ficou com o cachimbo no ar.

— Que aconteceu depois?

— Depois não escuta nada mais. Nem um som.

— Teve a impressão de que alguém abriu a porta de Dahlström por dentro ou foi a pessoa que estava fora quem abriu?

— Acredita que a pessoa que estava fora a abriu.

— Por quê não contou isso antes?

— Interrogaram-na na mesma tarde que encontraram Dahlström morto. Disse que se sentia estressada e muito triste, por isso só então mencionou que havia ouvido Dahlström descer ao porão.

Mas depois comecei a me perguntar como podia estar tão certa. Por isso queria falar com ela outra vez.

— Bem feito, aprovou Knutas. — É provável que tenha escutado o assassino, porém também pode ser Dahlström tivesse voltado a sair. Isso foi várias horas mais tarde, não é?

— Sim, porém parece pouco provável que voltasse a sair outra vez, não acha?

— Talvez. Essa senhora fez alguma observação a mais depois de que o tal homem entrou?

— Não, se deitou e voltou a adormecer.

— Está bem. A questão é saber se o homem tinha chave, no caso de que não fosse o próprio Dahlström.

— Não existe nada que indique que a fechadura tenha sido forçada.

— Algum conhecido, talvez.

— Isso parece verosímil.

* * *

Quando a Brigada de Homicídios voltou a se reunir à tarde, Karin e Wittberg começaram contando o seu encontro com Doris Johnsson e o que ela havia contado acerca do prêmio nas corridas de cavalos.

— Agora, ao menos, temos um motivo, concluiu Karin.

— Isso explica por que reviraram o apartamento, constatou Knutas. — Parece evidente que o assassino sabia que Dahlström havia ganhado nas corridas.

— O dinheiro ainda não apareceu, apontou Sohlman, — Então é provável que o autor do crime o tenha encontrado.

— Creio que deveríamos conseguir uma ordem de busca para Bengt Johnsson, disse Karin.

— Levando em conta que se trata de um caso de assassinato, estou totalmente de acordo consigo. Knutas se voltou para Norrby. — Temos novas declarações das testemunhas. Falou de Anna Larsson, a vizinha que tinha o gato doente e morava no andar de cima.

— Ah! Exclamou Wittberg. — Isso indica que o autor do crime tinha uma chave. Isso reforça as suspeitas contra Johnsson.

— E por quê? Protestou Karin. — O assassino pode muito bem ter matado Dahlström, apanhado a chave e em seguida subir ao apartamento.

— Também pode ter aberto a porta com uma gazuca, apontou Sohlman. — Dahlström só tinha uma fechadura normal. Um ladrão um pouco habilidoso consegue abri-la sem que se note nada. A primeira vista não descobrimos nenhuma marca, porém teremos que voltar a revisá-la.

— Eu estou de acordo com Wittberg, disse Norrby. — Creio que foi Bengt Johnsson. Era o melhor amigo de Dahlström e é provável que tivesse uma chave extra. A não ser que fosse Dahlström quem decidiu sair outra vez à meia-noite. Desta vez de sapatos.

— Sim, claro que pode ter sido assim. Mas, supondo que fosse Bengan, então para quê ir buscar o porteiro? Repliou Karin.

— Para afastar as suspeitas dele, evidentemente, interrompeu Norrby.

— Se a história da vizinha for verdadeira, significa que Dahlström viveu só um dia depois da tarde das corridas e a posterior comemoração em seu apartamento, resumiu Knutas. — Portanto, não morreu durante a festa. Provavelmente o assassinato foi na segunda-feira à noite. A hora exata os legistas nos dirão.

— Consegui uma declaração de outra testemunha que pode ser interessante, apontou Norrby.
— Estive lá outra vez hoje falando com todos os vizinhos. Um deles não estava em casa e me chamou depois.

— E? Knutas apoiou a cabeça entre as mãos se preparando para escutar outra exposição minuciosa.

— É uma jovem que estuda no instituto Sävaskolan. Ela também ouviu alguém nas escadas na segunda-feira à noite. Arne Haukas. É o vizinho que mora em frente de seu apartamento no andar de baixo, ou seja, no mesmo andar que Dahlström. É professor de educação física e costuma sair para correr todas as noites. Normalmente sai as oito, porém na segunda-feira passada ela o ouviu sair do apartamento às onze. Também o viu através da janela.

— Ah, sim? Como pode estar tão certa do dia e a hora?

— Porque a irmã mais velha, que mora em Alva, estava de visita em seu apartamento nesse dia. Ainda estavam acordadas conversando e as duas o viram. Esta jovem o vigia especialmente desde que descobriu que é um pouco voyeur. Costuma olhar através de sua janela quando passa correndo. Ela acha que ele sair correndo é só uma desculpa para poder observar o que as pessoas fazem em suas casas.

— Tem alguma prova dessas afirmações?

— Não. Parecia que a verdade lhe dá um pouco de vergonha. Disse que não estava certa, que só era uma impressão que tinha.

— Esse Haukas é casado?

— Não, vive só. Somente tive tempo de fazer uma ligação para saber quem é na escola Sölbergskölan, onde trabalha. O diretor, a quem conheço pessoalmente, me contou que Arne Haukas foi acusado há uns anos de ficar olhando as jovens quando mudavam de roupa. As alunas achavam que entrava no vestiário sem bater para lhes dizer banalidades. Quatro delas apresentaram uma queixa ao diretor.

— O que aconteceu em seguida?

— O diretor teve uma conversa com Haukas, que negou as acusações, e ficou nisso. Parece que não voltou a acontecer. Nenhuma aluna voltou a se queixar.

— Parece que nesse prédio moram indivíduos muito estranhos, apontou Wittberg. — Alcoólatras, gatos com caganeira, voyeurs... Pode-se saber que casa de loucos é essa? Surgiram algumas risadas ao redor da mesa. Knutas levantou a mão.

— De qualquer maneira, não estamos procurando um acoassador sexual mas um assassino. Esse professor de educação física pode ter visto algo, já que esteve correndo na noite do crime. Foi interrogado?

— Não, parece que não, respondeu Norrby.

— Então precisamos fazê-lo hoje mesmo. E se dirigindo a Karin: — Sabemos algo novo de Dahlström?

— Foi contratado como fotógrafo no jornal Gotlands Tidningar, onde ficou trabalhando até 1980, quando se despediu e montou a sua própria empresa com o nome de Master Pictures. A empresa foi bem nos primeiros anos, porém em 1987 se declarou quebrada com consideráveis dívidas. Depois não há mais nenhuma informação de que Dahlström tenha trabalhado, mas que viveu da ajuda social até que foi aposentado por doença em 1990.

— Onde moram agora a mulher e a filha? Quis saber Knutas.

— A ex-mulher continua morando no apartamento da Rua Signalgatan. A filha mora em Malmö. Só e sem filhos, ao menos só ela está registrada nesse endereço. Ann-Sofie Dahlström, a

mulher, estava na Península, porém voltará para casa nesta tarde. Prometeu-nos vir diretamente para aqui do aeroporto.

— Está bem, disse Knutas. — Precisaremos trazer também a filha. Quero que consigamos imediatamente uma ordem de busca para Bengt Johnsson. Precisamos falar com todos os seus conhecidos para descobrir onde pode estar. Sohlman, você irá verificar outra vez a fechadura. A questão é saber quantos sabiam que havia ganhado nas corridas. Precisamos interrogar a todos os que estiveram com ele na tarde das corridas. Mas, quem mais saberia?

— Nesses ambientes uma notícia assim se espalha como um rastilho de pólvora, afirmou Wittberg. — Nenhum dos com quem falamos no centro, disse palavra alguma sobre o prêmio, e talvez tenham razões para isso.

— Precisamos voltar a interrogá-los também, e a todos os demais, disse Knutas. — O prêmio lança uma nova luz sobre o caso.

* * *

Se havia algo que Emma detestava era costurar a máquina. “Ter que perder o tempo com semelhante trabalho...”, pensou, com a boca cheia de agulhas e uma irritação que ameaçava se converter em dor de cabeça. Maldizia a si mesma. Como podia ser tão endiabradamente complicado costurar um par de calças? Quando as outras costuravam zíperes como se fosse a coisa mais simples do mundo! Esforçava-se para fazê-lo o melhor possível, havia se armado com quilos de paciência antes de começar e havia prometido a si mesma que desta vez não iria se dar por vencida. Não iria fraquejar ante a menor dificuldade, como costumava fazer. O que ficava claro porém, é que era absoluta e dolorosamente consciente de suas limitações, e que lhe irritavam.

Esteve brigando durante uma hora com a tarefa e havia fumado três cigarros para acalmar os nervos. Suava tentando colocar reto o tecido dos jeans sob as agulhas. Duas vezes precisou levantar a costura porque havia ficado cheia de rugas. Na escola odiava as aulas de corte-e-costura. O silêncio, a severidade da professora. Que tudo tivesse de ser tão minucioso, copiar bem o desenho, o direito e o reverso. A única reprovação que teve nas notas finais da escola primária fora em corte-e-costura. Estava lá como uma lembrança inesquecível de seu fracasso na matéria, desde os panos de cozinha com os seus desenhos em ponto de cruz, até trabalhos mais elaborados. O toque do celular veio resgatá-la no momento oportuno. Quando ouviu a voz de Johan, seu peito começou a arder.

— Alô, sou eu. Atrapalho?

— Não, porém sabe que não deveria ligar.

— Não pude evitar. Ele está em casa?

— Não, joga futebol na segunda-feira.

— Não se irrite, por favor. Fez-se um breve silêncio. Em seguida a sua voz, grave e doce, de novo. Como uma carícia. — Como está?

— Bem, obrigado. Mas estava a ponto de ter um ataque de nervos e jogar a máquina de costura pela janela. Emma sentiu as cócegas de sua risada suave na boca do estômago.

— Estava tentando costurar? Que aconteceu com seus bons propósitos?

Ela se lembrou de que uma vez, no verão passado, havia tentado coser um buraquinho que tinha na camisa com a agulha e linha que conseguira no hotel. Depois prometera que não voltaria a tentar

nunca mais.

— Foi à merda como todo o resto, disse sem pensar duas vezes. “Nada de criar expectativas”, lhe gritava a sensatez, ao mesmo tempo em que o coração disparava.

— O que quer dizer? Johan tentou se mostrar sereno, porém Emma pôde sentir a esperança em sua voz.

— Ah, nada. O que quer? Sabe que não pode ligar, repetiu.

— Não pude evitar.

— Mas se não me deixar em paz, me impede de pensar, disse suavemente.

Tentou convencê-la para que se encontrassem no dia seguinte quando ele iria a Gotland. Emma se negou, ainda que seu corpo pedisse para vê-lo aos gritos. Uma batalha entre a razão e os sentimentos.

— Não insista. Já é muito duro como é.

— Mas o quê sente por mim, Emma? Seja sincera. Preciso saber.

— Eu também penso em você. Todo o tempo. Estou tão confusa que não sei o que vou fazer.

— Dorme com ele?

— Basta já, respondeu irritada. Johan ouviu como acendia um cigarro.

— Mas, me diga se ainda se deita com ele? Preciso saber. Ela suspirou profundamente.

— Não, não me deito. Não tenho a menor vontade. Ficou contente?

— E quanto tempo vai poder continuar assim? Alguma vez terá que se decidir, Emma. E ele não notou nada, é completamente insensível? Não pergunta por que está agindo assim?

— Claro que pergunta, porém ainda acredita que é uma reação a tudo o que aconteceu no verão.

— Ainda não respondeu a minha pergunta.

— Que pergunta?

— O que sente por mim. Outro profundo suspiro.

— Amo-o, Johan, disse em voz baixa. — Isso é o que faz tudo tão difícil.

— Mas, merda, Emma. Então já está decidido. Não podemos continuar assim muito tempo. Somente é questão de que se decida e lhe conte as coisas como são.

— Que merda é essa das “coisas como são” saltou ela encolerizada. — Você não sabe como são!

— Não, mas...

— Mas o quê? A raiva e o choro apareceram agora em sua voz. — Você não tem a porra da menor ideia do que é a responsabilidade de dois filhos! Não posso me sentar no sofá e chorar todo o fim de semana. Nem decidir simplesmente ir com você porque é o que eu quero. Ou o que preciso. O que tenho que fazer para sobreviver. Porque tudo em minha vida gira ao redor de você, Johan. É a primeira coisa em que penso ao acordar e a última imagem que vejo na retina antes de adormecer. Mas não posso me deixar arrastar por isso. Preciso funcionar. Levar adiante a casa, o trabalho, a família. Preciso pensar sobretudo em meus filhos. Que consequências eles terão quando eu deixar o Olle. Você fica aí em Estocolmo e só tem que se ocupar de você. Um trabalho divertido, um apartamento próprio e acolhedor no centro da cidade, montes de coisas que pode fazer. Se se sentir mal porque não me decido pode escolher entre um monte de coisas para dissipar esses pensamentos. Vai aos bares, se encontra com amigos, vai ao cinema. E se quiser ficar triste e chorar por mim, pode fazê-lo. Aonde demônios eu posso ir? Posso ir em silêncio ao banheiro e chorar. Eu não posso ir assim

sem mais dar uma volta na cidade só porque estou triste ou fazer qualquer outra coisa. Encontrar gente nova e divertida, talvez? Sim, claro, aqui está cheio de gente assim!

Emma cortou a ligação em quanto ouviu abrir a porta da rua. Olle já estava em casa.

* * *

Ann-Sofie Dahlström tinha as mãos mais secas que Knutas havia visto. As esfregava continuamente de tal maneira que a pele saía e lhe caía no colo. Trazia o cabelo castanho recolhido na nuca com um passador de plástico. Tinha o rosto pálido e sem maquiagem. Knutas começou lamentando a morte de seu ex-marido.

— Há muito tempo que não mantínhamos nenhum contato. Já se passaram muitos anos desde a última vez que falamos. Sua voz se foi apagando.

— Como Henry era quando estavam casados?

— Estava quase sempre trabalhando, voltava tarde e trabalhava também nos fins de semana. Não tínhamos muita vida em família. Eu me ocupei mais de nossa filha, Pia. Talvez tenha sido também minha culpa que as coisas terminassem como terminaram. Com certeza o excluí. Ele bebia cada vez mais. Ao final a situação se tornou insuportável.

“Típico das mulheres”, pensou Knutas. “Especialistas em se culpar pelo mau comportamento dos homens”.

— A quem se refere quando diz que ficou insuportável?

— Estava quase sempre bêbado e descuidava de seu trabalho. Enquanto teve o emprego fixo no Gotlands Tidningar as coisas iam bem. Os problemas começaram quando se estabeleceu por conta própria e não tinha ninguém por cima. Começou a beber a semana toda, passava a noite fora, perdeu trabalhos porque não aparecia a tempo ou não se preocupava em entregar as fotos que havia prometido. No final iniciei um processo de divórcio.

Enquanto falava continuava esfregando as mãos daquela maneira tão estranha. Ouvia-se o roçar. A mulher notou o olhar de Knutas.

— Ficam assim no inverno e não existe nenhum creme eficaz. É o frio. Não posso fazer nada para evitar, disse levantando um pouco a voz.

— Não, claro. Desculpe, se escusou Knutas e apanhou o cachimbo para fixar a atenção em outra coisa. — De que maneira a bebida afetou a sua filha Pia?

— Ficou uma criança calada e introvertida. Passava cada vez mais tempo fora de casa. Dizia que ia estudar em casa das amigas, porém suas notas eram cada vez piores. Começou a faltar às aulas e depois diminuiu a comida. Demorei muito tempo em me dar conta de que algo ia mal de verdade. No segundo ano, no semestre do outono, os médicos constataram que tinha anorexia e não superou a doença até que terminou o colégio.

— Continuou com os estudos, apesar da doença?

— Sim, não tinha os sintomas mais graves, porém sofria de transtornos alimentares, isso era evidente.

- Como conseguiram ajuda?
- Por sorte, eu conhecia um médico do hospital que trabalhara em uma clínica para pacientes com transtornos alimentares na Península. Ele me ajudou. Consegui convencer Pia, e fomos lá. Na época só pesava quarenta e cinco quilos e tinha um metro setenta e nove de altura.
- Como o seu marido reagiu?
- Ele não queria ver nem ouvir nada. Foi na fase final de nosso casamento.
- O que sua filha faz agora?
- Mora em Malmö e trabalha como bibliotecária na biblioteca municipal.
- É casada?
- Não.
- Tem filhos?
- Não.
- Em sua opinião, como ela está?
- A quê se refere?
- Se se encontra bem.

A mulher olhou-o diretamente nos olhos sem pronunciar palavra. Tremia-lhe a sobrancelha direita. Podia se cortar o silêncio. Finalmente ficou tão denso que Knutas se viu obrigado a interrompê-lo.

- Como descreveria a relação entre vocês?
- Regular.
- Como regular?
- Me liga uma vez por semana. Sempre na sexta-feira.
- Se veem regularmente?
- Costuma vir aqui um par de semanas no verão, porém sempre fica em casa de amigas.
- Mas se veem então?
- Sim, claro que nos vemos.

* * *

A ordem de procura de Bengt Johnsson através do rádio interno da polícia deu resultado após um par de horas. Karin atendeu a ligação da polícia local de Slite. Tinha chegado à delegacia um rapaz que acreditava ter visto Johnsson, e Karin pediu para falar com ele.

- Creio que sei onde está o homem que estão procurando, disse do outro lado da linha um rapaz que parecia que estava mudando de voz.
- Ah, sim? Onde?
- Em Åminne, em uma casa de veraneio. É uma área próxima daqui com muitas residências.
- Você mesmo o viu?
- Sim, estava descarregando coisas de um carro junto a uma das casas.
- Quando?
- Ontem.
- É por que se pôs em contato com a polícia?
- É que o pai de meu melhor amigo é policial em Slite. Eu contei ao meu amigo que havia

visto um tipo estranho junto a uma das casas e ele contou ao pai.

— Por que lhe pareceu que era um tipo estranho?

— Porque estava sujo e vestia roupas rasgadas. Parecia nervoso e olhava todo o tempo ao seu redor como se não quisesse que o vissem.

— Ele lhe viu?

— Não, não acho. Eu estava detrás de uma árvore e esperei para passar por lá com a bicicleta até que tivesse entrado na casa.

— Estava sozinho?

— Acredito que sim.

— Pode me dar algum detalhe a mais sobre o seu aspecto?

— Muito velho, cinquenta ou sessenta anos. Muito gordo.

— Mais coisas, o cabelo, por exemplo?

— Tinha o cabelo castanho recolhido em um rabo de cavalo. Karin experimentou um ligeiro formigamento na boca do estômago.

— O que descarregava?

— Isso eu não consegui ver.

— E como o viu?

— Moramos ao lado desse loteamento. Eu voltava para casa depois de ter ido visitar um amigo.

— Pode indicar que casa era?

— Sim, claro.

— Posso falar com seus pais?

— Não estão nesse momento.

— Está bem. Fique em casa, estaremos aí dentro de meda hora.

* * *

Cinco minutos mais tarde Karin e Knutas estavam no carro a caminho do este em direção a Åminne, um lugar de veraneio muito concorrido na temporada de férias, na costa noroeste da ilha. A polícia local ia se dirigir ao domicílio do rapaz para esperar os seus colegas lá. Fora da janela do carro a escuridão invernal era quase impenetrável. Não havia luminosidade e a única guia era a luz dos faróis do carro e alguns postes que apareciam a intervalos regulares. Passaram alguma que outra casa em cujas janelas brilhava uma cálida luz. Uma lembrança de que também havia gente que morava no campo.

Quando chegaram à residência, o carro da polícia de Slite estava estacionado na entrada da garagem. O rapaz se chamava Jon e aparentava uns quinze anos. Acompanhado por seu pai, encabeçou a comitiva em direção ao loteamento. Apenas se podiam distinguir as casas. Sem as lanternas teriam tido que procurar às cegas. Quando iluminaram as residências viram que todas eram pintadas de vermelho escuro com as quinas brancas. Ao redor de cada uma se estendia um terreno plano rodeado por uma bonita cerca branca. Em uma noite de novembro como aquela, a solitária urbanização parecia quase fantasmagórica. Karin tiritou e subiu o zíper do casaco. Repentinamente descobriram luz em uma das casas mais afastadas, junto à borda do bosque. Knutas caiu de repente na conta de que deveriam ter pedido reforços. Ou cachorros. Johnson talvez não estivesse sozinho. Knutas procurou às cegas a arma no bolso interior do casaco. Karin era a única que não estava armada e precisou ficar um pouco afastada. Mandaram o rapaz de volta para casa. O restante ficou a

uns metros da residência com as lanternas apagadas para decidir como iriam agir.

Havia um velho Volvo Amazon estacionado junto à cerca. Knutas se aproximou agachado, seguido de perto pelos outros dois. Parou debaixo de uma janela, enquanto que os outros se colocaram cada um a um lado da porta. Dentro da casa não se ouvia nem um ruído. Com cuidado, Knutas se levantou o suficiente para poder olhar para dentro. Seu cérebro registrou em uns poucos segundos uma imagem completa do aposento: a lareira, a cadeira de balanço diante dela, a mesa com quatro cadeiras e uma lâmpada antiga pendurada por cima. Tudo muito acolhedor. Sobre a mesa havia umas quantas garrafas de cerveja. Knutas explicou por sinais aos seus colegas que ali não se via ninguém.

Repentinamente os três se sobressaltaram, alguém se moveu lá dentro, Knutas se agachou. Através das paredes se ouviram golpes e ruídos. Permaneceram expectantes. Doíam as pernas de Knutas e tinha os dedos congelados. A casa voltou a ficar em silêncio. Knutas olhou através da janela e viu as costas de um homem corpulento na cadeira de balanço. O rabo de cavalo indicava que se tratava de Bengt Johnsson. Tinha colocado mais lenha na lareira e as chamas eram tão altas que quase pareciam perigosas. Puxara a mesa e a havia colocado ao lado. Agora em cima dela havia uma garrafa de uísque que parecia recém-aberta. Ao lado, um copo e um cinzeiro. Estava fumando com o olhar fixo no fogo da lareira. Repentinamente se movimentou à frente para tomar um gole. Era Johnsson, sem dúvida. À direita da sala se via um móvel e parte da cozinha. Knutas teve a impressão de que se encontrava sozinho, porém não tinha certeza. Um dos policiais locais se moveu inquieto, fazia um frio glacial e nenhum deles estava está vestido para ficar muito tempo na intempérie.

De repente, Johnsson se levantou e olhou diretamente através da janela. Knutas se agachou tão depressa que caiu. Era impossível saber se o havia descoberto ou não, porém a sorte estava lançada. Colocou-se diante da porta apontando com a pistola e, após um gesto de assentimento dos outros dois, abriu-a dando um chute com todas as suas forças. Encontrou-se com o rosto perplexo de Bengt Johnsson. Estava visivelmente bêbado e havia voltado a se sentar na cadeira de balanço com o copo na mão.

— Mas quê merda...? Foi tudo o que conseguiu dizer quando os três polícias entraram na casa com as pistolas no alto.

O fogo crepitava agradavelmente na lareira e a luminária difundia uma suave luz. E lá estava o tipo, apazivelmente sentado. A situação era tão absurda que Knutas teve vontade de rir. Baixou a arma e lhe perguntou:

— Como está, Bengt?

— Bem, obrigado balbuciou homem junto à lareira. — Me alegro de que tenha vindo.

* * *

Cinco

Vários Meses Antes

ELA ESTAVA insegura, não sabia como devia agir. Era do dobro da sua idade. Na realidade deveria considerá-lo como um senhor bom e nada mais. Mas havia algo em sua maneira de tratá-la que fazia com que tudo fosse diferente. Costumava segurar uma mecha de seu cabelo e puxá-lo suavemente, brincando e provocando-a ao mesmo tempo. Ela sorria e lhe parecia uma situação embaraçosa precisamente porque estava consciente de que significava algo mais. Quando o seu olhar cruzava com o dele, às vezes estavam muito sérios e sentia como se a desnudasse com o olhar. E essa sensação não lhe era de todo desagradável. Inclusive chegava a pensar que era muito bonito quando o observava às escondidas. Era musculoso. Tinha o cabelo forte e brilhante, com algum grisalho incipiente nas laterais. As rugas dos olhos e da boca revelavam que tinha mais anos. Os dentes eram um pouco amarelados e torcidos, com numerosas obturações.

Como podia olhá-la daquela maneira se era tão mais velho, se perguntava. Era como se o seu olhar a tornasse mais velha do que era. Ainda que nem sempre estava pendente dela, às vezes podia ignorá-la totalmente. Então, para sua própria surpresa, se sentia decepcionada, como se desejasse que ele reparasse nela.

Uma vez lhe perguntou se queria que a levasse em casa. Dissera que sim, por que havia muito vento e a temperatura era de vários graus abaixo de zero. Tinha um carro grande e ela entrou nele. Colocou música, Joe Cocker, era seu preferido, disse sorrindo. Nunca havia ouvido falar de Joe Cocker. Ele perguntou o que ela costumava escutar. E quando não soube o quê dizer, ele começou a rir. Era muito agradável ficar naquele carro tão acolhedor e escutar a sua suave risada. De certa maneira, se sentia a salvo. Pelo simples fato de estar sentada naquele carro tão elegante, era como se ela mesma fosse mais importante.

* * *

Seis

Terça-feira 20 de Novembro

ODIA AMANHECEU com um sol pálido que apenas conseguia ascender pelo horizonte. O mar estava ainda relativamente quente e a neblina se elevava lentamente desde a superfície. O mar se confundia com o céu, e com a bruma era impossível distinguir onde acabava um e onde começava o outro. Uma gaivota grasnou entre as casas medievais dos comerciantes na Rua Strandgatan. A abrupta muralha do século XIII que rodeava a cidade de Visby era a melhor conservada da Europa. Do porto se ouvia o motor de um pequeno barco de pesca que entrava com as capturas de merluza da noite.

Knutas acabara de deixar Line no hospital, onde trabalhava como parteira. Ela começava a trabalhar às sete e meia e isso lhe caía maravilhosamente. Tinha tempo de levá-la antes da reunião da manhã. Estavam casados há quinze anos. Conheceram-se quando ele assistiu a um curso da polícia em Copenhague. Uma tarde foi com outro colega a um restaurante da Praça Gråbrödretorv. Line trabalhava lá como garçonete algumas horas, ao mesmo tempo em que estudava. Era uma quente tarde de verão e usava uma blusa de manga curta e uma saia negra. Tinha tentado arrumar o seu indomável cabelo vermelho com um passador, porém os cachos lhe caíam uma e outra vez sobre a testa. Era a pessoa mais bonita que ele havia visto. Anéis apareciam ao longo de seus dedos brancos como o leite. Cheirava a amêndoas e quando se inclinou sobre a mesa, o braço dela roçou o dele.

Jantaram juntos no dia seguinte e esse foi o princípio de uma paixão mais forte do que tudo o que havia conhecido até então. O ano seguinte foi cheio de apaixonados encontros, comoventes despedidas, longas ligações noturnas, dolorosas ausências e o convencimento recíproco e mais forte a cada dia, de ter encontrado à pessoa com quem compartilhar a sua vida. Line terminou os estudos e aceitou sem rodeos se casar com ele e se mudar para Gotland. Knutas acabava de ser nomeado chefe da Polícia Judicial e por isso decidiram começar a vida em comum na ilha. Acabou sendo uma decisão acertada. Line não teve nenhum problema em se adaptar. Com seu carácter alegre e comunicativo fez um monte de amizades novas e criou o seu próprio espaço. Em dois meses conseguiu um trabalho temporário no hospital de Visby. Compraram a casa e não se passou muito tempo antes que os gêmeos estivessem a caminho. Knutas já havia passado dos trinta e cinco quando se conheceram e anteriormente ele tivera um par de relações longas. Com Line estava disposto a fazer qualquer coisa.

Claro que tinham suas crises e discussões, como todo o mundo. Line tinha muito gênio e quando começava a discutir no dialeto dinamarquês da ilha de Fyn, ele não conseguia entender o que queria dizer. Com frequência não podia evitar de começar a rir, e ela se irritava ainda mais. Apesar de

tudo, suas discussões costumavam acabar bem quase sempre. Entre eles não havia rivalidade. Agora se aproximava o aniversário de Line e isso o estressava. Ela ia fazer quarenta e sete anos no próximo sábado, porém não tinha nenhuma ideia do quê iria comprar. Nesse momento tinha outras coisas em que pensar. O que queria era interrogar o quanto antes Bengt Johnsson. Tiveram que transferir o interrogatório, porque estava completamente bêbado quando o deteram. Smittenberg havia ordenado a detenção, como possível suspeito de assassinato ou homicídio. Era o grau mais baixo e teria que reforçar as provas contra Johnsson para poder levá-lo ante o tribunal. O promotor lhe dera três dias. Baseou a ordem de detenção no risco de que Johnsson atrapalhasse a investigação se continuasse em liberdade. Carecia de álibi na noite do crime e, além disso, trazia um monte de dinheiro cuja procedência não conseguiu explicar; vinte mil coroas, que eles imaginaram que fosse o dinheiro do prêmio de Dahlström. As impressões digitais que apareciam nas notas estavam sendo analisadas na Central de Impressões de Estocolmo e esperavam que a resposta chegasse ao longo da manhã. Se aparecessem entre elas as de Dahlström, a situação de Johnsson ia ficar complicada.

* * *

Emma ia pedalando para Roma maldizendo a hora em que havia decidido ir de bicicleta para o trabalho. Fazia muito frio e o vento aumentara quando saíra do pátio da escola e chegara na autoestrada. A escola Kyrkskolan ficava um pouco afastada da cidade. Emma acelerou a marcha para se aquecer. Normalmente costumava ficar na escola e trabalhar um par de horas mais, porém hoje pensava em ir ver uma amiga. Em seguida levaria as crianças ao centro para lanche, havia prometido. Precisavam também renovar o guarda-roupa.

A autoestrada estava vazia e silenciosa, o tráfego era escasso nesta época do ano. Passou junto a calçada que levava às ruínas do claustro, onde se representava Shakespeare no verão. Deixou para trás a escola de Roma e a piscina. Mais adiante, do outro lado da autoestrada, se alçavam os edifícios deteriorados da açucareira, que havia fechado. As janelas das construções de ladrilho amarelado abriam as negras faces para ela. A açucareira estivera em funcionamento durante mais de um século, porém a fecharam quando parou de ser rentável. A fábrica desmantelada permanecia lá como uma triste lembrança da passagem do tempo.

Levantou o rosto para o céu, fechou os olhos e respirou profundamente. Emma pertencia ao grupo dos que gostavam do mês de novembro. Um mês sem exigências, diferentemente do verão com todas as suas expectativas: organizar churrascos, excursões à praia, visitar amigos e familiares. E que Deus tivesse piedade de quem não estivesse ao ar livre quando brilhava o sol. Quando caía a escuridão do outono podia ficar dentro de casa, ver televisão durante o dia se tivesse vontade ou ler um bom livro. Passear sem se maquiar e andar em casa com um casaco bem velhinho. Em dezembro já haviam novos compromissos, comemorar o Advento, preparar comida e doces para Santa Lucia e o Natal, comprar presentes e enfeitar a casa.

Com seus trinta e cinco anos levava aparentemente uma boa vida. Casada, dois filhos, trabalho de professora e uma bonita casa no centro de Roma. Tinha muitos amigos e relações muito boas com os pais e sogros. Na aparência ia tudo bem, porém a sua vida sentimental era um caos. Jamais poderia imaginar que o afastamento de Johan ia lhe doer tanto. Imaginou que com o tempo tudo isso passaria. Como se equivocou. Nos últimos dois meses haviam se visto unicamente uma vez e só há

seis meses que se conheciam. Esse amor deveria ter morrido, se fosse visto com lógica. Mas os sentimentos e a lógica tampouco desta vez apareceram. Sua ausência era dolorosa. Ela se sentia agoniada e a mantinha acordada a noite.

Tinha tentado esquecer e seguir adiante. Via preocupação no rosto de seus filhos. Sara tinha oito anos e Filip um a menos. Às vezes lhe parecia que intuía o que estava acontecendo. Mais do que Olle. Ele continuava a sua vida diária como de costume. Parecia que acreditava que podiam continuar assim, um ao lado do outro sem se tocar, eternamente. Naqueles momentos eram como um par de velhos e bons amigos. Parecia que havia se agarrado à ideia de que era assim. Uma vez havia lhe perguntado como podia estar tão contente apesar de tudo. Queria lhe dar tempo, respondeu. Tempo depois do trauma que ela passara na morte de Helena e tudo o que se seguiu. Olle vivia ainda no erro de pensar que eram sequelas dos acontecimentos do verão anterior. E sim, era verdade que pensava muito na terrível morte de Helena. A ausência dela após a morte era dura. Parecia ver seu rosto em todos os lados: no supermercado, no pátio da escola ou caminhando pelas ruas de Visby.

No princípio acreditara que aquela tragédia era a razão pela qual havia se apaixonado por Johan. Que havia sofrido uma espécie de comoção emocional. Mas não pôde retirá-lo da cabeça. A má consciência lhe fazia sofrer muito. Pensar que era capaz de trair Olle de uma forma tão simples. Agora a conversa telefônica com Johan havia aumentado ainda mais a sua confusão. Claro que queria vê-lo, mas as consequências de um possível encontro a apavoravam. Quando olhava para Olle tentava recordar a imagem do homem que uma vez despertara nela a chama do amor. O homem a quem disse sim em frente ao altar. Continuava sendo a mesma pessoa. Iriam envelhecer juntos custasse o que custasse. Isso era o que havia decidido há muito tempo.

* * *

Johan começara a sentir as pontadas na parte superior da testa após o início da descida do avião. Maldito seja! Uma dor de cabeça era a última coisa que precisava agora. Junto com o seu colega, o fotógrafo Peter Bylund, alugara um carro no aeroporto e se dirigiram diretamente ao antigo local da televisão, que continuavam ainda a sua disposição. Eram situados ao lado do edifício da Rádio Gotland, no centro de Visby.

Cheirava a fechado. Nos cantos havia grandes bolas de sujeira como ovos de lá e os computadores estavam cobertos por uma fina capa de pó. Fazia tempo que ninguém ia lá. A primeira reportagem que tinham na ordem do dia, tratava do futuro do camping de Björkhaga. Um terreno para acampamento clássico de finais dos anos quarenta, situado em um local idílico junto a uma praia de areia fina na costa oeste da ilha. Durante os meses de verão ficava cheio de habitantes locais e turistas. Muitos eram clientes fixos que voltavam ano após ano porque apreciavam a sua tranquilidade, ainda que não dispusesse de todas as comodidades. Agora haviam transferido esse chão municipal para uma empresa particular. O plano consistia em converter o camping de Björkhaga em um moderno centro de veraneio. Os protestos dos habitantes do município e dos campistas não se haviam feito esperar.

A história contava com todos os elementos para poder se converter em uma boa reportagem

televisiva: imagens do camping solitário que havia alegrado a vida de tantas famílias ao longo dos anos, um intenso conflito entre a população local indignada e um empresário com visão para negócios e que contava com o apoio dos mandachuvas da prefeitura. Assim, um trabalho fácil. Já havia marcado as entrevistas de Estocolmo, só tinha que se colocar em marcha. Para Johan o maior desafio seria se manter afastado de Emma. Agora só os separavam uns poucos quilômetros.

* * *

A sala de interrogatórios era mobiliada simplesmente com uma mesa e quatro cadeiras. A gravadora era nova, como todo o restante. Era a primeira vez que era usada. Bengt Johnsson não parecia tão relaxado como na tarde anterior. Estava encolhido na cadeira com a roupa azul da prisão olhando de Karin para Knutas, que estavam sentados em frente a ele. Tinha o cabelo negro recolhido na nuca em um fino rabo de cavalo e os bigodes tão finos como as comissuras dos lábios. Concluídas as formalidades preliminares, Knutas se ajeitou para trás na cadeira e observou o homem suspeito de ter matado Henry Dahlström. Cada resposta seria de suma importância para a investigação. Criar confiança entre o interrogado e a pessoa que dirigia o interrogatório era de vital importância. Por isso Knutas se obrigou a si mesmo a ir devagar.

— Como está? Começou. — Quer beber algo?

— Sim, merda. Uma cerveja cairia muito bem.

— Sinto muito, porém não posso ajuda-lo nisso, sorriu Knutas. — Um refrigerante ou café?

— Uma coca-cola, então. Knutas chamou para pedir um refrigerante.

— Posso fumar?

— Sim, claro.

— Ótimo. Johnsson apanhou um cigarro dando uns golpezinhos em seu amassado maço de John Silver e o acendeu com certo tremor na mão.

— Pode nos contar quando foi a última vez que viu Henry?

— Foi no dia seguinte ao ganhar nas corridas. À tarde. Eu estava com um colega no centro e o Flash apareceu por lá. Eu já tinha bebido um pouco, por isso não me lembro muito bem. Interrompeu-se quando se abriu a porta e entrou um policial com o refrigerante.

— O que aconteceu?

— Conversamos um pouco.

— Quem era o colega que estava contigo?

— Chama-se Örjan. Örjan Broström.

— O que aconteceu depois?

— Flash foi embora.

— Como saiu dali, andando?

— Sim, foi andando até a parada do ônibus.

— Não voltou a vê-lo desde então?

— Não.

— Então isso foi na segunda-feira 12 de novembro, um dia depois das corridas.

— Sim.

— A que horas?

— Não estou muito certo, porém era de noite e a maioria das lojas já estava fechada. Quase não havia gente na rua, então seria muito tarde.

— A quê se refere? As dez, onze da noite?

— Não, não, merda. Não era tão tarde. Sete ou oito, talvez.
— E não voltou a ver Henry desde aquela noite?
— Não, não até que o encontramos no quarto de revelações.
— O porteiro diz que bateu em sua porta, é verdade?
— Sim.
— Por quê o procurava?
— Já estava a uns quantos dias sem vê-lo. E comecei a me preocupar, certo? Quando não se está vendo um colega por nenhum lugar.
— Por que foi até lá quando o encontraram? Fez-se um silêncio antes que Johnsson começasse a falar de novo.
— Bem, é que... Havia feito uma coisa, bom, uma grandíssima bobagem.
— Sim, disse Knutas. — Que foi que fez?
— No domingo estivemos nas corridas de cavalos, era o último dia, então parecia um pouco especial. Estávamos lá o Flash, Kjelle e eu, e as duas garotas, Gunsan e Monica. Estivemos comendo na casa do Flash antes de ir e em seguida quando ele ganhou quis comemorar e nós também, então fomos para a sua casa depois. Fizemos uma espécie de festa lá, à noite. Bengt se calou.

Knutas notou claramente o giro que havia dado o interrogatório. Agora começava a ficar interessante.

— Colocaram todo o dinheiro na mão do Flash lá no hipódromo, as oitenta mil coroas, em notas de mil. Mostrou-me onde as havia guardado, em um saco no armário da limpeza. Mais tarde, quando os demais estavam na sala de estar, não pude evitar. Pensei que talvez não notasse nada se eu levasse algumas notas. Eu andava muito fodido de dinheiro e o Flash andava bem ultimamente, então pensei que... Bom, é isso. Calou-se e olhou para os policiais com olhos suplicantes. — Mas eu não o matei, isso eu não fiz. Não poderia fazer jamais uma coisa assim. Mas apanhei parte do dinheiro.

— Quanto?
— Uns vinte mil, disse Johnsson em voz baixa.
— Na casa de veraneio só havia dez mil. Onde está o resto?
— Gastei. Isso de Flash foi muito duro.
— Mas, por que fugiu do porão? Repetiu Knutas.
— Tive medo que acreditassem que havia sido eu quem matara o Flash, já que havia apanhado o dinheiro.
— O que fez na tarde de 12 de novembro?
— Que dia foi?
— Segunda-feira passada, quando encontrou Henry junto à estação de ônibus.
— Como já disse, estive lá até as oito ou nove. Em seguida fui com Örjan para casa. Estivemos bebendo até que fiquei adormecido em seu sofá.
— Que horas eram então?
— Não sei.
— Onde mora Örjan?
— Na Rua Styrmansgatan, número 14.
— Está bem. Então ele poderá confirmar a sua declaração.
— Sim, ainda que estivéssemos muito bêbados, os dois.

Foram interrompidos por uns golpezinhos na porta. Era a resposta da Central de Impressões.

Fizeram uma pequena pausa e os policiais saíram a sala. Johnsson queria ir ao sanitário. Efetivamente, as impressões de Dahlström apareciam nas notas. O resultado carecia de importância se a polícia decidisse acreditar na história de Johnsson. Havia encontrado outras impressões, porém nenhuma que coincidissem com as do registro de criminosos.

— Que faremos agora? Perguntou Karin enquanto tomavam um café da máquina.

— Não sei. O que achou?

— Me parece que está dizendo a verdade, respondeu olhando para Knutas.

— A mim também. Se tivesse alguém que pudesse corroborar a sua declaração, deveríamos soltá-lo imediatamente. Parece-me que a respeito do roubo do dinheiro, nós deveríamos deixar de lado, no momento.

— O colega, esse tal Örjan, aparece um pouco por todo o lado. Deveríamos lhe fazer uma visita, sugeriu Karin.

— Terei que falar com Birger para ver o quê faremos com Bengt Johnsson, se vai continuar aqui ou não. Creio que o melhor é interromper agora o interrogatório. Quer ir almoçar?

Em Visby a oferta de restaurantes que servissem refeições ao meio-dia era limitada na época invernal. A maior parte dos locais abria só à noite, e por isso, quando queriam provar algo que não fosse a magra oferta da lanchonete da delegacia, acabavam normalmente no mesmo lugar. Com certeza saía mais caro, porém valia a pena. O Klostret era decorado no clássico estilo das pousadas e tinha um famoso cozinheiro. Seu dono, Leif Almlöv, era um dos melhores amigos de Knutas. Após cruzar as portas se encontraram com o ruído, o movimento e as corridas dos garçons. Todas as mesas estavam ocupadas. Leif os viu e os cumprimentou. Deu um ligeiro abraço em Karin e um aperto de mão em Knutas, enquanto seguia com o olhar a atividade ao seu redor.

— Bem. É assombroso com está cheio, exclamou Knutas.

— É uma convenção na cidade. Ontem foi igual. Uma loucura. Queriam almoçar?

— Sim, mas, em vez disso, vejo que teremos que nos conformar com um cachorro quente.

— Não, não, nem pensar, vou preparar uma mesa em seguida. Sentem um momento no bar. Gritou ao garçom que lhes servisse algo para beber, que a casa convidava. Após se sentar cada um em um tamborete com uma cerveja na mão, Karin acendeu um cigarro.

— Começou a fumar? Exclamou Knutas surpreso.

— Não, só fumo quando estou festejando ou quando tenho problemas.

— Ah, sim? E qual dos dois?

— O último. Tenho uma situação pessoal algo complicada.

— Quer falar disso?

— Não. Leif está fazendo sinais, já temos mesa.

Às vezes Karin o apanhava de surpresa. Sempre tão extremadamente reservada com a sua vida particular. É verdade que em algumas ocasiões falara de suas viagens, de sua família ou de algum evento ao que tivesse comparecido, porém quase nunca dizia algo importante. Não costumavam se encontrar fora do trabalho, salvo em alguma que outra festa. Knutas só estivera na casa de Karin em contadas ocasiões. Morava na Rua Melangatan, em um apartamento amplo com vistas para o mar. A única companhia masculina que havia ouvido falar com mais detalhes era de sua cacatua Vincent, que tinha a sua gaiola no meio da sala de estar. As histórias acerca dele eram muitas: Vincent, entre outras muitas coisas, era um campeão jogando ping-pong com o bico e assustando os convidados não desejados grunhindo como um cachorro.

Na realidade não sabia muito de Karin, fora de seu gosto pelo esporte. Jogava futebol na terceira divisão e, a julgar pelo que se dizia, era boa. De futebol se podia conversar sempre. Era meio-campista na equipe P18 de Visby e jogava em uma liga da Península, o que significava que a miúdo jogava fora da ilha. Knutas podia imaginar que, se atuasse no campo como no trabalho, seria dura na luta pela bola, apesar de ser muito pequena. Dividia sua paixão com Erik Sohlman. Podiam falar de futebol incansavelmente. Karin era de Tingstäde, uma paróquia ao norte da ilha. Seus pais continuavam morando em uma casa junto ao pântano de Tingstäde, quase em frente da igreja. Knutas sabia que tinha um irmão menor, porém nunca falava dele nem dos pais. Perguntava-se muitas vezes por que continuava morando sozinha. Karin era bonita e atraente, e quando chegara à delegacia de Visby, se sentiu algo atraído por ela. Foi um pouco antes de conhecer Line, então não teve tempo de prosseguir. Não se atrevia a perguntar a Karin diretamente por sua vida amorosa, a zelosa defesa de sua intimidade bloqueava qualquer tentativa que fosse nesse caminho. Mas, isso não lhe impedia de falar com ela de seus próprios problemas. Com certeza que dele ela sabia quase tudo, e a considerava sua melhor amiga. Chegou a refeição e se concentraram nela, famintos como estavam, ao mesmo tempo que falavam da investigação. Ambos achavam que Bengt Johnsson havia dito a verdade.

— Talvez o assassinato não tenha nada a ver com o prêmio que ganhou nas corridas, aventurou Karin. — O autor do crime roubou-o como uma manobra para despistar. Quer nos fazer acreditar que o motivo era o dinheiro. A questão é saber qual poderia ser o motivo então.

— Sabe se estava ligado a alguma mulher?

— Não. Essa tal Monica que estava nas corridas me disse que se deitavam juntos às vezes, porém que não era nada sério.

— E antes? Talvez tenha alguma história antiga que o seu atual círculo de amizade desconheça.

— Existe essa possibilidade, disse Karin dando o último gole na cerveja sem álcool com a qual havia acompanhado o peixe. — Poderia se tratar de alguma antiga ex que quisesse se vingar, de um marido ciumento que a mulher tenha enganado com Dahlström ou de algum vizinho cansado do alvoroço.

— Eu acho que de qualquer maneira a explicação será muito simples. O mais provável é que tenha a ver com o prêmio: alguém matou Dahlström para roubar o dinheiro, simples assim.

— Pode ser. Karin se levantou da mesa.

— Preciso ir, preciso interrogar esse tal Örjan Broström, o amigo de Bengan.

— Certo. Boa sorte.

A maioria dos clientes já havia saído do restaurante e Leif se sentou no lugar onde antes estava Karin. Serviu-se de uma cerveja em um copo congelado e deu um par de longos goles.

— Que suplicio. Praticamente todos os clientes queriam pedir a la carte, em vez de escolher as opções do dia. A cozinha foi um inferno e o cozinheiro ficou de mau humor e brigou com todo o mundo. Precisei intervir e consolar uma garçonete que estava a ponto de chorar.

— Pobrezinho! Riu Knutas. — É bonita? Leif fez uma careta.

— Sim, muito divertido, quando precisa tratar o pessoal como se fossem bebês. Este restaurante, às vezes, parece uma jardim-de-infância. Mas, já sabe, muita gente significa muito ruído na caixa e isso é o que faz falta nesta dura época invernal. E você?

— Muito trabalho, como você, a diferença é que não se nota aumento de ruído no caixa.

— Que tal vai a investigação?

— Temos uma pessoa detida, mas, entre nós, duvido que seja ele.

— Não será algum de seus amigos de bebedeira?

— É o mais provável, cortou Knutas. Em que pese que Leif e ele fossem bons amigos, não gostava de falar das investigações que tinha entre mãos. Leif sabia perfeitamente e respeitava. — Como estão Ingrid e as crianças?

— Bem. Esta manhã reservei uma viagem a Paris. Penso em surpreendê-la com uma semana romântica depois do Ano Novo. Faremos então quinze anos de casados.

— Já se passou tanto tempo?

— Incrível, porém é verdade.

— Você sempre teve boas ideias. Eu nem sequer sei o que comprar para Line de presente de aniversário. Tem alguma proposta?

— Ah, não, isso terá que se virar sozinho. Eu já fiz a minha parte no aniversário de sua mulher. Agora só me envolvo a partir do aniversário dela de oitenta anos.

Knutas sorriu. Quando Line, sua mulher, fizera quarenta anos ele atravessava uma difícil situação econômica. Então os Almlöv se portaram estupendamente com eles: colocaram a sua disposição o local e os garçons para a festa de aniversário. Além disso, Leif conhecia os integrantes de uma orquestra e conseguiu que tocassem de graça. Seu amigo era muito considerado e generoso. Os Almlöv haviam convidado Knutas e sua família tanto para a casa que tinham nas montanhas quanto para o apartamento que tinham na Costa do Sol. Ambas as famílias estavam em níveis muito diferentes economicamente. Knutas no princípio se chateava, porém com o tempo havia aceito a diferença. No tocante ao dinheiro, Leif e Ingrid tinham uma relação relaxada e nunca falavam dele. Knutas pediu a conta, porém Leif não o deixou pagar. Cada vez que Knutas ia lá tinham a mesma discussão.

* * *

Johan estava diante do caixa automático da Rua Adelsgatan quando a viu. Vinha andando da Porta Sul com uma criança em cada mão. Falava e ria com eles. Alta e magra, com seus cachos cor areia caindo reto sobre os ombros. Quando voltou a cabeça, viu o perfil de sus pômulos altos. Usava jeans e um casaco cor mostarda, um lenço listrado ao redor do pescoço. Ficou com a boca seca e se voltou. Olhou para o caixa. “Deseja o comprovante desta operação?” Deveria se virar e dizer alô? A ligação da noite anterior complicava tudo. Não sabia se continuava irritada. Nunca havia falado com as crianças, só as havia visto de longe. Olharia para ele ou passaria ao largo? Não havia quase ninguém na rua, o que significava que iria vê-lo. Sentiu uma ligeira sensação de pânico e se voltou. Emma havia parado em frente a uma vitrine um pouco mais adiante. Armou-se de coragem.

— Alô! Fixou o olhar nos deslumbrantes olhos da mulher.

— Alô, Johan. As crianças, com as faces vermelhas e gorros de cores vivos, o olharam com curiosidade. Um era um pouco mais alto que o outro.

— Vocês devem ser Sara e Filip, disse estendendo a mão. — Eu sou Johan.

— E como sabe como nos chamamos? Perguntou a criança com o acento de Gotland. Se parecia incrivelmente com a mãe. Uma Emma em miniatura.

— A sua mãe me contou. A presença de Emma fazia lhe tremer os joelhos.

— Johan é um amigo meu, poderíamos dizer assim, explicou Emma a crianças. — É jornalista da televisão e mora em Estocolmo.

— Trabalha na televisão? Perguntou a criança com os olhos como pratos.

— Eu já o vi na televisão, afirmou o garoto, que era menor e mais ruivo.

Johan estava acostumado a que as crianças afirmassem que o haviam visto, ainda que sabia que a probabilidade era pequena. Ele só aparecia nas poucas ocasiões em que o repórter precisa explicar aos telespectadores o que estão vendo nas imagens. Não lhe deu maior importância.

— Verdade?

— Sim, disse o rapaz com solenidade.

— Voltou? A pergunta de Emma soou indiferente.

— Estou aqui com Peter. Estamos realizando uma reportagem sobre o camping de Björkhaga.

— Ah, sim? Disse ela com desapego.

— E você?

— Bem. Sim. Muito bem. Deu uma rápida olhada ao redor como se tivesse medo de que alguém pudesse reparar neles. — Trabalhando, como sempre. Tenho muito que fazer. Johan sentiu uma crescente irritação. — Quanto tempo vai ficar? Perguntou Emma.

— Volto para casa amanhã ou depois. Não está decidido ainda. Depende um pouco. Fez-se um silêncio entre os dois.

— Mamãe, vamos. Filip puxava o braço de Emma.

— Sim, querida, já vou.

— Podemos nos ver? Precisava perguntar, ainda que já houvesse lhe dito que não.

— Não. Não sei. Emma desceu o olhar. As crianças puxavam-na. Já não faziam caso dele, queriam prosseguir.

— Mamãe! Reclamaram.

De repente, ela olhou-o diretamente nos olhos. Dentro dele. Tudo parou durante um breve segundo. Em seguida disse o que ele estivera esperando:

— Ligue para mim.

* * *

O apartamento de Örjan Broström ficava no terceiro andar e as janelas davam para a Rua Styrmansgatan. Quando bateram na porta, um cachorro começou a latir como louco. Alternava os latidos com profundos grunhidos. Instintivamente deram um passo atrás.

— Quem é? Ouviu-se uma voz de homem do outro lado que perguntava.

— A polícia, abra a porta, ordenou Wittberg.

— Um momento, replicou a voz.

Como puderam verificar, Örjan não estava sozinho em casa. Na cozinha havia dois homens musculosos com a cabeça raspada, jogando cartas, bebendo cerveja e fumando. Falavam algum dos idiomas da Europa do Este.

— Quem são seus amigos? Perguntou depois de se sentar na sala de estar.

— Uns colegas de Estocolmo.

— De Estocolmo?

— Sim.

Örjan Broström a olhou mal-humorado. Usava uma camiseta sem mangas que deixava a

descoberto seus musculosos bíceps e sua pele branca como leite. E, sem mencionar todas as tatuagens. Para o seu espanto, Karin observou que usava algo parecido a uma cruz gamada tatuada em um ombro. Tinha o cabelo engordurado e uma expressão dura no rosto. Segurava com uma mão a correia do cachorro, que não parou de grunhir enquanto ele acendia um cigarro. Olhou-o em silêncio através da fumaça, com os olhos entornados. Um velho truque entre os criminosos, deixe sempre que a polícia fale primeiro.

— Conhecia Henry Dahlström?

— Conhecer, conhecer... Sabia quem era.

— Sabe o que lhe aconteceu?

— Sei que morreu.

— Quando o viu pela última vez?

— Não me lembro.

— Pense um pouco mais, pois podemos continuar este interrogatório na delegacia, Talvez isso o ajude a recordar, apontou Wittberg.

— Não acho que seja necessário. Fez um gesto que talvez pretendesse parecer um sorriso.

— Então terá que colaborar um pouco mais. Pode começar tentando recordar quando foi a última vez que o viu.

— Foi no centro, nos só víamos lá. Na realidade não éramos amigos.

— Porquê não?

— Aquele velho? Um velho bêbado? Por que eu iria querer ser amigo dele?

— Não sei, e você?

Wittberg se voltou para Karin, que meneava a cabeça. Era difícil para ela relaxar naquele apartamento tão pequeno e com o cachorro do outro lado da mesa sem tirar os olhos deles. Além disso, o fato de que estivesse todo o tempo grunhindo não contribuía para melhorar as coisas, nem tampouco o seu rabo estendido. Tinha vontade de acender um cigarro, ela também.

— Pode tirar o cachorro daqui? Pediu.

— Quem? O Hugo?

— Chama-se assim? Parece demasiado inocente para um cachorro como este.

— Tem uma irmã que se chama Josefina, brincou Örjan enquanto levava o cachorro para os homens que estavam na cozinha.

Ouviram que trocavam umas palavras e em seguida soltaram uma insolente gargalhada. A porta da cozinha se fechou. Örjan voltou e deu uma olhada brincalhona para Karin. Esta pensou que aquilo era até agora o primeiro sinal de vida que havia aparecido em seus olhos.

— Onde o viu a última vez? Voltou a perguntar Wittberg.

— Deve ter sido naquela vez à tarde, há uma semana, quando estava com Bengan na parada de ônibus. O Flash passou por lá.

— Que faziam?

— Estávamos bebendo.

— Há quanto tempo?

— Não sei, meia hora, talvez.

— Eram que horas?

— Ao redor das oito, creio.

— Pode recordar que dia foi isso?

— Foi na segunda-feira passada, porque na terça fiz outra coisa.

— O quê?

— É algo pessoal. Nenhum dos policiais se preocupou em continuar lhe perguntando sobre o tema.

— Esteve na casa de Henry Dahlström alguma vez? Perguntou Karin.

— Não.

— E em seu quarto de revelações? Örjan negou com a cabeça.

— Mas Bengan e ele eram bons amigos e você andava com Bengan. Como é possível que nunca foi lá?

— Não apareceu a ocasião. Além disso, merda, acabo de me mudar, só estou há três meses morando aqui.

— Está bem. O que fez em seguida na segunda-feira à tarde, quando Dahlström foi para casa?

— Bengan e eu continuamos sentados um tempo, ainda que estivesse fazendo um frio do cacete, e em seguida fomos para a minha casa.

— O que fez?

— Sentamos no sofá, vendo a televisão e bebendo.

— Estavam sozinhos?

— Sim.

— O que aconteceu depois?

— Adormecemos no sofá os dois. Eu acordei à meia-noite e fui para a cama.

— Alguém pode confirmar que está dizendo a verdade?

— Não.

— Bengan esteve contigo toda a noite?

— Yes.

— Está certo disso? Acaba de dizer que adormeceu.

— Ele adormeceu antes de mim.

— O que fez então?

— Zapeei um pouco na televisão.

— O que viu?

— Não me lembro. Foram interrompidos por um dos tipos musculosos:

— Örjan, Hugo está inquieto, vamos levá-lo para dar uma volta. Örjan olhou o seu relógio de pulso.

— Bem, sim, com certeza precisa sair. A coleira está pendurada em um gancho da entrada. E não o deixem comer folhas, poderá ser fatal.

“Fantástico”, pensou Karin. “Que consideração.” Deixaram Örjan Broström sem ter feito nenhum progresso. Com certeza não era uma pessoa à qual desejassem voltar a ver.

* * *

Quando Knutas retornou a sua sala após o almoço, bateram à porta. Norrby, uma pessoa normalmente comedida, parecia presa de um entusiasmo que há muito tempo que não via em seu colega.

— Escute só, falou, sacudindo uns papéis. Deixou-se cair em uma das poltronas da sala. — Estas são cópias do extrato bancário da conta de Henry Dahlström. Durante muitos anos só teve uma

linha por mês onde aparecia o dinheiro da pensão, disse Norrby apontando as cifras no papel. — Há quatro meses abriu outra conta. Nela foram feitos depósitos em duas ocasiões e o mesmo valor nas duas vezes. O primeiro em 20 de julho, entrando na conta vinte e cinco mil coroas. O segundo, foi depositado há pouco, em 30 de outubro; e a importância foi a mesma, vinte e cinco mil.

— De onde veio o dinheiro?

— É o que precisamos descobrir. Norrby se jogou para trás na cadeira e estendeu as mãos num gesto teatral. — Aqui temos uma nova pista!

— Parece então que Dahlström estava metido em algum negócio sujo. Eu tive todo o tempo a sensação de que o motivo de sua morte não seria o roubo. Precisamos convocar uma nova reunião.

Knutas olhou o relógio. — São quinze para as duas.. Às duas e meia? Pode informar aos demais?

— Sim, claro.

— Enquanto isso eu vou ligar para o promotor, Birger deveria também estar presente.

* * *

Quando a Brigada de Homicídios estava reunida, Norrby começou a explicar os depósitos na conta de Dahlström. Na sala a concentração era evidente. Todos se movimentaram automaticamente para diante e Wittberg deu um assobio.

— Podemos descobrir de onde vem o dinheiro?

— Quem depositou o dinheiro utilizou o formulário normal para isso. Nele não aparece nenhum dado da pessoa que o fez. Não obstante, temos a data do depósito.

— E as câmeras de vigilância? Propôs Karin.

— Já pensamos nisso. O banco guarda por um mês as gravações das câmeras. Com um pouco de sorte, poderemos rastrear a pessoa que depositou o dinheiro. Neste momento, já foram apanhar as gravações. O primeiro depósito, do mês de julho, já foi apagado, porém temos o de outubro.

— Eu falei com o laboratório, trabalham a marcha forçada com as provas encontradas no quarto de revelações e no apartamento e, se tudo correr bem, teremos a resposta no final desta semana, informou Sohlman. — Temos também as impressões digitais e das mãos encontradas na janela do porão. Já comparamos com as do registro de criminosos, elas não aparecem lá, pelo que, se forem do autor do crime, não foi condenado anteriormente.

— E a arma do crime? Inquiriu Wittberg. Sohlman negou com a cabeça.

— Não encontramos nada até o momento, porém tudo aponta para que se trate de um martelo normal, dos que se podem comprar em qualquer supermercado.

— Ok, prosseguiremos com a investigação como de costume, porém nos concentrando em descobrir em quê andava metido Dahlström. Quais pessoas ao seu redor poderiam saber alguma coisa? O porteiro? A filha? Ela ainda não foi interrogada formalmente. Ampliaremos os interrogatórios para todas as pessoas que estiveram em contato com Dahlström ou que pudessem tê-lo visto na noite do crime: o motorista do ônibus, os empregados do quiosque e das lojas, mais próximas da área.

— O hipódromo, interveio Karin. — Deveríamos entrar em contato com o pessoal das corridas.

— Mas a temporada já terminou e ele está fechado, observou Wittberg.

— Sim, porém todas as cavalariças estão funcionando, continua o treinamento dos cavalos, o pessoal e os jôqueis estão lá. Foi precisamente nas corridas onde ganhou o dinheiro.

— Tem razão, afirmou Knutas. — Uma outra coisa antes de terminar, precisamos ver o modo de agir ante os meios de comunicação. Por sorte, até agora nenhum jornalista prestou especial atenção a este caso; como sabem, não fazem nada quando se trata de uma briga entre bêbados. Mas o interesse aumentará se chegarem a saber do dinheiro. Vamos mantê-lo em segredo, não digam nada a ninguém. Sabem com quê facilidade se propagam as notícias. Se algum jornalista perguntar algo acerca da investigação, enviem-nos para mim ou para o Lars. Parece-me também que é o momento de pedir ajuda à Polícia Nacional. Já solicitei reforços. Amanhã chegaram aqui dois investigadores.

— Espero que Martin possa vir, disse Karin. — Seria divertido. Ouviu-se um murmúrio de aprovação.

Knutas também gostava de Martin Kihlgård. Este os havia ajudado na investigação do verão anterior, porém a relação não fora isenta de complicações. Kihlgård era alegre e agradável, porém se fazia notar constantemente e tinha pontos de vista sobre quase tudo. No fundo, Knutas era consciente de que a sua susceptibilidade com Kihlgård podia estar relacionada com um complexo de inferioridade dos policiais do corpo nacional. Além disso, o fato de que seu colega fosse tão sinceramente apreciado por Karin não contribuía precisamente para melhorar as coisas.

* * *

Com um zumbido e um clique colocaram a fita no reproduzidor de vídeo. Knutas e Karin se encontravam sozinhos na sala do primeiro. Um flash cinzento e em seguida apareceu o interior do banco em branco e preto. Tiveram que acelerar a fita um pouco até chegar à hora que procuravam. O relógio que aparecia acima, na direita, marcava 12.23 do dia 30 de outubro. Quase cinco minutos antes que alguém depositasse o dinheiro na conta de Dahlström. O local estava muito cheio, pois era hora do almoço. A sucursal do banco se encontrava no centro comercial Östercentrum e muita gente aproveitava a pausa da refeição para atender aos seus assuntos bancários. Tinha duas caixas funcionando, uma atendida por uma moça e a outra por um rapaz. Nas poltronas junto à janela que dava para a rua haviam quatro pessoas sentadas: um senhor idoso que portava uma bengala, uma jovem com cabelos longos e ruivos, uma mulher obesa de idade mediana e um jovem de terno. Knutas pensou que, talvez, nesse momento estivesse vendo o assassino de Henry Dahlström.

Abriu-se a porta e entraram outras duas pessoas no banco. Parecia que não estavam juntos. Primeiro um homem de uns cinquenta anos. Usava um casaco cinzento e uma viseira quadriculada, calças e sapatos escuros. Avançou com decisão e apanhou o seu número. Atrás dele entrou outro homem, muito alto e magro. Caminhava com as costas um pouco encurvadas. Evidentemente já tinha número, porque se colocou junto às caixas como se fosse chegar a sua vez em seguida. Quando se voltou e olhou redor do local, Knutas viu que trazia uma câmera no pescoço. Reconheceram-no imediatamente. Esse homem era Henry Dahlström.

— Que sacana! Bufou Knutas. — Ele mesmo depositava o dinheiro.

— Outra pista que não dá em nada. Típico. Era muito fácil. Karin acendeu a lâmpada do teto.

— Recebia o dinheiro e depois o depositava. Impossível de seguir a pista, falando claro.

— Que má sorte. Mas como é possível que essa pessoa não fizesse simplesmente uma transferência para a conta de Dahlström? Se tivesse tanto medo de que o descobrissem, ao se encontrar com Dahlström e entregar o dinheiro, corria um risco muito maior que ao fazer uma transferência.

— Realmente é estranho, reconheceu Karin. — Me pergunto de onde saía esse dinheiro. Estou convencida de que tem algo a ver com as corridas. Dahlström jogava regularmente e as corridas sempre atraem as pessoas sem escrúpulos. Pode ser que tenha havido lá algum assunto turvo, Talvez algum ajuste de contas entre criminosos. Dahlström, talvez, tinha que vigiar e tirar fotos para alguém que queria ter os seus rivais sob controle.

— Está vendo filmes demais, disse Knutas.

— Ei! A propósito de cinema, exclamou Karin e olhou o relógio. — Preciso ir.

— Que vai ver?

— Vou ao Roxy a ver uma comédia negra turca. É um passe especial.

— Com quem?

— Isso é o que gostaria de saber, não é? Piscou-lhe o olho tentando irritá-lo e desapareceu pelo corredor.

— Por quê precisa ser tão condenadamente reservada? Gritou.

* * *

Sete

Vários Meses Antes

TINHA VINDO para casa depois da aula e ela estava vazia. A sensação de alívio se mesclava com certa dose de culpa. Ultimamente, quanto menos via a mãe, melhor se sentia. Ao mesmo tempo lhe parecia que não era normal que fosse assim. As pessoas deveriam gostar da mãe. Além disso, só tinha a ela. Abriu a geladeira. Também hoje a mãe não havia feito compras. Não se importava, agora precisava estudar. O exame de matemática a preocupava, matemática nunca havia sido o seu forte. Acabava de apanhar os livros e de afilar os lápis quando tocou o telefone. O som a fez estremecer na cadeira. Não costumava se ouvir muito o telefone em sua casa. Para seu espanto, era ele, queria convidá-la para jantar. Ficou tão surpresa como insegura e não soube o que dizer.

— Alô? Ainda está aí? Sua voz era suave no fone.

— Sim, conseguiu dizer, e sentiu que lhe ardiam as faces.

— Pode? Quer?

— Preciso estudar, tenho exame.

— Mas terá que comer, não é?

— Sim, claro, disse ela vacilante.

— Sua mãe está em casa?

— Não, estou sozinha. Sua voz soou mais decidida.

— Bem, então será muito simples. Se tiver estudando agora para o exame como uma jovem aplicada, então posso passar para apanhá-la às sete. Jantamos e depois a levo diretamente para casa. Isso não tem nada de ruim. Assim também terá tempo para estudar.

Parecia tão interessado que se sentiu obrigada a dizer que sim. Do quê falariam? Ao mesmo tempo, era atraente a possibilidade de ir a um restaurante. As ocasiões em que saíra para comer fora, se contavam nos dedos de uma mão. A última vez foi durante uma desafortunada viagem de férias no verão anterior. Sua mãe havia alugado um carro para uma semana. Pegaram o barco até Oskarshan para viajar pela Escania, com a intenção de se alojarem em albergues. Choveu a cântaros o tempo todo e sua mãe bebeu todos os dias. Na última noite foram a um restaurante chinês e a mãe começou a falar com um grupo de turistas dinamarqueses. Beberam todas, armaram um tremendo alvoroço, e sua mãe ficou tão bêbada que caiu da cadeira arrastando consigo a toalha da mesa. Fanny só queria que a terra a engolisse.

Sentou-se à mesa da cozinha com os livros de matemática se perguntando a qual restaurante iriam. Melhor que não fosse um lugar muito elegante. O que deveria vestir? Definitivamente, assim não podia se concentrar na matemática. Por quê havia aceitado? Por quê a convidava a sair? Embora

esses pensamentos lhe dessem voltas na cabeça, não podia evitar se sentir satisfeita. Repentinamente ouviu a chave na fechadura da porta e a voz de sua mãe na entrada.

— Assim, assim, Mancha, bom cachorro, uf, que patas mais sujas! Onde está a toalha? Fanny continuou sentada na cadeira sem dizer nada. Contou os segundos: 1, 2, 3, 4... Em seguida escutou. Desta vez havia demorado quatro segundos.

— Fanny. Fanny! Levantou-se devagar.

— O que aconteceu? Gritou.

— Venha me ajudar, por favor. Minhas costas estão doendo. Pode dar um banho em Mancha? Está tão sujo. Fanny segurou o cachorro pela pele da parte posterior da cabeça e o levou diretamente ao banheiro. Sua mãe continuava falando. Evidentemente estava num de seus dias animados.

— Fomos até o prado de Strandgärdet. Ali encontrei uma mulher muito agradável que tem um poodle. Acaba de se mudar para cá. O cachorro chama Salomão, imagina? Mancha se deu muito bem com ele. Os soltamos e se meteram na água apesar do frio que está fazendo. Em seguida se enfiou no barro. Por isso está tão sujo., Deus, como estou com fome. Fez as compras?

— Não, mamãe. Acabo de chegar da escola. Tenho exame de matemática, preciso estudar. Como de costume, ela não escutava. Fanny a ouvia fazendo ruído e abrindo os armários da cozinha.

— Não temos nada no congelador? Sim, ótimo. Um gratinado de peixe. Preciso comer. Quanto tempo precisa ficar isso no forno? Quarenta minutos. Deus meu, assim vou morrer de fome. Tenho vontade de fazer pipi. Uuuh. Entrou correndo no banheiro e se sentou para urinar, enquanto Fanny, apertando os dentes, lavava diligentemente as patas do cachorro.

Era incrível que a mãe tivesse que expressar todas as necessidades dela em voz alta e com todo luxo de detalhes, todo o tempo, para que todos soubessem a todo momento como se sentia. A irritação lhe martelava dentro da cabeça.

— Seque-o bem para que não fique com frio, disse a mãe enquanto secava a si mesma.

— Sim, mamãe. Que bom seria se ela pudesse ser objeto dessa mesma consideração alguma vez. Quando saiu do banheiro, sua mãe estava jogada no sofá com os olhos fechados.

— Está cansada?

— Sim, preciso descansar um pouco antes de ir para o trabalho. Coloca o gratinado quando o forno estiver quente?

— Certo.

Sentou-se na cozinha. Sua mãe parecia que adormecera. “Se comporta como uma criança grande”, pensou Fanny enquanto colocava a mesa. Eram quatro horas. Restavam-lhe três horas. Duas para estudar, esperava, e uma para se aprontar.

— Você não vai comer? Perguntou a mãe quando Fanny pôs o gratinado sobre a mesa.

— Não, não tenho fome. Depois comerei alguma coisa.

— Ah, bom, respondeu a mãe, que já tinha o pensamento em outro lugar.

Fanny esteve a ponto de lhe falar da divertida representação teatral que havia visto na escola, porém se deu conta de que a mãe, de qualquer maneira, não ia conseguir se concentrar e escutar. Não valia a pena contar.

* * *

Oito

Na Atualidade

A DECEPÇÃO pela fita de vídeo continuava atormentando Knutas naquela tarde enquanto dirigia a curta distância até sua casa. Tremia de frio no carro gelado. Line se queixava de sua teimosia em continuar com aquele velho Mercedes, já que podiam se permitir comprar um carro novo. No momento, conseguira convencê-la a mudar de ideia. Dois automóveis custavam muito dinheiro e muitos problemas; além disso, não havia espaço fora da casa. E não gostaria de se desfazer de seu velho Mercedes-Benz, aqueles assentos gastos conservavam muitas lembranças, muitas experiências. Era como se o carro e ele tivessem um amor recíproco. Quando estacionou o carro, havia luz em todas as janelas. Um bom sinal, indicava que todos já haviam chegado. Tinha vontade de passar uma tarde tranquila com a família, porém ao abrir a porta não encontrou precisamente com um paraíso familiar.

— Não vou fazer! Não me importa o que ela disse! Nils subiu a escadas dando golpes e batendo as postas. Petra estava sentada junto à mesa da cozinha. Line estava volta de costas. Ele notou em seguida, por sua forma de se mover, que estava irritada.

— O que está acontecendo aqui? Knutas fez a pergunta antes de retirar sequer o casaco. Sua mulher se virou. Tinha o pescoço vermelho e o cabelo revirado.

— Nem me fale. Tive um dia horrível.

— O que estão fazendo? Perguntou Knutas acariciando a cabeça da filha, após o que esta se levantou disparada da cadeira.

— “O que estão fazendo?”, Imitou a criança irritada. — Pergunte a ele, o que ele está fazendo. Meu irmãozinho! E subiu a escadas batendo a porta também.

— Tive um dia terrível no trabalho e isto é mais do que posso aguentar, disse Line. — Veja se consegue resolver.

— Aconteceu algo especial?

— Em seguida falamos disso. Knutas pendurou o casaco, retirou os sapatos e subiu as escadas em largas passadas. Juntou as crianças no quarto e se sentou na borda da cama com as duas.

— Contem-me agora o que aconteceu.

— Bem, íamos ajudar a colocar a mesa, porém primeiro tínhamos que esvaziar o lava-louça e guardar tudo enquanto mamãe fazia o jantar, disse Nils. — Eu apanhei a cesta dos guardanapos e comecei a colocá-los. Então Petra chegou dizendo que isso quem ia fazer era ela.

— Não foi assim!

— Cale-se! Agora eu estou falando. Claro que foi assim. Você a retirou das minhas mãos ainda que eu já tivesse começado. Petra começou a chorar.

— É verdade? Perguntou Knutas com paciência se dirigindo à filha.

— Sim, porém é ele sempre que coloca os guardanapos, só porque é o mais fácil. Pensei que tocava a mim. Queria colocar, porém ele não queria. Então mamãe se irritou e disse que parássemos com as bobagens e então Nils me chamou de boba. O rosto de Nils ficou vermelho de indignação.

— Sim, mas eu já havia começado! Você não pode chegar e mudar tudo! E ainda por cima mamãe e gritou que a culpa é minha! Knutas se voltou para a filha.

— Está claro que não pode, sem mais, retirar a cesta dos guardanapos de Nils quando ele já está colocando, mas, ainda assim, Nils, a partir de agora terão que guardar nas coisas que cada um retirar do lava-louça. E pensem que mamãe está cansada e que para ela não é divertido ver que os filhos estão brigando quando está tentando preparar o jantar. Além disso, Nils, não pode dizer a sua irmã que ela é uma boba.

— Desculpe, disse incomodado. Knutas segurou as duas crianças e os abraçou. Petra se suavizou, porém Nils ainda continuava irritado e se soltou de seus braços.

— Vamos aqui, não foi para tanto.

— Deixe-me, gritou Nils olhando irritado para o pai. Knutas falou a sós com Nils e ao cabo de um tempo o convenceu para que, relutantemente, descesse para jantar. Line parecia esgotada.

— O que aconteceu? Perguntou Knutas quando por fim tudo se acalmou.

— Aconteceu uma coisa no trabalho. Depois lhe contarei.

— Não, nós também queremos ouvir, protestou Petra.

— Não sei, é uma história tão desagradável, advertiu Line.

— Por favor, mamãe, conte.

— Está bem, nesta manhã entrou uma mulher que tinha contrações, ia a dar a luz ao seu primeiro filho. Tudo ia bem, porém quando começou a empurrar não conseguíamos apanhar a criança. Anita pensou que devíamos lhe dar uma epidural para que passassem as dores, porém eu queria esperar. Começou a chorar ao contar. Knutas lhe segurou a mão por cima da mesa. — Em seguida começaram a diminuir rapidamente as batidas do coração da criança, então precisamos fazer uma cesariana de urgência. Mas já era tarde. A criança morreu. Eu me sinto como se tivesse sido culpa minha.

— Claro que não foi culpa sua. Fez o que pôde, afirmou Knutas.

— Que pena. Pobre mamãe, consolou-a Petra.

— Não é de mim de quem deve ter pena. Vou subir para me deitar um pouco. Line suspirou profundamente e se levantou da mesa.

— Quer que suba consigo?

— Não, quero ficar sozinha.

Para Line, o trabalho significava, na maior parte das vezes, uma fonte de alegria, mas, quando algo ia mal, se torturava a si mesma e não parava de pensar em como haviam se desenvolvido os acontecimentos. Podiam ter feito de outra maneira? E se tivessem feito isto em vez daquilo? Bem “Também não era tão estranho”, pensou Knutas. Line trabalhava todos os dias com casos que estavam entre a vida e a morte. Exatamente como ele.

Nove

Quarta-feira 21 de Novembro

PIA DAHLSTRÖM era alta, morena e muito bonita. Não se parecia nada com os pais, nem no aspecto físico nem no carácter. Vestia calças negras, casaco e sapatos de salto alto. Usava o cabelo recolhido em um coque. Chegara cedo, porque tinha que viajar nessa mesma manhã. Somente eram sete horas e as dependências policiais ainda estavam vazias. Knutas a convidou para um café que ele mesmo havia tido o trabalho de preparar. Ninguém costumava se preocupar em fazer o café como Deus manda, ainda que a cafeteira ficasse justamente ao lado da triste máquina de café. Conversaram um pouco enquanto tomavam o café. Pia lhe recordava Audrey Hepburn nos velhos filmes dos anos cinquenta. Tinha os olhos grandes e negros pintados com uma risca negra bem marcada, como a estrela do cinema. Quando terminou de tomar o café, se acomodou no sofá que Knutas tinha reservado para as visitas.

— Pode me descrever como era a relação que mantinhas com seu pai? Perguntou Knutas, e pensou que parecia um psiquiatra.

— Não mantínhamos uma relação estreita. Seu alcoolismo nos impedia. Bebia cada vez mais a medida que me ia ficando mais velho, ou também é possível que eu notasse isso cada vez mais, ao ir crescendo. Moveu ligeiramente a bela cabeça. Não se descolocou nem um fio de cabelo. — Nunca se preocupou comigo, continuou. — Nem uma só vez me acompanhou a uma aula de equitação nem a uma exibição de educação física. Sempre era a mamãe a que ia às reuniões de pais para falar com os professores. Não consigo me lembrar que se sacrificasse uma só vez, que tenha feito realmente algo por mim. Não, não lhe tinha muito apreço.

— Posso compreendê-la, disse Knutas.

— Fala o dialeto de Gotland, porém tem acento dinamarquês, ela notou sorrindo.

— Sou casado com uma dinamarquesa, com certeza que se nota. Como reagiu quando comunicaram que seu pai havia falecido?

— Senti um vazio, nada mais. Se não fosse assassinado, a bebida o teria matado. Quando era mais jovem, ficava irritada com ele, porém superei com o tempo. Era a vida que escolheu. Teve todas as oportunidades: um trabalho estimulante, uma família e uma casa. Mas escolheu a garrafa em vez da mamãe ou de mim.

— Quando foi a última vez que teve contato com ele?

— No mesmo dia que consegui meu diploma na escola, disse sem se emocionar.

— Isso deve de fazer mais de quinze anos, exclamou Knutas surpreso.

— Dezessete, para ser mais exato.

— Como é possível que não mantivessem contato por tanto tempo?

— É muito simples. Ele não me procurou e eu tampouco.

— Mantiveram alguma relação depois do divórcio?

— Estive em sua casa em alguns fins de semana, porém não era divertido. Que eu estivesse lá não impedia de beber. Nunca pensava em fazer nada, só ficávamos no apartamento com os seus amigos. Tomavam suas bebedeiras sem se preocupar comigo. Acompanhavam as corridas de cavalos e o futebol na televisão, e inclusive liam revistas pornô. Aquilo era repugnante. Normalmente a visita terminava comigo voltando para casa ao cabo de poucas horas. Depois deixei de ir lá definitivamente.

— E a relação com sua mãe?

— Era boa. Com certeza poderia ser melhor, porém a relação se manteve em um nível aceitável, a mim me parece, explicou e souou como se estivesse falando do valor das ações.

Esfregou a clavícula e se viu por um instante a alça do sutiã. Era dourado, um pouco brilhante e tinha belos pespontos bordados. “Com certeza que nua deve ser perfeita”, pensou Knutas, e se irritou consigo mesmo porque a feminilidade dela não lhe era indiferente.

— Como você está agora? Perguntou Knutas para mudar de assunto.

— Bem, obrigado. Trabalho na Biblioteca Municipal de Malmö e gosto do meu trabalho. Tenho muitos amigos, tanto em Malmö como em Copenhague.

— Continua sozinha?

— Sim.

— Sabe se seu pai tinha algum inimigo? Não mantiveram contato em muitos anos, porém algo que tenha acontecido há muito tempo também pode ser importante. Franziu ligeiramente a testa.

— Nada que eu possa me lembrar.

Aquela conversa não deu nenhum resultado a mais. Pia Dahlström deixou na sua passagem um rastro de perfume.

* * *

Dez

Vários Meses Antes

— Vamos jantar aqui? Não consegui ocultar a decepção. Ela havia acreditado que iriam a um restaurante.

— Vamos. Um amigo me emprestou o apartamento. O jantar já está preparado. Venha.

Entrou no portal diante dela. O edifício ficava em uma das ruas mais elegantes, próximo da Praça Södertorg, dentro da área amuralhada. Não havia elevador, então tiveram que subir andando os quatro andares. Quando chegou estava sem ar e uma crescente sensação incômoda lhe oprimia o peito. Observou suas calças com o vinco super passado. De repente, parecia muito velho. O que tinha a ver com ela? Teve vontade de dar a volta e correr de novo escadas abaixo, porém então ele lhe segurou a mão.

— Vai ver como é bonito.

Aquele apartamento era o maior que havia visto na vida. Era um ático com vigas grossas no teto e vista para o mar. O salão era enorme, com piso de madeira reluzente e quadros, grandes e de cores vivas, nas paredes. Em um dos ângulos havia uma mesa onde já estavam dispostos as taças e os pratos. Ele se aproximou apressadamente da mesa e acendeu as velas do candelabro.

— Vamos, se aproxime, disse impaciente. Saíram para a varanda, que oferecia um fantástico panorama. Conseguia ver o mar e parte do porto, a cidade, com seu formigueiro de casas, as torres da catedral. — Agora vamos tomar uma taça de champanhe.

Disse isso com tanta naturalidade que ela se sentiu como uma pessoa adulta. Voltou em seguida com uma garrafa e duas taças. Encheu-as impaciente.

— Saúde!

Não se atreveu a contrariá-lo. Bebeu um gole com discrição. Sentiu cócegas no nariz e não lhe caiu muito bem. Somente havia provado álcool um par de vezes, quando a mãe havia insistido para que tomasse vinho nalgum sábado à tarde, só porque queria beber acompanhada. O vinho tinto era asqueroso. Isto, de qualquer maneira, era melhor; deu outro gole.

— Bem, o que diz? Não é bonito? Perguntou, e lhe pôs o braço sobre os ombros, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Sentia-se incômoda. Não sabia como devia reagir. Voltou a brindar

com ela. — Beba, pequena, e vamos comer.

Para o jantar, primeiro tinham uma espécie de torrada com uma pasta. Ela comia devagar, o observava e ele fazia o mesmo. O homem encheu as taças com o restante do champanhe. Brindava com ela uma e outra vez. Ela bebia em pequenos goles, mas em seguida começou a se sentir enjoada. A conversa parara. Fez-lhe umas quantas perguntas, porém falou sobretudo de si mesmo. Falando de todas as viagens que havia feito a lugares exóticos do mundo. Como se quisesse impressioná-la. Ela escutava sem dizer quase nada. Relutantemente começou a relaxar. Era realmente agradável estar sentada naquele salão tão bonito e sentir o calor das velas. Desfrutar um bom jantar com música tranquila ao fundo. No segundo prato tinham assado de porco e arroz com açafrão. Vinho tinto para acompanhar o prato, melhor do que o que havia provado em casa. Bebeu toda a taça. Ele continuava falando, enquanto Fanny se dedicava a observar os movimentos de seus lábios. Começava a sentir que ficava tonta.

— Está gostando? Perguntou ao mesmo tempo em que se levantava e começava a retirar os pratos.

— Sim, obrigado, está muito bom, respondeu com um sorriso.

— Fico feliz. Parecia tão satisfeito que a jovem sorriu ainda mais. Pensar que ficava tão alegre só porque ela estava contente. — Quer café, ou ainda não toma café? Ela negou com a cabeça.

— Onde fica o banheiro?

— Na entrada, à direita. Está escrito WC na porta.

Apontou, desejoso de mostrar. Tinha tanta vontade de fazer pipi que estava a ponto de estourar. O banheiro era tão bonito como o resto do apartamento. Podia se regular a luz e ficou brincando um pouco com o dispositivo, aumentando e diminuindo a intensidade. Brilhava de tão limpo e cheirava bem. Tudo parecia novo e sem usar. O papel higiênico tinha um lindo desenho e era mais macio do que o que ela costumava usar em casa. Riu ao se ver em frente ao espelho, uma sorriso bobo. Pensar que ela podia gostar daquele luxo. Quando saiu, ele havia diminuído a iluminação e havia se sentado no sofá. Diante, na mesa de centro, havia duas taças de vinho e um prato com velas de diferentes tamanhos.

— Venha cá disse em voz baixa. Fanny ficou em guarda. Não sabia muito bem o quê ele queria. Sentou-se prudentemente a certa distância. — É tão bonita, sabe disso não sabe? Disse suavemente.

Aproximou-se mais dela. Segurou-lhe a mão e começou a brincar com seus dedos. Não se atrevia a olhá-lo. Ele lhe pôs uma mão na perna. Sentia seu calor e seu peso através do tecido dos jeans. Ela ficou totalmente quieta.

— É tão bonita, repetiu pegajoso. Agarrou-lhe com suavidade uma mecha de cabelo. — E tem um cabelo tão bonito, negro, brilhante e forte. Reclinou-se e olhou-a fixamente. — Seu corpo... É tão perfeito. Sabe que é muito sexy?

Sentiu-se angustiada e não conseguiu articular palavra. Nunca alguém havia lhe dito algo parecido. Repentinamente a atraiu para si e a beijou. Ela não sabendo o que fazer, permaneceu imóvel. A cabeça dava voltas por causa do vinho. Seus lábios pressionaram os dela com mais força e

tentava lhe abrir a boca com a língua. Deixou-o continuar. Suas mãos começaram a abrir caminho por debaixo da blusa, buscando seus seios. Fanny sentiu seu peso quando se inclinou sobre ela. Então sua mão alcançou um seio. Assustou-se com a reação do homem. Gemia e suspirava. Ficou mais violento, puxou até conseguir retirar o sutiã. Sua língua não parava de dar voltas na boca. De repente, ela viu tudo mais claro que a água. Sabia que tinha que sair dali.

— Espere, falou. — Espere. Parecia que ele não ouvia, continuou tentando lhe tirar a roupa. — Espere um momento. Preciso ir ao banheiro, disse.

— Mas só vou tocá-la um pouco, rogou.

— Sim, porém me solte, por favor. Ficou quieto com as mãos nas costas dela. Estavam suadas, todo ele estava suado. Ficaram quietos um tempo e ela ouviu que respirava agitadamente. Então afrouxou os braços. Parecia que ia desistir. Afastou-se um pouco dela e seus olhos pararam em seus seios.

— Se dá conta de como é bonita? Disse em voz baixa. Começou a tocá-la de novo. Com mais dureza, desta vez.

— Não, protestou Fanny. — Não quero.

— Somente um pouco, não peço muito. Jogou-a no sofá, abriu o zíper, segurou os jeans com mão decidida e os tirou com um puxão. Estavam tão apertados que as calcinhas saíram ao mesmo tempo. Ficara totalmente nua e se deu conta de que não teria nenhuma chance. Deixou de lutar contra, e ficou quieta. Ele pressionava para lhe abrir as pernas. Então começou a chorar.

— Não quero, gritava. — Largue-me! Deixe-me! Subitamente foi como se ele tivesse caído em si. Soltou-a.

Quando a levou de volta para casa não disse nada em todo o caminho. Ela tampouco.

* * *

Onze

Na Atualidade

AINDA que Johan não esperasse, Emma concordou em se encontrar com ele para almoçar. A entrevista com o governador já estava pronta, o que significava tempo livre no resto do dia. Não voaria para Estocolmo até o dia seguinte. Tinham ficado de se ver em seu quarto no hotel. Ela não se atrevia a se encontrar em outro lugar. Ele ligou para Grenfors para falar do trabalho que iria fazer em Estocolmo, o que lhe parecia estava completamente fora de lugar.

Depois da conversa se sentou em uma poltrona e olhou o relógio. Faltavam vinte minutos para que Emma chegasse. Não deveria já pedir o almoço, e assim resolver isso logo? Isso seria o melhor, se fosse rápido teriam mais tempo para eles. Pegou o menu. Ia ficando com água na boca à medida que lia: torrada, Salada Caesar e linguado sobre fundo de espinafre por duzentas coroas, uma loucura. Hambúrguer com “pommes frites” da casa. Não podiam escrever diretamente batatas fritas? O que Emma gostaria, o quê comeria? Camarões, mariscos; não, sopa de peixe não. Pasta à bolognese, um eufemismo para o simples espaguete de sempre com molho de carne moída. Precisava ser algo rápido, porém não muito. Tinha muita fome. E uma torta? Estava começando a suar, precisaria tomar um banho. Sem ter se decidido, discou o número do serviço de quartos. O que me recomendam? Que seja rápido, não seja pesado e não seja muito caro? Almôndegas com molho cremoso e framboesas vermelhas, está bem, um tanto estranho, talvez, porém... Que diabo! Pediu duas porções e retirou a roupa. Faltavam quinze minutos. Chegaria o almoço a tempo ou seriam interrompidos no meio de tão esperado encontro? Esperado da sua parte, claro, pelo que se referia a ela, não sabia de nada. E se tivesse concordado em vê-lo só para romper definitivamente? Quando saiu do banho, batiam à porta. Não, não se irrite. Queria que tivesse tempo para pentear o cabelo e colocar um pouco de loção. Parou. E se fosse o almoço? Aproximou-se sem fazer barulho da porta, enquanto a água do corpo e do cabelo gotejava.

— Sim?

— Serviço de quarto, respondeu uma voz ao outro lado. O alívio foi impressionante. Por quê encarava aquilo como se fosse coisa de vida o morte?

A garçonete começou a pôr a mesa. “Não, não, precisa, obrigado”. Não tinha gorjeta à mão, só colocara as cuecas com uma minúscula toalha na frente, como se fosse em escudo protetor. Faltavam dois minutos. Colocou rapidamente as calças e uma camisa limpa. Ela ainda não chegara. Estava a ponto de sofrer outro ataque de pânico; e se não viesse? Será que ele teria perdido alguma mensagem? O celular estava em cima da mesa. Não, não havia nenhuma mensagem. Precisaria vir, maldita seja. Viu a sua imagem refletida no espelho, pálido, desvalido, abandonado aos seus tempestuosos

sentimentos e ao desespero que iria alcançá-lo no caso de que ela tivesse se arrependido. Bateram à porta. Respirou tão profundamente que viu estrelas. Meneou a cabeça: era como se não pudesse ter controle sobre sua própria vida! Parecia-lhe irreal vê-la lá no corredor. Com os olhos negros e as faces ruborizadas parecia descaradamente saudável e maravilhosa. Sorriu-lhe e isso foi suficiente para que o chão se afundasse sob os seus pés.

— Mmm, cheira bem. Almôndegas, disse sem maior entusiasmo. Como podia ser tão rematadamente idiota? Convidar uma professora para almôndegas, isso ela almoçaria quase diariamente na escola. Que idiota. Sentaram-se à mesa.

— Quer uma cerveja?

— Sim, obrigado. Que situação absurda. Ali estavam os dois, cada um com seu prato à frente, no quarto de um hotel, com o céu cinzento lá fora, a primeira vez que se viam a sós em quase um mês. Emma havia ganhado um pouco de peso, constatou. Assentava-lhe bem.

— Que tal está? A pergunta parecia tão artificial como as flores de tecido que havia sobre a mesa.

— Bem, obrigado, replicou Emma sem levantar a vista do prato. — E você?

— Regular. As almôndegas lhe cresciam dentro da boca. Silêncio. Levantaram a vista do prato ao mesmo tempo e acabaram de mastigar descansando o olhar nos olhos do outro.

— A verdade é que me sinto mal, confessou Johan.

— Eu também.

— Pessimamente mal, de fato. Sento-me enjoado todo o tempo.

— A mim acontece o mesmo, é como se tivesse vontade de vomitar constantemente.

— Tudo está podre.

— Completamente podre, afirmou ela sorrindo com os olhos. Os dois soltaram uma gargalhada que morreu igualmente rápida. Johan se inclinou para diante, impaciente agora.

— É como só estivesse vivo metade de mim. Faço todas as coisas habituais que preciso fazer. Levantar-se da cama pela manhã, tomar o café-da-manhã, ir ao trabalho, porém é como se nada fosse real. Como se tudo acontecesse em outra parte. Eu creio todo o tempo que tudo vai se ajustar, porém isso não acontece nunca.

Ela se passou com delicadeza o guardanapo pela boca e se levantou da mesa. Tinha o rosto sério. Johan permanecia quieto. Emma puxou-o até fazer com que se levantasse da cadeira. Eram igualmente altos. Rodeou-o com seus braços, beijou-o na nuca. Ele sentiu seu cálido alento na orelha. O corpo forte e firme dela contra o seu. Desmoronaram na cama e ela se apertou contra o corpo dele, com as pernas entrelaçadas, e se abraçaram desesperadamente um ao outro. Sua boca era macia e cálida, seu cabelo cheirava a maçã. Sentiu que escorriam lágrimas pelo rosto. Estreitá-la em seus braços era como chegar em casa. Na realidade não sabia o que acontecia, simplesmente não queria que aquilo terminasse.

* * *

Realmente, da Polícia Nacional mandaram Martin Kihlgård. Acompanhava-o Hans Hansson, magro e discreto comparado com seu colega. Os companheiros da Brigada de Homicídios deram boas-vindas a Kihlgård com os braços abertos. Era um homenzarrão que nunca conseguia se vestir decentemente, porém um policial de reconhecida competência. Recebeu um sem-fim de palmadinhas nas costas e apertos de mãos. Karin lhe deu um abraço tão demorado que Knutas sentiu uma pontada

da velha irritação que havia experimentado no verão anterior. Os dois haviam se dado tão bem que se sentia ciumento, ainda que nunca o reconheceria em voz alta. Kihlgård era como um grande urso, porém ficava evidente que Karin gostava da sua extrovertida personalidade. Quando viu Knutas, seu sorriso bonachão se intensificou.

— Mas, homem, Knutte, gritou cordialmente, lhe dando umas palmadas nos ombros. — Que tal, velho amigo? “Fala como o capitão Haddock de Tintim”, pensou Knutas enquanto respondia ao seu sorriso. Irritou-lhe muito que Kihlgård, sem ter tanta intimidade, o chamasse de Knutte. Sentaram-se na sala de Knutas e começaram a repassar o caso. Não se passaram nem dez minutos antes de Kihlgård começar a falar em comida. — Não vamos almoçar?

— Sim, claro, já está na hora, respondeu Karin imediatamente.

— Não poderíamos ir almoçar no Klostret? O dono é amigo de Anders, e a comida é muito boa, explicou, se voltando para os dois policiais de Estocolmo.

— Isso soou divinamente, rugiu Kihlgård. — Você se encarregará de que nos deem uma boa mesa, certo, Knutte?

Apesar de tudo, o almoço foi agradável. Leif reservou uma mesa junto à janela, com vistas para as ruínas de Sankt Per. Hans Hansson nunca estivera em Gotland e ficou impressionado.

— Isto é ainda mais bonito do que nas fotografias que vi. É uma autêntica cidade de sonho, espero que saibam valorizá-la.

— Normalmente, não pensamos muito nisso, é verdade, Karin sorriu. — Mas quando viajamos para a Península voltamos mais conscientes. Damo-nos conta de como Gotland é bonita.

— Comigo acontece o mesmo, afirmou Knutas. — Me custaria muito morar em outro lugar.

Apreciaram o cordeiro assado com gratinado de raízes finas. Kihlgård não conseguia tempo para falar enquanto comia, salvo em uma ocasião, para pedir mais pão. Knutas se lembrou do apetite aparentemente insaciável de seu colega. Aquele homem passava o dia comendo, em todas as horas. O restaurante era decorado em estilo rústico, com velas e tecidos de fio nas mesas. Agora que o tempo estava triste e frio, aquele ambiente era magnífico. Leif ofereceu o café com uma torta de chocolate de especialidade da casa e se sentou com eles um momento.

— Que agradável ver novas caras! Ficarão muito tempo aqui?

— Veremos, disse Kihlgård. — Muito boa, realmente, a torta.

— Voltem quando quiserem. Sempre nos alegra a chegada de novos clientes.

— Imagino como será duro no inverno.

— Sim, é difícil estar na frente de um restaurante que abre todo o ano. Mas vai bem, no momento. Obrigado a todos. Leif se levantou e saiu da mesa.

— Já demos uma repassada na vida e milagres de Dahlström, porém qual é a situação dos alcoólatras aqui na ilha, no geral? Quis saber Kihlgård. — Quantos existem, por exemplo?

— Me atrevera a dizer que ronda a uns trinta, o grupo de alcoólatras empedernidos, quer dizer, os que só se dedicam a beber e não têm trabalho, explicou Karin.

— E os que estão sem teto?

— Realmente aqui não temos gente que viva na rua como nas grandes cidades. A maioria tem seu próprio apartamento ou se aloja nas residências que a prefeitura fornece para os drogados,

repartidas por aqui e ali.

— Existe muita violência entre esses grupos?

— Às vezes alguns ferimentos no meio da bebedeira e da confusão. Temos um par de mortes ao ano relacionadas diretamente com o consumo de drogas. Mas normalmente isso acontece entre os que misturam álcool com outras drogas. Os alcoólatras, geralmente, não são muito brigões.

Já estava sendo hora de se levantar. Knutas lhe fez um sinal a Leif para pedir a conta. A torta, que tanto haviam gostado, a casa convidara.

* * *

Após o encontro com Emma sentiu a necessidade de sair a tomar ar. Foi dar um passeio para esvaziar a mente. Almedalen estava solitária e silenciosa. O caminho úmido asfaltado que percorria entre o gramado brilhava à luz dos faróis, e se ouviam os discretos grasnidos dos patos no lago, ainda que apenas eram entrevistos na escuridão da tarde. Andou pela calçada marítima que ia de Visby até Snäckgårdsbaden, três quilômetros ao norte. O vento aumentou e Johan subiu a gola do casaco para se proteger. Não se via uma alma. As ondas batiam contra a praia e as aves marítimas grasnavam. Um transportador grande, cujas luzes de navegação brilhavam na escuridão, se aproximava de porto de Visby. Pensava em Emma e não conseguia compreender como pudera viver tanto tempo sem ela. Todos os sentimentos voltaram a brotar de novo e intuía que ia ser duro ter que continuar esperando mais uma vez. Ainda que a relação tivesse entrado em uma nova fase. Seu período de reflexão havia terminado e sabia o que Emma sentia por ele. E saber lhe dava força e serenidade. Agora precisava era ter ideias boas para futuras reportagens, e assim poder voltar à ilha o quanto antes. Para Emma era mais difícil encontrar uma boa desculpa para viajar a Estocolmo.

Passou junto a Jungfrutornet, a Torre da Virgem, uma das muitas defesas da muralha. Acerca desta torre existia uma antiga lenda, segundo a qual, quando no século XIV o rei dinamarquês Valdemar Atterdag se preparava para conquistar Visby e despojar a cidade de suas riquezas, contara com a ajuda de uma jovem para entrar por uma das portas da muralha. A jovem havia se apaixonado por Atterdag e o monarca havia prometido se casar com ela e levá-la com ele para a Dinamarca se ela abrisse a porta para ele e seus homens. A garota assim fez e os dinamarqueses saquearam Visby. O soberano não cumpriu a promessa e abandonou à jovem a sua própria sorte uma vez conseguido o objetivo. Quando se conheceram os fatos, a jovem foi condenada a ser emparedada viva nessa torre. Segundo a lenda, ainda podiam se ouvir seus gritos pedindo ajuda. Quando Johan passou por lá, no meio da escuridão, podia imaginar muito bem a jovem lá dentro. O vento ululava e talvez fosse o seu grito desesperado o que transmitia. Apesar do frio, gostava daquele tempo. Quando passou o Jardim Botânico, surgiram as colinas de Strandgärdet, e mais além, ao longe, se viam as luzes do hospital. De repente, ouviu um grito. Um grito de verdade. Avançou para diante na escuridão e viu uma senhora idosa que jazia caída com um terrier latindo a seu redor.

— O que aconteceu?

— Caí e não consigo me levantar, se lamentou a mulher com voz trêmula. — Me dói horrivelmente o pé.

— Espere, que vou a ajudá-la, tranquilizou-a Johan segurando-a firme pelo braço. — Agora com cuidado, se levante devagar.

— Muito obrigado, foi horrível, se lamentava a mulher quando ficou de pé.
— Ainda dói? Pode apoiar o pé?
— Sim, creio que sim. Você não será um desses que andam por aí assaltando as senhoras idosas, não é? Johan não pôde evitar de rir. Perguntou-se que aspecto teria com seu casaco negro, a barba de três dias e o cabelo revoltado.
— Não tem por que se preocupar. Chamo-me Johan Berg.
— Menos mal. Já tive muito por hoje. Meu nome é Astrid Persson. Seria tão amável de me acompanhar até em casa? Moro lá, na Rua Backgatan, mais acima do hospital. A mulher apontou com um dedo coberto por uma luva.
— Com certeza, disse Johan segurando-a por debaixo do braço. Levava na outra mão a correia do pequeno terrier, e juntos começaram a caminhar para a Rua Backgatan.

Astrid Persson insistiu para que entrasse e tomasse uma xícara de leite quente achocolatado. Seu marido Bertil havia começado a se inquietar e agradeceu muito a ajuda dele.

— Não é daqui, não é mesmo?
— Não, vim por motivo de trabalho. Sou jornalista e trabalho na Televisão Sueca, em Estocolmo.
— Ah, sim? Veio para informar sobre o assassinato?
— Refere-se ao de Henry Dahlström?
— Sim, claro. Sabe algo acerca de quem o fez?
— Não, não sabemos quase nada desse assunto. A polícia não quer dar nenhuma informação. Ao menos, no momento. Bertil bebeu seu leite.
— Era um homem simpático, o Dahlström.
— Conhecia-o?
— Sim. Ajudou-me num par de trabalhos de carpintaria. A garagem foi construída por ele e ficou muito boa.
— E também fez boa parte do trabalho quando abrimos as janelas do telhado, apontou a mulher. — Trabalhava de carpinteiro, compreende? Quando era jovem. Antes de ser fotógrafo.
— Não me diga! E conseguia trabalhar de carpinteiro, apesar do que bebia?
— Sim. Parecia que se esforçava ainda mais. É verdade que alguma vez notei que cheirava a álcool, porém isso não influía em seu trabalho. Fazia o que tinha que fazer, chegava na hora e trabalhava muito bem. E, além disso, era muito agradável, reservado porém simpático. Astrid assentiu confirmando. Estava sentada com o pé em cima de um tamborete depois de que marido enrolara uma atadura com grande solicitude.
— Quanto tempo faz disso? Perguntou Johan.
— Bem, a garagem tem alguns anos, quando foi mesmo? Olhou com gesto interrogador para a mulher. — Quatro ou cinco anos, talvez? E a janela do telhado foi feita no ano passado, não é?
— Fazia esse tipo de trabalhos para outras pessoas?
— Sim, claro que fazia. Ele me foi recomendado por um conhecido da Hembygdsföreningen (Associação para a manutenção da cultura local).
— Contaram isso à polícia? Bertil Persson pareceu se irritar. Deixou a xícara de leite sobre a mesa.
— Não, e por quê iríamos? Que importância tem que estivesse aqui fazendo algum trabalhinho? Eles não se ocupam dessas coisas. Aproximou-se de Johan com ar confidencial e baixou a voz. —

Bem, o caso é que pagamos em dinheiro por fora. Vivia das ajudas sociais e queria continuar assim. Não irá dizer nada, não é?

— Estranho que à polícia, na situação atual, não ser interesse em saber como cobrava. Estão trabalhando na investigação de um assassinato e esta informação é importante para eles. Não posso guardá-la para mim somente. Bertil levantou as sobrancelhas.

— Que está dizendo? Então corremos o risco de ir para a cadeia por ter contratado mão de obra ilegal. Parecia assustado. Astrid Persson lhe pôs a mão no braço.

— Como já disse, não acho que a polícia leve esse assunto tão a sério, disse Johan. Levantou-se. Queria desaparecer dali o quanto antes.

— Conte-lhe isso em confiança, desmoronou Bertil Persson, e parecia como se acreditasse que tinha os dias contados.

— Sinto muito, porém não posso fazer outra coisa. O homem segurou Johan pelo braço com firmeza e mudou o tom de voz, ficando adulator.

— Mas escute, isso não é tão importante. Minha mulher e eu pertencemos à Igreja, nos parece um pouco vergonhoso que isto chegue a se saber. Não podemos esquecer todo o assunto?

— Sinto muito, cortou Johan, e retirou o braço com mais brusquidão do que teria desejado. Apressou-se a deixar a casa após uma fria despedida.

* * *

Knutas se afundou na cadeira do escritório e segurava a que deveria ser a última xícara de café do dia; ao menos, isso seria o melhor para o seu estômago. Os resultados preliminares da autópsia realizada pelo médico forense mostravam o que esperavam, que Henry Dahlström havia morrido em consequência dos impactos recebidos na parte posterior da cabeça, infringidos com um martelo. O autor do crime havia assestado um grande número de golpes utilizando ambas as partes da cabeça do martelo. A morte fora provavelmente na segunda-feira 12 de novembro na última hora ou talvez no início do dia seguinte. Aquilo encaixava perfeitamente com os dados de que dispunham. Tudo indicava que a morte fora à noite, depois das dez e meia, quando os vizinhos haviam ouvido Dahlström descer ao porão.

Knutas começou a encher o cachimbo com minuciosidade, ao mesmo tempo em que continuava estudando as fotos e lendo a descrição das lesões. Resolver um assassinato era como resolver palavras cruzadas. A solução rara vez era descoberta diretamente, mas sim, era necessário deixar repousar alguns detalhes por um dia e se concentrar em outras pistas. Quando voltava a examinar o que havia deixado de lado, normalmente apareciam novas ideias. E o mesmo acontecia com a palavra-cruzada, normalmente se ficava francamente surpreso de que lhe tivesse custado tanto solucioná-la. Ao olhá-la de novo, ficava mais claro que a água do quê se tratava. Knutas se colocou ao lado da janela, abriu-a um pouco e acendeu o cachimbo.

Em seguida vinham as testemunhas. Os conhecidos de Dahlström não tinham nada verdadeiramente interessante para contar. Na realidade, só fizeram confirmar o que a polícia já sabia. Tampouco havia aparecido algo novo que pudesse reforçar as suspeitas contra Johnsson, e o promotor havia decidido colocá-lo em liberdade. Ainda era considerado suspeito por roubo, porém não havia motivos para que continuasse preso. Para Knutas quase estava totalmente descartado que Johnsson fosse o culpado. Não parava de pensar nesse tal Örjan. Um tipo desagradável. Estivera na

cadeia por um crime de lesões graves. Esse homem podia ser capaz de matar. No interrogatório havia negado, claro, e havia afirmado que apenas conhecia Dahlström, coisa que o resto dos integrantes do grupo confirmou. O que, de qualquer maneira, não impedia que pudesse assassinar Dahlström. O professor de educação física, Arne Haukas, que morava no mesmo prédio que Dahlström, havia sido interrogado acerca de suas atividades na noite do crime. Assegurou que só estivera fazendo uma de suas habituais corridas. Explicou que saíra para correr tão tarde porque estivera vendo um filme na televisão. Próximo havia um caminho com iluminação pública, pelo que correr à noite não era nenhum problema. Não havia visto nem ouvido nada estranho.

O som do telefone retirou Knutas suas reflexões. Era Johan, que lhe contou sobre os trabalhos de carpintaria que Dahlström havia realizado na casa de Bertil e Astrid Persson na Rua Backgatan. Knutas ficou surpreso.

— Que estranho que não tenhamos ouvido nada disso. Sabe o nome de mais gente para a qual tenha trabalhado?

— Não, o velho se irritou quando eu disse que deveria informar à polícia. Pergunte na Hembygdsföreningen, foi de lá que recomendaram Dahlström.

— Faremos isso. Nada mais?

— Não.

— Obrigado por ligar.

— Não há de quê.

Knutas pendurou pensativo o fone. Então Dahlström realizava trabalhos extras na casa das pessoas... Esses dados abriam uma nova via de investigação. Enviou a Johan um pensamento agradecido.

* * *

Fanny foi diretamente para casa depois da escola. Na porta se encontrou com Jack, o namorado de sua mãe. O homem a olhou, porém não se preocupou em cumprimentá-la. Somente passou acelerado por diante dela. A porta do apartamento não estava fechada e Fanny se deu conta em seguida de que algo não estava bem. Olhou na cozinha, porém lá não havia ninguém. Encontrou a mãe deitada no sofá debaixo de uma manta. Esta havia deslizado e se via seu corpo nu. Em cima da mesa haviam várias garrafas vazias de cerveja e de vinho e um cinzeiro cheio de guimbas.

— Mamãe, disse Fanny segurando-a pelos ombros. — Acorde! Não deu sinais de vida. — Mamãe, repetiu Fanny com um nó na garganta sacudindo-a mais forte. — Mamãe, por favor, acorde. Por fim ela abriu os olhos e balbuciou:

— Preciso vomitar, traga o balde.

— Qual?

— O que está debaixo da pia, o vermelho.

Fanny foi correndo à cozinha e apanhou o balde. Não voltou a tempo. A mãe havia vomitado em cima do tapete. Levou a mãe para o quarto. Cobriu-a com o edredom e colocou o balde ao lado da cama. Mancha havia começado a lamber o vomitado. Afastou-o, procurou o papel de cozinha e

conseguiu retirar o pior, porém compreendeu que precisaria lavá-lo. Colocou água quente na banheira, pôs detergente e colocou o tapete. Deixou-o de molho enquanto limpava, recolhia as garrafas, esvaziava o cinzeiro e arejava a casa. Quando terminou se afundou no sofá. Mancha grunhia, o pobre precisava sair. Pensou seriamente se deveria ligar para a tia e dizer que já não podia mais. Chegou à conclusão de que não se atreveria, sua mãe ficaria como louca. Mas o que aconteceria se continuasse bebendo daquela maneira? Arriscava-se a perder o trabalho, e o que iriam fazer então?

Fanny não tinha forças para pensar mais. De qualquer maneira, rapidamente não ia conseguir mais aguentar.

* * *

Doze

Quinta-feira 22 de Novembro

OCHEIRO de café recém-feito e de bolinhos quentes de canela veio ao encontro de Knutas quando chegou à sala de reuniões na manhã seguinte. Alguém havia preparado. Olhou para Kihlgård. Tinha sido ele, claro. O ambiente ao redor da mesa estava muito animado. Karin brincava com Wittberg, que evidentemente estivera se divertindo na noite anterior e agora a entretinha com alguma de suas histórias, supôs Knutas. Tinha uma garrafa de coca-cola na mesa diante dele, e esse era o sinal mais claro de que estava de ressaca. Kihlgård e Smittenberg estavam sentados com as cabeças muito juntas em cima de um jornal, o promotor com um lápis na mão e Kihlgård comendo um bolinho, naturalmente. Santo Deus, estavam fazendo palavras-cruzadas! Norrby e Sohlman se encontravam junto à janela vendo a chuva, e pelo visto falavam do tempo. Na verdade, aquilo parecia uma festinha. Incrível o que podiam conseguir uns bolinhos recém-feitos. Knutas se sentou como de costume no extremo da mesa e tossiu ruidosamente, porém ninguém lhe deu atenção.

— Atenção, tentou. — Vamos começar? Nenhuma reação.

Olhou mal-humorado para Kihlgård. Muito próprio desse tipo. Vir e se fazer de simpático com uns bolinhos e armar esta festa. Knutas não tinha nada contra em ter momentos agradáveis no trabalho, sempre e quando se soubesse escolher o momento adequado. Estava com um humor de cão depois da desavença que tivera com Line pela manhã. Tudo começou porque ela se queixou de que havia muita roupa suja, de que ninguém havia dado de comer ao gato, de que o lava-louça estava cheio e ele não o havia ligado na noite anterior, apesar de ser o último a ir para a cama. Quando descobriu que Knutas, ainda que tivesse prometido, esquecera de comprar um bastão novo de floorball para Nils, que havia quebrado o dele num jogo à tarde, foi a gota d'água que transbordou o copo. Line explodira. O murmúrio que havia na sala obrigou a Knutas a se levantar da cadeira e bater palmas.

— Posso pedir um pouco de atenção? Rugiu.

— Vamos trabalhar ou talvez tenham pensado em dedicar o dia a atividades sociais?

— Que boa ideia! Gritou Kihlgård. — Não podemos ficar aqui, alugar um bom filme e preparar pipocas? Faz tanto frio; estou congeeeelando. Subiu a voz fazendo um falsete. Levantou os braços e agitou as palmas das mãos, movendo os quadris ao mesmo tempo. Com a sua impressionante corpulência, a cena era tremendamente engraçada. Maldito palhaço. Nem sequer Knutas pôde evitar de esboçar um sorriso. Começou falando do trabalho de Dahlström.

— Como soube disso? Perguntou Kihlgård.

— Através de um jornalista da televisão, Johan Berg. O casal da Rua Backgatan não quis ir à

polícia porque se tratava de um pagamento “por fora”.

— Realmente é incrível como se comportam as pessoas endinheiradas, explodiu Karin, cujo semblante havia se ensombrecido enquanto Knutas contava. — É tão desonesto. Pessoas em boa situação econômica, empregam trabalhadores sem pagar impostos, apesar de terem dinheiro para isso. Nem sequer quando uma pessoa é assassinada querem ir à polícia, só para salvar a sua pele! Que baixeza! Seus olhos faiscavam quando percorreu com o olhar seus colegas. — Tem dinheiro para pagar as suas maravilhosas casas e férias caras, porém não para contratar legalmente uma senhora para limpeza, de maneira que tenha seguridade social e conte tempo para a aposentadoria e tudo o mais a que tem direito. Isso elas não podem pagar. Fazem todo o possível para evitar pagar impostos, sem pensar por um momento que isso, de fato, é crime. Ao mesmo tempo, esperam ter uma boa escola gratuita para os filhos, que se sirva boa alimentação e que tenha um médico quando estão doentes. Como se não entendessem a relação que existe entre uma coisa e a outra. É totalmente absurdo! Todos ao redor da mesa a olharam surpresos. Nem sequer Kihlgård, que costumava ser rápido nas réplicas, disse alguma coisa. Talvez porque tinha a boca cheia com o que, com certeza, já era o seu quinto bolinho de canela.

— Calma, Jacobsson, interrompeu Knutas. — Não precisamos de seus discursos incendiários.

— O que quer dizer? Não estão de acordo comigo em que é um crime? Karin olhou ao seu redor em busca de simpatizantes.

— Precisa fazer política com tudo? Disse Knutas irritado. — Aqui estamos investigando um assassinato. Voltou-se ostensivamente e olhou para os colegas. — Vamos ver se podemos continuar. Karin não disse mais nada, se conformando em suspirar e balançar a cabeça.

— Como foi que conseguiram esse contato com Dahlström? Inquiriu Wittberg.

— Através de conhecidos da associação Hembygdsfbröning. É evidente que deve ter mais gente que utilizou os seus serviços.

— Talvez alguém tenha ficado descontente com a porta de madeira, brincou Kihlgård. Knutas ignorou a piada e se dirigiu a Norrby.

— O que aconteceu com o banco e a procedência das notas?

— Aí chegamos a um ponto morto. Naturalmente temos os números de série, porém quem tem cópia das notas? É impossível encontrar a pessoa que deu o dinheiro a Dahlström, já que foi ele mesmo quem o depositou.

— Está bem, agora o importante é saber quem contratou ilegalmente Dahlström. Pode ter se dedicado a isso durante anos. O estranho é que nenhum de seus conhecidos mencionou isso.

Quando acabou a reunião, Knutas estava convencido de que o emaranhado em torno do assassinato iria crescer.

* * *

O encontro seguinte com Emma ia acontecer mais rápido do que Johan havia se atrevido a esperar. Na manhã seguinte ela ligou para ao hotel.

— Amanhã vou a ir a Estocolmo para uma reunião com meus colegas.

— Está brincando? Vamos no mesmo avião?

— Não, Eu irei de barco. Faz tempo que está planejado.

— Significa que vamos poder nos ver?

— Sim. Não havia pensado em passar a noite, porém posso fazê-lo se quiser, porque a jornada termina com uma festa. Estão convidados professores de toda Suécia. Eu havia pensado em não ficar para a celebração, porém posso dizer que mudei de ideia e reservar um quarto em um hotel. O que não quer dizer que tenha que dormir precisamente lá... Não podia acreditar em seus ouvidos.

— Está falando sério? Ela começou a rir.

— Quer jantar comigo amanhã? Ou talvez esteja ocupado? Fingiu que estava pensando.

— Vejamos... Amanhã à noite havia pensado em ficar sozinho em casa vendo televisão e comendo batatas fritas, então com certeza não poderei me encontrar consigo. Sinto muito. O coração se lhe saía do peito. — Sério, podemos ir a um novo lugar, muito bom, na área de Söder. É pequeno e barulhento, porém a comida é deliciosa.

— Parece muito agradável. Ele desligou o telefone e socou o ar em um gesto de triunfo. Poderia ser que ela, por fim, tivesse se dado por vencida?

Desde o princípio, Grenfors havia manifestado dúvidas acerca de que as Notícias Regionais tivesse feito eco do assassinato de Henry Dahlström. Sua opinião era que se tratava de uma briga de bêbados. Não era o único que pensava daquela maneira entre os colegas e, em consequência, até agora haviam se conformado com oferecer breves comentários sobre o assunto. Já que a redação não havia informado a história desde o princípio, agora era difícil introduzi-la. As notícias são um produto fresco. O que num dia era atual, no dia seguinte podia parecer atrasado. Já haviam se passado quatro dias desde que encontraram Dahlström assassinado, uma eternidade no mundo da informação, e Grenfors não se mostrou especialmente interessado quando Johan ligou para ele depois do café-da-manhã.

— O que temos de novo?

— Dahlström fez trabalhos ocasionais em casa de várias pessoas. Trabalhos de carpintaria. Com certeza eram clandestinos.

— Ah, sim? Grenfors bocejou ruidosamente. Johan podia imaginar o redator olhando ao mesmo tempo na tela os teletipos da TT, a Agência Central de Notícias Sueca.

— Alguém depositou dinheiro em sua conta. Em duas ocasiões, vinte e cinco mil coroas de cada vez.

— Serão depósitos por esses trabalhos clandestinos?

— Talvez. Mas temos muito o que contar sobre este caso e não fizemos nem uma só boa reportagem completa, replicou Johan. — Por favor! Fizeram literalmente purê da cabeça de um homem com um martelo em seu quarto de revelações. Na pequena ilha de Gotland, não vamos esquecer! Todos os demais veículos deram a notícia, porém nós dissemos muito pouco. Agora se descobre que a vítima realizou trabalhos clandestinos na casa de algumas pessoas e, para culminar, aparecem depósitos misteriosos na conta dele. E nós somos os únicos que sabemos. Tudo parece indicar que isto não é uma simples briga de bêbados. Pelo amor de Deus, se trata de nossa área e além disso em Gotland, que sempre cobrimos tão mal!

— Confirmou esses dados com a polícia?

— Os depósitos não, reconheceu Johan, — Isso eu soube somente através da caixa do banco. A polícia não quer confirmar esse fato, porém sei que é verdade. Nestas alturas conheço Knutas suficientemente bem. Por outro lado, confirmou o trabalho clandestino.

— A verdade é que talvez isso fosse suficiente. Mas o problema é que hoje temos o caso do estupro em grupo de Botkyrka e o julgamento pelo assassinato de um policial em Märsta. Vai ser

muita informação de acontecimentos criminais em uma emissão. Johan se irritou.

— A mim me parece que isto não pode esperar. Estivemos ignorando esta história e agora somos os únicos que temos novos dados. Pode ser que os jornais o noticiem já amanhã!

— Teremos que assumir esse risco. Precisaré terminar hoje seu trabalho, porque amanhã quero você aqui na redação. Mas, de qualquer maneira, a reportagem não sairá esta noite, ficará melhor na emissão de sexta-feira. Agora não tenho tempo para continuar falando. Até mais.

O sangue de Johan fervia quando desligou o telefone. Que atitude mais absurda! Todas as redações de notícias informariam tanto o julgamento quanto os estupros, porém eles eram os únicos que tinham novos dados sobre o assassinato. A maioria das vezes respeitava Grenfors como redator-chefe, apesar de que tinha suas teimosias. Porém, em certas ocasiões, era absolutamente incapaz de compreendê-lo. Se ao menos fosse coerente com a sua ideia de jornalismo! Um dia estava tão impaciente que podia pressionar os repórteres ao máximo para conseguir o que queria ter na emissão. No dia seguinte pouco se importava. E depois, viviam assistindo a seminários que insistiam mil vezes em como deveriam melhorar seus próprios informativos.

No carro de caminho para Gråbo, Johan quase mordeu a língua ao falar da incompetência dos redatores. Peter também estava muito irritado. Tinha sido ele quem conseguira a informação acerca dos depósitos na conta de Dahlström. Tinha conhecido uma jovem em um bar de Visby que tinha uma irmã que trabalhava como caixa no banco no qual haviam sido realizado os depósitos. E agora corriam o risco de que a imprensa local se adiantasse. Outra vez.

Gråbo oferecia uma imagem sombria e morta com o vento cortante. O tempo não convidava a se ficar fora de casa. Os carros do estacionamento atestavam que aqui vivia gente de recursos limitados. A maior parte dos veículos tinha mais de dez anos. Um velho Mazda arrancou vacilante e saiu dando sacudidelas do estacionamento. Junto à estação de reciclagem alguém virara um carrinho de compras do supermercado ICA. No caminho para a residência de Dahlström passaram junto a um edifício baixo de madeira, que parecia o banheiro comum. Uma das paredes laterais estava cheias de escarradas de tabaco e as janelas descascadas. O parque infantil que havia diante dela tinha uma caixa de areia sem areia, e bancos de madeira quebrados. Não se via por lá nenhuma criança.

Deram a volta até chegar à parte traseira do edifício em que havia morado Dahlström. As persianas descidas impediam que os curiosos olhassem para o interior. O terreno era um pedacinho de gramado abandonado e no pátio se via uma cerca de madeira com uns desconjuntados móveis de jardim dentro que, sem dúvida, haviam conhecido tempos melhores. Via-se um monte de bandejas de alumínio para churrasco, usadas e empilhadas em um monte. Apoiada contra uma das paredes de cimento, havia uma bicicleta enferrujada e um saco de lixo completamente cheio do que pareciam serem latas vazias. A cerca estava quebrada, com a pintura descascada, e o quintal dava para um caminho de pedestres que se perdia no interior de uma área arborizada. Decidiram conversar com os vizinhos. Por fim, na quarta porta que bateram, alguém atendeu. Um rapaz jovem, de bermudas, que os olhava meio adormecido. Usava o cabelo tingido de negro e penteado para acima como se fosse uma escova, e em uma orelha brilhava um brinco.

— Alô, somos de Estocolmo, das Notícias Regionais. Gostaríamos saber alguma coisa do homem que morava ali, o que foi assassinado.

— Entrem. Os fez entrar para a sala de estar e os convidou com um gesto a que sentassem no sofá. O próprio dono do apartamento, recém-acordado, se sentou em uma cadeira. — Uma coisa terrível o assassinato, comentou.

— Que lhe parecia Dahlström? Perguntou Johan.

— O velho era um tipo legal, não havia nenhum problema com ele. Que fosse alcoólatra a mim não me atrapalhava. Além disso, tinha períodos em que bebia menos e então costumava se dedicar às fotografias.

— Isso era algo que todos sabiam? Que se dedicava a tirar fotos?

— Com certeza. Usava o quarto das bicicletas como local das revelações. Usou-o durante os seis anos em que eu moro aqui. O jovem parecia como se tivesse terminando a universidade. Johan lhe perguntou quantos anos tinha.

— Vinte e três, foi a resposta. — Saí de casa quando tinha dezessete.

— Que relação tinha com Dahlström?

— Nos cumprimentávamos quando nos encontrávamos, claro, e às vezes me chamava para perguntar se tinha algo para beber. Isso era tudo.

— Reparou se alguma pessoa desconhecida visitou Dahlström ultimamente, alguém que de algum modo lhe parecesse diferente? Esboçou um sorriso torto.

— Está de brincadeira? Nenhuma das pessoas que o visitava era normal. Recentemente vi uma mulher urinando junto duma árvore na calçada.

— Os vizinhos se queixavam?

— Não acho que fosse para tanto, com certeza que a maioria pensava que, apesar de tudo, era um tipo legal. Somente se queixavam no verão, porque então dava festas no pátio, lá, na parte de trás.

— O que se comenta por aqui do assassinato?

— Todo o mundo diz que o assassino deve ter sido alguém que conhecia bem o Flash e que tinha a chave de seu apartamento.

— E isso por quê?

— Bem, porque a velha que vivia no andar de acima ouviu ruídos na porta de Dahlström numa noite, uma semana antes aproximadamente de que o encontrassem. Alguém entrou no apartamento sem bater na porta enquanto o Flash estava no porão.

— Não poderia ser o próprio Dahlström? Inquiriu Peter.

— Não, sabia que não era ele. Conhecia o som dos passos de Dahlström.

— Quem poderia ter a chave?

— Não tenho ideia. Tinha um amigo que o visitava mais que os demais. Bengan, creio que se chama.

— Sabe o sobrenome?

— Não.

— Deve ser Bengt Johnsson. O que detiveram ao princípio, e em seguida puseram em liberdade. Pelo visto tinha álibi. Pode nos contar algo mais acerca de Dahlström?

— Uma vez no verão aconteceu uma coisa que me pareceu realmente estranha. O Flash estava falando com um homem lá no porto de manhã cedo, não seriam mais de cinco horas. Fiquei surpreso porque estavam em um lugar muito estranho, entre dois contêineres fora do armazém. Como se estivessem tramando algo.

— Não estavam só bebendo?

— O outro tipo não era nenhum dos amigos habituais de Dahlström, isso se via à distância.

Tinha um aspecto muito cuidado para ser um bêbado.

— Ah, sim? Que aspecto tinha?

— Usava calças novas e limpas, e uma camisa pólo, parecia um executivo de férias.

— Que mais pode dizer dele?

— Lembro-me pouco. Creio que era algo mais jovem que o Flash e muito moreno.

— Uma pessoa de cor?

— Não, só que estava muito bronzeado.

— E o quê você fazia lá a essas horas? O rapaz sorriu algo envergonhado.

— Estava com uma namorada. Tínhamos estado numa festa no Skeppet. É um bar no porto, não sei se conhecem.

Johan fez alguns gestos. Conservava uma deplorável lembrança do verão anterior, quando passou a chuvosa e deprimente véspera de San João no Skeppet e acabou com a cabeça dentro do sanitário à noite toda.

— Ela ia no barco que sai de manhã as sete, então a acompanhei até o porto. Ficamos lá zanzando um pouco... Como se costuma dizer. Antes que fosse embora.

— Contou isso à polícia, claro, disse Johan.

— Não, não contei.

— Por quê não?

— Não gosto de policiais, a eles não conto nem um ai.

— Podemos gravar uma entrevista?

— Não, nem falar. Então eles virão aqui em seguida. E não podem lhes dizer nem meia palavra de que fui eu quem contou. Tem o direito de não revelar as fontes, minha irmã é jornalista e me disse que vocês não podem revelar as fontes. Johan levantou as sobrancelhas surpreso. Que rapaz!

— Tem razão. Com certeza, não diremos nada de que foi você quem nos contou isso. A propósito, onde trabalha?

— Estou terminando a universidade. Arqueologia.

Ainda que não pudessem filmar, Johan estava mais do que contente após a conversa. Precisava se colocar em contato com Knutas, é claro sem revelar a fonte que havia lhe dado essa informação. O comissário conhecia as regras éticas que regiam o trabalho jornalístico e compreenderia. Bateram à porta dos demais vizinhos, porém ninguém atendeu. Na parte de trás não se via ninguém. Deram uma volta pelo caminho de pedestres. Peter ficou filmando os arredores e de repente o chamou. Havia um carro da polícia estacionado no caminho que se dirigia para a rua seguinte. Três policiais uniformizados estavam conversando em grupo. Outros dois guiavam os cachorros que procuravam rastros pelas imediações. Tinham cercado a área redor de um bosquezinho de árvores e arbustos. Para sua surpresa, viram Knutas um pouco mais além.

— Alô, cumprimentou Johan. — Há quanto tempo.

— É verdade.

Knutas se sentiu, no mínimo, chateado. Estes condenados jornalistas apareciam nos momentos mais inoportunos. Até agora, a investigação havia se livrado quase totalmente do interesse dos meios de comunicação. Os repórteres dos meios locais haviam ligado ao longo da manhã fazendo algumas

perguntas. Ele não gostava disso, mas, por desgraça, isso passara a ser uma parte habitual de seu trabalho. Contudo, estava agradecido a Johan, que havia lhe passado a informação referente aos trabalhos clandestinos de Dahlström. Como os jornalistas eram experientes em conseguir sua própria informação e, além disso, estavam a disposição da polícia para informar os cidadãos quando esta, às vezes, precisava de sua colaboração, existia uma relação de dependência entre a polícia e a imprensa. O que não significava que esta sempre fosse fácil de manejar.

— O que está acontecendo? Perguntou Johan. Peter, fiel ao seu costume, ligou a câmera. Knutas sentiu que o melhor seria dizer as coisas como eram.

— Encontramos a que segundo acreditamos é a câmera de Dahlström.

— Onde? Knutas apontou para o bosquezinho.

— Estava jogada lá e foi encontrada pelos policiais com cachorros há um momento.

— O que os faz pensar que seja a câmera dele?

— É da mesma marca que Dahlström usava. Quando Knutas acabara de dizer essas palavras, se ouviu um grito vindo de uma parte afastada do bosquezinho, fora da área cercada.

— Encontramos algo, gritou um dos guias.

O pastor alemão não parava de latir. Peter enfocou em seguida a câmera no local e se dirigiu apressadamente para lá. Johan foi atrás dele. No chão havia um martelo com manchas marrons no cabo e na cabeça. Johan aproximou o microfone e Peter deixou que a câmera gravasse a comoção que se montou. Conseguiu gravar os comentários dos policiais, o martelo jogado no chão, os cachorros e o dramatismo da cena quando todos os presentes ficaram conscientes de que, sem lugar a dúvidas, acabavam de encontrar a arma do crime. Johan custava crer que tivessem tido tanta sorte. Por pura casualidade haviam chegado no meio de um acontecimento decisivo para a investigação do assassinato e, além disso, haviam gravado tudo.

Conseguiram que Knutas se prestasse a lhe conceder uma entrevista onde confirmava que efetivamente acabavam de fazer um achado que podia ser de interesse vital. Não quis dizer o quê, porém isso não tinha mais importância. Johan gravou a reportagem lá mesmo, de pé, com toda a atividade ao seu redor informando que, provavelmente, o que acabavam de encontrar era a arma do crime. Antes de ir embora, Johan, sem revelar a fonte, contou a Knutas a conversa de Dahlström no porto.

— Por que essa pessoa não entrou em contato com a polícia?

— Esse indivíduo não gosta de policiais. Não me pergunte por quê.

Já no carro, Johan discou diretamente para o número de Grenfors na redação de Estocolmo, com um agradável sorriso nos lábios.

* * *

Treze

Vários Meses Antes

ELE LIGARA um monte de vezes pelo celular, pedindo perdão, mandara mensagens com simpáticas imagens e inclusive lhe enviara um ramo de flores. Por sorte, a mãe já saíra para o trabalho quando as flores chegaram. Tinha pensado a voltar a se encontrar a sós com ele, porém agora começava a vacilar. Ele ligara e insistira em que precisava compensá-la de alguma maneira. Nada de jantares desta vez, mas um passeio a cavalo. Sabia que ela gostava disso. Ele tinha um amigo em Gerum que era proprietário de vários cavalos, podiam apanhar um cada um e montar todo o tempo que quisessem. A proposta era tentadora. Sua mãe não tinha dinheiro para pagar uma escola de equitação e só em raras ocasiões conseguia montar. Propôs-lhe dar um passeio a cavalo no sábado seguinte. No princípio ela disse que não, porém ele não se deu por vencido, e ficou de ligar na sexta-feira à tarde para ver se ela havia mudado de ideia. Sentia-se confusa. Tinham passado mais de duas semanas desde aquela tarde e agora ele já não parecia tão perigoso. Com certeza que no fundo era uma boa pessoa.

Quando cruzou a porta da quadra na sexta-feira à tarde, os cavalos a cumprimentaram com um suave relincho. Colocou as botas de borracha e começou a trabalhar. Apanhou o carrinho de mão, a pá e o ancinho. Retirou primeiro Hector. Amarrou a corda nos aros que haviam nos corredor. O cavalo precisava ficar lá enquanto ela retirava o esterco. Era um trabalho duro, porém estava acostumada. Os animais descansavam sobre uma cama de palha, de maneira que os montes de merda eram fáceis de retirar com o ancinho. O pior era a urina que empapava a palha e as convertia em pesados montes. Limpou um box após outro. Oito boxes e quase duas horas mais tarde se encontrava completamente esgotada e com dor nas costas. Soou o celular. Se fosse ele... Em vez disso, o que ouviu foi a voz da mãe.

— Amor, é a mamãe. Preciso lhe contar uma coisa. É que me convidaram para passar o fim de semana em Estocolmo. Berit iria com uma amiga ao teatro, porém a amiga ficou doente, então Berit me perguntou se poderia ir em seu lugar. Ela ganhou no programa Bingo-loto uma viagem para ir ao teatro, compreende? Vamos ver Chess, o musical, jantar em Operakällaren e nos alojaremos no hotel Grand. Imagine como será divertido! O avião sai às seis, então agora preciso me apressar para preparar as malas. Não tem problema em eu ir, não é?

— Não, claro que não, faz muito bem. Quando voltará?

— No domingo à tarde. É perfeito, porque não trabalho antes de segunda-feira à noite. Ah, como vai ser divertido! Vou deixar dinheiro para que possa sobreviver. Mas não poderei ficar com Mancha, então terá que voltar rápido para casa. Ele está muito inquieto.

— Que remédio! Suspirou.

Podia ter montado Maxwell, porém agora já não tinha mais tempo. Não lhe restava outra coisa a não ser trocar de roupa outra vez e voltar para casa. Na porta, ao chegar, se encontrou com a mãe. Estava com os lábios recém-pintados e o cabelo seco com o secador. As malas e a bolsa no chão. Quando por fim ela saiu, Fanny se deitou na cama com os olhos fixos no teto. Outra vez só. Ninguém se preocupava com ela. Que sentido tinha a sua existência? Uma mãe alcoólatra que só pensava em si mesma. Além disso, como se não fosse o suficiente, começara a notar as bruscas mudanças de humor da mãe. Num dia estava contente, explodindo de energia, e no dia seguinte se sentia como um trapo. Deprimida, apática e cheia de pensamentos sombrios. Por desgracia, eram mais frequentes os dias ruins. Então mergulhava na garrafa. Fanny não se atrevia a criticar a mãe, porque então esta acabava tendo um ataque e ameaçava em se suicidar. Fanny não tinha ninguém com quem falar do problema. Não sabia aonde precisava se dirigir.

Às vezes sonhava com o pai. Que de repente aparecia um dia na porta e dizia que viera para ficar. No sonho via como abraçava a mãe a ela. Comemoravam juntos a Natal, saíam de férias. A mãe tinha as faces ruborizadas, estava alegre e não bebia mais. Em alguns sonhos os três caminhavam por uma praia do Caribe, onde havia nascido o pai. A areia era branca e o mar azul turquesa, tal como ela os havia visto nas fotografias das alegres revistas de viagens. Contemplavam juntos o por do sol, Fanny estava sentada no centro entre os dois. Aquele era um desses sonhos dos quais não se quer despertar.

Estremeceu quando Mancha subiu na cama e lhe lambeu as lágrimas. Não havia notado que começara a chorar. Ali estava ela só, deitada, e com um cachorro como única companhia numa sexta-feira à tarde, quando as outras famílias deveriam estarem juntas. Suas colegas de turma talvez estivessem e se encontrariam vendo um vídeo ou a televisão, escutando música ou jogando algum jogo no computador. Que tipo de vida ela levava? Somente uma pessoa havia mostrado um pouco de interesse por ela, e era ele. Podia voltar a vê-lo. E daí? À merda com tudo. Também podia se deitar com ele se tanto o desejava. Alguma vez teria que ser a primeira. Havia lhe dito que ligaria nesta tarde. O convite para montar continuava de pé. Fanny decidiu dizer sim.

Levantou-se e secou as lágrimas. Esquentou um pedaço de empadão no micro-ondas. Comeu-o sem maior entusiasmo. Ligou a televisão. O telefone estava mudo. Ele não iria ligar agora que ela havia se decidido? Passaram-se as horas. Apanhou uma lata de coca-cola da geladeira, abriu um saquinho de batatas fritas e se sentou no sofá. Já eram nove horas e ele ainda não ligara. Queria chorar de novo, porém só saíram um par de secos soluços. Agora até ele também se esquecerera dela. Começou a ver um filme que passavam pela segunda vez, comeu todo o saco de batatas e ao final adormeceu no sofá com o cachorro ao lado. O telefone despertou-a. No princípio achou que era o telefone fixo, porém ao levantar o fone se deu conta de que era o celular. Levantou-se, foi correndo até a entrada e procurou às cegas nos bolsos do casaco. O telefone parou de soar. Em seguida voltou a soar. Era ele.

- Preciso vê-la... Preciso. Não podemos nos encontrar?
- Sim, disse ela sem vacilar. — Pode vir aqui, estou sozinha.
- Vou agora mesmo.

Arrependeu-se ao vê-lo. Cheirava a álcool. Mancha latiu, porém se cansou em seguida. Um cachorro brincalhão não infundia muito respeito. A jovem ficou parada com os braços pendurados, sem saber muito bem o que fazer, quando ele se deixou cair no sofá. Agora que o havia convidado para casa não podia lhe pedir que fosse embora.

— Quer alguma coisa? Perguntou insegura.

— Venha aqui e se sente, respondeu dando umas palmadas ao seu lado no sofá.

O relógio que havia na parede marcava duas da manhã. Aquilo era uma loucura, porém fez o que ele pedira. Não passou mais de um segundo antes que estivesse em cima dela. Foi brutal e decidido.

Quando a penetrou, precisou morder o braço para não gritar.

* * *

Quatorze

Sexta-feira 23 de Novembro

NO DIA SEGUINTE na reunião da manhã, o achado da arma do crime estava na boca de todos. Aquilo supunha logicamente um avanço na investigação. Pelo que parecia as manchas eram de sangue, e haviam enviado o martelo para o laboratório do Instituto Nacional de Ciências Forenses, para que realizassem uma análise de DNA. Mas não foram encontradas impressões digitais. A maioria havia visto na noite anterior, nas notícias da televisão, de como fora descoberto o martelo. Kihlgård, claro, se fez de engraçado às custas dos comentários dos policiais que foram gravados, e conseguiu umas quantas risadas. Knutas não achou engraçado. Estava indignado porque tinham dado uma informação tão detalhada na reportagem, ao mesmo tempo em que entendia que essa era a missão do repórter. Aquilo era muito próprio de Johan, aparecer no pior momento. Tinha uma capacidade incrível para conseguir se encontrar bem no lugar onde aconteciam as coisas. Tudo havia se passado muito depressa e ninguém pensara em lhe parar os pés a tempo. Uma vez mais, Johan proporcionara novos dados que ajudariam a investigação do caso, ainda que a polícia não soubesse de onde viera a informação, a tal testemunha do porto. Depois do caso dos assassinatos em série no verão anterior, Knutas confiava no tenaz repórter televisivo, mesmo quando Johan lhe dava nos nervos com toda a informação que conseguia obter. Era um mistério como conseguia saber de tudo. Se não fosse jornalista, poderia ter chegado a ser um excelente policial. O programa começara com um resumo pormenorizado do assassinato, dera os últimos detalhes acerca da investigação, dos trabalhos clandestinos de Dahlström e da testemunha que havia visto Dahlström no porto conversando com um desconhecido.

— Por que não começamos pelos trabalhos de carpintaria? Perguntou Norrby. — Interrogamos a outras quatro pessoas que contrataram Dahlström, além dos Persson. Dois deles são membros da mesma associação cultural que os Persson. Todos declararam mais ou menos o mesmo. Dahlström realizou alguns pequenos trabalhos, pagaram e isso foi tudo. Pelo que parecia o fez muito bem, chegava na hora e não acontecera nenhum problema. Sabiam, claro, que tinha problemas com a bebida, porém outros conhecidos o haviam recomendado.

— Só entraram em contato com ele depois de que alguém o recomendou? Perguntou Wittberg.

— Sim, e nenhum deles tinha nenhuma queixa do trabalho. Vamos continuar com os interrogatórios.

— Não foi só a arma do crime que encontramos ontem, também encontramos a câmara de Dahlström, não é Sohlman?

— Sim, é uma câmara profissional, uma Hasselblad. Tinha as impressões digitais de Dahlström, então podemos estar certos de que é a dele. Não tinha filme e a objetiva estava quebrada, o que indica que alguém a manipulou de forma violenta.

— Pode ser que o assassino tenha retirado o filme da câmera, interveio Karin. — O quarto de revelações estava revirado, o que aponta a que o assassinato tivesse alguma relação com as fotos.

— É possível. Também recebemos do laboratório o resultado das amostras retiradas no apartamento de Dahlström e do quarto de revelações, continuou Sohlman. — Os do laboratório se superaram a si mesmos, nunca foram tão rápidos, murmurou como para si mesmo enquanto folheava os papéis. — Todas as impressões encontradas nos copos, garrafas e demais objetos foram analisadas e são dos amigos de Dahlström que estiveram no apartamento. Além disso, apareceram impressões que não coincidem com as de nenhum deles. Provavelmente serão do autor do crime.

— Está bem, disse Knutas. — Sabemos de uma outra coisa a mais. Além dos trabalhos ilegais, Johan Berg também encontrou uma testemunha que afirma ter visto Dahlström falando com um homem no porto neste verão. Desgraçadamente, essa pessoa não quer falar com a polícia.

Leu rapidamente os sinais de identidade do homem do porto que tinha anotados em seus papéis.

— Estavam conversando em um canto às cinco da manhã. A testemunha conhecia Dahlström e sabia que se encontrava muito longe dos lugares por onde ele costumava se movimentar. O que acham disso?

— Se existe uma testemunha, pode ser que existam outras, sugeriu Wittberg. — Quando foi isso?

— Isso não sabemos, só que foi em pleno verão.

— Que fazia a testemunha no porto de manhã tão cedo? Inquiriu Kihlgård.

— Estava com uma jovem que ia apanhar o barco que vai de manhã para Nynäshan.

— Ou seja, se trata de um rapaz. Pode ser de um dos vizinhos. Não tem um jovem que também mora no edifício?

— Tem razão. No andar de cima, creio. Knutas olhou seus papéis. — Chama-se Niklas Appelqvist, estudante.

— Se conseguirmos da testemunha, seja ela quem for, o nome da jovem, então poderíamos descobrir que dia ela viajou, pesquisando nas listas de passageiros da companhia Destination Gotland, apontou Karin. — Creio que as guardam por três meses.

— Mas como procedemos, se a testemunha não quer falar com a polícia? Perguntou Norrby.

— Pode ser que seja mais fácil ao jornalista conseguir essa informação, sugeriu Karin. — Creio que primeiro deveríamos pedir ajuda a Johan Berg. Talvez a testemunha seja um desses tipos com uma atitude sumamente hostil com a polícia. O certo é que essas pessoas existem, por alguma razão incompreensível, concluiu com ironia. Voltou-se para Knutas com um amplo sorriso. — Teremos que devolver a bola ao jornalista, disse maliciosamente. — Isso se concordar, Anders.

Karin lhe deu uma cotovelada amistosa nas costas. Kihlgård parecia que também achara muita graça. Knutas precisou reconhecer que Karin tinha razão. Legalmente não podiam perguntar a fonte da informação, porém nada impedia que pedissem a Johan que perguntasse para a testemunha o nome da jovem. Assim pois, a polícia estava nas mãos da boa vontade do jornalista. Aquilo doía.

* * *

No momento em que Johan chegava à redação das Notícias Regionais tocou o celular. Era Knutas.

- Poderia me ajudar com uma coisa?
- Com o quê?
- Acha que o rapaz que viu Dahlström no porto com um homem, se lembrará do nome da jovem com quem estava?
- Não sei. Creio que era só uma jovem com quem se encontrou naquela noite.
- Poderia perguntar?
- Claro. Precisa esperar um pouco, porque acabo de chegar à redação.

A polícia queria a sua ajuda. Que engraçado. A situação era justamente o contrário do que costumava ser o habitual, quando ele como jornalista precisava pedir, implorar, insistir para conseguir informação. Iria fazer Knutas esperar um pouco.

Na redação reinava um ambiente de sexta-feira agradavelmente descontraído. Nas sextas-feiras o ritmo costumava ser um pouco mais lento do que o habitual, já que a metade do programa diário consistia em uma longa reportagem. Grenfors estava sentado sozinho na grande mesa que ocupava o centro da redação e que chamavam de “escritório central”. Era o lugar onde trabalhavam o redator-chefe, o diretor do programa e o produtor. A equipe diretora que planejava as emissões, tomava as decisões e dividia o trabalho. Neste horário ainda não haviam aparecido, nem o diretor do programa, nem o produtor do mesmo. A maioria dos jornalistas estavam em suas mesas com o telefone no ouvido. Pela manhã se realizavam as tarefas de investigação e se concentravam nas perguntas que iam fazer para as pessoas que seriam entrevistadas. No geral, os dias começavam calmos para em seguida ir acelerando e terminar em um crescendo de stress antes do programa; sequências que não estavam prontas, alguma parte das reportagens que precisavam serem mudadas uns minutos antes da emissão, porque o redator-chefe não estava satisfeito, computadores que pifavam, máquinas de edição de vídeo que não funcionavam e não podiam corrigir algumas imagens, e por aí, quando não acontecia uma coisa acontecia outra. As margens de tempo eram estreitas e se trabalhava até o último minuto. Todos estavam acostumados, era o ritmo habitual de trabalho.

— Alô, cumprimentou-o Grenfors. — Foi bem ontem, me alegro de que tenhamos nos ocupado dessa história. Parece que pode se converter em algo maior. Veremos como se desenvolverá. Enquanto isso... Surgiu outro assunto aqui. O redator procurou entre os jornais e papéis que tinha em cima da mesa em um monte grande e desordenado. — A polícia realizou nesta manhã no porto de Kapellskär uma apreensão recorde de Rohypnoll. Poderia dar uma olhada?

“Dar uma olhada, com certeza que sim”, pensou Johan. Parecia muito fácil, porém sabia o que Grenfors esperava dele. Uma reportagem de verdade com a qual pudessem abrir a emissão, e que incluísse informação que só as Notícias Regionais tinham. Johan duvidava seriamente de que se tratasse de uma apreensão recorde. Ele já havia perdido a conta de todas essas apreensões recordes que haviam sido feitas ao longo do ano.

— Não são as Notícias Nacionais que se encarregam disso? Perguntou cansado. Contava com poder voltar para casa rapidamente.

— Sim, claro, porém já sabe como são as coisas. Eles se ocupam dos deles e dos nossos. Além disso, você tem melhores contatos que todos os outros repórteres juntos.

— Está bem.

Johan voltou para a sua mesa. Antes de colocar mãos à obra ligou para Niklas Appelqvist em Gråbo. Ele atendeu imediatamente. Sim, claro, continuara tendo contato com a jovem durante um tempo. Pode ser que tivesse anotado em algum lugar seu sobrenome e o número do telefone. Somente se lembrava de que se chamava Elin e morava em Uppsala. Prometeu voltar a ligar em seguida. Antes que Johan tivesse tempo de levantar o fone para telefonar para o porto, este recomeçou a tocar. Ouviu a voz da mãe.

— Alô, filho, como está? Como foi em Gotland?

— Sim, bem.

— Viu a Emma?

— Sim, efetivamente, eu a vi.

Tinha muita intimidade com sua mãe e, a estas alturas, ela já sabia quase tudo de sua complicada relação com Emma. Escutava-o e lhe dava conselhos sem esperar que fosse segui-los. Não o julgava, coisa que agradecia. A relação havia ficado mais estreita após a morte do pai de Johan, por causa de um câncer, há quase dois anos. Eram quatro irmãos, porém Johan, que era o mais velho, mantinha uma relação mais estreita com a mãe. Os dois se precisavam mutuamente. No último ano havia sido a mãe quem precisara mais dele e passaram muito tempo juntos, falando de seu pai e de como a vida mudara. Especialmente para ela, claro, que ficou só na enorme casa de Bromma. Johan tentara convencê-la para que se mudasse e evitar assim ter que se encarregar de todas as coisas. Porque, ainda que seus filhos a ajudassem muito, eles também tinham as próprias vidas. Agora ela já havia superado o pior. Inclusive começara a sair com um homem que pertencia ao mesmo clube de boliche. Era viúvo e ela parecia que se sentia a vontade em sua companhia. Não esclarecera se havia entre eles uma relação sentimental, e Johan tampouco havia perguntado. A relação com esse homem lhe dera um grande alívio, já não precisava se preocupar tanto de que ela estivesse sozinha.

* * *

Fanny estava sentada à mesa da cozinha observando seu rosto refletido na janela. Estava só, sua mãe fora trabalhar como de costume. Os vizinhos do outro lado do pátio já haviam colocado nas janelas as estrelas do Advento. Rapidamente chegaria o Natal. Outro Natal só com a mãe. Os demais se reuniam com familiares e com amigos, e comemoravam com uma árvore de Natal e presentes. O mais divertido de tudo parecia o de sentarem todos ao redor de uma grande mesa e comerem juntos a ceia do Natal. Calor, velas acesas e companhia. A mãe e ela só se tinham a uma à outra. E Mancha claro. Nunca iam para a casa dos familiares. Fanny começara a se dar conta de qual era o motivo. Tinham medo de que sua mãe se embebedasse ou de que tivesse um ataque. Era tão imprevisível que ninguém podia relaxar estando com ela. Não se sabia nunca o que iria acontecer. Se alguém dizia ou fazia algo que para a sua mãe, naquele momento, parecesse inoportuno, o resto da noite podia ser um desastre. Por é isso ficavam sozinhas. Nem sequer a avó restava mais, havia ficado senil e agora vivia em uma residência de idosos. Não compravam um abeto de verdade para Natal, só colocavam uma triste árvore de plástico em cima da mesa. Como um par de aposentadas solitárias. No Natal costumavam comer diante da televisão. Almôndegas compradas, salada de beterrabas e Jansons Frestelse (Literalmente "Tentação de Jansson". Um prato tradicional da cozinha sueca. É um

ensopado com batatas laminadas, cebola e arenques em camadas organizados e queijo derretido), pré-cozido, só tinham que esquentá-lo no micro-ondas. Sua mãe bebia acuavit e vinho, e ia se embebedando cada vez mais à medida que avançava a noite. Sempre havia na televisão algum filme que queria ver, porém não costumava passar muito tempo antes que adormecesse no sofá. Detestava o Natal. Que coincidissem com seu aniversário não contribuía para melhorar as coisas. Quinze anos, já era quase adulta, porém se sentia como uma criança em um corpo de adulto. Não queria ficar adulta, não podia esperar nada de bom. Apoiou a cabeça entre as mãos, sentiu o cheiro de seu cabelo recém-lavado. De alguma maneira aquilo lhe proporcionou certo conforto. Olhou os seios. Eles eram os causadores do problema, seu corpo tinha arruinado tudo. Se não estivesse ficando adulta, aquilo jamais teria acontecido. Seu corpo era uma arma que podia usar tanto contra os demais como contra si mesma.

E ele. Agora se sentia muito mal quando pensava nele. Apalpava-a com aquelas mãos suadas, queria enfiá-las todo o tempo por debaixo de sua roupa, gemia e chorava como um bebê. Queria fazer coisas cada vez mais estranhas e ela não se atrevia a protestar. Sentia-se suja, repugnante. Ele lhe disse que agora isso era coisa dos dois e que não podia falar com ninguém do que faziam juntos. Falava como se entre eles existisse um acordo secreto, um pacto. Ainda que não fosse assim. Em seu foro interno ela sabia. Dizia que precisava dela, que ela era muito importante para ele, e lhe daria presentes que seria muito difícil recusar. Isso fazia com que ela se sentisse culpada. Era tão partícipe como ele e só podia colocar a culpa em si mesma. Mas já não queria continuar assim. Queria se afastar dele, porém não podia imaginar como iria conseguir. Quando sonhava acordada imaginava que aparecia alguém e a libertava de tudo. Mas não aparecia ninguém. Perguntava-se o que diria seu pai se soubesse.

Foi ao banheiro e abriu o armário. Mancha continuou olhando-a com seus olhos ternos. Pegou o pacote verde com lâminas de barbear e se sentou no sanitário. Retirou uma com cuidado e a segurou entre os dedos. Vieram as lágrimas, quentes e salgadas, descendo por suas faces e caindo nos joelhos. Esticou uma das mãos, estudando os dedos. Para que lhe servia essa mão? As veias azuis vinham do pulso e se estendiam até mão. Continham seu sangue, que circulava sem sentido ao redor do corpo. Para que havia nascido? Para cuidar da mãe? Para que a segurassem velhos asquerosos? Olhou para Mancha e isso bastou para que o cachorro movesse vacilante a cola. “Você é o único que me quer bem”, pensou Fanny. “Mas não posso existir só para um cachorro.”.

Agarrou com força um dos lados longitudinais da lâmina e apertou-a contra a parte interior de uma perna, quase à altura da rótula. Queria ver como penetrava através da pele. Apertou-a mais e mais forte, até doer. Ao mesmo tempo se sentia bem, era como uma liberação. A angústia e a dor se concentravam lá, na perna em lugar de todo o corpo. Em um ponto.

Ao final brotou o sangue vermelho que correu pela perna, seguindo até o chão.

* * *

Johan viu Emma imediatamente quando ela cruzou a porta. Observou-a durante uns segundos enquanto ela olhava ao redor. O restaurante era pequeno, íntimo e estava cheio. Encontrava-se sentado em um canto ao fundo e mal se via da entrada. Mas repentinamente ela o descobriu e sorriu

deslumbrante. Como era possível que fosse tão bonita! Usava um casaco verde musgo e tinha cabelo molhado pela chuva. Não estava acostumado a vê-la em qualquer local de Estocolmo, e gostou disso. Beijaram-se, os lábios de Emma tinham gosto de biscoitos de alcaçuz e ele riu em sua boca.

— Que dia! Não consegui me concentrar em nada, não ouvia nem o que diziam, só queria sair dali. Não entendi nada da aula.

— Eram chatos os professores? Dava-se conta de que todo seu rosto era um imenso sorriso. Emma estendeu os braços em um gesto amplo.

— Com certeza que eram brilhantes, supercarismáticos e estavam inspirados. Os demais ficaram muito contentes. Mas a mim não me serviu de nada. Eu só estava pensando em você e na sua falta. Sus mãos se encontraram sobre a mesa e Johan não se cansava de olhá-la.

“Poderíamos ficar assim para sempre”, pensou. No dedo anular esquerdo dela brilhava uma aliança, como uma lembrança de que só a tinha emprestado. Justo quando acabavam de lhes servir a comida soou o celular dela. Imediatamente imaginou que seria Olle.

— Sim, foi bom, disse ela. — Uns pontos muito interessantes. Mmm. Agora estou tomando um vinho com uma amiga. Mmm. Vamos sair em seguida. O jantar só começa às oito. Emma olhou para Johan. Repentinamente apareceu em seu rosto um gesto de preocupação. — Sim, o que ele tem? Não, que má sorte. Quando começou? Mmm. Quantos graus? Não me diga! Tente fazê-lo beber... Também vomita? Normal, tinha que ficar doente quando eu não estou em casa! Você ia jogar amanhã de manhã, não é? Ah, sim... Certo. Sara e você não estão se sentindo mal? Se continuar assim terá que lhe dar soro fisiológico. Temos em casa? Mmm. Espero que consiga dormir algo nesta noite. — Era Olle, esclareceu ao desligar, de forma absolutamente desnecessária. — Filip está com gastroenterite, passou toda a tarde vomitando.

Emma bebeu um gole do vinho e olhou através da janela. Uma olhada rápida, porém suficiente para que Johan se desse conta de que as coisas eram mais complicadas do que ele queria crer. Ela tinha filhos com o marido e ninguém podia desaparecer com isso. Johan a estivera observando enquanto falava no telefone e havia se dado conta de como ficara afastado. O que ele sabia de doenças infantis? Nem sequer conhecia os filhos de Emma. Não tinham nenhuma relação com ele.

Após o jantar quis mostrar a Emma os arredores. Tinha parado de chover e desceram caminhando até a margem do Hornstull, passaram à ilha de Reimersholme e chegaram até a de Långholmen. Ainda que fosse de noite, cruzaram Suckarnasbro (A Ponte dos Suspiros), seguiram o caminho que passava junto ao velho estaleiro de Mälarvarvet e voltaram à margem. As luzes de Gamla Stan, Stadshuset e Norr Mälarstrand se refletiam na água. Sentaram-se em um banco.

— Estocolmo é tão maravilhosamente bonita, suspirou Emma. — A água faz com que não se tenha a sensação de se encontrar em uma grande cidade, ainda que viva tanta gente. Realmente poderia planejar morar aqui.

— Verdade?

— Sim, me sinto ciumenta quando me fala de tudo o que acontece aqui. Toda a gente, os teatros, os acontecimentos culturais. A verdade é que algumas vezes penso no que perco continuando em Gotland. Aquilo lá é bonito, porém não acontece nada. E o fato de poder ser uma pessoa

anônima. Aqui podemos sentar num café sem que ninguém nos reconheça. Formar parte de todo o resto. Olha as pessoas para se distrair. E o trânsito não me parece tão terrível. Deve ser a água, afirmou Emma contemplando o espelho escuro do Riddarfjärden.

— Sim, adoro esta cidade, sempre adorei.

— E apesar disso, estaria disposto a ir viver em Gotland? Disse ela olhando para ele.

— Por você faria qualquer coisa. Qualquer coisa.

Quando chegaram ao apartamento e se deitaram como um casal normal, Johan experimentou uma sensação de irrealidade, e de felicidade. Assim deveriam poder ir para a cama todas as noites.

* * *

Quinze

Sábado 24 de Novembro

OSÁBADO amanheceu com granizo, vento e um par de graus de temperatura. Knutas havia preparado o café-da-manhã com as crianças e haviam colocado um ramo de flores na mesa, no lugar onde sentava a sua mulher. Havia repartido os presentes de aniversário de Line, e aclararam a garganta para ver se com suas broncas vozes matinais eram capazes de cantar feliz aniversário. Começaram a cantar ao subir a escadas: “Feliz aniversário”, em diferentes entonações.

Line se sentou na cama meio adormecida com seu cabelo ruivo e ondulado ao redor da cabeça como uma nuvem. Deu um amplo sorriso e olhou encantada para os presentes. Line gostava de presentes como uma criança e começou com os de Petra e Nils: um livro, um esmalte de unhas, um calendário com belos bombeiros que seguravam gatinhos. Line, quando jovem, fora noiva de um bombeiro. Seus filhos costumavam brincar com ela lhe dizendo que a fraqueza dela era ver homens de uniforme. Deixara o presente do marido para o final. Knutas observava a mulher com grande expectativa. Havia lhe custado muito encontrar algo, porém tivera uma ideia maravilhosa. Havia uma coisa que sabia que ela queria de verdade. Apesar das inumeráveis dietas de emagrecimento que havia seguido e as tentativas pouco entusiasmadas de começar a fazer exercício, não conseguira baixar de peso. Portanto, Knutas havia feito um embrulho com tudo aquilo que pudesse ajudá-la a conseguir. Um convite de um ano de duração para um ginásio de Visby, uma corda e halteres para treinar em casa, e um guia de introdução para frequentar a Natur House. Quando Line soube em que consistia o presente, seu rosto se ensombreceu e apareceram umas manchas vermelhas no pescoço. Levantou devagar a cabeça e se encontrou com o olhar do marido.

— Que significa isso? Seus olhos se estreitaram.

— O que quer dizer? Gaguejou inseguro, e começou a recitar todas as vantagens do seu presente. — Disse que quer emagrecer e aqui tem tudo o que possa desejar. Se um dia não tiver tempo para ir ao ginásio, pode treinar em casa, e a Natur House tem uma reunião para os novos sócios toda a segunda na escola Sävskolan. Além disso, inclui um instrutor nas cinco primeiras vezes que for ao ginásio, para que aprenda a usar corretamente os diferentes aparelhos. Knutas apontava entusiasta o folheto que estava grudado ao convite.

— Ou seja, acha que eu estou muito gorda, que já não sou mais atraente? Por isso me presenteou com todas essas coisas? Porque quer que tenha as carnes mais firmes? Line se sentou reta como um pau na cama e levantou a voz tudo o que pôde. As crianças olhavam assustadas.

— Mas o que está dizendo? Mas se não para de falar de que quer emagrecer. Eu só queria ajudá-la a começar.

— É isso o que alguém deseja no dia do seu aniversário? Que lhe recordem de como está gorda?

Não pode alguém esquecer disso ao menos no dia de seu aniversário? Tinha levantado a voz e as lágrimas brotaram. As crianças optaram por sair do quarto. Knutas se irritou.

— Merda! Primeiro se queixa de que está gorda e quando lhe presenteio com coisas que podem ajudá-la a perder algum quilo se aborrece. Não existe quem lhe entenda! Desceu a escadas pesadamente, começou a fazer ruído com o café-da-manhã, e ligou para Line.

— Devolva-me e esqueça! Chamou as crianças. — O café-da-manhã está pronto para quem quiser!

— E você? Já pensou no aspecto que tem? Gritou Line da escada. — Posso comprar um aparelho de musculação para os braços de presente de Natal. E, talvez um pouco de Viagra, que não lhe cairia mal!

Knutas não se preocupou em responder. Podia ouvir Line que continuava murmurando irritada no andar de cima. Às vezes ficava completamente farto de seu temperamento. As crianças desceram e comeram seus cereais em silêncio. Knutas manchou de café a toalha da mesa, porém não fez caso. Olhou para Petra e a Nils. Os três menearam a cabeça em sinal de apoio. A reação era o que ninguém entendia.

— Suba e vá falar com mamãe, disse Petra depois de um tempo. — É o aniversário dela.

Knutas suspirou, porém seguiu o conselho da filha. Um quarto de hora depois conseguira convencer a mulher de que não estava muito gorda, que gostava dela tal como era e nem sequer estava um pouco forte.

* * *

Pela primeira vez tinha medo dele. Todo começou quando ele descobriu as cicatrizes dos cortes. Tinham voltado a fazê-lo, em seu lugar secreto. Como sempre, a relação sexual entre eles significava um suplício para Fanny. Uma mistura violenta de dor e mal-estar. Era como se ela gostasse de castigar a si mesma. Quando terminou e estava descansando a seu lado, lhe segurou os pulsos.

— Que é isto? Inquiriu sentando no sofá.

— Nada. Ela retirou a mão. Ele segurou suas duas mãos e as colocou diante dele.

— Tentou se suicidar?

— Não, disse envergonhada. — Somente me cortei um pouco.

— Merda, e isso por quê? É que está doente da cabeça?

— Não é nada. Tentou se soltar de suas mãos, porém não conseguiu.

— Tem se machucado porque é divertido, simplesmente?

— Não, é uma coisa que faço sem mais. Estou fazendo há vários anos, não consigo evitar.

— Ficou maluca?

— Sim, talvez seja isso. Fanny tentou rir, porém a risada ficou travada na garganta. O medo lhe bloqueou o caminho.

— Não pode continuar fazendo isso. Pensou no que acontecerá se alguém descobrir? Sua mãe ou algum professor na escola? Então começarão a fazer um monte de perguntas. E pode ser que não seja capaz de guardar silêncio sobre nós. Podem manipulá-la e enganá-la para que conte tudo. Vão lhe colocar nas mãos de psicólogos e todo esse lixo! Tinha levantado tanto a voz que estava gritando. De seus lábios saíam gotas de saliva. Repentinamente ele pareceu perigoso, imprevisível. Apertou com

força a manta contra o corpo e o olhou aterrorizada.

— Ninguém notará, argumentou em voz baixa.

— Isso é o que você acha. Somente é questão de tempo que alguém descubra essas feridas. Proíbo-a que volte a fazer isso. Ouviu-me? Cravou-lhe os olhos, negros de ira.

— Sim, prometo. Não farei mais.

O homem meneou a cabeça e desapareceu no banheiro. Fanny permaneceu sentada no sofá, incapaz de se mover, presa do pânico. Quando voltou, havia se tranquilizado. Sentou-se a seu lado e lhe acariciou o braço.

— Não pode continuar fazendo isto disse com voz suave. — Pode se ferir de verdade. Preocupo-me com você, entende?

— Sim, disse, e sentiu a queimadura das lágrimas no interior das pálpebras .

— Vamos! Vamos! Consolou-a. — Não queria ser tão duro. Assustei-me ao ver as cicatrizes, e tenho medo de perdê-la. Estou preocupado de que possa chegar a se ferir de verdade. Não quero voltar a vê-las mais, de acordo? Segurou-a com suavidade no queixo e a olhou profundamente aos olhos. — Prometa-me, minha princesinha. Ela estremeceu por dentro e assentiu obediente.

De volta o carro estava certa de que não queria voltar a vê-lo nunca mais. Ia dando voltas na cabeça uma e outra vez pensando em como dizer isso. Ia repetindo para si mesma as frases como um disco quebrado. Ele parou, como costumava fazer, a uma quadra antes da casa de Fanny e desligou o motor. Queria que ela se sentasse no assento da frente para o costumeiro abraço de despedida. Agora precisava sempre se sentar no assento traseiro, porque tinha medo de que os vissem. Quando ele lhe pôs o nariz entre os seios, se armou de coragem.

— Será melhor que não nos vejamos mais. Ele levantou a cabeça lentamente.

— O que disse?

— Que não quero que nos vejamos mais. Que precisamos acabar com isso. Seus olhos se escureceram e ele disse com voz estridente:

— Por que diz isso?

— Porque eu não quero mais, disse Fanny com a voz entrecortada. — Não quero continuar.

— Que merda você está dizendo? Bufou o homem. — Não quero! Do quê está falando? Que é isso de que não quer mais? Somos eu e você!

— Mas eu não quero que nos vejamos mais. Acabou-se. Somente queria sair do carro. Seu tom agressivo a assustou. Tentou abrir a porta.

— Ouça, putinha, quem demônios acha que é? Jogou-se sobre ela e a segurou com força pelos braços. Com a boca apertada contra seu ouvido disse rosnando: — Pensa que pode me deixar assim, sem mais? Vá com muito cuidado porque não estou brincando. Não acredite que pode chegar e impor condições. Posso fazer que não volte a colocar o pé nas quadras nunca mais, entendeu? Uma palavra minha e não poderá voltar a aparecer por lá, é isso o que quer?

Ela tentou se soltar de seus braços.

— Que uma coisa fique bem clara, nossa relação só terminará quando eu disser que terminou. E nem uma palavra disso a ninguém, porque então poderá dizer adeus às quadras para sempre. Não se

esqueça!

Afastou com um empurrão. Soluçando, Fanny conseguiu abrir a porta do carro e se precipitou para fora. Ele arrancou bruscamente e desapareceu. A última coisa que ouviu foi o chiado dos pneus quando o carro dobrou a esquina.

* * *

Emma olhou para o marido enquanto tomavam uma taça de vinho. Haviam ficado sentados conversando depois de jantar, como costumavam fazer nos fins de semana. As crianças olhavam o programa PEQUENAS ESTRELAS na televisão, contentes com suas coca-colas e um jarro grande de pipocas. Olle parecia satisfeito. Não suspeitaria de nada, realmente? Encheu a taça de sua mulher. “É absurdo”, pensou esta. “Ontem estava sentada da mesma maneira com Johan.”.

— O jantar estava muito bom, disse ele.

Emma havia preparado uns filés russos de carne de cordeiro com molho de iogurte e fizera seu próprio creme de berinjelas. Tinham aberto um restaurante libanês em Visby e haviam ido lá em uma de suas raras saídas noturnas, e o cozinheiro havia lhe dado a receita quando ela pediu. Um jantar a mais para adicionar à longa série que haviam feito juntos. Ele lhe pediu que falasse do curso, o que ela falou. Haviam tido pouco tempo para conversar desde que ela voltara.

— Até quando ficou na festa?

— Ah, não muito, respondeu vagamente. — Não sei que horas eram. Uma ou por aí.

— Foi para casa com Viveka?

— Sim, mentiu.

— Ah, sim? Liguei para você nesta manhã no hotel. E não estava lá. E por cima com o celular desligado. Uma sensação abrasadora lhe percorreu o corpo. Agora teria que voltar a mentir.

— Estava tomando o café-da-manhã. Que horas eram?

— Oito e meia. Não encontrava as sapatilhas de educação física da Sara. Olhou-a fixamente. Emma tomou outro gole do vinho para ganhar tempo.

— Há essa hora deveria estar tomando o café-da-manhã no restaurante. O celular havia ficado sem bateria e eu o havia deixado no quarto para que carregasse.

— Então foi isso, disse, se dando por satisfeito.

Uma explicação completamente lógica, era claro que acontecera isso. Sua confiança nela havia se consolidado ao longo dos anos, por quê iria duvidar agora? Nunca havia lhe dado motivos para isso. As mentiras a queimavam por dentro e o ambiente descontraído se acabou para ela. Começou a arrumar a mesa.

— Sente-se, protestou Olle. — Isso pode esperar.

A conversa começou a tratar de outras coisas e em seguida desapareceu a sensação de aborrecimento. Deitaram as crianças e começaram a ver um interessante thriller na televisão. Ela ajeitada em seus braços, exatamente como das outras vezes. Ainda que não fosse mais assim.

* * *

Dezesseis

Domingo 25 de Novembro

NA MANHÃ SEGUINTE aconteceu a catástrofe. Soou o celular de Emma enquanto estava no banho e Olle leu a mensagem. “Que tal? Adoro você. Beijos. Johan.”. Quando entrou na cozinha, o marido estava sentado à mesa. Tinha o rosto branco de cólera e o celular dela na mão. O chão se afundou sob seus pés. Soube imediatamente que ele havia descoberto tudo. Viu através da janela que as crianças estavam lá fora brincando sob a chuva.

— Que aconteceu? Perguntou com a voz apagada.

— Que merda significa isto? Inquiriu ele com a voz cheia de raiva.

— O quê? Emma sentiu como tremia o lábio inferior.

— Você recebeu uma mensagem, gritou Olle. — Aqui! Agitou o celular no ar. — De um tal de Johan que lhe adora e lhe manda beijos. Quem diabos é Johan?

— Deixe que eu explique, rogou ela sentando na borda de uma cadeira em frente a ele. Nesse momento se abriu a porta da rua.

— Mamãe, mamãe, minhas luvas se molharam, gritou Sara. — Pode me dar outras?

— Vou, disse a mãe. Saiu à entrada e apanhou outro par. Tremiam-lhe as mãos. — Aqui tem, querida, agora vá brincar com Filip. Papai e mamãe querem falar a sós um momento. Fica lá fora mais um pouquinho, está certo? Eu os chamo quando terminarmos. Deu na filha um beijo na face e voltou para mesa.

— Já quis lhe dizer, porém é muito difícil, disse olhando-o com olhos suplicantes. — Estou há um tempo me encontrando com ele, porém estou muito confusa, não sei o que estou sentindo.

— Que merda está me dizendo? Sus palavras eram duras. Notava que Olle tentava conter a raiva apertando os dentes. Não se atrevia a olhá-lo. — Não pode ser verdade, isto é incrível! Levantou-se da mesa e se plantou diante de ela, ainda com o celular na mão. — Que diabos está acontecendo? Quem é ele?

— É o que fez uma entrevista comigo após a morte de Helena. O tal jornalista da televisão, Johan Berg, disse em voz baixa. Olle jogou o celular contra o chão de pedra com todas as forças. Com a pancada se converteu em uma confusão de plástico e metal. Então se voltou para ela.

— Esteve se encontrando com ele desde então? Nas minhas costas? Durante vários meses? Tinha o rosto descomposto pela raiva e se inclinava sobre a mulher.

— Sim, disse Emma debilmente. — Mas me deixe que explique. Não nos temos visto todo o tempo.

— Explicar-me? Gritou Olle. — Explique a um advogado. Fora daqui. Saia agora mesmo! Segurou-a com força pelo braço e a levantou da cadeira. — Fora daqui, você já não tem mais nada a fazer aqui. Suma para que não tenha que vê-la. Vá para o inferno, não quero voltar a vê-la nunca

mais. Ouviu? Nunca mais!

Ao ouvir o alvoroço, as crianças apareceram no vão da porta. No princípio ficaram em choque e depois as duas começaram a chorar. O que não freou Olle. Aos empurrões jogou Emma na varanda descalça e jogando depois o casaco e as botas.

— Aí tem, e nem pense em levar o carro! Gritou apanhando o chaveiro. E entrou batendo a porta.

Emma apanhou as botas e o casaco. A porta voltou a se abrir e sua bolsa saiu voando pelo ar. Encontrou-se tiritando de frio. A rua estava deserta. Era a manhã de um domingo de novembro e tudo havia explodido. Ficou olhando fixamente a porta fechada. A bolsa havia se virado ao cair e seu conteúdo estava espalhado pela varanda e os degraus. Apanhou mecanicamente as suas coisas. Demasiado aturdida para chorar, se encaminhou até o portão e o abriu, em seguida se dirigiu para a direita, sem saber por quê. Não reparou nos vizinhos que duas casas mais além, conversando e rindo, entraram no carro e foram embora. A mulher levantou a mão cumprimentando-a, porém não teve resposta.

Sentia-se vazia por dentro, paralisada. Tinha o rosto rígido. O que havia feito? Aonde podia ir? Não podia mais voltar para sua própria casa. O ginásio poliesportivo que havia junto à escola estava deserto. Soprava um vento frio vindo do norte. Olhou para a autoestrada principal, por onde passava algum que outro veículo. Quais os horários dos ônibus os domingos? Nunca tivera que se fazer essa pergunta.

* * *

Dezessete

Segunda-feira 26 de Novembro

A SAUNA estava numa temperatura de cerca de quarenta graus. Knutas encheu o balde de madeira e jogou água sobre as pedras ardentes. A temperatura aumentou ainda mais. Tinham feito mil e quinhentos metros e estavam mais que satisfeitos. Um par de vezes na semana, Knutas e Leif procuravam conseguir um tempo para nadarem juntos, ao menos durante os seis meses de inverno. Knutas nadava regularmente na piscina de Solbergabadet durante todo o ano. Na realidade gostava mais de ir nadar sozinho. As ideias aclaravam quando estava na água, dando uma braçada após outra. Mas esta era uma maneira de se relacionar. Ainda que tivessem de aguentar muitas gozações pesadas dos colegas por ir à piscina, porque eles diziam que isso era mais próprio de mulheres. Os homens jogavam juntos tênis, golfe ou bola. Na sauna falavam de qualquer assunto trivial ou permaneciam completamente em silêncio. Isso, segundo Knutas, era o diferencial num bom amigo. Irritava-lhe profundamente as pessoas que se empenhavam em dar trabalho incessantemente à língua, ainda que não tivessem nada de sensato a dizer.

Knutas contou do numerozinho que Line havia feito no dia de seu aniversário e Leif riu gostosamente. Nunca chegariam a compreender totalmente as mulheres, e nisso os dois estavam pateticamente de acordo. Tinham filhos da mesma idade e discutiam os problemas da adolescência, que já haviam começado a aparecer. Seus filhos eram companheiros na escola e na semana anterior Leif havia descoberto que fumavam às escondidas. Estavam fumando guimbas e o filho de Leif, que usava o cabelo longo para horror dos pais, havia queimado um cacho de um lado.

Falavam de seu medo de ficarem idosos, de seu temor que tivessem barriga e que seus músculos caíssem, do aparecimento de fios brancos no peito. Knutas não costumava pensar muito na velhice nem na morte, porém às vezes raciocinava sobre como o tempo andava passando rápido e se perguntava quantos anos lhe restariam. Imaginava-se ficando cada vez mais velho, com a imobilidade e os achaques que isso traria consigo. Quanto tempo poderia continuar desfrutando da vida? Até que tivesse sessenta e cinco, setenta ou inclusive oitenta? Quando começava a pensar nessas coisas, se angustiava e retornava ao vício de fumar, ainda que fumasse muito pouco. A maioria das vezes não fazia mais que chupar o cachimbo apagado, brincando e se entretendo com ele, e somente o acendia umas poucas vezes ao dia.

Leif enfrentava à mesma inquietação, ainda que não fumasse. Contou-lhe que havia comprado um aparelho para fazer exercícios físicos em casa e que o utilizava uma hora todas as manhãs. O resultado estava à vista, constatou Knutas com certo ciúme. Apreciava a franqueza de Leif e de poder lhe contar os problemas. Agora, quando se tratava de temas relacionados com o trabalho, regiam

outras normas. Leif não costumava perguntar a Knutas nada relacionado com o trabalho. O que não o impedia às vezes de ter vontade de contar ao amigo alguma que outra coisa. Normalmente era bom falar com alguém alheio aos corredores da delegacia, alguém que tivesse uma perspectiva diferente. A maioria das vezes era Line quem cumpria esse papel. Ela havia lhe ajudado em numerosas ocasiões a ver as coisas de outra maneira.

Chegou no trabalho depois das onze. No escritório encontrou uma nota de Norrby escrita a mão e uma cópia de um interrogatório enviada pela polícia de Uppsala. A jovem que estivera com a testemunha no porto fora rastreada até um endereço naquela cidade. Naquele dia só houvera uma passageira dali cuja idade coincidia com a descrição. Chamava-se Elin Andersson e no interrogatório, com o qual a polícia de Uppsala claramente os havia ajudado durante o fim de semana, a jovem confirmara que conhecia Niklas Appelqvist, que estiveram juntos no porto na manhã do dia 20 de julho antes que ela pegasse o barco, porém que no cais não chamara a sua atenção alguma pessoa em particular. Assim estão, suas suspeitas se confirmavam, havia sido o jovem vizinho de Dahlström quem dera essa informação a Johan Berg. Knutas se irritava sobremaneira que uma testemunha tão importante se negasse a falar com eles. E não porque tivesse tido algum problema com a polícia anteriormente, uma busca no registro de ocorrências havia dado negativo.

* * *

Quando entrou na sala de reuniões meia hora depois, se deu conta de que havia certa agitação flutuando no ambiente. Karin e Kihlgård haviam revisado os papéis de Dahlström durante o fim de semana, e se via claramente em seus rostos que haviam descoberto alguma coisa, porque estavam a ponto de rebentar de vontade de contar aos colegas. Kihlgård tinha à sua frente um prato com dois pãezinhos e uma xícara grande de café. Comia enquanto rebuscava entre seus papéis. Grandes migalhas de pão caíam sobre a mesa. Knutas suspirou.

— E vocês dois tem algo a contar?

— Sim, disse Kihlgård. — Descobrimos que Dahlström tinha um caderninho onde anotava os clientes. Temos uma lista com os nomes, as datas, o que construiu e quanto lhe pagaram.

— O assunto é maior do que pensávamos, apontou Karin. — Ele fez obras de carpintaria durante mais de dez anos. O primeiro trabalho remonta a 1990. Alguns dos que utilizaram os serviços de Dahlström são pessoas muito conhecidas em Visby. Todos olharam atentos para Karin quando mostrou a lista com os nomes. — Que acham...? Até o prefeito, o socialdemocrata Arne Magnusson. Um murmúrio de surpresa percorreu a sala.

— Magnusson, esse socialista de toda a vida, riu Wittberg. — Não pode ser! Mas se ele sempre está defendendo os impostos elevados e, como Mona Sahlin, não para de falar da beleza que é pagá-los. É muito engraçado! Sempre com seus discursos moralizantes. O pior predicador de Visby!

— Ah, sim. Constantemente está fazendo campanha para que os bares fechem à uma hora no verão e para que se proíba o fumo, brincou Sohlman.

— Se isto vier à luz... Vai ser uma farra para os jornalistas, disse Norrby estendendo as mãos.

— Uma obra em 1997, leu Karin da lista. — Cinco mil coroas “por fora” mais alguma quantidade de álcool como pagamento. Entra na cabeça de vocês? Knutas ficou sério.

— Isto é de uma absoluta insensatez.

— Esperee ver, ainda temos mais algumas coisas interessantes, continuou Karin. — Bernt

Håkansson, chefe de serviço do hospital, e Leif Almlöv, restaurador, e um bom amigo seu, Anders!

— Não me foda! Knutas ficou vermelho como um pimentão. — Também está nessa lista?

— Uma sauna na casa de campo por dez mil coroas. Não está mal pago. Os olhos de Karin brilhavam. Divertia-se fazendo-o ficar irritado. Kihlgård parecia igualmente satisfeito. Agora haviam conseguido algo com o que se vangloriar. Bom para eles. — De qualquer maneira, não foi o único. Temos mais de uma dezena de nomes.

— Não terá ninguém da casa? Perguntou Wittberg inquieto. — Diga-me que não tem ninguém, por Deus.

— Não, por sorte não encontramos nenhum policial. Mas alguém tem um sobrenome igual ao seu, Roland Wittberg. É parente? Wittberg negou com a cabeça.

— Deixe-me ver pediu Knutas. Reconheceu uma boa parte dos nomes.

— Que faremos com isso?

— Para começar, podemos tentar descobrir se mantinham alguma outra relação com Dahlström, disse Karin apanhando a lista.

* * *

Knutas ligou para Leif quanto chegou na sua sala. Sentia-se tremendamente irritado.

— Por quê não me disse que utilizou os serviços de Dahlström? Silêncio. — Você está aí?

— Sim. Ouviu-se um profundo suspiro.

— Por quê não me disse nada na sauna? Insistiu Knutas.

— Já sabe a quantidade de golpes que levamos na hotelaria. Pensei que se viesse a público que eu utilizara mão de obra clandestina de forma particular, as pessoas pensariam que também a utilizo no negócio. Iriam me considerar imediatamente suspeito e em seguida as autoridades me tornariam a vida impossível.

— Não pensou isso antes de encarregá-lo a construir a sauna?

— Tem razão, foi uma estupidez. Na época o movimento estava fraco no restaurante, e Ingrid não parava de falar nessa maldita sauna. Não é desculpa, mas talvez uma explicação. Espero não tê-lo colocado numa situação ruim.

— Não se preocupe comigo. Além disso, temos mais pessoas com motivos para ficarem preocupadas. Encontramos uma lista com vários nomes de pessoas que fizeram o mesmo. Se lhe dissesse quem são, não iria acreditar.

Knutas se recostou na cadeira depois da conversa e começou a encher o cachimbo. Estava satisfeito de que não tivesse nenhum policial na lista e aceitou a explicação do amigo. Céus! Quem nunca havia feito alguma besteira? Uma vez, há muito tempo, ele mesmo havia subtraído um pacote de cuecas em um estabelecimento da Rua Adelsgatan. Quando estava na loja com o pacote na mão teve uma vontade irresistível de experimentar o que se sentiria ao furtar algo. Saiu diretamente da loja com o pacote debaixo do braço. Ficou tão nervoso que tremia, porém quando ultrapassou a saída, foi invadido por uma sensação de felicidade. Era como se o fato em si o tivesse transformado em invulnerável. Quando havia se afastado o suficiente do estabelecimento e se deu conta de que havia se livrado, olhou para o pacote e descobriu simplesmente que havia errado o tamanho. Knutas ainda se envergonhava quando pensava naquela peripécia. Deu meia volta na cadeira e olhou através da janela. Em algum lugar lá fora o assassino ainda andava solto.

Nada apontava a que fossem encontrá-lo no círculo dos conhecidos habituais de Dahlström. Pelo contrário. Evidentemente este estava metido em algo do que eles não tinham a menor ideia. Fosse o que fosse, havia ocultado bem. O problema era saber quanto tempo durara aquilo. Provavelmente, não seria muito anterior à data do primeiro depósito no banco, deduziu. Em 20 de julho. No mesmo dia em que Niklas Appelqvist vira Dahlström com um homem no porto. Não era muito difícil imaginar, que aquele homem entregara então a Dahlström o dinheiro que, nesse mesmo dia, mais tarde, ele mesmo depositara no banco. Vinte e cinco mil coroas. O depósito seguinte, em outubro, foi do mesmo valor. Seria possível que realmente não tivesse nada a ver um com o outro? Desde o princípio, Knutas havia dado por certo que as duas operações estavam relacionadas, porém já não estava tão confiante. Talvez se tratasse simplesmente do pagamento de diferentes trabalhos de carpintaria. Mas uma pessoa que tivesse contratado Dahlström, por que iria marcar uma conversa com ele no porto às cinco horas da manhã, para algo tão trivial? O homem, evidentemente, não queria que o reconhecessem.

* * *

Fanny sentia os músculos agradavelmente cansados. Calypso havia se portado maravilhosamente. O havia montado por seu caminho favorito através do bosque, ainda que na realidade fosse um passeio muito longo, para um cavalo de corridas tão sensível. Mas, que merda, permitiam que montasse tão poucas vezes que não conseguira evitar. O cavalo era manso e seguia as indicações sem a menor dificuldade. Fazia-a se sentir capacitada. Tinham galopado longas distâncias pelo suave caminho do bosque. Nem uma alma à vista. Pela primeira vez em muito tempo havia experimentado algo parecido com a felicidade. Seu coração se alegrava quando cavalgava. Elevava-se um pouco sobre os quadris e apertava as pernas. Os olhos lacrimejavam por causa do vento, e a consciência de galopar em maior velocidade do que ela era capaz de controlar, fazia tudo ficar mais excitante. Isto era vida. Ver as orelhas do cavalo apontando para diante, ouvir o som surdo dos cascos contra o chão, sentir a força e a energia do animal.

Quando voltou trotando até a cavalaria, segurando o cavalo com as rédeas frouxas, se sentia relaxada. Tinha o pressentimento de que tudo iria se acertar. A primeira coisa que faria seria romper com ele de uma vez por todas. Havia ligado para ela, pelo celular, umas vinte vezes ao longo do dia, porém ela não atendera. Queria lhe pedir perdão. Tinha escutado as mensagens e parecia triste e arrependido. Tentava convencê-la de que não pensava em nenhuma palavra do que havia dito. Pela manhã havia enviado uma mensagem ao celular com flores desenhadas e um coração. Nada disso lhe causava mais nenhuma impressão.

Terminaria com ele, dissesse o que dissesse. Nada a faria mudar de ideia. Tinha decidido não acreditar nas ameaças de que ia fazer com que a expulsassem das cavalariças. Já tinha um ano que trabalhava lá e todos a conheciam. Não fariam caso. E se tentasse, pensava em contar tudo. Era legalmente terminantemente proibido manter relações sexuais com alguém da sua idade, e ela sabia, e como sabia! Tão boba não era. E ele era um velho asqueroso. Talvez até pudesse acabar na cadeia. Seria uma liberação se desfazer dele, poder deixar seu corpo em paz e não ter que fazer todas as coisas que ele pedia que fizesse. Desejava poder voltar a ser dela mesma. A mãe era como era, porém Fanny ia fazer quinze anos e não precisaria continuar morando naquela casa muito tempo mais. Talvez

pudesse se mudar no ano seguinte, quando começaria o segundo grau. Tinha muitos jovens que faziam isso. Viviam na cidade de segunda-feira a sexta-feira e iam para casa no fim de semana. Isso ela podia fazer também. Com certeza a ajudariam se contasse à assistente social da escola a sua situação. Quando abraçou Calypso no box, sentiu gratidão para o cavalo. Era como se o animal tivesse lhe infundido força e confiança em si mesma. Uma espécie de confiança em que tudo ia se ajustar.

Não havia percorrido mais de trezentos metros quando viu as luzes do carro. Vinha na direção contrária. Ele reduziu a velocidade e desceu o vidro da janela.

— Alô, vai para casa?

— Sim, gritou Fanny parando.

— Espere um momento disse o homem. — Vou dar a volta. Espere-me aí.

— Está bem.

Duvidando, desceu da bicicleta e se colocou na calçada. Viu-o desaparecer e teve vontade de fazer o mesmo. Ir para casa pedalando o mais depressa que pudesse e se livrar dele. Arrependeu-se imediatamente. Ia acabar com ele de uma vez por todas. Quando regressou ele pediu que entrasse no carro rapidamente.

— E o que faço com a bicicleta? Perguntou resignada.

— Deixe na vala, ninguém vai mexer. Em seguida viremos buscá-la. Fanny não se atreveu a contrariá-lo. Suas pernas tremiam quando se sentou no carro.

— Preciso voltar rapidamente para casa. Mamãe está no trabalho e tenho que cuidar do Mancha.

— Terá tempo. Somente queria vê-la e conversar, você não quer? Fez-lhe a pergunta sem olhá-la.

— Sim, respondeu, olhando-o de soslaio.

Sua voz parecia forçada, e ele parecia tenso. Movia as mandíbulas rangendo os dentes. Para ela parecia que dirigia muito depressa, porém não se atreveu a protestar. Estava escuro e se viam poucos carros na autoestrada. Tomou direção sul para Klintehan.

— Aonde vamos?

— Não muito longe. Rapidamente estará em casa.

O medo foi se apoderando dela. Estavam se afastando cada vez mais da cidade, e então soube para onde se dirigiam. Chegou à conclusão de que não conseguiria nada reclamando. A tensa situação que reinava no carro lhe dizia que era melhor não fazê-lo. Quando chegaram na casa, ele insistiu em que tomasse um banho.

— E isso por quê?

— Cheira a cavalo.

Fanny abriu a torneira e a água quente deslizou sobre a pele desnuda sem que sentisse nada. Ensaboou-se mecanicamente enquanto os pensamentos ziguezagueavam pela cabeça. Por quê ele

estava tão estranho? Secou-se com a toalha de banho e tentou afugentar o mal-estar que ia se apoderando dela. Tentou convencer a si mesma de que só estava tenso pelo que acontecera na última vez. Para maior segurança, se vestiu com toda a roupa. Para se precisasse sair dali correndo. O homem estava sentado na cozinha lendo o jornal quando desceu. Isso a tranquilizou.

— Ainda está vestida? Perguntou com frieza. Olhava-a como ausente; dirigia os olhos vidrados para ela porém era como se não a visse. Seu alívio desapareceu como que varrido pelo vento. O que acontecia? Estaria drogado? A pergunta continuava flutuando no ar.

— Sim, disse insegura. — Pensei...

— Sim? O que pensou, pequena?

— Não sei, eu preciso voltar...

— Voltar? Então pensou que viríamos até aqui só para tomar um banho? Agora falava com voz suave, ao mesmo tempo em que se levantava.

— Não, não sei.

— Não sabe, não é? Existem muitas coisas que você não sabe, amor. Mas talvez tenha feito bem se vestindo. Será mais divertido assim. Vamos jogar um joguinho, entende? Será divertido. Você que é tão jovem, gosta de jogar, não é verdade?

Que mosca havia lhe picado? Tentou conter o medo que começava a invadi-la e se esforçou por aparentar naturalidade. Não lhe serviu de nada. Ele agarrou-a pelo cabelo e a obrigou a se colocar de joelhos.

— Vamos brincar de cachorro e dono, sabia? Gosta tanto de cachorros. Você pode se fazer de Mancha. Mancha tem fome? Mancha quer comer algo bom de verdade?

Enquanto falava ia desabotoando a braguilha com a mão que estava livre, enquanto que com a outra a segurava fortemente pelo cabelo. Fanny ficou estupefata quando se deu conta do que ele queria. Pressionou-a com força contra ele. Engasgou, porém não conseguiu se livrar.

Ao fim de um tempo, por um momento pareceu que o homem perdera a concentração. Não a agarrava mais com tanta força, e Fanny então aproveitou a ocasião. Empurrou-o e conseguiu se liberar. Levantou-se rapidamente e saiu correndo até a entrada. Abriu a porta e continuou correndo. O vento açoitou-a fortemente. A noite estava escura como breu e fazia um frio congelante. Ouvia-se o ruído surdo do mar na escuridão. Tentou chegar até a autoestrada, porém ele a alcançou. Jogou-a no chão e lhe deu um chute diretamente no rosto, tão forte que ela quase desmaiou.

— Maldita puta, soltou. — Agora a farei se calar.

Voltou a segurá-la pelo cabelo e a arrastou pelo pátio da casa. O chão estava cheio de barro e a humidade lhe traspassou a roupa enquanto ia de rastros atrás dele. Rasgou as calças, arranhou as mãos contra o chão e o nariz sangrou. O som do vento afogava o eco de seu choro. O homem procurou às cegas a chave da casa. A porta se abriu com um chiado. Empurrou-a bruscamente para dentro da escuridão.

Dezoito

Terça-feira 27 de Novembro

QUANDO Majvor Jansson voltou para casa depois do turno de noite, descobriu que o cachorro urinara no tapete da entrada. Subiu-lhe às pernas gemendo quando abriu a porta do apartamento. Na cozinha sua tigela de água estava vazia. Em seguida notou que acontecera algo. A porta do quarto de Fanny estava aberta de par em par e a cama estava feita. Eram quase sete horas da manhã de terça-feira e era evidente que Fanny não estivera em casa desde a tarde anterior. Sua mãe se sentou no sofá da sala de estar para pensar. Agora não podia se deixar tomar pelo pânico. O que Fanny iria fazer ontem? Com certeza ir às cavalariças depois da escola, agora passava lá todas as horas mortas. Não tinham tempo de se ver em casa, porque ela precisava ir para o trabalho às cinco. O que significava que Mancha havia passado quatorze horas sozinho! A irritação começou a aparecer em seu interior, porém diminuiu igualmente rápido. A inquietação ia possuindo-a à medida que organizava os pensamentos.

Fanny nunca deixaria de vir para casa se sabia que Mancha estava sozinho. Voluntariamente não. Teria dormido na casa de alguma amiga? A probabilidade de que fosse assim era remota, porém de qualquer maneira começou a olhar para ver se havia deixado alguma nota. Teria lhe mandado alguma mensagem no celular, talvez? Apressou-se a ir até a entrada e procurou nos bolsos do casaco. Ali tampouco não havia nada. Mancha havia terminado de comer e gemia insistentemente. Precisava sair.

Enquanto caminhava entre as casas ia pensando nas possibilidades. Fanny estaria aborrecida com ela? Não, não acreditava, estavam há muito tempo sem discutir. No fundo, era consciente de que talvez nem sempre fora a mãe que a filha precisava. Mas não podia evitar. Era como era e não conseguia forças para agir de outra maneira. Não era fácil ser mãe solteira. Seria uma manifestação de rebeldia? Fanny teria ido embora com alguma amiga que ela não conhecia? Ou com um rapaz? Majvor se apressou a voltar para casa com o cachorro, que parecia muito mais tranquilo. Começou a ligar pelo telefone.

Uma hora depois continuava desconcertada. Nem os familiares nem os conhecidos podiam informar onde Fanny estava. Ligou para a escola. Também não estava ali, segundo informaram. A inquietação foi lhe secando a boca. Retirou uma garrafa de vinho e se serviu um copo. Oxalá não tivesse acontecido nada! E nas cavalariças? Tinha o número? Havia um papel pegado na geladeira. Fanny sempre tão ordenada. Segurava o fone trêmula enquanto esperava que alguém atendesse.

— Sim? Atendeu por fim uma voz dura de homem, depois de dez toques.

— Sou Majvor Jansson, a mãe de Fanny, se apresentou. — Fanny está aí?

Enquanto falava notou de que não sabia com quem estava falando nem como era o lugar onde este se encontrava. Fanny estava a mais de um ano indo às cavalariças, porém ela não havia posto um pé lá. Por quê nunca havia ido lá? Agora maldizia a si mesma, e foi se apoderando dela a ideia cada vez mais evidente do pouco interesse que havia lhe dedicado a filha. Quando foi a última vez que lhe perguntou por seus deveres? Não se atrevia nem a pensar nisso.

— Não, não está, respondeu amavelmente o homem. — Esteve aqui ontem à tarde, porém agora deve estar na escola, não é?

— Não está lá e também não dormiu em casa esta noite. O homem que estava ao outro lado do telefone agora parecia preocupado.

— Que estranho. Espere um pouco, pediu e ouviu como pousava o fone. Vozes no fundo, estava falando com alguém. Voltou passados uns minutos. — Não, ninguém sabe de nada. Sinto muito.

A ligação para o hospital tampouco deu algum resultado. E se olhasse em seu quarto? Normalmente Majvor não entrava lá, já que existia um acordo tácito entre elas de que o quarto era uma área particular. A primeira vista, tudo parecia como de costume. A cama estava primorosamente feita, na mesinha-de-cabeceira havia um livro ao lado do despertador. A mesa estava cheia de canetas, livros, papéis e revistas. Procurou entre as coisas, abriu todas as gavetas, olhou na estante e no armário. Virou todo o quarto de pernas para o ar sem encontrar nenhuma nota, nenhum papel, agenda ou número de telefone que pudesse indicar o paradeiro de Fanny. De repente viu evidentes manchas de sangue na parte exterior, na cabeceira da cama. Desfez as cobertas. Não havia sangue nem no lençol nem no edredom, porém debaixo da cama havia mais impressões de sangue. Todo o corpo de Majvor tremia quando discava o número da polícia.

* * *

Já na entrada, Knutas sentiu certa opressão no peito. Alegrou-se que Sohlman o tivesse acompanhado. Todo o apartamento era deprimente com aqueles aposentos estreitos e de cores desmaiadas. O apartamento se localizava em um edifício de três andares na Rua Mästergatan, no bairro de Höken, ao noroeste de Visby, a pouco menos de um quilômetro da muralha. Majvor Jansson tinha o rosto avermelhado de ter chorado quando abriu a porta. Já que Fanny tampouco se encontrava em casa do pai, a polícia levava a sério a denúncia de seu desaparecimento. O sangue encontrado na cama, fez com que tivessem motivos para suspeitar que acontecera algum ato violento ou estupro, pelo que decidiram revistar o quarto da jovem. Knutas sentiu um ligeiro olor a álcool no alento de Majvor Jansson.

— Quando foi a última vez que viu Fanny? Perguntou já sentado à mesa da cozinha.

— Ontem de manhã. Tomamos o café-da-manhã juntas antes que ela saísse para a escola. Eu não começaria a trabalhar antes das cinco da tarde, porém ela sempre ia às cavalariças quando saía da escola, então quase não nos víamos de tarde.

— Como estava?

— Cansada. Sempre está cansada pelas manhãs, sobretudo ultimamente. Com certeza porque

não se alimenta decentemente, está muito magra.

— Do que conversaram?

— Nada especial, não conversamos muito de manhã. Comeu uma torrada como de costume e em seguida se foi.

— Como era a relação entre vocês?

— Como sempre, respondeu Majvor Jansson com a voz apagada, ao mesmo tempo em que o olhou com olhos suplicantes, como se ele pudesse lhe dizer onde se encontrava a filha.

— Que disse ao sair?

— Somente até logo.

— Falta alguma coisa na casa: roupa, dinheiro?

— Nada.

— E Fanny não deixou nenhuma nota, está certa disso?

— Sim, procurei em todos os cantos.

— Fale-me de como era a vida de Fanny, como se sentia?

— Como se sentem os jovens dessa idade? Não falam muito, porém creio que não se sentia muito bem na escola, começou a faltar às aulas. Pode ser que se sentia só, eu não sei, nunca traz amigos para casa.

— E isso por quê?

— Não tenho ideia, talvez porque seja muito tímida.

— Conversou sobre esse problema com sua filha?

Majvor ficou sem saber o que dizer. Como se nunca tivesse lhe ocorrido pensar que ela era responsável pela filha e não ao contrário.

— Na verdade, não é tão fácil conseguir tempo para falar, quando não se tem mais ninguém e se trabalha fora de casa. Não tenho um marido que me ajude, preciso fazer tudo eu mesma. Nesse momento ela desabou e ocultou o rosto entre as mãos.

— Quer que façamos uma pausa? Perguntou Knutas com respeito.

— Não, será melhor acabar com isto o quanto antes para que possam começar a procurá-la.

— Falou com alguém da escola sobre a falta às aulas?

— Sim, há uns dias ligou aqui para casa um professor. Disse-me que Fanny estava à vários dias sem assistir as suas aulas. Conversamos um pouco, ele acreditava que só estivesse cansada da escola. Eu disse a Fanny que precisaria comparecer as aulas e ela me prometeu que iria.

— Fanny comentou sobre alguma mudança em sua vida, alguma pessoa nova à que tenha conhecido, talvez?

— Não, respondeu pensativa. — Não falou.

— Alguma pessoa com a qual mantinha alguma relação especial?

— Não, para dizer verdade não temos um círculo de amizades muito amplo.

— E familiares?

— Minha mãe é muito idosa e está em Eken, a residência de idosos, porém está tão esclerosada que é quase impossível falar com ela. Também tenho uma irmã em Vibble.

— Vive só?

— Não, é casada e tem dois filhos. Bem, um filho é do marido, de um casamento anterior.

— Portanto, eles são os únicos primos de Fanny? Quantos anos têm?

— Lena vive em Estocolmo, tem trinta e dois anos, creio, e Stefan tem quarenta. Ele vive aqui

em Gotland, em Gerum. Pensei que Fanny estivesse na casa de minha irmã. Os soluços de Majvor se intensificaram. Knutas lhe deu umas palmadinhas no braço.

— Vamos, vamos! Consolou-a. — Faremos o que pudermos para encontrá-la. Com certeza que rapidamente ela aparecerá, vai ver.

* * *

A mensagem que havia na secretária eletrônica era longa. Com a voz entrecortada e apagada Emma contava que Olle já sabia de tudo e que ela, no momento, estava na casa de sua amiga Viveka. Pedia-lhe que não entrasse em contato com ela, e prometia ligar quando se sentisse com forças. Johan conseguiu encontrar o número de telefone de Viveka só para ouvir a explicação que devia respeitar a decisão de Emma e deixá-la em paz. Aquilo era um terror psicológico difícil de suportar. Não conseguia parar de pensar em Emma nem um minuto. Ia ao cinema e saía da sala sem saber de que se tratava o filme. Na terça-feira à tarde ligou.

— Por que não quer falar comigo? Perguntou Johan.

— Toda a minha vida foi para o inferno. Isto não é uma explicação suficiente? Disse enojada.

— Mas eu só quero ajudá-la. Compreendo que deve ser terrivelmente duro. É que fico muito nervoso quando não temos contato.

— Neste momento não posso me preocupar com suas inquietações. Tenho mais que suficiente com as minhas.

— Como ele descobriu?

— Pela sua mensagem. Enviou-a quando eu estava no banho e ele a leu.

— Perdão, Emma. De verdade que sinto muito, não deveria ter mandado uma mensagem num domingo de manhã. Foi uma estupidez.

— O pior é que ainda não pude falar com as crianças. Não atende ao telefone e desligou a secretária. Fui até em casa, porém lá não tinha ninguém. Também mudou as chaves, então não consegui entrar nem uma só vez.

— Calma, consolou-a. — Imagino que precisa desabafar. Vai ser uma loucura. Não é possível alguém falar com ele, seus pais, por exemplo?

— Meus pais? Impossível. Sabe o que ele já fez? Ligou para todos os nossos amigos e para todos os familiares e contou que eu tinha outro. Até a minha avó que vive em Lycksele! Meus pais estão irritadíssimos comigo. Tentei conversar com eles, porém estão ao lado de Olle. Não conseguem entender como pude me portar tão mal com ele. E as crianças, por que não pensei em Sara e Filip? Estão todos contra mim, não sei como vou conseguir suportar.

— Não pode vir para cá? Assim poderia se afastar de tudo.

— Não, não pode ser.

— Quer que eu vá então? Insistiu Johan. — Posso tirar uns dias.

— De quê serviria? Agora a primeira coisa que preciso fazer é tentar conseguir entrar em contato com os meus filhos. Não entende como me sinto ao não poder falar com eles? Já lhe disse que precisava ficar tranquila um par de meses para pensar bem as coisas. Mas você não conseguiu respeitar, não foi capaz de me dar esse tempo. Ligou, insistiu, ainda que tivesse lhe dito que não queria falar. E olha o que aconteceu! Merda, muito obrigado!

— Então tudo foi minha culpa? E você? Você é totalmente inocente? Acaso a obriguei? Você também queria me ver.

— Você só pensa em si mesmo, porque não precisa pensar em mais ninguém. Mas eu sim. Agora quero que me deixe em paz. E bateu o telefone.

Johan não pôde deixar de constatar que ultimamente era a segunda vez que ela fazia isso.

* * *

Os trabalhos para descobrir o que Fanny Jansson fizera nos últimos dias antes do desaparecimento, foram iniciados formalmente depois do meio-dia, em diversas frentes. A polícia interrogou todo o pessoal das cavaliças e todos os familiares. Visitaram a escola, falaram com os colegas de turma e com os professores. A imagem de Fanny ia aflorando cada vez com mais nitidez. Uma jovem que se encontrava muito só e que ia fazer quinze anos no dia de Natal. Os colegas contaram que não mostrava nenhum interesse em se relacionar com eles. Ao começar o ciclo, alguns a haviam convidado para participar em diferentes coisas, porém sempre dizia que não e, ao final, se cansaram. Sempre tinha pressa para voltar para casa depois da escola, até que começou a trabalhar com os cavalos, então, em troca, queria chegar lá o quanto antes. Realmente ninguém tinha nada de ruim para dizer dela, com certeza era uma boa jovem, porém nunca se preocupou por falar com os demais e por isso ficou sozinha. Era culpa dela. Parecia que não se importava e isso também irritava um pouco. Era como se não existisse maneira alguma de se aproximar dela.

Os professores a descreveram como reservada, porém estudiosa. Ainda que ultimamente havia acontecido uma mudança. Faltava as aulas sem motivo e tinha se trancado ainda mais em si mesma. Se bem que não era fácil interpretar a atitude dos jovens dessa idade. Tinha tantos sentimentos à flor da pele; apareciam novas formas de comportamento, começavam a ficarem descarados, iniciavam namoros e paravam, os rapazes começavam a fumar, as jovens a se maquiar e a marcar os seios, tinham os hormônios em plena ebulição. A irritação e a provocação eram habituais e nem sempre era tarefa simples seguir o desenvolvimento individual de cada um dos alunos.

Os familiares também não tinham muito a dizer. Viam Fanny muito pouco, a mãe bebia e tinha um carácter extremadamente volúvel, o que era um impedimento para que pudessem manter uma relação normal. Com certeza, entendiam que a situação de Fanny era difícil, porém o caso era que não haviam feito nada por ela. Tinham seus próprios problemas, alegavam, se negando a assumir algum tipo de obrigação. “A responsabilidade é dos adultos”, pensou Knutas. Existe algo que se chama simples de sentido de responsabilidade. Já não existia entre as pessoas nenhum sentido de responsabilidade coletiva? Nem sequer dentro da família havia pessoas dispostas a se encarregarem de uma criança que se encontrava em uma situação delicada?

Todos os vizinhos tinham a mesma opinião de Fanny: uma jovem tímida e solitária que carregava uma responsabilidade muito grande na casa. Era de domínio público que a mãe tinha problemas com o álcool.

A última pessoa que havia visto Fanny antes que desaparecesse, fora um homem das cavaliças que se chamava Jan Olsson. Segundo ele, a jovem havia chegado nas cavaliças às quatro como de costume e ficara trabalhando com os cavalos. Em seguida haviam lhe permitido dar um passeio com um dos animais que preparavam para as corridas. Ficou fora um pouco mais de uma hora e estava

muito entusiasmada quando voltara. Não a deixavam montar muito a miúdo, então cada vez que tinha a possibilidade, ficava extremamente contente. Tanto ela quanto o cavalo voltaram suados, e Jan Olsson lhes contou que suspeitava que Fanny, na realidade, havia galopado mais do que lhe permitiam. Não disse nada, já que sentia pena dela e lhe pareceu que também tinha direito a desfrutar um pouco.

Do fundo das cavalariças, durante a pausa para fumar, a havia visto pedalando de volta para casa na escuridão. Depois disso não havia nenhum rastro da jovem. Knutas decidiu ir até o hipódromo e falar pessoalmente tanto com o jóquei dono da cavalariça, como com Jan Olsson. Eram sete horas, e quando Knutas ligou para a cavalariça, os dois já haviam ido embora. Nos números de telefone de suas casas ninguém atendia. Seria a primeira coisa que faria no dia seguinte.

* * *

Dezenove

Quarta-feira 28 de Novembro

O HIPÓDROMO ficava a um par de quilômetros do centro de Visby. Quando Knutas e Karin viraram para subir a encosta que ia até as cavalariças, estiveram a ponto de se chocar com um cavalo. O imponente animal bufou e recuou para um lado. As palavras calmas do jóquei o tranquilizaram. Knutas desceu do carro e o cheiro de cavalo e esterco inundou suas fossas nasais. Olhou para o hipódromo, que estava semioculto entre a fria neblina. As grades apenas se viam entre os bancos de neblina. Em ambos os lados da explanada se alçavam as cavalariças, dispostas em fileiras. Em um cercado havia um cavalo trotando a passo curto. Uma espécie de construção de ferro o mantinha no carril e regulava o seu passo.

— Chama-se Horsewalker, explicou Karin ao observar o gesto pensativo de Knutas. — Os cavalos que não vão trabalhar devem fazer exercício nele. Pode ser que tenham tido uma lesão, um resfriado ou qualquer outra coisa, que não permita treinar tão forte como de costume. Engenhoso, não é? Ela foi a primeira a entrar na cavalariça.

Acabavam de dar a forragem do meio-dia aos cavalos e tudo o que se ouvia era o murmúrio de suas bocas e alguma que outra patada. Parecia que reinava a ordem. O chão estava limpo e os boxes estavam bem fechados com cadeado. As amarras estavam penduradas dos aros da parte de fora das portas. As prateleiras estavam cheias de objetos dispostos em linhas bem ordenadas: frascos com linimento e óleo de bebês, tesouras, rolos de fita adesiva, ataduras, raspadores para os cascos. Os protetores para as patas estavam empilhados em cestas. No chão, em um canto, se via um recipiente com chicotes. Um gatinho negro estava dormindo em um carro de forragem. Na janela havia um rádio com o volume baixo.

Sven Ekholm, jóquei e dono da cavalariça, com o qual haviam marcado uma conversa, não se via por ali. Uma das jovens que trabalhava na cavalariça os guiou até uma porta fechada que dava para a sala onde costumavam tomar café. Ekholm estava sentado com os pés em cima de uma mesa redonda falando ao telefone. Fez-lhes um gesto para que se sentassem. A luz do dia fazia o que podia para chegar através das janelas empoeiradas. A toalha vermelha da mesa tinha manchas secas de café. Um armário estava abarrotado de papéis, revistas de cavalos, frascos de vitaminas, xícaras, copos, botas de montar sujas, botas de borracha e pastas. O teto estava cheio de teias de aranha. Em um canto havia uma pequena cozinha com pratos, um micro-ondas e uma máquina de café empoeirada e suja. As paredes estavam cobertas com fotos de chegada de diferentes cavalos e em cima de uma mesinha havia um monte de rosas secas. Era difícil dizer em que se dava prioridade naquela bagunça. Ekholm desceu os pés da mesa e parou de falar ao telefone.

— Olá e bem vindos. Querem um café?

Aceitaram. Ekholm era um homem atraente de uns quarenta anos. Musculoso, se movia agilmente. Tinha o cabelo negro despenteado. Vestia calças negras e uma pólo cinzenta. Com alguma dificuldade conseguiu encontrar um par de xícaras limpas, e, depois de algum tempo, se encontraram cada um com sua xícara de café e um pote de plástico com biscoitos de gengibre diante deles.

— Pode nos falar de Fanny Jansson? Começou Karin. — Pelo que sabemos passava uma grande parte de seu tempo na cavalaria. Sven Ekholm se recostou no respaldo da cadeira.

— É uma jovem esperta que trabalha duro. Não fala muito, porém tem boa mão com os cavalos.

— Quanto tempo ela passa aqui? Perguntou Knutas.

— Quanto tempo passa na cavalaria, quer dizer? Perguntou o jóquei sem esperar resposta. — Vem umas quatro ou cinco vezes por semana, creio eu.

— Quando foi a última vez que esteve aqui?

— Sim, quando foi a última vez que esteve aqui? Repetiu Sven Ekholm. — A última vez que a vi foi na quinta-feira ou sexta-feira da semana passada.

— Parecia normal?

— Sim, parecia normal? Ekholm esfregou o queixo. — Eu estava muito ocupado, então somente a cumprimentei rapidamente. Talvez seja melhor que falem com o pessoal que trabalha na cavalaria, eles tratam mais com ela do que eu.

— Fanny cobra algo para trabalhar aqui?

— Se ela cobra algo por trabalhar aqui? Não, as jovens que trabalham nas cavalarias não cobram, vem aqui porque gostam de se ocupar dos cavalos. Arrumar e limpar. As garotas dessa idade são assim. Sven Ekholm tomou um rápido gole de café.

— Há quanto tempo Fanny está trabalhando aqui na cavalaria?

— Quanto tempo está trabalhando aqui? Não sei, um ano talvez.

— Mantinha uma relação particular com algum dos empregados? Perguntou Knutas, que começava a se sentir irritado de verdade pela mania do homem de repetir todo o tempo as suas perguntas.

— Que se mantinha uma relação com alguém em particular? Bem, talvez com Janne, parece que se dão bem. No demais, é muito tímida, como já lhes disse.

— Quanto tempo você costuma passar aqui? Perguntou Karin.

— Bem, o que posso dizer? Vinte e cinco horas por dia, ele brincou. — Não. No princípio todos os dias. Comecei a tentar ficar livre ao menos um dia a cada dois fins de semana. Tenho mulher e filhos também, não posso viver somente na cavalaria.

— Conhece Fanny bem?

— Não muito. Não é precisamente uma pessoa muito faladora. Tenho sempre tantas coisas para fazer, que não tenho tempo para ficar conversando com todas as pessoas que andam por aqui. Por que Ekholm não repetia as perguntas quando eram feitas por Karin? Aquilo irritava Knutas enormemente.

— Onde mora? Prosseguiu Karin.

— Aqui ao lado. Herdei a fazenda do meu pai. Bem, ele continua morando lá, na casa menor.

— Sua mulher também trabalha na cavalaria?

— Sim, claro. É uma das seis pessoas que trabalham aqui em tempo integral.

— Como dividem o trabalho?

— Nós ajudamos um ao outro, preparamos os cavalos e cuidamos deles, e nos ocupamos da cavalaria. É um trabalho em tempo integral durante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, inclusive quando termina a temporada de corridas.

— Gostaríamos de falar com todos e cada um deles. Se puder ser.

— Sim, claro, não tem problema. Mas acho que agora só Janne e eu estamos aqui. Mas virão mais tarde ou amanhã.

Knutas sentiu necessidade de lhe fazer outra pergunta, só para verificar se ele havia deixado por fim de repeti-las.

— Quantas jovens mais ajudam aqui na cavalaria? Refiro-me a jovens que trabalham de graça depois da escola.

— Jovens que trabalham de graça depois da escola? Bem, temos um par delas. Antes tínhamos mais, porém parece que já não é tão popular. Ou talvez porque agora têm muitos deveres, disse o jóquei sorrindo ao comissário.

Quando saíram dali, Karin percebeu que seu colega tinha o rosto contorcido. A conversa com o moço de cavalaria Jan Olsson foi melhor.

O moço era um pouco mais velho que o jóquei, Knutas lhe deu uns quarenta e cinco anos. Era muito moreno para ser sueco. Tinha os olhos castanhos, quase negros, as sobrancelhas, muito grossas, se juntavam na testa e estava sem fazer a barba há vários dias. Nervoso e musculoso, após anos de trabalho com os cavalos. Não havia em seu corpo nem uma grama supérflua de gordura, como se podia notar através da camisa e das calças sujas que estava vestindo. Não usava aliança de casamento. Knutas se perguntou se viveria com alguém, porém decidiu esperar para fazer essa pergunta. Em vez disso lhe pediu que lhes contasse outra vez o que acontecera quando Fanny saíra da cavalaria. Olsson contou novamente da mesma maneira que aparecia descrito na ata do interrogatório.

— Agora tente se lembrar de algum detalhe, pediu Knutas. — Essas coisas que parecem irrelevantes, às vezes podem ser importantes. Jan Olsson coçou a barba. Parecia um tipo aberto e simpático.

— Não, a verdade é que não me lembro de mais nada. Ela se ocupa dos cavalos e não costuma falar muito. Quando voltou do passeio a cavalo, estava mais alegre do que eu a havia visto em muito tempo. Brilhavam os olhos. Depois de dar forragem ao Calypso e colocar os arreios em seu lugar, disse até logo e se foi na bicicleta.

— O que acha que pode ter acontecido?

— De qualquer maneira, não acho que se trate de suicídio. Estava contente e animada quando saiu daqui. Custa-me a crer que terminasse com a vida.

— Vejo que a conhece muito bem.

— Muito bem, creio. Parece que se sente a gosto aqui, mas, pelo que pude compreender, não é nada fácil em casa. Sempre tem pressa para voltar, precisa cuidar do cachorro. Pelo que sei, a situação da mãe é muito complicada, porém nunca a vi.

— Falou-lhe dos amigos ou de alguém com quem esteja saindo?

— Parece que não tem amigos, porque está quase sempre por aqui. Nós que trabalhamos nas cavalariças somos muito mais velhos que ela. Ainda que converse muito com Tom, que trabalha na cavalariça daqui ao lado.

— Ah, sim?

— Já os vi conversando por aí algumas vezes. Parece que ficam muito bem juntos. Fanny não é precisamente uma pessoa muito comunicativa, então chama a atenção quando conversa com alguém.

— São da mesma idade?

— Não. Ele deve ter pelo menos uns trinta anos. É americano, porém deve estar há muitos anos morando na Suécia. Nota-se ao falar.

— Qual o seu sobrenome?

— Kingsley.

— Quanto tempo está trabalhando aqui?

— Pelo menos um ano, talvez mais.

Tom Kingsley estava ocupado vendando a pata traseira de um cavalo, quando entraram na cavalariça. O animal ocupava quase todo o corredor central. Knutas e Karin se mantiveram a uma distância prudente.

— Nos disseram que conhecia a jovem que desapareceu, Fanny Jansson. É verdade? Começou Knutas.

— Bem, conhecer o que se diz conhecer... Somente conversei um pouco com ela. Não levantou a cabeça, prosseguindo com o trabalho.

— Precisaremos lhe perguntar um par de coisas.

— Com certeza, só vou terminar de fazer isso. Estou na última pata.

Em que pese o evidente acento americano, as palavras fluíam com facilidade. Quando terminou, se levantou e esticou as costas fazendo uma careta.

— O que querem saber?

— O que sabe de Fanny Jansson?

— Não muito. Conversamos um pouco às vezes.

— Como se explica que tenham entabulado contato?

— Deus meu! Trabalhamos aqui os dois, nos vemos no pátio, cruzamos uns com outros.

— Sobre o que conversaram?

— Sobretudo de cavalos, claro. Mas também de outras coisas, de como vai na escola, em casa e essas coisas.

— Que lhe parece a situação dela?

— Não muito boa, na verdade.

— O que quer dizer?

— Não, nada, porém se queixa da mãe, que tem problemas em casa.

— Que tipo de problemas?

— Me contou que a mãe bebe demasiado.

— Então tem muito confiança em você, não é?

— Bah, não sei.

— Se encontraram também em outros lugares?

- Não, não. Somente aqui.
- Sabe se conheceu alguém ultimamente? Algum namorado, talvez?
- Não tenho ideia.
- Quando foi a última vez que a viu?
- No sábado passado.
- Onde?
- Aqui mesmo. Fez um gesto com a cabeça em direção à explanada.
- Como parecia então?
- Como de costume.
- Tem alguma ideia de onde possa estar?
- Não tenho nem a mais remota ideia.

Na cavalaria não havia ninguém mais a quem interrogar. Despediram-se de Tom e regressaram ao carro.

- O que acha que aconteceu? Perguntou Knutas para sua colega no caminho de volta para a delegacia.
- Existe a possibilidade de que tenha se suicidado.
- Custa-me acreditar, é muito jovem. Os suicídios entre as jovens de quatorze anos são raros, somente são realizados por garotas com pelo menos um par de anos à mais. Além disso, não parece que estivesse particularmente deprimida, ainda que, a situação possa ser muito pior do que parece de fora. As três pessoas que entrevistamos nas cavalariças me parecem confiáveis, ainda que o jóquei seja tremendamente irritante.
- Sim, afirmou Karin.

* * *

À tarde, Fanny ainda não aparecera. Sua mãe ligou à Knutas para saber de como andava a busca. Estava desesperada, e a irmã, que morava em Vibble, bem ao sul de Visby, havia se encarregado dela. Knutas seguiu a decisão de começar a revistar os arredores da casa, da escola e da área das cavalariças. As rádios locais emitiram um comunicado de busca e atraíram em seguida o interesse de toda a imprensa local. A Rádio Gotland e os dois jornais locais, Gotlands Tidningar e Gotlands Allehanda, solicitaram uma reunião com ele.

Knutas tentou ser generoso com a imprensa e aceitou dar uma curta entrevista. Conversou com um jornalista após outro, que lhe formularam as mesmas perguntas. Manteve-se reservado com a informação. Somente contou quando Fanny desaparecera, onde a viram pela última vez e forneceu uma descrição da jovem. Pediu-lhes que informassem de que a polícia solicitava a colaboração dos cidadãos. O comunicado deu resultado. Uma pessoa que passava por lá encontrou a bicicleta de Fanny jogada na vala, a pouco mais de um quilômetro da cavalaria. Recolheram-na imediatamente para realizar uma inspeção técnica. Johan Berg também ligou.

- Alô. Atrapalho?
- Estou muito ocupado neste momento.
- Liguei por causa do desaparecimento dessa jovem, acaba de chegar pela Agência de Notícias

TT. O que aconteceu? Knutas lhe deu a mesma informação que havia dado aos demais jornalistas, porém lhe contou também da bicicleta. Parecia-lhe que estava em dívida com Johan.

— Suspeita de que se trate de um crime?

— No momento, não.

— Acha que se suicidou?

— Não podemos descartar essa possibilidade, evidentemente.

— Como é a situação familiar ela?

— Vive só com a mãe em um apartamento, aqui, em Visby.

— É filha única?

— Sim.

— Segundo a descrição é negra. É adotada ou a mãe é estrangeira?

— O pai é caribenho.

— Onde está?

— Mora em Estocolmo com a família. Não mantém nenhuma relação.

— Pode ser que tenha vindo para aqui.

— Tentamos falar com o pai, logicamente, e não conseguimos.

— De qualquer maneira, pode ser que tenha vindo para Estocolmo, insistiu Johan.

— Sim, claro.

— Desapareceu dinheiro ou o passaporte?

— Nada faz pensar que seja assim. Todos os seus pertences continuam na casa, respondeu Knutas impaciente. “Por que seria que Johan Berg nunca podia se conformar com a mesma informação que dava ao resto dos jornalistas? Suas perguntas não tinham fim.”

— O fato de que a bicicleta aparecesse jogada para um lado, pode dar a entender que tenha entrado num carro. Foi encontrada ao lado de uma autoestrada?

— Com certeza. Agora preciso deixá-lo.

— Compreendo que deve estar até o topo de trabalho. Além disso, precisará investigar o assassinato ao mesmo tempo. Existe algum indício de que a jovem tenha caído em mãos do mesmo assassino de Dahlström?

— Neste momento, não.

Knutas meneou a cabeça ao desligar o telefone. Que sujeito mais obstinado. Em seguida voltou a soar o telefone. Da central lhe comunicaram que uma mulher do Centro de Saúde para Jovens de Visby queria falar com ele. Knutas atendeu a ligação.

— Alô, eu me chamo Gunvor Andersson e sou enfermeira. A jovem que creio que procuram esteve aqui recentemente.

— Ah, sim? Como sabe que era ela?

— Reconheci-a pela descrição que ouvi no rádio. Esteve aqui há dois meses e queria pílulas anticoncepcionais.

— Explicou por quê?

— Disse que tinha uma relação estável com um rapaz. Eu lhe perguntei se se sentia realmente madura para manter relações sexuais, porque nós normalmente não recomendamos o uso da pílula anticoncepcional a moças tão jovens. Disse-me que já havia tomado. Informei-lhe de que tinha menos de quinze anos e que era ilegal manter relações sexuais com ela, porém não podemos negar a pílula a uma jovem que quer se proteger. Somente exigimos a concordância dos pais quando se trata

de moças tão jovens, porém quando disse que precisaríamos chamar a mãe, não quis ficar. De repente, levantou e queria ir embora. Bem, tentei evitar e lhe disse que podíamos falar um pouco mais sobre o tema, porém ela desapareceu pela porta num instante.

— Puderam descobrir quem era o namorado?

— Lamentavelmente, não. Não quis contar nada dele. Após acabar a conversa, Knutas ligou para Majvor Jansson.

— Sabe que Fanny tem um namorado?

— Não, na verdade, não creio que tenha.

— Ela esteve no Centro de Saúde para Jovens para pedir pílulas anticoncepcionais.

— É verdade?

— Sim, acabo de receber uma ligação do centro. Esteve lá há um par de meses atrás e queria que lhe receitassem pílulas anticoncepcionais, porém quando lhe disseram que tinham de entrar em contato com a mãe, saiu de lá, sem mais. Quero que puxe pela memória. Não teve nada que indicasse que começara a namorar? Saía com alguém? O telefone ficou algum tempo em silêncio.

— Não me contou nada disso. E, além disso, é difícil que eu saiba, porque trabalho de noite e sou mãe solteira. É fácil para ela sair com alguém à tarde, quando eu preciso ir para o trabalho. Notava que Majvor Jansson estava a ponto de começar a chorar. — Pensei em pedir outro turno no trabalho agora que começara a ficar adolescente, porém acreditava que ainda não havia nenhum perigo. Se ela só tem quatorze anos!

— Obrigado, não a incomode mais, se despediu Knutas. — Com certeza que a encontraremos rapidamente. Provavelmente só fugiu com o namorado.

Paralelamente, estavam realizando a busca. Centenas de voluntários haviam se agregado à procura, e haviam se organizado em diferentes lugares. A preocupação pelo que podia ter acontecido a Fanny aumentava na medida em que se passavam as horas.

* * *

Às cinco da tarde se reuniu com a Brigada de Homicídios na delegacia. O ambiente estava tenso. Knutas informou-os da conversa que havia mantido com a enfermeira do Centro de Saúde para Jovens e da tentativa de Fanny para conseguir pílulas anticoncepcionais. Sohlman, que parecia cansado, informou do resultado da revista no quarto de Fanny.

— Encontramos três caixas com pílulas do dia seguinte no armário, escondidas entre a roupa de Fanny. Duas das caixas estão vazias e a outra ainda contém duas pílulas. O que demonstra que andava mantendo relações sexuais com alguém.

— Bem, essa conclusão não é particularmente perspicaz, interrompeu Karin com acidez. — Mas a pílula do dia seguinte? Não se toma só em caso de extrema necessidade? Não é algo que se utilize como se fosse um anticonceptivo normal, não é?

Olhou com expressão inquisitiva a seu redor e ao observar a cara de pôquer de seus colegas, se deu conta de que trabalhava com uma multidão de homens de idade mediana, cortados todos pelo mesmo molde e que, com toda a certeza, não tinham a menor ideia de como funcionava a pílula do dia seguinte.

— Quantas pílulas ela tomou? Perguntou Karin se voltando para Sohlman.

— Vêm duas em cada caixa e se contam como uma dose, pelo que entendi. O que significa que quatro pílulas significam duas doses.

— Onde alguém compra essas coisas? Na farmácia? Uma jovem de quatorze anos pode entrar e comprá-las? Não é preciso ter pelo menos quinze? Ninguém ao redor da mesa pôde responder à pergunta de Karin. — Bah! Suspirou. — Liguei para o Centro de Saúde para Jovens.

Os policiais se mostraram aliviados ao se livrar de que Karin continuasse fazendo perguntas das quais não conheciam a resposta. Sohlman continuou:

— Na colcha da cama foram encontradas manchas de sangue e cabelos, que não podem ser dela. São cabelos curtos, escuros e grossos. Também encontramos esperma e pelos púbicos, porém não sabemos ainda a quem pertencem. Enviamos ao laboratório. Fizemos o mesmo com as coisas que a mãe não reconhece e que não sabe de onde saíram. Apanhou uma lista. — Um frasco de perfume, um colar, anéis, uma blusa, um vestido e dois conjuntos de roupa de baixo. Muito refinados, apontou e tossiu. — Na bicicleta não encontramos nem uma só impressão interessante.

Quando Sohlman parou de falar, uma atmosfera pesada caiu sobre a sala de reuniões. No transcurso de sua explicação haviam aumentado os temores de que realmente tivesse acontecido alguma desgraça a Fanny. Wittberg quebrou o silêncio.

— Que merda nós vamos fazer? Suspirou resignado. — Que pistas nós temos?

— Há muito que fazer, interveio Knutas. — Enquanto esperamos o resultado dos testes, vamos ampliar a área de rastreamento. Estão chegando muitas informações de várias pessoas e precisaremos verificá-las.

— Como vamos dividir o trabalho entre a investigação do assassinato de Dahlström e esta? Quis saber Norrby.

— Precisaremos trabalhar paralelamente, já fizemos isso antes. Não esqueça tampouco que ainda não sabemos o que aconteceu com Fanny Jansson. Pode ser que apareça amanhã.

* * *

Quando Johan voltou para casa depois do trabalho na tarde de quarta-feira, encontrou, para sua surpresa, Emma sentada nas escadas. Estava pálida e abatida e usava o casaco acolchoado amarelo.

— Emma, o que está fazendo aqui? Exclamou.

— Perdoe que tivesse me irritado tanto ontem, Johan. É só que não sei o que vou fazer.

— Entre. Seguiu-o e se sentou silenciosa no sofá.

— Estou a ponto de perder pé e me afundar completamente. Olle ainda não me deixa falar com as crianças. Tinha pensado ir ao colégio delas ontem, porém a assistente social da escola me desaconselhou. Acha que devo esperar. Falei com os professores e parece que as crianças estão muito bem. Pelo visto, tudo o que sabem é que nós estamos passando por uma crise e que eu estou fora. — Posso fumar?

— Sim, claro, fume. Quer beber algo?

— Sim, por favor, um copo de vinho ou uma cerveja se tiver. Johan apanhou duas cervejas da

geladeira e se sentou ao seu lado.

— O que pensa fazer?

— Isso é precisamente o que não sei, disse irritada. Johan lhe roçou a face.

— O que contou no trabalho?

— Liguei para dizer que estava doente. Não me sinto com forças para dar explicações. O trabalho me parece o de menos nesse momento.

— Olhe se tranquilizará, já verá. Não se preocupe com isso. No seu devido tempo voltarão a falar um com o outro.

— É só que não entendo que tenha reagido de uma forma tão violenta. Com o pouco que acompanhou de nossa relação nos últimos anos, não deveria se surpreender tanto. Pouco me importo com ele, à única coisa que consigo pensar é em Sara e em Filip. Não imagina como isso é duro.

Johan esticou o braço e lhe acariciou a face. Emma lhe segurou a mão, beijou-a e a levou ao peito. Quando ele a beijou, sua reação foi apaixonada. Foi como se tivesse fome dele, de contato físico, de conforto. Johan queria lhe transmitir sua força e dar a energia que ela tanto precisava. Teve algo de desesperado na sua forma de fazer amor com ele naquela noite.

Depois que ela adormeceu, enrolada como uma criança em seus braços. Johan ficou muito tempo acordado no escuro, observando o perfil de Emma e escutando a respiração dela.

* * *

Vinte

Quinta-feira 29 de Novembro

O INTERESSE dos jornalistas pelo desaparecimento de Fanny Jansson ia aumentando à medida que passavam as horas. Cada vez aparecia a mais gente para participar nas batidas e a busca da polícia com helicópteros e câmeras térmicas se intensificou ao redor dos bosques de Visby. Os dois jornais vespertinos publicaram em página dupla a notícia da jovem desaparecida. Sua foto ocupava grande parte das páginas.

No dia seguinte de manhã quando Johan entrou na redação das Notícias Regionais, Grenfors o recebeu agitando os dois diários nas mãos.

— Que merda é esta? Rugiu. Tinha o rosto vermelha de ira. — Tanto o Aftonbladet quanto o Expresen publicam em página dupla a notícia da jovem que desapareceu. Você não tinha que se ocupar disto?

— Posso retirar primeiro casaco? Espetou Johan. Passara vinte minutos na estação de Hornstull esperando um metrô que não viera. A linha vermelha voltara a ter problemas, e por cima a empresa municipal SL tivera a coragem de aumentar o preço mensal. Grenfors foi atrás dele pisando em seus calcanhares, enquanto se dirigia à mesa de trabalho.

— Como é possível que nós não noticiamos nada? Continuou resmungando atrás de Johan.

Já Johan, que estava consciente de que ultimamente havia se centrado demasiadamente em Emma e muito pouco no trabalho, lamentavelmente não tinha nenhuma resposta a dar. Emma havia voltado para casa de avião pela manhã e agora demorariam a voltarem a se ver.

— Vou telefonar para descobrir, respondeu.

— Pode ser que exista também alguma relação com o assassinato daquele alcoólatra. De fato, o assassino ainda anda solto.

— Acha que deveria ir até lá? Perguntou Johan esperançoso.

— Depende do que conseguir no telefonema.

Apanhou os diários locais na pilha dos jornais do dia, e escutou as notícias matinais da Rádio Gotland através da Internet. Efetivamente, informavam de que continuavam sem saber o paradeiro de Fanny Jansson, porém que a polícia trabalhava após uma série de novas pistas. Também os jornais contavam como estavam se realizando trabalhos de busca e que havia aparecido a bicicleta.

Que merda que ele não estivesse atento na investigação, agora que as Notícias Regionais queria

ficar atrás de verdade. Era uma grande desvantagem não estar no lugar dos fatos, em Gotland, seguindo o desenvolvimento dos acontecimentos. Os dois jornais vespertinos especulavam com a possibilidade de que o assassino do alcoólatra tivesse atacado de novo. Levantou o fone dando um suspiro e discou o número de Knutas. Não conseguiu resposta, o celular estava desligado. Tentou falar com Karin Jacobsson, com quem também tivera contato no verão anterior. Parecia estressada.

— Jacobsson.

— Alô, Johan Berg, das Notícias Regionais. Queria saber como está a procura de Fanny Jansson.

A voz ao outro lado do telefone se suavizou. Johan sabia que a polícia de Visby o tratava com alguma consideração, ao menos no momento.

— Colocamos em ação várias medidas. Neste momento continuam as investigações nos arredores da escola, da casa dela e também do hipódromo, onde foi vista por última vez, porém até agora os resultados foram mais bem fracos. Encontramos a bicicleta, isso já deve saber.

— Sim, encontraram alguma impressão nela?

— Para isso terá que conversar com Anders Knutas. É ele quem decide qual informação podemos fornecer a imprensa.

— Tentei falar com ele, porém não atende o telefone.

— Nesse momento está em uma reunião com os novos reforços que chegaram da Polícia Nacional. Com certeza demorará pelo menos outra hora.

— Chegaram à ilha mais pessoal da Polícia Nacional? E por quê isso?

— Como falei, isso terá que ser informado por Knutas.

— Está bem, de qualquer maneira obrigado.

Johan se reclinou na cadeira. Que a polícia tivesse solicitado reforços dos corpos nacionais, só podia significar que o caso era mais grave do que parecia no princípio. Deveriam ter descoberto algo que mostrava que por trás do acontecimento havia um ato criminoso. Levantou-se e se dirigiu à mesa do redator-chefe. Como de costume Grenfors estava com o telefone no ouvido. Johan se perguntava às vezes, quanto tempo se perdia esperando que as pessoas terminassem de falar ao telefone. Observou que Grenfors havia voltado a tingir o cabelo. Este tinha pouco mais de cinquenta anos e cuidava de seu aspecto, sempre vestido de forma esportiva e juvenil. Tinha por costume nunca almoçar com os colegas, em vez disso preferia uma sessão no ginásio da Televisão Sueca. Era alto, magro e estava em boa forma, com muito bom aspecto para a sua idade. Max Grenfors era casado com uma mulher muito atraente, quinze anos mais jovem que ele e monitora de aeróbica. Quando por fim desligou o telefone, Johan lhe contou o que havia descoberto com Karin.

— Vamos esperar para ver o que Knutas diz. De qualquer maneira, agora já é muito tarde para voar para lá, a não ser que tenham algo importante para contar. Precisarás preparar um texto daqui mesmo, de maneira que, pelo menos, possamos dar alguma informação. Peter e você podem viajar amanhã se ficar demonstrado que o assunto vale a pena.

Johan saiu à tarde com o amigo Andreas. Começaram no Vampires Lounge da Rua Östgötagatan, donde as bebidas eram baratas e o ambiente descontraído. A jovem do bar estava sempre vestida completamente de negro, usava o cabelo curto e grandes brincos nas orelhas. Quando se voltou para enjugar um copo, viram a tatuagem que fizera nas costas. Serviu a cada um, uma Margarita em taça de vidro com o pé enroscado. Ao redor do balcão se aglomerava uma clientela relativamente jovem, a maioria com um maço de Marlboro Light ao lado. As pessoas de Estocolmo pertenciam a uma espécie de fumantes noturnos. Nos restaurantes à hora do almoço ninguém fumava, porém nas noites quase todos estavam com um cigarro na boca.

— Parece um pouco por baixo, comentou Andreas quando pararam de falar, como de costume, dos inevitáveis temas do trabalho e dos diferentes acontecimentos esportivos.

— Não, só estou um pouco cansado, disse Johan, e fez o mesmo que os demais clientes do bar, acendeu um cigarro.

— Como está com essa jovem de Gotland, Emma?

— Bem, também está complicado, já sabe, marido, filhos e todo o restante. Andreas meneou a cabeça.

— Por que se envolveu com uma mulher casada com filhos pequenos? Que, ainda por cima, mora em Gotland! Não podia complicar a vida um pouco menos?

— Eu sei, suspirou Johan. — Você não entende porque nunca esteve apaixonado por alguém.

— Mas o que diz? Claro que já estive. Fiquei cinco anos com Ellen, protestou Andreas.

— Sim, mas o que sentia realmente? Tinha dúvidas todo o tempo. Queixava-se constantemente, se não era por uma coisa era por outra; que ela era vegetariana, que chegava sempre tarde, que era descuidada, negligente e não era capaz de dirigir a vida. Que só estudava e continuava estudando, sem que isso a levasse a algum lugar, e que nunca tinha dinheiro. Esqueceu? Andreas deu uma gargalhada.

— Não, claro que não; sabe o que aconteceu com ela? Eu a encontrei no centro há uns meses. Recém-casada e com um filho a caminho, mora em um chalé em Saltsjöbadem e é chefe de uma grande agencia de publicidade. E além disso está belíssima!

Eles começaram a conversar com três garotas de Västberga e seguiram para o famoso bar de Södermalm, Kvarnen.

Johan encontrou com outros amigos jornalistas e se envolveram em discussões tão profundas sobre o panorama jornalístico no mundo, que tanto Andreas como as jovens se cansaram e foram embora.

Quando Johan apanhou um táxi para voltar para casa às três da manhã, Emma ocupou de novo seus pensamentos. O que ela estaria fazendo agora? Queria enviar uma mensagem ao celular, porém se conteve. Tinham concordado que da próxima vez seria ela que iria ligar.

* * *

Vinte e Um

Sábado 1 de Dezembro

OLLE LIGARA de repente e a convidara para jantar. Por fim iria poder ver as crianças. Passara-se apenas uma semana desde a última vez que os vira, porém parecia que tinha sido um mês. No mínimo. Fora na tarde do dia anterior e Emma então pôde falar com eles pela primeira vez desde que saíra de casa. Os dois pareciam alegres e assombrosamente calmos apesar do que havia acontecido. Perguntou-se que ideias rondariam dentro de suas cabecinhas.

Ao longo da semana haviam passado por sua mente diversos cenários. Um momento parecia acertado se separar, no seguinte o que ansiava para que voltassem a ser uma família e nunca ter conhecido Johan. No meio de tudo isso, ficara consciente de suas condições de vida. Estava rodeada de paredes aparentemente firmes, porém que podiam vir abaixo a qualquer momento e dar uma virada na sua vida. Ao mesmo tempo se surpreendia de sua própria estupidez. O que havia pensado? Que podia ter uma aventura só para satisfazer seu próprio ego? Não havia se dado conta de que estava brincando com fogo? Estava disposta a sacrificar tudo por Johan? Essas perguntas ela precisava ter feito quando se deram o primeiro beijo.

O marido havia lhe dado amor e havia se comportado como uma pessoa responsável, cumprira o que prometera quando se casaram. Mas e ela? Quando reagiu colocando-a para fora de casa o chão se abriu a seus pés. Neste momento não sabia o que pensar. Somente queria que o encontro com Olle corresse bem. Tinha um medo mortal de que ele fizesse algo definitivo, como apresentar os papéis do divórcio. Tinha notado algo na voz de Olle quando ligou, um tom diferente que demonstrava que algo mudara. Isso a preocupava.

Sentiu-se como uma estranha de visita, uma convidada em sua própria casa. Olle parecia de bom humor quando abriu a porta. Apanhou seu casaco e o pendurou como se fosse a primeira vez que ela entrava lá. A situação era absurda. O rosto de Emma esteve a ponto de transmitir a irritação que sentia. As crianças vieram correndo na entrada dela. Cobriram-na de beijos molhados e de fortes abraços. Notou o calor de seus corpos contra o seu e cheirinho gostoso deles. Os dois estavam impacientes por lhe mostrar o castelo de biscoitos de gengibre que haviam feito com o pai.

— Oh! Que bonito, exclamou ante as crianças, que lhe mostravam as ameias e a torre. — Mas parece um castelo de verdade!

— É um castelo de biscoitos de gengibre, mamãe, disse Filip.

Olle voltou e parou no vão da porta. Colocara o avental, tinha o cabelo revoltado e parecia um

atraente homem de casa. Instintivamente Emma teve vontade de abraçá-lo, porém se controlou.

— O jantar está pronto. Venha, vamos para a mesa.

Quando terminaram de jantar e as crianças se sentaram em frente à televisão para ver desenhos animados, Olle reencheu as taças de vinho.

— Bem, queria falar contigo seriamente e por isso pedi que viesse esta noite. Não queria falar pelo telefone.

— Está bem, disse Emma prudentemente.

— Dei muitas voltas. No princípio fiquei muito irritado. Jamais pensei que você pudesse me fazer uma coisa assim. Quando descobri aquela mensagem, fiquei uma fera. Senti realmente que a odiava e quis contar para todo o mundo o que você havia feito. Foi como se tivesse vivido enganado. Como podia ter sido tão idiota e não suspeitar de nada? Tudo me parecia tão tremendamente absurdo. Parar não falar do que pensava desse filho da puta da televisão. Estive várias vezes a ponto de ir a Estocolmo para lhe dar uma surra.

Tomou um gole de vinho.

— De qualquer maneira, me dei conta de que não tinha nada a ganhar lhe arrebatando a cara. Possivelmente um processo por lesões, porém isso com certeza ele iria agradecer. Emma não conseguiu evitar de sorrir. — A raiva foi cedendo passados uns dias e então pude começar a pensar com clareza. Pensei em nós, em nossa relação. Repassei toda nossa vida aqui dentro. Olle deu uns golpezinhos na testa com os dedos. — Tudo o que passamos juntos e o que sinto por você. Cheguei à conclusão de que não quero. Que nos separemos. Ainda que me tenha feito um mal terrível, porque me deixou mal de verdade. Por mais duro que seja, reconheço que eu também tenho parte de culpa em tudo isso. Que não me preocupei o suficiente com você, não fazia caso quando tinha vontade de falar comigo. Não que isso justifique o que você fez, porém talvez eu tenha contribuído. Vou demorar em me atrever a voltar a confiar em você, porém estou disposto a tentar.

Emma ficou absolutamente perplexa. Não esperava algo assim.

— Olle, não sei. Não esperava isso. Não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. Agora, de qualquer maneira, já sabe o que queria dizer e se levantou para servir o café.

Tomaram café com as crianças e em seguida as levaram para cama. Emma deixou a casa sem ter dado uma resposta.

Nem a Olle, nem a si mesma.

Vinte e Dois

Domingo 2 de Dezembro

JÁ TINHAM se passado cinco dias desde o desaparecimento de Fanny Jansson e não haviam avançado nada. A jovem havia desaparecido e continuavam sem saber do seu paradeiro. À medida que passavam os dias a polícia estava cada vez mais convencida de que atrás do seu desaparecimento havia algum fato criminoso. A frustração de Knutas ia aumentando. Além de que, a cada dia ficava de pior humor, pois estava com o sono alterado.

Era domingo, o primeiro domingo do mês do Advento, e ele acordou às seis. Tinha dormido mal e tivera uma noite agitada. Em seus sonhos, haviam se misturado umas imagens com outras: o assassinado Henry Dahlström, Fanny vagando pelo Jardim Botânico, Martin Kihlgård comendo as costeletas de porco que o promotor Birger Smittenberg lhe servia. Tudo se confundira em sua cabeça aturdida e despertou suado, sem saber nem onde estava nem que horas eram. Ficou olhando fixamente o rosto da mulher e se deu conta de que tivera um pesadelo. Talvez fosse o vento que o tivesse despertado, pois ululava e bufava no telhado e assoviava nas calhas. O tempo mudara durante a noite. O vento soprava do norte e a temperatura havia caído vários graus. Lá fora estava escuro como breu, e a neve rodopiava com a ventania. Line se estirou na cama.

— Já está acordado? Perguntou morta de sono.

— Sim. Tive sonhos muito estranhos.

— Como era?

— Já quase não me lembro, estava tudo embrulhado.

— Meu pobrezinho, sussurrou em sua nuca. — É o trabalho que está lhe consumindo.

Line mesclava o dinamarquês com o sueco ao falar e ele costumava brincar com ela, porque ainda soava como se tivesse flocos de aveia na garganta ao falar. Ele também já estava usando muitas palavras e expressões dinamarquesas, e as crianças falavam uma curiosa mistura do dialeto de Gotland e do dinamarquês.

Quando se sentaram para tomar o café-da-manhã, sentiu aquela sensação com clareza. Umhas cócegas incessantes nos cotovelos, ao redor dos pulsos e na parte posterior dos joelhos que pressagiava uma mudança do tempo. Era um problema com o qual convivera desde que tinha o uso de razão. Em seguida, quando o tempo se estabilizava um par de dias, a sensação desaparecia tão rapidamente como havia chegado. Não tinha nenhuma explicação e ninguém de sua família sofria de algo parecido. Knutas estava tão acostumado que pouco pensava nisso. Era muito pior quando o tempo se tornava mais frio, como agora. Serviu-se de outra xícara de café. A incerteza sobre o que podia ter

acontecido a Fanny Jansson o corroía por dentro.

Certos colegas insinuavam que se tratava de um suicídio. Era uma teoria que ele não compartilhava, porém por pura rotina havia ordenado investigar em alguns dos lugares mais populares entre quem decidia acabar com a vida. Um deles era Högklint, nas cercanias de Visby, uma rocha que caía abruptamente para o mar e que os candidatos a suicídio costumavam utilizar. A busca não dera nenhum resultado.

E quanto ao assassinato de Dahlström, tampouco haviam avançado alguma coisa. A investigação havia entrado em ponto morto e a única coisa positiva era que o interesse dos jornalistas havia esfriado. Aquele ponto morto fez com que Knutas pudesse tirar um dia livre para ficar com a família. O Natal estava na esquina. Aquele era o domingo em que estreavam as decorações natalinas nas vitrines e havia marcado com Leif e com Ingrid Almlöv para dar uma volta pela cidade. Knutas havia contado em poder se desconectar da investigação, porém os Almlöv começaram imediatamente a falar do caso.

— É espantoso o caso dessa jovem que desapareceu, começou Ingrid depois dos cumprimentos. — Trabalhava precisamente na cavalaria onde meu pai tem o Big Roy. Bem, na verdade, nós somos proprietários de somente metade do cavalo.

— Sim, temos a metade, porém o único que se interessa pelo cavalo é o seu pai. Foi ele quem quis comprá-lo.

— De qualquer maneira, é horrível. O que acha que lhe aconteceu? Perguntou Ingrid se voltando para Knutas.

— Pode ter acontecido qualquer coisa. É possível que tenha sofrido um acidente ou que se suicidou ou, simplesmente, que tenha saído de casa. Não precisa necessariamente se tratar de um crime.

— Mas é disso que vocês suspeitam? Aventurou Ingrid. Knutas evitou dar uma resposta. Então Line interveio e começou a falar das decorações natalinas que haviam colocado no centro.

Os comerciantes haviam se esforçado para criar um ambiente natalino. O vento havia diminuído e a neve que caía conferia ao entorno um aspecto mágico. Por cima de suas cabeças estavam penduradas entre as lojas, guirlandas feitas com ramos de abeto e as lâmpadas colocadas entre a ramagem difundiam um cálido resplendor sobre as ruas. Na Praça Stora Torget vendiam julgötter, quitutes natalinos, e produtos de artesãos nos postos provisórios montados para a ocasião. Beberam glögg, uma espécie de ponche e comeram biscoitos de gengibre. Nos autofalantes cânticos berravam e à tarde se dançava ao redor do enorme árvore de Natal, que haviam levantado no centro da Praça. Um rotundo Papai Noel, com uma longa barba branca, distribuía doces entre as crianças. Estavam abertos até os estabelecimentos menores, e não viam tanta gente na área de lojas da Rua Adelsgatan desde a temporada turística do verão anterior. Para qualquer lado que se voltassem, encontravam rostos conhecidos; paravam para falar com as pessoas a cada dois passos. Os quatro eram muito conhecidos em Visby, Knutas na qualidade de comissário da polícia, Line como enfermeira e os Almlöv eram os donos de um restaurante. Estavam em uma lanchonete bebendo milk-shake de chocolate com chantilly e comendo pães de açafão quando soou o celular de Knutas. Era Karin.

— Agneta Stenberg ligou. É a jovem que trabalha na mesma cavalaria de Fanny Jansson.

Estava de férias. Voltou hoje para casa e afirma que Fanny mantinha uma relação com esse tal Tom Kingsley.

— Que provas ela tem do que está afirmando?

— Pedi-lhe que venha aqui para ser interrogada. Talvez queira estar presente também.

— Com certeza, estarei aí dentro de dez minutos.

* * *

Agneta Stenberg se sentou no sofá do escritório de Knutas, em frente a este e de Karin. A camiseta branca ressaltava seu bronzado. “Por todos os santos! Como esta jovem conseguiu ficar tão morena em só uma semana?”, pensou Karin. Agneta foi direta ao ponto:

— Eu acredito que são mais do que amigos. Já os vi se abraçando várias vezes.

— Você tem certeza? Agneta Stenberg se revirou incomodada. Parecia que tinha vergonha.

— Pois essas coisas se notam. Ficavam muito juntos. Eu o vi acariciando o braço dela. Gestos íntimos que duas pessoas só fazem quando existe alguma coisa, não sei se entendem o que quero dizer.

— Sim, claro que entendemos, disse Knutas. — Quando reparou?

— Ficam na explanada das cavalariças conversando um com o outro, estão isso fazendo há muito tempo. Pode ser que tenha sido em outubro quando os vi se abraçando pela primeira vez. Estavam ao lado de um dos boxes exteriores, a certa distância da cavalariça. A verdade é que foi muito desagradável. Porque ele tem o dobro da idade dela.

— Por que lhe pareceu tão estranho? Não pode se tratar de um abraço de amizade?

— Não acho. Quando me viram, se soltaram. E depois eu os vi se abraçando de novo outras ocasiões.

— Faziam algo mais?

— Não, ao menos que eu visse.

— Comentam sobre isso na cavalariça?

— Eu comentei com um par de pessoas, porém eles achavam que não eram mais que simples abraços entre amigos, que eram só amigos.

— Por que acha que pensam isso?

— Porque ela é muito jovem. Ninguém podia imaginar que o bom de Tom fosse manter uma relação com Fanny. Todos o consideram tão boa pessoa...

— E para você não é?

— Sim, não é um mau rapaz, porém isso não é um obstáculo para que pudesse ficar com ela. Fanny parece mais velha do que é.

— Perguntou a Fanny sobre esta relação com Tom?

— Não.

— E ao Tom?

— Também não, porém talvez devesse tê-lo feito. Ficou olhando-os muito séria. — O que acha que lhe aconteceu? O rosto de Knutas parecia preocupado quando respondeu.

— Não sabemos, disse. — A verdade é que não sabemos.

* * *

Knutas ligou para Tom Kingsley e ordenou que se apresentasse na delegacia. Parecia relutante, porém prometeu estar lá ao fim de uma hora.

— Kingsley talvez seja o namorado secreto, disse Knutas para Karin quando se sentaram cada um com seu café esperando que Tom Kingsley aparecesse.

— Não seria tão raro, comentou Karin entre dois goles. — Por que não nos contou dessa relação quando falamos com ele na cavalaria?

— Talvez tivesse vergonha. Pelo menos eu teria se estivesse com uma jovem de quatorze anos.

— Se for verdade que tenham uma relação, só isso o converte em suspeito. Se ele tem trinta anos e inicia uma aventura com uma jovem de quatorze, então temos algo e isso está bem claro.

Tom Kingsley parecia tenso e nervoso quando por fim se apresentou depois de quase duas horas. Usava a roupa da cavalaria e a Knutas desagradou o cheiro a cavalo.

— Perdoem que me apresente vestido assim, porém vim diretamente do trabalho, Kingsley se desculpou como se tivesse lido o pensamento dele.

— Está bem, mentiu Knutas. — No outro dia, quando nos encontramos na cavalaria, descreveu a relação com Fanny como superficial. Disse que não se conheciam muito. Mantém essa declaração?

— Sim...

— Já não parece tão firme...

— Depende do que está se referindo. Knutas sentiu uma crescente irritação. As pessoas que mentiam para a polícia o enfureciam.

— O que quer dizer?

— Que significa conhecer bem a alguém? Eu não sei.

— Disse que só costumavam conversar um pouco.

— É verdade.

— Quer dizer, não há nenhuma relação mais pessoal?

— Não, não me parece.

— Recebemos informação que contradiz essa afirmação. Ouvimos que estão juntos. Quer dizer, que mantêm uma relação. Tom Kingsley ensombreceu o rosto.

— Quem demônios está espalhando semelhante mentira?

— Isso nós não podemos dizer, porém é verdade?

— Quem pode afirmar uma coisa assim? Merda, isso é uma loucura!

— Por favor, responda à pergunta. Tem ou teve uma relação com Fanny Jansson?

— Isto é uma loucura. Kingsley negava com a cabeça. — Estão me perguntando que se tenho uma relação amorosa com Fanny? Mas se não é mais que uma criança, por favor. Knutas estava a ponto de perder a paciência.

— Sim, isso é precisamente o que queremos saber e temos nossas razões, disse com decisão. — Responda à pergunta.

— É evidente que não. Fanny e eu somos amigos, porém nada mais. Ninguém pode andar por aí propagando um monte de mentiras dizendo que estamos juntos.

— Por quê não nos falou dos abraços que lhe dava nela quando falamos com você na primeira vez?

— É que não costumamos nos abraçar, merda.

— Mas o fizeram alguma vez?

— Sim, lhe dei uma vez um pequeno abraço, porém foi para consolá-la. Ela precisava de apoio. A situação familiar dessa jovem é terrível. Sua mãe bebe e não tem pai nem irmãos. Não tem amigos, é sozinha. Entendem? Está tão só! Tom Kingsley havia se irritado de verdade.

— Então, nega ter uma relação com Fanny? Eu entendi bem? Insistiu Knutas. Somente consegui uma negativa com a cabeça como resposta. — Como se explica então que as pessoas tenham pensado que estavam juntos?

— Isso é coisa de alguém e de sua fantasia doente. Por que nós os homens, não podem mostrar um pouco de amabilidade e consideração com uma menina? Merda, isto é uma loucura! É Agneta quem disse isso não é? Agneta Stenberg? Knutas e Karin se olharam surpresos.

— Por quê? Perguntaram em uníssono.

— Porque é ciumenta, evidentemente. Está há alguns meses atrás de mim, porém eu falei que não estou interessado. Há pouco organizaram uma festa para o pessoal das cavaliças e então ela se tornou muito chata, de maneira que ao final me vi obrigado a mandá-la passear.

Knutas ficou impressionado como Tom Kingsley se expressava bem. Falava sueco perfeitamente. Se não fosse por um ligeiro acento, qualquer um o teria tomado por sueco. Quando terminou o interrogatório, Knutas se sentiu desconcertado. Contava em colocar a Kingsley contra as cordas e deixá-lo indefeso, porém não havia acontecido assim.

* * *

Vinte e Três

Segunda-feira 3 de Dezembro

NO FINAL Johan não viajou para Gotland. “Talvez seja melhor”, pensou mal-humorado. Emma não havia dado sinal de vida em todo o fim de semana. Não conseguia entendê-la. Oxalá não tivesse começado a dar marcha-a-ré outra vez. Nesse momento sentia a ilha muito longínqua, inclusive a nível profissional. Justo quando Grenfors, por fim, parecia ter se fixado no assassinato de Gotland, a investigação policial se encontrava, sob qualquer ponto de vista, estagnada. Além disso, acontecera um crime demencial na Praça Medborgarpratsen, no bairro de Södermalm. Na segunda-feira já avançada, receberam um aviso na redação de que um louco andava solto pelas ruas com uma barra de ferro nas mãos e matara pelo menos uma pessoa. Tinha outras cinco feridas, entre elas um bebê. Notícias Regionais soube da notícia por uma ligação praticamente no mesmo instante em que aconteciam os fatos. Johan saiu a toda pressa com uma fotógrafa, e no carro até lá foi todo o tempo com o celular agarrado à orelha falando, ora com a Polícia, ora com a central de emergências, ora com a redação.

A fotógrafa era rápida e ágil dirigindo, mudava constantemente de faixa para ganhar tempo e por momentos pulava o código de trânsito, o que era inevitável se alguém queria chegar mais rápido. Quando chegaram a Medborgarpratsen estacionou descaradamente o carro na metade da praça e montou a câmera num suspiro. Já haviam no lugar ambulâncias e carros de polícia. Tinham começado a isolar a área e havia grupos de gente que olhavam com consternação como se encarregavam dos feridos. Johan entrevistou tanto aos policiais quanto as testemunhas, que contaram que o homem, sem provocação alguma, havia se lançado contra as pessoas que se encontrava em seu caminho. Ao final havia apanhado a barra de ferro e havia desaparecido escadas abaixo pela boca do metrô que havia junto ao Parque Björns Trädgård. Tinham parado o metrô e a polícia estava procurando-o dentro dos vagões e nas plataformas com a ajuda de cachorros.

A redação era um formigueiro de atividade quando Johan regressou. Grenfors estava com dois fones nas mãos; o produtor do programa corria entre os aparelhos de vídeo-edição para fazer que todos estivessem prontos a tempo e além disso se ocupava dos contatos com os informativos nacionais, que naturalmente também trabalhavam a marcha forçada com a tragédia de Södermalm. A ideia era que colaborassem entre si os diferentes programas informativos; As entrevistas eram divididas entre os repórteres, trocavam imagens. As tomadas gravadas por Notícias Regionais eram evidentemente muito solicitadas, já que a fotógrafa havia sido a primeira em chegar ao lugar. O diretor do programa estava ocupadíssimo tentando encontrar as pessoas certas para entrevistar no estúdio; ligou para o chefe da polícia provincial, assim como ao diretor da ONG Stadmissionen, já que muitos achavam que o homem que havia sofrido aquele surto de violência era um sem teto.

Mesmo assim, ainda estava solto.

A notícia ocupou quase toda a emissão. Acontecera um tremendo caos como consequência da interrupção do serviço de metrô, já que os fatos haviam acontecido perto da hora do rush, quando centenas de milhares de pessoas voltavam para casa depois do trabalho. Notícias Regionais transmitiu diretamente da Medborgarpratsen, para onde as pessoas já começavam a se dirigir para acender velas e depositar flores. O número de vítimas havia se elevado a dois, o bebê havia morrido em consequência dos ferimentos.

De volta a casa no metrô, Johan voltou a pensar uma vez mais nas condições especiais de trabalho dos jornalistas. Quando surgiam os acontecimentos mais terríveis, deixavam os sentimentos para o lado e o primordial era informar. Predominava o profissional, porém não tinha nada a ver com a mentalidade que alguns lhes jogavam na cara quando descarregavam a ira contra os meios de comunicação. Johan pensava que a maioria de seus colegas, como ele, agia deste modo, simplesmente movida pela vontade de informar. Tratava-se de contar o que havia acontecido da maneira mais rápida e correta possível. A responsabilidade dos jornalistas era reunir todo o material que pudessem para oferecer a informação mais fidedigna. De volta na redação, revisavam o material e o comentavam com o redator. Que era relevante emitir e o quê não era? Se excluíam as imagens dos feridos tomadas muito próximas, ou as entrevistas com pessoas que se encontravam em evidente estado de choque, ou se suprimiam e qualquer coisa que se considerasse um atentado contra a integridade.

Cada dia surgiam novas discussões éticas e por trás de cada reportagem haviam meticulosas deliberações, em especial nesses casos delicados. Com certeza, às vezes se cometiam erros, se difundia um nome ou uma imagem que não deveria ser fato público. Ao redator não sempre lhe era possível ver as reportagens antes de irem ao ar, porque as margens de tempo eram muito pequenas. Contudo, na maioria das vezes as coisas funcionavam conforme as normas éticas às que estavam sujeitos todos os jornalistas. Sempre havia algum mal profissional que se passava do limite, claro. Algumas correntes de televisão e alguns jornais haviam ido muito longe, porém no momento só eram uns poucos.

* * *

Vinte e Quatro

Terça-feira 4 de Dezembro

NO DIA SEGUINTE, a polícia prendeu o autor dos crimes da Medborgarpratsen enquanto dormia escondido em uma garagem na Skärholmen, e neste momento a notícia voltou a ser atual. Assim funcionava também o dia a dia de uma redação de notícias: o de acompanhar primeiro a mais atual, todo o restante precisava esperar. Algo podia ser de máxima atualidade num dia e no dia seguinte ficar obsoleto. Viviam priorizando umas notícias ou outras constantemente, nas reuniões da manhã, ao longo do dia, à cada novo acontecimento. O trabalho dos repórteres, mudava incessantemente, a cada nova tomada de decisão tinham que reorganizar ou modificar totalmente as suas reportagens. Uma coisa era verdade, o trabalho rara vez era monótono. Por isso Johan havia passado todo o dia sem pensar em Emma. Já em casa, ela voltou a ocupar seus pensamentos. Ligou ainda que soubesse que não deveria. Parecia cansada.

- Como está?
- Bem melhor. Hoje fui buscar as crianças na escola.
- Que bom.
- Sim. Ficaram em silêncio. A inquietação de Johan ia aumentando.
- Falou com Olle?
- Agora estou em casa. Ele está lendo uma história para as crianças.
- Que faz aí? Voltou para ele outra vez?
- Não, porém como deve entender precisaremos ficar juntos. Emma falava irritada e em voz baixa, como se temesse que alguém a ouvisse.
- Já não está tão irritado?
- Claro que está, porém se acalmou o suficiente para que possamos conversar, o que significa muito para mim. Agora não quero mais correr nenhum risco de me ouvir falando consigo. Adeus!

Johan ficou olhando fixamente o telefone sem saber o que fazer, ao mesmo tempo em que a temperatura abaixo de zero do exterior se instalava bruscamente em seu coração. Então agora, de repente, Olle voltava a ser mais importante para ela; e isso parecia que se importava muito pouco com ele. A ameaça o deixava sem forças. Não suportaria voltar a perdê-la.

* * *

Vinte e Cinco

Quarta-feira 5 de Dezembro

EMMA CRAVOU os olhos na tira do dispositivo que tinha nas mãos. Aquilo era absurdo. Não podia estar certo. Duas listras azuis em cruz, como o sinal de mais, significavam realmente que estava grávida? Há muito tempo que não fazia um teste de gravidez. Agarrou a tira com o coração disparado. As instruções não podiam ser mais claras. Uma listra azul = sem gravidez. Duas listras azuis em cruz = gravidez. Como era possível? Johan e ela só haviam feito amor, e uma vez só, há algumas semanas e já nem se lembrava mais de quando fora a última vez que havia se deitado com o marido. Inquieta, começou a puxar pela memória. Olle, quando foi a última vez? Deve ter sido no verão. Começou a contar. Agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro. Deus meu! Nesse caso deveria já estar com cinco meses, e teria mais barriga. E a menstruação então? A regra só havia se atrasado há três semanas. Além disso, tivera o período menstrual em todo o outono. Os olhos nublaram quando entendeu. Era de Johan. Naquela sexta-feira de outubro. Ele estava trabalhando em Gotland e ele ligou. Ela estava algo decaída e se encontraram na redação antes que ele voltasse para Estocolmo. Tinham feito amor no sofá. Merda. Não podia ter tão má sorte. Uma só vez e agora estava grávida. Isso só podia acontecer com ela.

Sentiu como as lágrimas apareciam em seus olhos. Isto era mais do que podia suportar. Esteve a ponto de dar um pulo quando bateram na porta. A voz de Olle soou do outro lado:

— Emma, falta muito?

— Não, espere um momento. Jogou o dispositivo e a caixa vazia à lixeira. Não podia dizer nada agora. Precisava de tempo para pensar. Lavou as mãos a toda pressa e abriu a porta.

— O que aconteceu? Está muito pálida. Olle a olhou preocupado. — Ficou doente?

— Talvez possa se chamar assim. Estou grávida.

* * *

Vinte e Seis

Quinta-feira 13 de Dezembro

A CATEDRAL de Visby estava transbordando de gente naquela manhã do dia de Santa Lúcia. Knutas estava sentado junto a Line e Nils no terceiro banco à direita do corredor central. A alta abóbada do cruzeiro e os magníficos arcos lançavam sombras alongadas à luz das centenas de velas acesas. Os assistentes sussurravam expectantes em voz baixa, só alguma que outra tosse ou passos quebrava o suave murmúrio nas fileiras de bancos.

A missa de Santa Lúcia na catedral era uma das comemorações mais importantes do ano. Petra era uma das acompanhantes da Virgem. Cantava no coro de jovens da catedral e eles eram os encarregados de realizar a procissão de Santa Lúcia nesse ano, como em todos os demais, desde tempos imemoriais. Knutas dava uma olhada no folheto informativo do santuário enquanto esperavam que começasse a missa. A catedral de Santa Maria começara a ser construída no século XII com o aumento da arrecadação dos impostos que pagavam os barcos alemães que encostavam no porto de Visby. No princípio fora pensada só para os comerciantes alemães, porém em seguida se converteu no templo de toda a colônia alemã e, depois da reforma, na catedral de todos. "Desde a Idade Média, o edifício não sofrera nenhuma transformação importante, e isso se notava", pensava Knutas, enquanto admirava a altura do teto, os janelões belamente pintados e o púlpito, provavelmente importado da cidade alemã de Lübeck no século XVII.

Repentinamente se ouviram umas tênues vozes através da nave e todos os olhares se voltaram para trás e para a entrada. As vozes que entonavam a canção de Santa Lúcia aumentavam de intensidade e a figura branca da santa fez a aparição na porta da catedral. Avançava devagar. Estava vestida de branco e com uma coroa de velas lhe cingindo a cabeça. Atrás, aos pares, vinham seus acompanhantes com enfeites ao redor da cintura e uma vela nas mãos, e fechavam o cortejo as crianças, os quais usavam capuzes de papel decorados com estrelas na cabeça. À luz das velas, aquela era uma representação mágica, com as crianças de branco cantando com suas vozes claras. Um dos garotos, que não deveria ter mais de dez ou onze anos, cantava com uma voz cristalina tão bela e tão alta, que os olhos de Knutas se humedeceram. No meio do cântico, seu celular vibrou no bolso interior. Retirou o telefone com discrição e o levou ao ouvido. Era difícil entender o que falava Karin no outro extremo. Conseguiu abrir passagem entre as pessoas do banco e saiu se agachando para o átrio.

— Será melhor para você que seja importante, pois estou na catedral na metade da missa de Santa Lúcia, onde a minha filha é acompanhante.

— Encontraram Fanny Jansson morta no bosque de Lojsta.

Demoraram quase uma hora para chegar ao lugar. Karin e Knutas pegaram a autoestrada 142 que descia para Hejde e seguiram em direção a Lojsta. Junto ao cruzamento que se dirigia para o bosque havia uma velha casa de pedra. Um rebanho de ovelhas negras, que estavam agrupadas junto à cerca, ficaram olhando quando eles passaram por ali. Havia um carro de polícia esperando-os para guiá-los até o lugar. Avançaram aos solavancos pela péssima estrada que adentrava o bosque, pela qual normalmente só transitavam tratores. Aqui o manto de neve permanecia intacto entre as árvores e não corria vento. A vegetação do bosque era constituída de arbustos, samambaias murchas, urze e touceiras. Por aqui e por lá brilhavam abandonadas e solitárias amoreiras, vermelhos pontos de luz entre os arbustos cobertos de neve. Ao final do caminho se abria uma clareira onde havia outro carro de polícia estacionado. Um pouco mais acima, no alto de uma pedra, se via a fita de isolamento policial. O ar estava frio e cortante.

O corpo de Fanny jazia em uma cova sob frondosos abetos, coberto com uma grossa capa de musgo. Encontrava-se relativamente bem conservado. A jovem estava completamente vestida; usava calças escuras de equitação, um casaco curto, fechado, e uma camisa castanha de lã rasgada no pescoço. Sua tez escura se ressaltava contra a neve. Suas melenas, longas e bonitas, ondeavam no chão e pareciam curiosamente vivas flutuando ao redor da jovem morta. Seus olhos, abertos de par em par, olhavam fixamente para o céu. Quando Knutas se aproximou um pouco mais viu que tinha manchas vermelhas. Ao redor do pescoço se viam escuros hematomas. O corpo fora encontrado por uma mulher que estava dando um passeio de cavalo e havia caído no chão quando este recuou ao ver uma raposa. O animal a havia levado até a clareira. À mulher tinha dores nas costas em consequência do tombo, e além disso estava tão emocionada que a haviam transferido para o hospital de Visby.

No caminho de volta à cidade o celular de Knutas começou a tocar. A terceira ligação era de Johan.

— O que aconteceu? Knutas reconheceu imediatamente a voz de Johan.

— Fanny Jansson foi encontrada morta, disse Knutas cansado. Karin dirigia o carro, então podia se concentrar em responder às perguntas.

— Onde?

— Em uma área no bosque de Lojsta.

— Quando?

— Esta manhã, em torno das oito e meia.

— Quem a encontrou?

— Uma mulher que estava dando um passeio a cavalo.

— Foi assassinada?

— Sim, tudo aponta para isso.

— Como?

— Não posso dar detalhes.

— Estava há muito tempo morta?

— Isso o legista é que irá dizer, não posso responder a mais perguntas. Mais tarde ao longo do dia faremos uma coletiva de imprensa.

— Quando?

— Creio que será à tarde. Terá tempo de comparecer.

* * *

Johan e Peter aterrissaram no aeroporto de Visby logo depois do meio-dia. A viagem em taxi até o centro era curta. A delegacia de polícia de Visby mudara totalmente desde a última vez que eles estiveram lá. Tinham pintado a antiga fachada de cor azul com gesso em tom bege. As salas eram claras e espaçosas, e a decoração, suave, no típico estilo nórdico à base de materiais naturais e cores discretas, azuis e brancas.

A antiga sala meio imunda onde antes se realizavam as coletivas de imprensa era apenas uma recordação. Agora os levaram a uma ampla sala localizada no primeiro andar com fileiras de poltronas de aço inoxidável e uma tribuna em frente. Sobre as janelas, que davam para uma parede monótona, se viam cortinas. A imprensa já começara a montar os seus microfones na tribuna. Johan contou quatro repórteres de cadeias concorrentes. Estava satisfeito de que tivessem confiado a ele a tarefa de informar para toda a Televisão Sueca. Ninguém havia manifestado a menor indecisão a respeito. Após a admirável cobertura informativa Johan que fizera dos assassinatos do verão anterior, os redatores das Notícias Nacionais não tinham dúvidas: Johan Berg dava audiência. Ele ficara encantado com o fato de que sua reportagem ser transmitida em todos os noticiários da rede, pelo fato de chegar a tantas pessoas, de ter semelhante impacto.

Colocou-se totalmente à frente enquanto Peter preparava a câmera. Os colegas da imprensa local o cumprimentaram. Conhecia alguns deles das coletivas de imprensa do verão anterior. Em seguida, Anders Knutas, Karin Jacobsson, Martin Kihlgård e Lars Norrby se sentaram na tribuna.

— Benvindos, começou Knutas. — Sou o comissário Anders Knutas, para aqueles que não me conhecem, e chefiou a investigação. Apresentou os demais e continuou: — Como já sabem, o corpo de Fanny Jansson apareceu em um local meio inacessível no bosque de Lojsta. O corpo foi descoberto ao redor das oito e meia da manhã por uma pessoa que estava andando a cavalo. Alguém pôs fim a sua vida. As feridas que apresenta não podem terem sido causadas por ela mesma, então não se trata de um suicídio como vinha se especulando.

— Quer dizer que foi assassinada? Interrompeu um repórter da rádio local.

— Parece isso.

— Que feridas apresentava? Interrompeu Johan.

— Não posso entrar nesses detalhes, respondeu Knutas secamente.

Deu um leve suspiro. Embora ainda não tivesse começado a dizer o que pensara, já estavam perguntando. Um quantas mãos se agitavam no ar. Custava muito a ele suportar essa impaciência constante dos jornalistas.

— Em seguida responderemos às perguntas, apontou Knutas, — Porém antes gostaria de dar algumas informações.

Não ia consentir que eles decidissem a ordem da coletiva de imprensa. Abaixaram as mãos.

— O corpo permaneceu lá alguns dias. Ainda não sabemos com exatidão quantos. Fanny Jansson estava completamente vestida quando foi encontrado o seu corpo e não existe algo que permita pensar que tenha sido vítima de abusos sexuais. O lugar está isolado e nossos técnicos estão na área. Um médico-legista virá amanhã para aqui e examinará o corpo. O local está sob vigilância até que se tenha realizado o levantamento do cadáver e a inspeção técnica tenha finalizado. Isto é tudo o que posso dizer no momento. Algum de vocês quer adicionar algo? Knutas perguntou os colegas, que negaram com a cabeça. — Então comecem as perguntas.

— Quanto tempo o corpo permaneceu lá?

— Pode ser que falemos de dias, quer dizer, todo o tempo que Fanny esteve desaparecida. Mas não temos nada que nos permita afirmar isso e devemos esperar o relatório do legista.

— Foi utilizada alguma arma?

— Isso eu não vou comentar.

— Pode nos dizer algo de como aconteceu o crime?

— Não.

— Existem impressões do autor do crime?

— Isso não posso revelar para não prejudicar a investigação.

— Fanny Jansson tinha alguma relação com o lugar onde apareceu seu cadáver? Perguntou Johan.

— Até o momento, que eu saiba, não.

— Foi assassinada lá ou a transferiram posteriormente?

— Quase tudo aponta para que tivesse sido assassinada em outro lugar e em seguida o corpo transferido para essa área do bosque.

— O que os faz pensar isso?

— Como já falei antes, não posso revelar nada sobre impressões ou outras provas encontradas no lugar, disse Knutas aparentando tranquilidade.

— Como é possível que o corpo fosse encontrado por alguém que estava passeando a cavalo se se trata de uma área tão inacessível?

— A mulher caiu do cavalo e foi este quem galopou até a clareira onde jazia o corpo.

— Quem é a pessoa que descobriu o cadáver?

— Uma mulher da área, mas não vou dizer como se chama.

— Testemunhas?

— É possível, acabamos de iniciar os interrogatórios com as pessoas que vivem nessa área. Mas queremos pedir a todos os cidadãos que entrem em contato com a polícia, se viram ou ouviram algo suspeito nas últimas semanas, em especial se estiver relacionado com o lugar onde apareceu o cadáver. Nenhum detalhe é insignificante, tudo é de interesse para nós. Knutas repetiu de memória o número de telefone que podiam ligar para informar o que tivessem visto e deu por terminada a coletiva de imprensa.

À tarde Johan entrou ao vivo em todas as emissões do dia, informando os telespectadores as últimas notícias do caso. Peter e ele jantaram tarde no hotel e depois foram para a cama. Emma tampouco havia atendido desta vez quando Johan tentou falar com ela. Já passara mais de uma semana desde a última vez que tinham conversado. Sua amiga havia lhe explicado que Emma estava doente e queria que a deixaram em paz. Deveria esperar tranquilamente que ela ligasse.

Esperavam que o legista chegasse a Gotland no dia seguinte, porém à tarde, quando se reuniram para ver as imagens, Sohlman já pôde dar uma primeira opinião aos membros da Brigada de Homicídios.

— É difícil precisar quanto tempo ela permaneceu lá, porém o corpo, como podem ver, se acha em bom estado. Isso devemos agradecer ao tempo frio que tem feito. Além disso, o autor do crime cobriu o cadáver com musgo, de maneira que tampouco algum animal o tocou. Fanny estava vestida quando a encontraram, porém a camisa está rasgada no pescoço. Amanhã, quando chegar o legista, examinaremos a roupa mais detalhadamente. Até então o cadáver deve permanecer lá. Minha opinião é que ela morreu por falta de oxigênio. Estão vendo essas pequenas manchas avermelhadas no branco dos olhos e as marcas escuras no pescoço? Sem ser demasiado drástico, podemos imaginar que foi estrangulada. Como tem a camisa rasgada é evidente que opôs resistência. Espero que o assassino tenha deixado alguma impressão na roupa, restos de pele ou saliva, por exemplo. O corpo permaneceu protegido pelo bosque e o musgo e além disso estava em uma cova, então é de esperar que possamos encontrar algum rastro do assassino. Já raspamos por debaixo das unhas. Tinha restos de pele que provavelmente venham dele. Enviamos tudo para o laboratório, como sempre fazemos. Pelo que se refere ao lugar donde foi encontrada, podemos afirmar que o mais provável é que primeiro a mataram e em seguida depositaram o cadáver no bosque. Não existe nenhum rastro de sangue ou de alguma outra coisa que indique que o crime foi cometido lá. No momento não pudemos examinar o corpo, porém descobrimos uma coisa: tem marcas de cortes nos pulsos.

Sohlman mostrou as imagens dos pulsos de Fanny. As marcas das feridas se viam claramente nos dois.

— Alguém os cortou, provavelmente ela mesma.

— Então tentou se suicidar, interveio Norrby.

— Não, replicou Sohlman. — Não estou tão certo disso. Eu creio que era uma dessas jovens que se cortam. Não é um caso tão raro entre as adolescentes que se sentem deprimidas. De fato tem marcas de cortes em outros lugares, atrás das orelhas por exemplo. As feridas são superficiais, pelo que não pode se falar de autênticas tentativas de suicídio. É possível que tenha mais cicatrizes escondidas debaixo da roupa.

— Então, por que fez isso? Perguntou Wittberg.

— As jovens que se cortam fazem isso porque não conseguem controlar sua angústia, explicou Karin. — Ao se cortar todo o seu desassossego se concentra em um ponto e podem chegar a sentir a dor e o sangue como uma libertação. É algo concreto que podem manejar. No momento em que se cortam dessa maneira, desaparece qualquer outra preocupação que tenham e a atenção se concentra na parte do corpo onde estão cortando.

— Mas por que se cortaria nesses lugares tão estranhos?

— Provavelmente para que não fossem vistos.

Knutas acendeu a luz e olhou seriamente para seus colaboradores.

— Agora temos dois assassinatos em que trabalhar. A questão é: Existirá algum tipo de relação

entre eles? O que tem em comum uma jovem de quatorze anos que vai à escola com um alcoólatra de sessenta anos?

— Comigo parece que existe dois vínculos evidentes, disse Kihlgård. — Um é o alcoolismo, a mãe de Fanny bebe e Dahlström era alcoólatra. Outro são as corridas. Dahlström apostava nos cavalos e Fanny trabalhava em uma das cavalariças do hipódromo.

— Essas são duas relações muito possíveis. Podem ter mais alguma outra coisa em comum que não seja tão evidente? Alguém sabe? Não teve resposta. — Está bem, disse. — Isto é mais que suficiente. Vamos investigar objetivamente essas duas pistas.

* * *

Vinte e Sete

Sexta-feira 14 de Dezembro

ERA COMO se o dia não quisesse amanhecer totalmente naquela manhã húmida e fria de dezembro. Knutas tomou o café-da-manhã na cozinha com a mulher e os filhos. As velas acesas faziam ficar mais agradáveis aquele tempo que passavam juntos pela manhã. Line e as crianças haviam feito os bolinhos de açafão típicos do dia de Santa Lúcia enquanto ele estivera fora vendo o lugar onde havia aparecido o corpo de Fanny. Hoje precisaria ir ao aeroporto apanhar o legista e regressar ao bosque. Colocou uma camisa de lã e procurou o casaco de inverno mais grosso. Persistia o frio das últimas semanas. As crianças estavam desoladas e inquietas e falavam da morte de Fanny. Esse acontecimento os havia afetado muito. Fanny não era muito mais velha que eles. Acariciou-lhes as faces pálidas naquele tempo invernal, quando estavam já na porta da rua preparados para ir à escola.

No carro ao caminho ao aeroporto começou a notar um suor frio e lhe surpreendeu um mal-estar tão forte que se viu obrigado a ir para o lado da autoestrada e parar um momento. Nublava a vista e sentia uma forte opressão no peito. Às vezes tinha ligeiros ataques de pânico, uma espécie de angústia, porém já há tempos que não tinha isso. Abriu a porta do carro e tentou compassar a agitada respiração. A imagem de Fanny, junto com a inquietação que sentia pelas crianças provavelmente teria desencadeado o ataque. Com o seu trabalho era impossível que as crianças não se viessem afetadas por toda a merda: bêbados, drogas e violência. À medida que cresciam parecia que a sociedade estava ficando também cada vez mais complexa. Talvez o pior estivesse nas grandes cidades, porém em Gotland já se notava a mudança. Knutas procurava não falar muito das coisas negativas relacionadas com o trabalho. Mas também eram contadas as ocasiões em que voltava para casa após um bom dia. Com certeza, se sentia aliviado quando resolviam um caso, porém não podia dizer que tivesse precisamente uma intensa alegria. Quando uma investigação dava resultados positivos, depois só se sentia cansado. Não experimentava, como deveria se pensar, nenhum descanso após o esforço, mas o invadia sobretudo uma sensação de vazio, como se tivesse ficado sem forças. Então só queria ir para casa e dormir. Passados uns minutos, se sentiu melhor. Desceu o vidro da janela e continuou dirigindo devagar até o aeroporto.

O legista já estava esperando fora do terminal; o avião havia aterrissado antes do previsto. O médico era o mesmo com quem trabalhara no verão anterior, um homem magro com o cabelo ralo e rosto de cavalo. Sua longa experiência lhe conferia força e autoridade. No trajeto até o lugar onde havia aparecido o corpo, Knutas foi lhe contando tudo o que a polícia sabia. Quando chegaram eram dez e quinze da manhã e o olhar de Fanny Jansson continuava cravado no céu cor de chumbo de dezembro. Knutas fez uma careta de desagrado e voltou a pensar o que poderia ter acontecido com

aquela bela jovem que jazia no chão. Seu corpo parecia pequeno e magro sob a roupa. As faces marrons e tersas, o queixo suavemente infantil. Knutas notou com irritação que os seus olhos estavam se enchendo de lágrimas.

Virou-se de costas e olhou para o frondoso e impenetrável bosque. Conseguiu observar que depois do caminho o bosque se abria e, após ter estudado previamente o mapa da área, sabia que um pouco mais além se estendiam campos abertos e áreas de cultivo. Um pássaro piou ao longe, porém no restante tudo estava em silêncio e só se ouvia o murmúrio dos verdes ramos das árvores movimentados pelo vento. O legista estava totalmente absorto na exploração do cadáver e assim ele ficaria umas quantas horas a mais. Erik Sohlman e outro par de técnicos o ajudavam no trabalho.

Knutas se deu conta de que sobrava lá. Após se sentar no carro para retornar à delegacia recebeu uma ligação de Karin.

— Existe uma pessoa que tem relação tanto com Dahlström como com Fanny Jansson.

— Ah, sim? Quem é?

— Chama-se Stefan Eriksson, e é enteado da tia de Fanny que mora em Vibble. A tia tem uma filha, porém se separou do pai dela e conheceu outro homem que tinha um filho de um casamento anterior. Fanny e este tal Stefan se encontraram ao longo dos anos nas festas familiares e coisas assim. Tem quarenta anos, casado, dois filhos e, além disso, é dono de um dos cavalos que fica na cavalaria.

— Eu sei, já demos uma olhada nele, replicou Knutas impaciente. — O que está acontecendo com ele?

— Estagiou com Dahlström quando estudava. Ficou estagiando durante duas semanas. Depois trabalhou esporadicamente no Gotlands Tidningar e com Dahlström quando este tinha sua própria empresa. Esse Eriksson é o dono de um café aqui em Visby, o Café Cortado na Rua Hästgatan, porém ainda continua fotografando como hobby.

— Entendi, exclamou Knutas surpreso. — Isso é algo novo.

— Talvez Dahlström e ele tenham continuado em contato ao longo dos anos, ainda que tenha negado no interrogatório que fizemos com ele, Wittberg e eu. Um tipo muito desagradável, e não estranharia que ele...

— Certo, certo, porém não podemos nos dedicar a meras suposições, interrompeu Knutas. — Sabemos de algo mais?

— Perguntei-lhe se costumava frequentar a cavalaria, ou se passava por lá de vez em quando. O pessoal da cavalaria afirma que sim. Parece que inclusive já levou Fanny para casa em seu carro alguma vez.

— Figura no registro de criminosos?

— Não. Mas já recebemos uma série de denúncias por negligência no cuidado dos animais. A família tinha ovelhas antes e parece que eram mal cuidadas, segundo o denunciante. Deixou a criação de ovelhas.

— Quero falar pessoalmente com ele. Onde está?

— Creio que estará em casa. Mora em... Não, merda! Karin se calou de repente.

— Que aconteceu?

— Stefan Eriksson mora em Gerum. Fica a poucos quilômetros do lugar onde Fanny apareceu morta.

— Encontro-me a dez minutos de lá. Estou indo.

Gerum não era um povoado propriamente dito. Somente uma igreja com umas quantas fazendas ao redor, bem ao lado do bosque de Lojsta, vasto e inacessível. A paisagem era plana, porém a casa de Stefan Eriksson e o terreno que a cercava constituía uma exceção. Estava admiravelmente situada no alto com vistas para os arredores. A fazenda constava de uma casa de pedra com duas alas e um grande estábulo. Um jipe do último modelo estava estacionado junto a uma BMW.

Quando Knutas tocou a campainha da porta, se ouviram os latidos de um cachorro no interior da casa. Ninguém abriu. Deu uma volta ao redor da residência, olhou pelas janelas das duas alas. Uma delas, parecia, era utilizada como estúdio, se viam quadros apoiados ao redor de todas as paredes. Em um cavalete no centro do aposento havia um retrato do rosto de uma mulher. Sobre uma mesa manchada de tinta se amontoavam vidros, tubos e pincéis. Uma tossezinha às suas costas interrompeu a espionagem de Knutas. Ficou tão surpreso que, pelo susto, o cachimbo caiu ao chão. Um homem estava bem atrás dele.

— Em que posso ajudar? "Stefan Eriksson mediria quase dois metros", calculou Knutas. Vestia um casaco azul acolchoado e usava um gorro negro de tricô na cabeça. Knutas se apresentou.

— Podemos entrar e conversar? Está fazendo muito frio aqui fora.

— Sim, claro, me acompanhe por aqui. O homem entrou diante dele na casa. Knutas esteve a ponto de ser atropelado por dois dobermanns que estavam quase loucos de alegria.

— Não tem medo de cachorros, não é? Perguntou Stefan Eriksson sem fazer nenhum gesto para tranquilizar os animais.

Sentaram no que deveria de ser uma sala para receber visitas. "É estranho que as pessoas no meio rural ainda conservem estes locais", pensou Knutas. "Relíquias de um tempo que está desaparecendo.". Evidentemente, Stefan Eriksson era um amante das antiguidades. Na parede estava pendurado um grande espelho com moldura dourada. Ao lado havia uma cômoda com os pés torneados e arrematados por uma pata de leão, e ao longo de uma das paredes havia um suntuoso armário com os pés em forma de bola. Cheirava a poeira e a mofo. Knutas se sentia como se estivesse entrado em um museu. Agradeceu a atenção, porém recusou a xícara de café que Stefan lhe ofereceu. Seu estômago protestava recordando que a hora do almoço já passara há um bom tempo.

— Bem, a verdade é que não sei o que quer. Falei há pouco com a polícia, disse o corpulento homem, que havia se sentado em uma poltrona de veludo. Os cachorros haviam se deitado a seus pés e olhavam fixamente para o dono.

— Preciso completar o interrogatório, mas, antes de mais nada, quero apresentar minhas condolências. O homem que tinha em frente continuou imperturbável.

— Fanny era minha prima, efetivamente, porém apenas nos conhecíamos. Além disso, tampouco éramos primos de verdade. Meu pai...

— Conheço a relação familiar, interrompeu Knutas. — Quando se viam?

— Muito de tempos em tempos, às vezes nalgum aniversário. Tinha problemas com a mãe, então elas pouco apareciam. Majvor não consegue se afastar da garrafa.

— Conhecia Fanny muito bem?

— A diferença de idade era tão grande entre nós que não tínhamos nada em comum. Ela era uma criança pequena que vinha às vezes com a mãe. Nunca dizia nada. Outra jovem tão calada precisaria procurá-la com uma lupa.

— É proprietário de um dos cavalos que fica na cavalaria onde Fanny trabalhava. Nunca se encontravam lá?

— Esse velho cavalo nunca foi um bom negócio. Custa muito mais do que ganha nas corridas. Sim, às vezes passo pela cavalaria. Alguma vez me encontrei com ela.

— Levou-a algumas vezes de carro para a casa dela?

— Não muitas vezes.

— Em que carro? Stefan Eriksson se remexeu na poltrona. Fez um gesto de desgosto com a boca.

— O que está insinuando? Sou suspeito?

— Não, não, tranquilizou-o Knutas. — Perdoe se estou um pouco acelerado, porém precisamos falar com todas as pessoas do entorno de Fanny.

— Entendi.

— Em que carro?

— No BMW que está lá fora.

— Conhecia também Henry Dahlström, não é?

— Estagiei com ele há mil anos, quando estava na escola. Quando terminei fiz algumas substituições na GT e também trabalhei algumas horas na Master. Bem, na Master Pictures, a empresa de Dahlström.

— Como entrou em contato com ele?

— Eu gostava de fotografia e Dahlström deu um curso ao que eu assisti quando estava no colégio e depois tive a oportunidade de estagiar com ele.

— Mantiveram seguidamente essa relação?

— Não. Quando precisou fechar a empresa, ele desabou completamente.

— Continuou com a fotografia?

— Sim, quando posso. Casei-me, tive filhos, mudei e vim morar aqui e além disso o café que tenho na cidade me rouba um bocado de tempo. É o Café Cortado, na Rua Hästgatan, adicionou.

Knutas pôde notar certo orgulho em sua voz. O Café Cortado era uma das lanchonetes mais populares da cidade. Repentinamente os cachorros saíram correndo para a porta e começaram a latir. Knutas deu um pulo. O rosto de Stefan Eriksson se iluminou.

— É minha mulher e as crianças. Espere um momento. Levantou-se e saiu para o vestíbulo. Os cachorros latiam como loucos e davam saltos ao seu redor. — Alô, querida, olá, meus filhos, como estão?

A voz de Stefan Eriksson soava muito diferente. De repente, parecia calorosa e amorosa. A mulher e as crianças, evidentemente, haviam assistido a alguma comemoração de Santa Lúcia. Maja Eriksson entrou e cumprimentou-o. Era morena, atraente e discreta. Knutas observou que Stefan Eriksson olhava afetuosamente para a mulher. “Não”, pensou. “É impossível que seja ele.”

Agradeceu e foi embora.

O achado do corpo de Fanny despertara uma grande movimentação na imprensa. Os jornais vespertinos foram os que mais atenção deram à notícia, além da imprensa local e das Notícias Regionais. Fizeram especulações para todos os gostos, sobre o que podia ter acontecido com Fanny. Através dos mapas que publicavam os diários, os leitores podiam seguir com exatidão os passos da jovem durante o seu último dia de vida e ver onde aparecera o corpo. As fazendas próximas do lugar onde fora encontrada receberam a visita de repórteres e fotógrafos. Conjeturas e suposições sobre os motivos que podiam se achar por trás de seu assassinato enchiam as colunas, e tanto na televisão quanto no rádio se entrevistava o pessoal da cavalaria, os vizinhos, os colegas da jovem.

Max Grenfors havia chamado Majvor Jansson, sem falar antes com Johan, e a havia convencido a dar uma entrevista exclusiva. Grenfors estava muito satisfeito por ter conseguido convencer a mãe de Fanny para que falasse com exclusividade com as Notícias Regionais, porém encontrou uma reação bem diferente da parte de Johan. Este se negou a entrevistá-la, o que deu lugar a que Grenfors lhe desse uma enorme bronca.

— Consegui que nos desse uma entrevista exclusiva e, portanto, está claro que vamos fazer essa entrevista!

Johan se encontrava fora da cidade, em um campo bem ao lado do lugar onde haviam encontrado o corpo de Fanny, com Peter e um camponês da área que acreditava ter visto por lá luzes de faróis de carro à tarde, duas semanas antes.

— Não entrevisto pessoas que se encontram em estado de choque, afirmou com decisão. — Ela, nesse momento, não pode avaliar as consequências.

— Mas se não quer fazer, eu mesmo falarei com ela!

— O que exatamente quer que lhe pergunte, no dia seguinte ao que encontraram a sua filha assassinada? Como se sente?

— Vá à merda, Johan. Quer falar e talvez seja para ela uma maneira de enfrentar o acontecido. Já me decidi pela entrevista. Está descontente com o trabalho da polícia e deseja falar disso, e mais ainda, quer pedir ajuda das pessoas para encontrar o assassino.

— Fanny foi encontrada ontem. Não faz nem vinte e quatro horas. Posso imaginar maneiras melhores de apresentar os fatos do que ela falar na televisão. Não creio que possa se defender algo assim.

— Por todos os demônios, Johan, eu afirmei que você passaria para vê-la na casa da irmã em Vibble às duas.

— Max, não pode pisotear minha integridade profissional de jornalista, não vou fazer essa entrevista. Simplesmente, não posso ficar responsável por ela, essa mulher está emocionada e deveria estar no hospital. Neste momento está passando por uma situação muito delicada e me parece uma indecência que precisemos nos aproveitar de sua fraqueza. Ela não está consciente da grande repercussão que terá ao aparecer na televisão. Às vezes precisamos tomar algumas decisões pelos outros, porque nem sempre estão em condições de eles mesmos tomarem.

Olhou para Peter, que estava ao seu lado e soprava para Johan que dissesse que ele também se negava a gravar a entrevista com a mãe. Ao mesmo tempo, ouviu a respiração agitada de Grenfors no fone.

— Você faz a entrevista, e as decisões éticas nós tomaremos aqui na redação, gritou Grenfors do outro lado. — Vá fazer a entrevista, eu a quero para a emissão desta tarde. Prometi passar a entrevista a Aktuell, Rapport e 24:am.

— E todos a querem? Perguntou Johan ficando em dúvida.

— Disso pode estar certo. Ponha-se em marcha agora mesmo, Talvez se arrependa e fale com outra concorrente.

— Bem, deixe que a entreviste a TV3, e os jornais da tarde se quiserem, Eu não farei.

— Quer dizer que se nega? Continuou Grenfors.

— O que quer dizer com que me “nego”?

— Sim, que não quer realizar um trabalho que eu lhe mandei fazer. Merda! A isso se lhe chama se negar a trabalhar!

— Chame com quiser. Não farei.

Johan apertou a tecla do telefone e cortou a ligação, tinha o rosto vermelho. O vapor de sua respiração se agitava ao seu redor. Voltou-se para Peter e o camponês.

— Que porco de merda!

— Mande-o tomar no cu, consolou Peter. — Agora vamos continuar trabalhando, que estou congelando.

O homem, que havia presenciado surpreso a discussão telefônica, enquanto esperava para que o filmassem, foi entrevistado. Falou do carro que vira no caminho rural há duas semanas à tarde quando ele fora ao estábulo ordenhar as vacas. Andando pelo pátio, havia visto as luzes no caminho. Ninguém costumava passar por lá nessa hora. Não soube dizer que tipo de automóvel era. Ficou um tempo esperando, porém como o carro não voltou a aparecer, se cansou e prosseguiu com seus afazeres.

Johan e Peter retornaram à cidade. Planejavam fazer duas reportagens, uma que tratasse do trabalho da polícia e outra que se centrasse na reação do dia seguinte ao de se conhecer a notícia, entre os colegas de turma, o pessoal da cavalaria, os vizinhos e os habitantes de Visby em geral. Muitos haviam tido a esperança de encontrar Fanny viva, ainda que esta fosse diminuindo à medida que se passavam os dias. Agora a consternação era muito grande.

De volta ao hotel à tarde, Johan tentou se colocar em contato com Grenfors, que se negava a falar com ele. Este conseguira que um outro repórter fizesse a entrevista com a mãe, que, não obstante, depois de várias discussões entre o apresentador do programa e o chefe de redação, nunca chegou a ir ao ar. Tampouco houve alguém que mostrasse algum interesse pela tal entrevista. “Somente a fizera para mostrar quem mandava”, pensou Johan quando um colega lhe contou mais tarde toda a confusão que houvera na redação. Santo Deus, o trabalho se convertia às vezes em um charco de rãs.

O que a imprensa precisava fazer era sempre se lembrar de seu papel e sempre se perguntar por que alguém deveria fazer as coisas, que interesse teria para o público em geral e pesá-la contra os danos que poderiam ser causados às pessoas. Ele estava convencido de que agira corretamente ao se recusar a entrevistar Majvor Jansson. Ninguém poderia forçá-lo a entrevistar pessoas que estavam emocionadas.

Era uma lição que havia aprendido depois de tantos anos na televisão. Em algumas ocasiões havia feito o que queriam seus impacientes chefes e havia entrevistado pessoas que acabavam de perder um familiar ou haviam sofrido um acidente. Somente para agradá-los. Depois havia se dado conta de que aquilo não era correto. Ainda mais quando as pessoas entrevistadas queriam falar para compartilhar a desgraça ou para dar publicidade a um problema, mas se encontravam confusas e não eram capazes de pensar com clareza. Dar responsabilidade a eles era algo que não se devia defender. Além disso, não eram conscientes das consequências de sua participação. O impacto da televisão era enorme. As imagens e as entrevistas podiam voltar a serem reproduzidas em qualquer outro contexto, sem que eles tivessem a possibilidade de impedi-lo. Voltaria a se abrir a ferida a cada vez. Era como se se encontrasse dentro de uma bolha de vidro, isolada do mundo. Alguém havia desconectado o cabo, interrompido a marcha, parado o carrossel.

* * *

Estava deitada de costas no chão da pequena sala de estar de Viveka. Sua amiga havia ido passar o fim de semana fora e ela podia ficar tranquila e pensar. O apartamento era um remanso de paz. Não queria que nenhum ruído a atrapalhasse, nada de rádio, nada de televisão, nada de música. Desejava poder afundar profundamente numa escuridão que só envolvesse a ela. Dentro de seu corpo crescia outro corpo. Um pequeno ser que era ela e Johan. Metade ele e metade ela. Fechou os olhos e passou a mão pela pele lisa. No momento não se notava nada por fora, porém o corpo ia enviando sinais. Doíam os seios, começara a se sentir mal pelas manhãs e a vontade de chupar laranjas era tão grande como nas suas gravidezes anteriores. “O que seria o que teria dentro?” se perguntava. “Uma menina ou um menino? Uma irmã pequena ou um irmão pequeno?”

Deixou que as pontas de seus dedos deslizassem, descrevendo círculos por baixo da camisa, até chegar à entreperna para dar a volta e seguir para cima, ao redor do umbigo e continuar para seus delicados mamilos. O pequeno lhe contou que, ele ou ela, estava lá. Já sugava o alimento através do cordão umbilical, crescia dia a dia. Tinha calculado que estava com oito semanas. Quanto teria avançado o desenvolvimento? Olle e ela haviam seguido com suma atenção a evolução fetal de Sara e de Filip. Olle lia em voz alta um livro sobre o que acontecia em cada semana. Estavam tão iludidos. Agora tudo era diferente. Neste fim de semana precisava tomar uma decisão. Ficar com ele ou não. Havia prometido a Olle. Seu marido havia reagido com surpreendente tranquilidade quando lhe disse que estava grávida. Não havia nenhuma dúvida de que ele não era o pai da criança. Fria e secamente explicou que se ela levasse adiante a gravidez, o divórcio era um fato. Não pensava em se encarregar do filho de Johan e ter que lembrar de seu amante a vida toda. Se quisesse que continuassem sendo uma família, só podia fazer uma coisa: retirá-lo, como disse. Tirar de dentro. Para Emma a expressão soava absurda. Como se se tratasse de retirar uma sujeira. Somente rasgar e jogar no lixo. Somente desejava que outra pessoa pudesse tomar a decisão por ela. Decidiu o que decidiu, iria cometer um erro.

* * *

Vinte e Oito

Segunda-feira 17 de Dezembro

N STREET de manhã Knutas recebeu uma ligação telefônica logo ao entrar na sala.

— Alô, Ove Andersson, o porteiro da Rua Jungmansgatan. Conhecemo-nos no assassinato de Henry Dahlström.

— Ah, sim claro.

— Bem, o caso é que estamos limpando o quarto de revelações que Dahlström usava, vamos voltar a usá-lo para guardar as bicicletas. Bem, eu estou agora aqui em baixo.

— Sim...

— Encontramos algo estranho, sabe? Atrás de um respiradouro. É uma bolsa de plástico com um pacote dentro. Está amarrado com fita adesiva e eu não quis abrir porque pensei que poderia destruir alguma impressão.

— Que aspecto tem?

— É um maço de papel marrom com fita adesiva ao redor, pesa pouco e parece mais ou menos como um monte de cartões postais.

Sob a atenta supervisão de Knutas, Sohlman abriu o pacote, que havia sido enviado à seção de técnicos criminalistas. O pacote continha fotografias. Muito escuras sem dúvida, porém não havia dúvida de que tipo de fotos se tratava. Eram quase idênticas e pareciam tiradas do mesmo ângulo. Puderam distinguir as costas de um homem que estava fazendo sexo com uma mulher jovem ou melhor, com uma criança. Esta não aparentava ter nem a metade dos anos dele. Não se via o rosto da jovem, coberto em parte pelo homem e, em parte, por sua longa cabeleira morena. Tinha os braços esticados de uma maneira estranha, como se estivesse amarrada a algo. O homem estava inclinado sobre ela e cobria quase totalmente a jovem com seu corpo volumoso, porém se via com clareza uma de suas pernas. A jovem era negra. Sohlman e Knutas se olharam.

— Esta deve ser Fanny Jansson, apontou Knutas finalmente. — Mas quem é o homem?

— Vamos descobrir. Sohlman passou a mão pela testa. Retirou uma lupa e começou a estudar a fotografia detidamente. — Olhe isso. Um quadro por trás deles. Vê-se algo vermelho e um... Sim, o que é isso... Um cachorro talvez? Passou a lupa a Knutas. Via-se uma quina do quadro. — Parece um cachorro deitado sobre uma espécie de tecido vermelho. Pode ser que seja um colchão, ou um sofá. Sohlman folheou as imagens com ansiedade. Nenhuma delas revelava mais detalhes. Deixaram-se cair cada um em uma cadeira. Knutas procurou seu cachimbo no bolso.

— Bem, aí temos a conexão, disse Knutas em voz baixa. — Dahlström tirou fotos de alguém que mantinha relações sexuais com Fanny Jansson. Precisou tirar as fotos às escondidas e em seguida

deve ter chantageado o homem pedindo dinheiro. Vem daí as vinte e cinco mil coroas. Isso explica tudo; o homem do porto, o dinheiro, Fanny...

— Isso significa que o homem que vemos aqui é o assassino, afirmou Sohlman apontando as costas com o indicador.

— Provavelmente. É fácil de imaginar por que matou Dahlström, mas e Fanny? Se for ela, não estamos completamente certos. Knutas segurou uma das fotografias e a olhou detidamente. — Quem diabos será?

Após o surpreendente achado, Knutas convocou uma reunião com a equipe da investigação. Tinha certa excitação nervosa no ambiente, o rumor do que o pacote continha havia se espalhado pelos corredores. Sohlman havia escaneado as fotos e as projetou na tela que havia na sala. Wittberg foi o primeiro a levantar a voz.

— Estamos totalmente certos de que a jovem da foto é Fanny Jansson?

— A mãe esteve aqui há um momento e a identificou. Veem a pulseira do relógio no braço esquerdo da jovem? Fanny recebera esse relógio como presente de aniversário no ano passado.

— Como a mãe reagiu? Perguntou Karin.

— Entrou em colapso, suspirou Knutas. — E quem não entraria, depois de ver a filha desta maneira?

— Quem é esse fodido asqueroso? Grunhiu Norrby.

— Tudo o que deduzimos até agora, é que se trata de um homem adulto, não é absolutamente um rapaz da idade dela.

— Parece que ela está amarrada, apontou Kihlgård. — Tem os braços esticados por cima da cabeça, com certeza que está amarrada a algo.

— Olhem isto, disse Sohlman e projetou uma fotografia onde se viam melhor os detalhes. — Aqui se vê um quadro ao fundo. Tudo o que pudemos distinguir nele é um cachorro deitado em um sofá vermelho ou algo assim. Ao fundo vemos também um papel pintado amarelo com listras finas e parte do respaldo de uma cadeira. Parece que se trata de uma cadeira antiga com o respaldo alto e decorações lavradas. O fotógrafo tirou todas as imagens do mesmo ângulo, o fato de que sejam tão escuras pode se dever a que fossem tiradas do exterior, através de uma janela. A questão é saber onde foram feitas. O mais lógico é pensar que deve ter sido em algum lugar aqui na cidade ou próximo daqui, em um lugar de fácil acesso. Porque, se não, como Dahlström poderia descobrir Fanny e esse desconhecido?

— Talvez seja um quarto de trastes, propôs Norrby. — Ou uma sala de reuniões. Pode ser na casa de algum dos conhecidos de Dahlström.

— O local parece luminoso, não estão vendo a luz que entra pela janela? Dá a sensação de que se trata de um local amplo, opinou Karin.

— Na verdade, me pergunto como esse homem conheceu Fanny, disse Wittberg. — Pode ser algum conhecido da mãe?

— Seria o fim! Se for assim, é espantoso, Karin fez uma careta.

— Eu acho que as fotografias parecem pornográficas, disse Kihlgård olhando uma delas. — Também pode se tratar de algum crime sexual. Talvez fosse um grupo inteiro de homens os que atacam Fanny, e este só seja um deles. Talvez a tenham arrastado à prostituição e a tenham obrigado a se vender aos homens da área.

— Por sorte, até agora em Gotland nos livramos de tudo isso. Ao menos que nós saibamos,

suspirou Knutas.

— Ou pederastia, disse Karin em voz baixa. — Fanny pode ter sido uma das muitas crianças que sofrem abusos. Talvez tenhamos um grupo de pederastas à volta da esquina e não temos nenhuma ideia disso.

— A rede, precisaremos controlar a rede. Tenho uma amiga que trabalha na investigação de um grande caso de pedofilia em Huddinge. Posso lhe perguntar se algum dos implicados tem relação com Gotland.

— Boa ideia, disse Knutas agradecido. — Isto pode ter a ver com qualquer coisa.

Foi interrompido pelo toque do celular. Os demais escutavam em silêncio seu murmúrio. Quando desligou o telefone, olhou atentamente para os colegas.

— Era Nilsson, do laboratório. Já têm o resultado das amostras retiradas no quarto de Fanny. Não coincidem com as de nenhum criminoso registrado, porém o sangue e as peles encontradas na sua cama são idênticas às encontradas na casa de Dahlström. Não há nenhuma dúvida, coincidem.

* * *

Knutas voltou para casa tarde e encontrou a toda a família reunida diante do televisor. Responderam ao seu cumprimento com um “Shhh, é muito interessante!”. Suspirou e foi até a cozinha, abriu a geladeira e apanhou o que havia sobrado da janta e o esquentou no micro-ondas. A única que se preocupou em lhe fazer companhia foi a gata, que se esfregou contra suas pernas e em seguida saltou e se acomodou em cima de seus joelhos. Parecia absolutamente indiferente aos problemas que causava; não era fácil se inclinar para diante e comer com uma gata feita um novelo no colo.

A ideia de que um pederasta assassino andasse solto por Gotland eriçava seus cabelos. No princípio o assassino havia cedido a chantagem de Dahlström e havia lhe entregado dinheiro em duas ocasiões, depois, evidentemente, lhe pareceu demasiado. Agora tomar a decisão de matar a pessoa que o extorquia era ir muito longe. Talvez ele tivesse pensado que se livraria facilmente se a sua morte parecesse uma briga de bêbados. E, além disso, tinha o prêmio das corridas. É provável que soubesse e aproveitara a ocasião; com certeza roubou o dinheiro para despistar a polícia. O fato de que revistasse o apartamento indicava que estivera procurando as fotografias. E o mesmo no quarto de revelações. Mas não encontrou o que procurava. O pacote estava escondido no duto da ventilação. Ninguém havia se preocupado em olhar lá, nem o assassino nem a polícia. O assassino desapareceu do lugar após cometer o crime. Joga a arma e a câmera em um bosquezinho algo afastado do lugar. Provavelmente tinha o carro estacionado mais além, no bloco seguinte de residências.

Knutas olhou o que havia, almôndegas e macarrão requeimado. Colocou mais ketchup e remexeu a comida sem prestar atenção. Bebeu um gole de leite. Na sala estavam calados como em uma missa, o filme devia de ser sumamente interessante.

E depois vinha o assassinato de Fanny. Ainda que, na realidade, deveria se concentrar nesse ponto, já que foi onde começara tudo. A aventura com uma jovem de quatorze anos. Como o assassino havia entrado em contato com ela? Precisava pertencer ao seu entorno mais próximo.

Knutas deixou essa pergunta para mais adiante e seguiu o fio de seus pensamentos. Aquele homem a utilizava sexualmente, não tinha dúvidas. Quanto tempo teria durado aquela situação? Todos quantos a conheciam ignoravam que se encontrava com alguém. O comissário duvidava muito de que se tratasse de uma relação amorosa normal e comum. O homem podia tê-la ameaçado, ou também podia ser que a jovem dependesse de alguma maneira dele. Mas o que foi o que fez para que a matasse? Já havia se desfeito de Dahlström e havia se livrado de suas exigências. Correria um risco enorme ao cometer outro assassinato. Claro que também podia ter acontecido sem que planejasse, possivelmente como consequência de algum jogo sexual. Nas fotografias parecia que Fanny estava amarrada. Talvez o assassino a tivesse estrangulado sem querer e em seguida havia depositado o corpo no bosque.

Era uma possibilidade; outra era que Fanny tivesse começado a dar tantos problemas que o homem tivesse achado necessário matá-la. Talvez ameaçasse contar tudo, ou simplesmente queria romper a relação. Knutas começou a pensar onde podiam se encontrar. Era pouco provável que se encontrassem na casa de Fanny, isso seria muito arriscado. O estranho era que ninguém havia notado nada, nem uma só pessoa. Seu coração se retorceu de pena ao pensar no corpo sem vida no bosque. Passaram pela cabeça os rostos de diferentes pessoas. A mãe de Fanny, que responsabilidade teria no que havia acontecido? Por que não havia se preocupado mais com a filha? Fanny estava só com seus problemas. Sentia-se tão mal que inclusive havia se cortado. Somente tinha quatorze anos e era ainda uma criança. Nenhuma pessoa adulta havia se preocupado com ela, nem sequer a própria mãe.

E na escola, a mesma coisa. Ainda que os professores tivessem notado que Fanny se sentia mal, ninguém fez nada. Estava lá, à vista de todos, porém ninguém fizera nada.

* * *

Vinte e Nove

Quinta-feira 20 de Dezembro

KNUTAS estava sentado na sua sala tomando o café da manhã quando bateram na sua porta e Karin assomou a cabeça.

— Bom dia! É incrível como as pessoas podem esquecer das coisas e em seguida lembrar de uma informação das mais interessantes. Deixou-se cair na cadeira em frente a Knutas e revirou os olhos. — Esse tal Jan Olsson que trabalha na cavalaria ligou e disse que Fanny esteve na casa de Tom Kingsley

— Ah, sim?

— No outono Jan Olsson precisou passar uma vez pela casa de Tom para lhe deixar uma coisa.

— Que coisa? Perguntou Knutas com curiosidade.

— Isso não me disse, respondeu Karin impaciente. — Escute isso. A bicicleta de Fanny estava fora da casa de Tom e Jan Olsson se deu conta de que o casaco da jovem estava pendurado na entrada.

— Não a cumprimentou?

— Não. Tom não o convidou a entrar.

— Está bem. É suficiente para deter Kingsley. Vou ligar à Birger para que emita uma autorização para revistar sua casa. Knutas esticou o braço até o telefone para ligar ao promotor.

— Claro, só existe um problema, constatou Karin.

— Que problema?

— Tom Kingsley está viajando. Férias nos Estados Unidos.

— Quanto tempo vai ficar fora?

— Precisa começar a trabalhar de novo na segunda-feira, segundo o proprietário da cavalaria. Mas viajou num voo regular com a passagem de volta em aberto e ainda não fez reserva, então não sabemos quando regressará.

— Não importa, entraremos em sua casa de qualquer maneira.

* * *

A residência de Tom Kingsley ficava numa clareira num bosque, não muito longe do hipódromo. Na realidade era uma casa de campo que tinha alugado desde que chegara a Gotland. O caminho que se dirigia até a residência não era muito mais largo do que uma estrada rural. Os carros de polícia avançavam aos solavancos. Knutas e Karin iam na frente, Kihlgård e Wittberg atrás. O promotor Smittenberg havia autorizado a revista do domicílio sem demora. Em um caso normal, Tom Kingsley precisava ter sido informado previamente, porém ninguém sabia onde se encontrava.

Todas as janelas estavam às escuras. Quando desceram do carro, observaram que não estivera ninguém na casa há algum tempo. O manto de neve estava intacto.

A chave havia sido dada pelo proprietário da casa, Karin havia passado a manhã tentando localizá-lo. Constava de um pequeno vestíbulo e de uma sala de estar à direita de onde se chegava a uma pequena cozinha. Era mobiliada com simplicidade, porém limpa: uma mesa junto à janela, uma lareira e pegado à parede do fundo havia um velho sofá de madeira forrado com tecido listrado. Entre a cozinha e a sala de estar havia uma estufa. A cozinha, cuja janela dava para o bosque, tinha poucos móveis: uma prateleira com armários por baixo, um velho fogão elétrico e uma geladeira pequena. Uma estreita escada em caracol levava ao andar de cima, que dispunha de dois quartos pequenos e um corredor. Tudo estava ordenado e limpo. Knutas levantou a colcha das camas. A roupa de cama fora retirada e debaixo dos cobertores só se viam os velhos colchões. Começaram a revistar sistematicamente gavetas e armários. Kihlgård e Karin se ocuparam do andar de cima; Knutas e Wittberg do de baixo. Não se passara muito tempo quando Wittberg gritou:

— Venham ver isto! Estava segurando com as pinças um pequeno papel que parecia um prospecto. — Adivinham o que é? Os demais negaram com a cabeça. — É um prospecto da pílula do dia seguinte.

* * *

Trinta

Sexta-feira 21 de Dezembro

OACHADO do prospecto na casa de Tom Kingsley, junto com o fato de que havia negado rotundamente ter mantido uma relação mais íntima com Fanny, fizeram com que o promotor solicitasse sua prisão. Quando verificaram que as impressões digitais de Fanny apareciam no prospecto, a polícia ficou totalmente convencida de que Kingsley era o homem a quem procuravam. Em uma investigação das companhias aéreas se comprovou que havia viajado pela SAS para Chicago uma semana antes. Avisaram à polícia de Estocolmo e se pediu ao departamento de reservas da SAS para que permanecesse atento e desse a voz de alarme quando Kingsley marcasse o voo de volta.

Knutas se sentiu aliviado, ainda que não soubessem onde se encontrava Kingsley. Agora só tinham que esperar que voltasse. Enquanto isso, poderia disfrutar durante o fim de semana de um merecido descanso. Afastado de tudo o que parecesse trabalho de polícia. Leif e ele iam viajar para a casa de veraneio que a família Almlöv possuía em Gnisvård, há uns vinte quilômetros ao sul de Visby como faziam sempre nos dias anteriores ao Natal. Realmente, por causa da investigação, até o último momento havia duvidado de que poderia ir nesta ocasião. Mas já que havia uma ordem de detenção contra Kingsley e não podiam fazer mais nada até que voltasse para a Suécia, Knutas pensou que podia ir. Ia estar a tão só vinte minutos de carro de Visby e seria localizável pelo celular no caso de que acontecesse algo.

E quanto aos preparativos do Natal, havia feito o que se esperava dele: a tradicional compra da árvore de Natal com as crianças, as compras com Line e havia limpado a casa com ela. Numa noite havia preparado os arenques escaldados com xerez que sempre fazia para o Natal e para São João, e havia aproveitado as horas do almoço para dar uma volta pelas lojas e comprar os presentes e, na verdade, tivera tempo de comprar todos, embrulhá-los em papel de presente e escrever a correspondente rima que devia acompanhá-los.

Agora chegara a recompensa. Dos dias sozinhos, comendo bem e pescando, prazer que dividia com Leif. Na sexta-feira à tarde depois do trabalho voltou para casa e preparou uma bolsa com a roupa e os artigos de pesca. Nevara o dia todo. As máquinas que retiravam a neve trabalhavam sem descanso para deixar as ruas transitáveis. Knutas não se lembrava de quando fora a última vez que havia nevado tanto em Gotland. Oxalá que aguentassem até o Natal.

No carro caminho do sul foi relaxando mais e mais a cada quilômetro que deixavam para trás. Colocaram Simon & Garfunkel a todo volume. A paisagem invernal deslizava ante a janela, campos

brancos e alguma que outra fazenda. A neve cobria belamente os arredores quando chegaram. "Na realidade, era absurdo chamar aquilo de casa de veraneio", pensou Knutas. Melhor seria residência. Se tratava da típica residência de pedra de Gotland, de meados do século XIX, e era impressionante, com o telhado muito inclinado e liso. Na época em Gotland se construíam mansões cada vez maiores a medida que aumentava a prosperidade das áreas rurais. A moradia contava com sete aposentos e cozinha distribuídos em dois andares. A casa também tinha um sótão que se utilizava como local para guarda de trastes e despensa. Ao lado havia uma sauna a tão só uns metros do cais, junto ao qual o barco de Leif ficava todo o ano. O lugar parecia deserto. O vizinho mais próximo ficava a duzentos metros mais além.

— Posso imaginar o frio que fará preveniu Leif enquanto abria a pesada porta da casa.

— Não parece que vá fazer tanto frio, disse Knutas quando entraram. Levou as bolsas de mantimentos para cozinha e começou a arrumar as coisas. — Será pior quando nos sentemos.

— Vou ligar os radiadores e a acender a lareira, porém leva tempo para secar a humidade que está no ar.

Umás horas depois, já sentados com umas costeletas, um gratinado de batatas que cheirava a alho e uma garrafa de vinho Rioja diante, Knutas se sentiu melhor do que estivera em muito tempo.

— Quantas vezes fizemos isto? É o quinto ou o sexto ano? Este ano me parece mais necessário ainda que de costume.

— Sim, nós dois tínhamos necessidade de sair, afirmou Leif. — Precisei fazer um monte de coisas no restaurante. O pior é quando falta o pessoal. Uma de minhas melhores garçonetes sofreu um aborto e precisou ser internada no hospital, a mãe de outra morreu, então precisou viajar para Estocolmo, e, como se fosse pouco, peguei um garçom roubando dinheiro do caixa. Tudo isso no transcurso de duas semanas. E, como de costume, essas coisas sempre acontecem no momento mais inoportuno. Agora, com as reservas para almoços e ceias de Natal, estamos até as sobancelhas. Por sorte, tenho um chef estupendo, se não, não teria conseguido vir de nenhuma maneira. É um tipo estupendo, é capaz de resolver qualquer problema. A verdade é que eu estava disposto a não fazer a viagem nesse momento, porém me convenceu para que viesse. Bem, claro, pensei que poderíamos fazê-lo mais adiante, apontou como se desculpando.

— Fico feliz de que não o tenhamos adiado. Agradeça-o de minha parte. Knutas engoliu um gole de vinho. — É ótimo que o restaurante vá tão bem. Sempre está cheio de gente, e sempre esteve. Não sei como consegue.

— E você? Como vai a investigação?

— Bem, finalmente parece que demos com a pista correta.

— Que história tão desagradável.

— Foi muito duro. Quando se sabe que um assassino anda solto e avança às cegas, sem entender que relação têm umas coisas com outras... É frustrante.

— Então, já não estão mais assim? Já não avançam às cegas?

— Não, estou convencido de que estamos muito próximos de resolver o caso. Como já sabe, não posso falar consigo sobre a investigação, o que se posso dizer é que creio que agora falta pouco para dar com ele.

— Trata-se de alguém de quem suspeitavam há muito tempo?

— Não, na realidade foi uma pessoa totalmente inesperada.

- E então por quê não o prenderam ainda?
- Pare de perguntar, Leif, sabe que não posso responder. Leif levantou as mãos cedendo.
- Com certeza. Quer mais vinho?

O resto da tarde passaram jogando xadrez diante da lareira. Abriram outra garrafa de Rioja. Fez-se tarde. Não se deitaram até passada a meia-noite. Knutas foi dormir no andar de cima. O quarto em que ia dormir era decorado com simplicidade porém com bom gosto. As paredes de pedra estavam rústicamente nuas. O teto era construído em camadas de arenito que se apoiavam em grandes vigas. Junto a uma das paredes havia uma ampla cama de madeira com uma colcha branca de algodão, e ao lado, três cadeiras de estilo rústico pintadas de azul. Dentro de um profundo nicho se abria uma pequena janela que dava ao mar. O rítmico som das ondas que golpeavam contra a praia o embalou até adormecer.

Quando despertou não tinha ideia de quanto tempo havia dormido. O quarto estava completamente às escuras. Não sabia o que podia tê-lo despertado e permaneceu deitado com os olhos abertos, no escuro, tentando escutar ruídos que não havia. Estiou o braço e acendeu a lâmpada da mesinha. Eram três e dez. Tinha a boca seca e precisava ir ao banheiro. Resolvidas essas necessidades imediatas, ficou olhando pela janela. Ouvia-se o mar, porém parecia muito tranquilo. Tinha luz no sótão. Que estranho. Leif estaria lá há essas horas? Talvez simplesmente havia se esquecido de apagar a luz. A neve brilhava branca na escuridão e a luz de fora criava sombras alongadas. Não aconteceu nada e voltou para a cama. Demorou um pouco a voltar a adormecer.

* * *

Foram se passando os dias sem que Johan tivesse notícias de Emma. Já estava a quase uma semana em casa, já que em Gotland não havia acontecido mais nada que justificasse uma viagem à ilha. Ao menos, que ele soubesse. A polícia não dizia nada; havia tentado pressionar Knutas muitas vezes sem conseguir nada. A experiência lhe dizia que estavam a ponto de deter o assassino. A polícia reagia sempre da mesma forma quando a investigação se encontrava em um momento decisivo. Fechavam-se como ostras todos eles.

Ligara para Emma, porém esta se negava a falar com ele. Talvez estivesse próximo o desenlace em ambas as frentes. Bah! O que tinha de acontecer que acontecesse, pensava nestas ocasiões. À merda. Estava farto das ninharias, de todos os planos que havia feito para um incerto futuro com Emma. De como ia se comportar em Gotland, com os filhos de Emma, como homem responsável. Cozinhar macarrão e ler histórias antes deles dormirem, lhe assoar o nariz e se manter em equilíbrio entre Emma, seu ex-marido, as crianças, os sogros, as festas de aniversário, a divisão das férias de Natal entre Estocolmo e Gotland. E, sinceramente, seria tão divertido se encarregar de uma família já formada? Johan era um romântico que sonhava em se casar e ser pai algum dia. Para Emma nada de tudo isso seria novo. Voltar a se casar e voltar a ter filhos. Além disso, iria querer ter filhos com ele? Nem sequer haviam falado disso. Por que não o haviam feito?

Talvez fosse melhor que acabasse de uma vez. Podia encontrar alguma jovem em Estocolmo que não tivesse um casamento avariado nas costas e crianças na mala. Seria uma experiência mágica para os dois. Tudo seria muito mais simples, só o fato de viver em Estocolmo, próximos de suas famílias,

do trabalho e dos amigos. As perspectivas de conseguir viverem juntos uma existência agradável seriam muito maiores. Por que complicar a vida mais do necessário? Já era suficientemente difícil conseguir que uma relação funcionasse, além disso alguém iria complicar a vida com os filhos de outros e velhos ex-maridos? Não, obrigado.

Somente havia um problema. Ele amava Emma.

* * *

Trinta e Um

Sábado 22 de Dezembro

NO SÁBADO de manhã Knutas foi despertados pelas batidas que Leif deu na porta antes de entrar no quarto falando alto.

— Vamos, acorda, dorminhoco! São oito horas, o café-da-manhã já está servido. Sentou-se na cama meio adormecido. Leif parecia insultantemente acordado. — Já estive lá fora cortando lenha. Faz um tempo esplêndido, olhe e verá, disse apontando com a cabeça para a janela.

Knutas girou a cabeça. Com enorme surpresa viu o sol saindo por cima do mar, que se estendia azul e relativamente calmo. Quase esquecera como era bela aquela vista. No dia anterior quando chegaram já era de noite.

— Incrível! Já vou.

Tomou um banho rápido, com água quente. "Que luxo, para uma casa de veraneio", pensou enquanto admirava os elegantes azulejos das paredes. O café-da-manhã já estava servido quando desceu para a cozinha: uma boa fatia de pão de Gotland, manteiga, queijo, patê de fígado de porco, presunto, salame e verduras. O aroma de café forte se espalhava pela cozinha. O fogo crepitava na lareira. Knutas apreciava como era bom Leif preparar o café-da-manhã e comeu com apetite.

— Que serviço! Brincou olhando para o amigo, que estava sentado do outro lado da mesa, estudando uma carta náutica.

— Amanhã tocará a você preparar o café-da-manhã. Estava pensando que podíamos apanhar o barco e sair, agora que faz um tempo tão bom. Vento suave e cinco graus.

— É uma maravilha, poder ver o sol em meados de dezembro. Não estou muito acostumado com esse luxo.

— Dormiu bem? Knutas vacilou um instante.

— Como um tronco. E você?

— Também. Dorme-se muito bem no campo.

Knutas arrumou a mesa depois do café-da-manhã e foi a buscar as suas coisas. Agora queria curtir a viagem de barco e a pesca.

Faltavam dois dias para o Natal. A ilusão brilhava nos olhos das crianças, porém Emma se encontrava à anos luz da felicidade familiar e da paz natalina. Acordou no quarto de convidados de Viveka e se sentia mal. O que não tinha só a ver com a gravidez. Na noite anterior havia se deitado tarde. Viveka e ela haviam bebido muito vinho e haviam passado a metade da noite conversando. Podia beber o vinho que quisesse. Já não precisava pensar no que era bom para a criança. Havia se decidido, porém não haveria tempo para realizar um aborto antes do Natal. Ver-se-ia obrigada a passar todas as festas com os evidentes sintomas da gravidez. Uma lembrança constante da criança que estava em sua barriga.

Ainda não havia se atrevido a falar com Johan, não queria que ele influísse na sua decisão. Com certeza que era egoísmo, porém não via outra saída. Tinha decidido deixá-lo à margem, se afastar totalmente. E havia se negado a falar com ele por telefone. Por puro instinto de sobrevivência, se defendia. Por sorte Johan havia voltado para Estocolmo, isso fazia tudo ficar mais fácil. Se o visse, talvez acontecesse uma catástrofe. Precisava pensar nos filhos que já tinha. Tinham decidido comemorar o Natal absolutamente em família. Visitar os parentes e amigos, e fazer tudo aquilo que costumavam fazer. Emma teria que dissimular seu mal-estar e fazer das tripas coração. A culpa era dela e a Olle parecia que não tinha nem um pouco de pena. Daquela consideração que havia mostrado quando ela estava grávida de seus próprios filhos, não se via nem rastro. Quando olhava para Sara e Filip se enchia de ternura. Eles não sabiam nada do caos que reinava na cabeça de sua mãe.

Soou a campainha da porta. Levantou-se da cama dando um suspiro e procurou às cegas a roupa. Não eram nem sequer dez horas. Quando abriu a porta, se encontrou com os rostos expectantes de seu marido e dos filhos.

— Bom dia! Gritaram em coro.

— Precisa se vestir, disse Sara emocionada. — Aprese-se!

— Que aconteceu? Emma olhou interrogativamente para Olle.

— Já verá, agora se arrume. Estamos esperando. Viveka havia acordado e saíra para o corredor.

— Alô. Aconteceu algo?

— Não. Somente viemos buscar Emma, explicou Olle satisfeito.

— Entrem e sentem na cozinha enquanto isso. Voltou-se para as crianças e perguntou. — Querem um refrigerante?

— Sim!

Um quarto de hora depois, Emma já estava pronta e saíram. Olle levou-os para o sul, para além de Visby. Em Vibble apanhou uma autoestrada que entrava num bosque.

— Aonde vamos? Perguntou ela.

— Já vai ver. Estacionaram ao lado de uma casa solitária e bateram à porta. Dentro se ouviram latidos. As crianças saltavam de contentamento.

— Essa é a Lovis, gritou Filip. — É muito bonita!

Uma jovem de uns vinte e cinco anos com um bebê nos braços abriu a porta. Ao redor de suas pernas um golden-retriever saltava louco de alegria ao ver os convidados. Emma precisou esperar na

entrada enquanto os demais entraram apressados na cozinha. Ouviu como cochichavam lá dentro. Depois vieram até onde ela estava, primeiro Olle com um maravilhoso cachorrinho de pele dourada nos braços e as crianças atrás agarradas ao pai.

— Feliz Natal! Disse Olle, e lhe entregou o cachorro, que moveu o rabo e estirou o focinho para lhe lambem as mãos. — Sempre quis ter um cachorro. É seu, se quiser.

Emma sentiu como se iluminava toda a fisionomia ao segurar o cachorro nos braços. Era pequeno, suave e roliço, e lhe lambia impaciente todo o rosto. Viu os alegres olhos de seus filhos virados para ela. O cachorro usava uma coleira ao redor do pescoço com um cartão: "Para Emma com todo o meu amor. Olle". Emma se deixou cair no banco de madeira da entrada com o cachorro nos braços.

— Vê como gostou de você? Sara brincou.

— Não quer parar de lambê-la, disse Filip encantado, tentando acariciar o cachorro.

— Quer? Perguntou Olle. — Não precisa ficar com ele se não quiser, podemos deixá-lo aqui.

Emma observou Olle sem dizer nada. Tudo o que havia acontecido passou por sua cabeça. A frieza de seu marido a assustara, porém com certeza porque ele estava ferido. Com toda razão. Ela entendia. No rosto das crianças viu esperança. Por eles precisava tentar.

— Sim, quero afirmou. — Quero este cachorrinho.

* * *

Ligaram para a delegacia quando Karin e Kihlgård estavam na pizzaria da esquina. A polícia de Estocolmo comunicava que Tom Kingsley havia reservado o voo de regresso para o dia seguinte. Aterrissaria no aeroporto de Arlanda às 14.45. Souberam que planejava ir para Gotland no mesmo dia. O voo seguinte para Visby sairia às 17.10. A polícia de Arlanda o deteria no aeroporto e depois o escoltaria até Visby. Wittberg ligou e lhes deu a informação.

— Que bom, respirou Karin aliviada. — Vamos ver então, se acaba por fim esta história e podemos comemorar o Natal.

— Esperemos que efetivamente seja assim. Se for ele.

— E por que não seria?

— Não temos certeza. Deveria estar consciente de que antes ou depois chegaríamos a suspeitar dele. Não tem nada que o prenda aqui. No caso de Kingsley ser o assassino, realmente cabe se perguntar por que não ficou nos Estados Unidos. Por que iria voltar e se arriscar a ser preso?

— Talvez esteja certo de que ninguém iria suspeitar dele.

— Pode ser. Agora, não me surpreenderia que no final se descubra que o tipo é inocente e tenhamos que voltar a começar do princípio.

Kihlgård levou o último pedaço da pizza à boca e limpou-a com o dorso da mão. Karin olhou-o incrédula.

— Otimista, heim? Murmurou.

— Parece-me estranho que Knutas possa parecer tão seguro de que Kingsley é o autor dos crimes. Somente porque estamos empacados na investigação, não tem por que se agarrar a um prego quente.

— Como explica então a pílula do dia seguinte? Inquiriu Karin. Kihlgård baixou a voz.

— Na realidade pode ser que Fanny tivesse muita confiança em Kingsley e lhe pedisse conselho acerca dessa pílula e em seguida deixasse o prospecto esquecido na casa dele. Não seria totalmente descabelado. Karin o olhou com ceticismo.

— Acredita realmente nessa explicação?

— Por que não? Não deveríamos ficar obcecados com Kingsley, é uma loucura. Kihlgård passou a mão pelos cabelos.

— E o quê vamos fazer então? Perguntou Karin.

— Podemos comer alguma sobremesa, não é?

* * *

Knutas dirigiu o pequeno barco pesqueiro para o mar. Sempre era divertido levar o timão. Leif preparava as redes na coberta. Era filho de uma família de pescadores e estava acostumado. Quando terminou, ficou ao lado de Knutas na ponte de comando.

— Agora temos muito pouco salmão neste lado da ilha, então em seu lugar iremos pescar merluzas.

— Que lástima. Seria maravilhoso um salmão recém-pescado no jantar.

— Pensando bem, podemos tentar com iscas de arrastro. Retiro as varas de trás do barco e deixamos que arraste a isca. Agora que está fazendo muito frio, os peixes ficam na superfície. Se tivermos sorte capturamos algum salmão ou alguma truta arco-íris.

Passaram perto da praia de Tofta e Knutas ficou fascinado ao ver como estava deserta. A solidão das ondulantes dunas de areia era radicalmente distinta do formigueiro de turistas que iam para lá no verão. Tofta era a praia mais popular da ilha, sobretudo entre os jovens. Na alta temporada, as toalhas ficavam tão juntas umas de outras que pouco podia se ver da areia. Leif contemplava o mar.

— Olhe as ilhas Karlsöarna lá longe! Como se vê bem daqui!

As duas ilhas se sobressaíam por cima da superfície do mar, a maior atrás da menor. Knutas estivera lá muitas vezes. Toda a família estava acostumada a ir para Stora Karlsö todos os anos no mês de maio para ver os araos. Então, os pintos dessas aves marinhas tão pouco conhecidas, tinham acabado de sair da casca. O sol aparecia de vez em quando entre as nuvens e ainda que o vento houvesse aumentado, decidiram ficar no mar enquanto tinham as redes lançadas. Leif serviu um copo de uma garrafa térmica com leite achocolatado que saborearam na coberta. Era difícil imaginar que o Natal estava à volta da esquina. Knutas se sentiu cansado e se deitou um pouco na cabine. Adormeceu com o barulho das ondas batendo contra o casco. Umás horas depois Leif o despertou, dando umas pancadinhas.

— Precisamos recolher as redes. O vento piorou.

Knutas ficou surpreso de como o tempo mudara depressa. Sentiram a força do vento quando subiram para a coberta; o céu havia escurecido. O barco balançava enquanto recolhiam as redes. A captura fora muito boa: contaram nove merluzas. A isca de arrasto continha dois salmões. Certamente, não eram exemplares perfeitos, porém ainda assim eram soberbos.

— Agora o que devemos fazer é voltar para casa o quanto antes, informou Leif. — Escutei os informes meteorológicos enquanto você dormia. Aproxima-se uma tormenta.

Tinham uma hora de viagem para voltar para Gnisvård. Fez-se noite e quando passavam próximo da praia de Tofta, chegou a primeira rajada de vento. O barco balançou. Knutas, que estava subindo a escadas para a ponte de comando, tropeçou e caiu.

— Merda! Gritou ao bater a cabeça contra o corrimão. Agora não faltava muito para chegar a terra, porém o barco se agitava de um lado a outro. Os peixes estavam em baldes na coberta do barco, e quando os alcançou a primeira onda, Leif gritou:

— Precisamos passar os peixes para dentro. Se não, cairão no mar. Tenha cuidado ao abrir a porta.

Leif estava totalmente concentrado na negrura do mar, fazendo frente às ondas o melhor que podia. Knutas agarrou a maçaneta da porta e puxou-a. Um dos baldes havia virado e os peixes estavam espalhados pela coberta. A onda seguinte se quebrou sobre a borda e arrastou para o mar parte das capturas. Knutas recolheu os peixes restantes e os voltou a colocar no balde. "Merda, que loucura", pensou. "Estou aqui quase arriscando a vida para salvar uns miseráveis peixes.". Observou o rosto tenso de Leif através da janela. Knutas entrou cambaleando, estava molhado até os ossos.

— Puta que o pariu! Onde estamos? Perguntou a Leif.

— Bem, estamos próximos da costa, então creio que sairemos desta. Mas que tempo de merda.

Repentinamente apareceu na escuridão, a luz do cais de Gnisvård. Knutas deu um suspiro de alívio. Somente se encontravam a umas centenas de metros. Quando pisaram terra firme, Knutas estava consciente do medo que realmente havia sentido. As pernas quase resistiam a obedecê-lo. Amarraram o barco e subiram depressa para a casa.

— Que inferno! Bufou Knutas. — Agora a única coisa que quero é tirar a roupa e tomar um banho quente.

— Faça isto, disse Leif. — Enquanto isso eu acenderei a lareira.

No quarto descobriu que não estava com o telefone celular. "Maldito seja, deve ter caído pela borda quando estava na coberta", pensou. Agora Karin não poderia entrar em contato com ele, porém pediria a Leif emprestado o dele. Também queria ligar para Line e contar a sua dramática aventura. Não havia telefone na casa, apesar de tantas modernidades.

Aqueceram-se com um café irlandês cada um, enquanto preparavam o jantar. Leif pegou o salmão com mão experiente. Começou abrindo-o pela barriga com uma faca bem afiada, retirou os

vísceras e cortou os lombos livre de espinhas. Knutas ficou com água na boca observando como Leif passava azeite sobre os filés com um pincel, condimentava e os colocava sobre um leito de sal grosso.

Deram conta do salmão com bom apetite e o acompanharam com cerveja. Conversaram do que havia acontecido. Bela aventura. Podia ter terminado em catástrofe. Fora da janela o vento aumentava e se aproximava outra tormenta de neve. Após tomarem uns quantos uísques depois do café, os dois notaram que estavam começando uma bela bebedeira. Escutaram música e falaram de coisas sem importância, e quando Knutas foi se deitar, já eram duas da madrugada. Leif havia ficado adormecido no sofá. Caiu rendido na cama e deveria ter ficado adormecido imediatamente. Mas em vez disso despertou. Ficou pensando na investigação, em Kingsley. No dia seguinte o homem suspeito de ser o assassino voltaria a Suécia. O caso que havia ocupado seus pensamentos dia e noite durante o último mês, provavelmente ia ficar esclarecido bem a tempo de comemorarem o Natal. Alegrava-se de poder comer a ceia natalina com a família sem ter que pensar naquelas desgraças. Sentiu de repente que sentia falta de Line e das crianças. Teve vontade de apanhar o carro e voltar para casa imediatamente.

Compreendeu que não ia adormecer, nem valia a pena tentar, então se vestiu e desceu as escadas sem fazer barulho. O sofá da sala de estar estava vazio. Leif devia ter ido para a cama sem que ele tivesse ouvido. Knutas se sentou em um dos sofás de pele e começou a encher o cachimbo, acendeu-o e deu uma profunda tragada. Era muito agradável fumar sozinho. Um quadro lhe chamou a atenção. Representava uma mulher com um cachorro descansando em seus joelhos. Era uma mulher esbelta e jovem, usava um vestido vermelho sem mangas, tinha os olhos fechados e a cabeça inclinada sobre o ombro como se estivesse dormindo. Os lábios estavam pintados no mesmo tom vermelho do vestido. O cachorro olhava para o espectador. Era um belo quadro.

Knutas se levantou para ver quem era o artista. Passou o dedo pela moldura dourada do quadro. Dirigiu o olhar ao papel pintado, amarelo pálido com listras em um tom mais claro. Ao lado havia uma cadeira com o respaldo alto e profusamente decorado, com os braços arrematados em botões. Aqueles detalhes formavam um quebra-cabeça e pouco a pouco foi se lembrando de onde havia visto aquilo antes. Sem dúvida, aquele era o respaldo da cadeira que se via nas fotos de Dahlström. Norrby, que era aficionado por antiguidades, havia lhe explicado que se tratava de uma cadeira inglesa do estilo barroco.

Primeiro ficou preso de uma confusão total. Como se explicava que Dahlström tivesse tirado fotos de Fanny na casa de Leif? Teria abusado dela, ele ou algum amigo, na casa de veraneio sem que Leif tivesse conhecimento disso? Teria acontecido enquanto Dahlström estava construindo a sauna? Seus pensamentos dispararam e tudo começou a dar voltas dentro de sua cabeça formando um desenho terrível. Leif era proprietário de um dos cavalos da cavalaria e havia contratado Dahlström. Seu aspecto físico coincidia com os dados de que dispunham. O homem das fotos podia ser perfeitamente o próprio Leif. Seu amigo há vinte anos. Um aterrador pressentimento lhe percorreu o corpo como uma descarga elétrica, penetrando em todos os poros. Caiu-lhe o cachimbo das mãos e as cinzas se espalharam sobre o tapete.

Voltou a olhar o quadro para se convencer de que estava certo. Não, não. Não podia acreditar, não queria acreditar. Passou-lhe pela cabeça a ideia de ir se deitar, sem mais, e fazer como se nunca

tivesse visto nada. Esconder a cabeça debaixo da asa e seguir como de costume. Uma parte dele desejava nunca ter observado aquela tela. Não, de qualquer maneira não podia acreditar. Tentou se convencer de que deveria ser de outra maneira. No mesmo instante se lembrou que Leif estivera no sótão na noite anterior. O que estivera fazendo? Precisava sair e ver. Colocou rapidamente os sapatos e o casaco. Abriu a porta silenciosamente. Milhares de pensamentos lotavam a sua mente. Surgia em sua cabeça uma série de imagens discordantes. Leif na sauna, esquiando em uma pista, disfarçado de Papai Noel em sua casa, jogando futebol na praia, atterradoramente brutal com o martelo na mão no quarto de revelações de Dahlström, sobre o débil corpo de Fanny nas fotografias. Dobrou a quina da casa e demorou uns segundos em descobrir a sombra que aparecera diante dele. Encontrou-se de repente cara a cara com Leif. Ele tinha as mãos nas costas formando um ângulo estranho, como se ocultasse algo.

Knutas não teve tempo de ver o que era.

* * *

Trinta e Dois

Domingo 23 de Dezembro

LINE PARECIA preocupada quando ligou de manhã cedo para Karin.

— Não soube nada de Anders desde ontem pela manhã. Sabe algo dele?

— Não, está com o celular desligado. Já liguei para ele várias vezes.

— Acabo de falar com Ingrid. Leif tampouco atende o telefone. Comecei a ficar preocupada. Ontem tinham pensado em sair com o barco e ventou muito. Somente espero que não tenha acontecido nada.

— Com certeza não aconteceu nada, tranquilizou-a Karin. — Anders disse que voltaria hoje à tarde. Devem ter ficado sem bateria. Não têm telefone na casa?

— Não. Uf, eu estou pensando em ir até lá para ver se aconteceu algo. Estou preocupada, não é próprio de Anders não ligar. Karin verificou as horas. Dez e quinze. Kingsley não aterrissaria até à tarde.

— Eu vou. Posso ir agora mesmo.

— Está certa?

— Sim, estarei lá em meia hora. Ligo ao chegar.

— Muito obrigado.

A própria Karin havia tentado ligar um sem-fim de vezes para o celular de Knutas sem conseguir e começava a se sentir muito inquieta. No caminho para Gnisvård ligou para o Salvamento Marítimo. Não, que eles soubessem não havia acontecido nada. A Guarda Costeira deu a mesma resposta. Tinha gelo na autoestrada; a temperatura havia caído durante a noite. A neve derretida havia se congelado, convertendo-a em uma pista de gelo. Karin manteve uma distância prudente com o automóvel que ia adiante e se alegrou de que tivesse tão pouco trânsito.

Quando chegou à placa que indicava o desvio para Gnisvård a seguiu e continuou por uma autoestrada pequena que se dirigia até o antigo povoado de pescadores. A casa de veraneio dos Almlöv ficava uns quilômetros mais além, junto ao mar. Ela estivera anteriormente lá em uma ocasião, comendo caranguejos. A residência estava em um belo local e tinha seu próprio cais. O carro estava estacionado no pátio e o barco abaixo, amarrado no molhe. Portanto, deviam estar próximos. Eram quase onze e meia. A casa parecia deserta. Não saía fumaça pela lareira e as luzes estavam apagadas. Certo que era de dia, porém as nuvens faziam que, de qualquer maneira, a iluminação fosse escassa. Bateu à porta. Ninguém respondeu. Bateu mais forte. Nada. Parecia que não havia ninguém lá, a única coisa que se via eram impressões de sapatos entre a casa e o cais. Talvez tivessem saído para dar um passeio.

”Imagine ter um lugar assim, pensou Karin”. ”Que tranquilidade.” Olhou o mar ao longe e o galpão de pedra. Mais abaixo, junto ao cais, viu a sauna. Então era essa a sauna que Dahlström havia construído. Começou a cruzar o pátio. Não notou a presença da pessoa que apareceu por trás dela. Somente se ouviu um ligeiro som como um assovio antes que a jogassem ao chão.

* * *

No dia antes do Natal realizaram a conversa que ele tanto temia. As palavras de Emma foram tanques que o destruíram. Enérgicas e implacáveis.

— Não pode ser. Eu não posso continuar assim. Preciso me decidir de uma vez por todas. É verdade que gosto muito de você, Johan, porém não estou disposta a destruir minha família.

— Ah, não é? Disse ele friamente.

— Precisa compreender, não posso, insistiu a mulher. — É também pelas crianças, são muito pequenas ainda. E Olle e eu o estamos muito bem na realidade. Não é um amor apaixonado, porém funciona.

— Que bom, então.

— Não, Johan, não prossiga assim. Compreendo que esteja triste, para mim também está sendo muito duro. Não coloque as coisas pior do que estão.

— Não, não.

— Mas não fique assim, saltou irritada. — Não me faça sentir mais culpada do que já me sinto!

— Não me diga? Pois não parece. Liga agora para romper comigo, depois de afirmar centenas de vezes que me quer, que nunca gostou tanto de alguém. Johan a imitou, remedando em falsete sua voz chorona. — E em seguida, em menos de um minuto, diz que eu preciso compreender, que eu não posso colocar as coisas pior do que já estão e que eu não devo fazê-la se sentir mais culpada. Merda, então muito obrigado, foi muita consideração de sua parte. Mas a mim, acha que pode me pisar como a uma barata, sem problemas. Primeiro se joga em meus braços e diz que sou a melhor coisa que lhe aconteceu, bem, fora as crianças, e em seguida parece que é normal ligar e simplesmente dizer que acabou.

— Ainda bem que apareceu o tema das crianças, ela replicou em um tom de voz cortante. — Isso só confirma o que suspeitei o tempo todo! Que parece uma carga que eu tenha filhos! Sinto muito, porém estão no mesmo pacote, compreendeu?

— Por favor, não venha me dizer agora que as crianças foram um obstáculo. Eu estava disposto, que lhe conste, a cuidar tanto de você quanto deles. Pensei inclusive em me mudar para Gotland e, talvez, começar a trabalhar na rádio ou em algum jornal aqui. Já havia imaginado que moraria com as crianças, pensava em como deveria me comportar com eles. Que não devia impor a minha presença, que precisava levar as coisas com tranquilidade, estar à disposição e ser justo com eles. Isso é o que havia pensado, e que, talvez, com o tempo, chegassem a me aceitar e iriam querer ficar comigo e jogar futebol, construir uma cabana e essas coisas. Eu gosto de você, entende? Talvez não se dê conta do que significa isso. É muito fácil para você usar as crianças como desculpa. Utilizar Sara e Filip como se fossem um escudo protetor, para evitar colocar ordem em sua vida!

— Ótimo! Disse Emma com sarcasmo. — Agora fala seus nomes. É a primeira vez que ouço seus nomes na sua boca! Já era hora de que começasse a mostrar algum interesse por eles! Pena que seja um pouco tarde. Johan suspirou decepcionado.

— Pense o que quiser, disse. — Estou certo de que as coisas são assim. O que aconteceu simplesmente é que não se atreve a mudar, é muito covarde. Reconheça ao menos para você mesma e pare de colocar a culpa nos demais.

— Acha que sabe tudo, ela bufou, agora com a voz embargada pelo choro. — Talvez tenham passado aqui um monte de coisas que desconhece. Para você é tudo muito fácil, porém a vida pode ser muito mais complicada, espero que aprenda alguma vez. Não tem a menor ideia do que tive que passar.

— Pois fale então! Deixou-me à margem de sua vida durante várias semanas, Eu andei ligando insistentemente e a única com quem consegui foi falar foi a Viveka. Não posso fazer nada se não me conta o que aconteceu! Conte-me o que está acontecendo e a ajudarei. Emma, Eu a amo, por que não entende isso?

— Não, não posso. Não posso lhe contar o que aconteceu, respondeu com a voz afogada.

— O que quer dizer? O que não pode me contar?

— Nada, Johan. Agora eu preciso ir. Feliz Natal, feliz Ano Novo! E desligou.

* * *

Karin acordou amarrada em uma cama. Havia lhe amarrado uma corda ao redor do corpo e estava imobilizada em torno da cabeceira. Tinha o corpo entumecido e a cabeça doía. Tentou se orientar no aposento o melhor que pôde, imóvel como estava. Achava-se em um dos quartos das crianças, reconheceu de sua visita anterior. Em cima da mesa havia um ludo antigo de madeira com cones de diferentes cores utilizados como fichas. Cadeiras com assentos floridos costurados a mão, uma lâmpada modelo Strindberg. Chão de madeira tratado de modo artesanal, cortinas brancas de algodão na janela. Idílico e acolhedor.

A casa estava em silêncio. Quem a havia golpeado? Que acontecera com Anders e Leif? Tentou aguçar o ouvido, porém não pôde distinguir nenhum ruído. Quanto tempo estava lá? Tinha saído de Visby um pouco antes das onze e portanto devia ter chegado lá ao redor das onze e meia. Através da janela viu que o céu estava nublado e era impossível saber a que altura se encontrava o sol.

Tentou mexer as mãos mas a corda lhe cortava os pulsos. Com as pernas acontecia o mesmo. Fazendo um esforço conseguiu levantar a cabeça e olhar ao redor. Ali estava seu casaco, em cima de uma cadeira. Tencionou o corpo, pressionando contra a corda como havia visto fazer os contorcionistas. Pressionar e relaxar, pressionar e relaxar. Repetiu insistentemente, mexendo alternativamente os pulsos para tentar afrouxar a corda. Ao mesmo tempo se corroía de preocupação por Anders e Leif. Incomodava-lhe o silêncio que reinava na casa. A pessoa que a havia amarrado lá não devia estar muito longe. Karin notou que começava a se irritar de verdade. Não pensava ficar lá amarrada como um cordeiro esperando que chegasse alguém para sacrificá-lo. Tencionou o corpo e fez toda a força que pôde para cima.

A corda cedeu o suficiente para lhe infundir ânimo. Repetiu o movimento. Repentinamente sentiu como esta cedia. De repente pôde libertar uma mão e todo o braço esquerdo. Uns minutos depois havia se desatado totalmente e se levantou. Esticou o corpo, mexeu os braços e moveu as pernas para colocar em marcha a circulação. Foi até a janela e olhou para fora. Viu o mar que se estendia cinzento, o galpão e a sauna, perto da água. Não se via ninguém. Colocou casaco e procurou

o celular e o chaveiro. Os dois haviam desaparecido.

* * *

O avião aterrissou na hora prevista no aeroporto de Arlanda. Quando Tom Kingsley chegou no controle de passaportes, a polícia estava esperando. A detenção se realizou sem dramatismo. Kingsley parecia surpreso. A polícia explicou as suspeitas que recaíam sobre ele, colocaram as algemas e dois policiais a paisana o escoltaram até o terminal de voos nacionais para esperar o avião que partiria à tarde para Gotland. A notícia de que já havia sido detido foi recebida com alívio e satisfação na delegacia de Visby. Kihlgård ligou para Knutas, porém não conseguiu contatar com ele, tentou em seguida ligar para o celular de Karin com o mesmo resultado desalentador.

— É o cúmulo que alguém não consiga entrar colocar em contato com os dois responsáveis principais, agora que por fim aconteceu algo, maldisse.

— Karin ia para Gnisvård esta manhã, explicou Wittberg. — Knutas não está atendendo as ligações feitas para o seu celular desde o fim de semana. Estava preocupada porque poderia ter acontecido algo. Merda, eu tinha esquecido.

— O que quer dizer? O que poderia ter acontecido? Perguntou Kihlgård.

— Leif e ele tinham pensado em sair com o barco e soprou um forte vento, quase um temporal. Kihlgård olhou para o relógio.

— Vamos até lá.

* * *

Quando Karin saiu ao pátio ouviu uns ruídos surdos. Pareciam golpes e vinham do galpão. Olhou com cuidado através da janela, porém não conseguiu ver nada que lhe chamasse a atenção. O ruído cessou. Ela permaneceu quieta à espera. Colou-se contra a porta para ouvir melhor. Então voltou a ouvir o ruído, agora com golpes mais espaçados. Soavam quase sem força. Precisava algo com o que pudesse quebrar a janela. Seu carro estava onde o havia deixado, ao lado do de Leif. No porta-malas encontrou uma chave de roda. Que seja o que Deus quiser. Com a pancada o vidro se fez em pedaços, que caíram ao chão como se fosse confete. Karin perguntou através do vidro quebrado:

— Anders, está aí?

O gemido que obteve em resposta indicava que ele estava amordaçado. Inclinou-se e olhou para dentro. Ali na escuridão pôde distinguir seu chefe no chão, amarrado de pés e mãos, e com um trapo na boca. Voltou-se e olhou para a casa. Não se viam sinais de vida. Colocou a mão e abriu a janela, se cortando no vidro quebrado. Merda! Começou a sangrar, porém isso não a deteve. Trepou até o interior. Encontrou-se com o olhar de Knutas, nunca o havia visto tão indefeso. Rapidamente começou a desatar a corda que lhe segurava a mordaça. Ele soluçou quando por fim se viu liberado.

— Obrigado, estava a ponto de perder toda esperança. Achava que ia morrer nesta maldita casa.

— Onde está Leif? Perguntou Karin enquanto desatava os nós que atavam os pulsos de Knutas às costas.

— Não sei. Por quê veio até aqui?

— Estávamos preocupadas porque não sabíamos nada de você. Mas quando cheguei aqui alguém me golpeou na cabeça e me amarrou dentro da casa. Consegui me liberar e saí para procurá-lo. Ouvi os golpes.

— Foi Leif. Karin parou.

— O que?

— Creio que Leif assassinou tanto Dahlström quanto Fanny.

— Ficou maluco?

— Não. Depois explico. Algo no tom de voz de Knutas fez ela se dar conta de que era verdade.

— O carro está aí?

— Sim, está lá fora.

— E o barco?

— Está amarrado no molhe.

— Devemos sair daqui. Precisaremos de ajuda.

A porta estava fechada por fora, então saíram pela janela, cruzaram o pátio e correram para a autoestrada principal. Quando haviam se afastado umas centenas de metros da casa, se ouviu um barulho ensurdecedor. Voltaram-se e viram um mar de fogo. A sauna, na orla da água, explodiu em um inferno de fogo, faíscas, materiais de construção e fumaça. Presenciaram o macabro espetáculo em silêncio.

— Fez tudo ir pelos ares, exclamou Knutas.

— A questão é onde ele está, disse Karin com a voz apagada. Aproximaram-se do edifício ardendo, as chamas se refletiam na água. A única coisa que Knutas podia pensar era que Leif se encontrava lá dentro.

Os vizinhos, que ouviram a explosão, chegaram em seguida em seus carros. Tinham avisado à polícia e aos bombeiros. Os colegas se encarregaram de Knutas e de Karin. O comissário conseguiu convencer o pessoal da ambulância de que não seria necessário que o levassem ao hospital. Precisava ficar lá ao menos até ver como se desenvolveria todo. O mesmo aconteceu com Karin. No final, ficaram os dois sentados em uma ambulância observando o que acontecia ao seu redor. Um grupo de agentes uniformizados e armados entrou na casa enquanto outro grupo procurava pelos arredores com a ajuda de cachorros. Os bombeiros lutavam contra o fogo no molhe e alguns policiais entraram dentro do galpão com as armas em punho. "Toda a cena parecia como retirada de um filme", pensou Knutas.

Pouco a pouco os agentes foram se juntando no pátio. Os bombeiros tinham o fogo sob controle e só restava pouco para apagá-lo de todo. Não haviam encontrado Leif Almlöv em nenhuma parte.

* * *

Trinta e Três

Quarta-feira 26 de Dezembro

A RUA estava silenciosa e vazia, porém no interior das casas parecia que a ceia do dia de San Estevam estava em pleno apogeu. Na entrada de algumas residências ardiam archotes para afugentar a escuridão invernal e junto às calçadas se viam carros estacionados. O homem parou diante da cerca e observou a casa. Tinha luz em todas as janelas. As estrelas de Advento, de palha e madeira, difundiam um suave brilho. Na sala se via um candelabro do Advento alto, de ferro fundido, e duas grandes amarilis cujas flores vermelhas eram uma prova de esmero e dedicação. Viu a família se movimentar lá dentro. Dando voltas entre a cozinha e a sala de estar. Sabia que tinham a mesa de jantar na sala de estar. Conseguiu entrever Filip brincando com um cachorrinho. Agora tinham um cachorro? Isso não era um bom sinal. Abriu o portão. O cascalho rangia sob seus pés. A neve tinha derretido novamente na véspera de Natal. Agora caía uma neblina cinzenta sobre a idílica urbanização de Roma. Caminhou até a varanda e viu com o canto do olho que Olle já havia descoberto sua presença. Não havia retorno. Respirou profundamente e apertou a campainha da porta.

* * *

Epílogo

A CAPELA era uma construção isolada que se encontrava fora do povoado pesqueiro de Kovik, ao oeste da ilha, uns dez quilômetros ao sul de Gnisväd. Era construída com a pedra característica da ilha e tinha uma só janela que se abria para os prados onde pastavam as vacas e ficavam os galpões dos pescadores, açoitados pelo vento. A capela fora levantada em memória dos homens que haviam perdido a vida no mar.

Leif Almlöv provinha de uma família de pescadores que durante gerações havia pescado nas costas de Gotland, nas agitadas águas do mar Báltico. O enterro foi oficiado nela de acordo com suas últimas vontades. Somente estavam presentes os familiares e amigos mais próximos. Knutas estava sentado na última fila de cadeiras desarmáveis que haviam colocado em tão reduzido espaço. Pousou a vista no ataúde coberto de flores enquanto pensava quem havia sido Leif na realidade. Ou, melhor dito, em quem havia se convertido.

Pelo que entendia tudo começara com a história de Fanny Jansson. Claro que Leif havia ido muitas vezes à cavaliça. Isso afirmara o sogro, que também era dono do cavalo. Ali foi onde se encontrou pela primeira vez com a jovem. Depois Leif havia contratado Dahlström para que construísse a sauna no campo, porém o carpinteiro ocasional descobriu o que Leif fazia com Fanny. Pode ser que tivesse ficado lá para dormir enquanto trabalhava na construção da sauna e então viu por casualidade o que não devia. Aquilo foi o princípio do fim para todos os implicados. Não havia mais nenhuma dúvida de que Leif fora o autor dos assassinatos. Era o seu sangue o que haviam coletado no quarto de revelações de Dahlström, em seu apartamento e na arma do crime, e seu cabelo e saliva haviam aparecido na roupa de Dahlström e de Fanny.

Já tinham se passado várias semanas desde aquele fatídico dia em Gnisväd que havia terminado com a morte de Leif entre as chamas. A causa da potente explosão foram os bojões de gás que eram guardados no aposento que havia junto à sauna. A explosão poderia ter acabado com o galpão também; só uns poucos metros separavam os dois edifícios. Um calafrio lhe percorreu o corpo ao pensar que seu amigo há vinte anos talvez tivesse planejado fazê-lo saltar pelos ares. E Karin? Aquele pensamento era inconcebível, porém igualmente inconcebível era que Leif tivesse assassinado duas pessoas. Os restos mortais de Leif apareceram entre as cinzas da sauna queimada. Se havia se suicidado ou não, isso nunca chegariam a saber. Knutas dirigiu uma vez mais seus pensamentos para Ingrid e as crianças. Que vida os esperava depois de tudo isso? Sobretudo, seria possível seguir adiante? E Fanny não era mais do que uma criança. Knutas sentiu uma profunda tristeza ao pensar naquela jovem de quatorze anos. Nem sequer tivera tempo de começar a viver a própria vida. Ao mesmo tempo lhe pesavam os remorsos. Perguntava-se quanto havia significado sua amizade com Leif e em que medida esta o havia cegado. Estava perfeitamente consciente de que como chefe da Brigada de Homicídios

era o principal responsável pela investigação.

Fora da capela se via a imprensa local, além de um grupo de curiosos. Knutas declinou responder às suas perguntas. Retirou-se e ficou contemplando o horizonte. Três gaivotas voavam baixo, bem por cima da superfície da água.

O mar estava inusualmente calmo e começara o ano novo.

Fim

Agradecimentos

ESTA HISTÓRIA é absolutamente fictícia. Qualquer semelhança entre os personagens da novela e pessoas reais é pura casualidade. Às vezes tomei a liberdade de mudar algumas coisas para favorecer a narração da história. Por exemplo, modifiquei a redação local da Televisão Sueca em Gotland e transferei o seguimento informativo de Gotland para Estocolmo. A razão disso não é outra a não ser poder contar a história da maneira que eu queria. Digo isso com todos os louvores para a equipe que trabalha nos informativos regionais da Televisão Sueca, Östnytt, que na realidade é a redação responsável por cobrir a informação local na ilha.

Antes de mais nada, quero agradecer ao meu marido, Cenneth Niklasson, jornalista, que é a minha maior fonte de inspiração, meu maior apoio e meu crítico mais pertinaz. Também quero agradecer a:

Gösta Svensson, antigo comissário da polícia de Visby, por sua inestimável ajuda em tudo o relativo ao trabalho policial.

Johan Gardelius e Bo Ekedahl, técnicos criminalistas da polícia de Visby.

Martin Csatlos, da Unidade de Medicina Forense do Hospital de Solna.

Neng Wanlayaphol, preparador de cavalos de corridas do hipódromo de Visby.

Mats Wihlborg, promotor de Visby.

Jenny Ingårda e Eva Waltré, de BRIS (associação sueca que trabalha em favor da defesa dos direitos das crianças).

Il-nam Kroon, sociólogo.

Mikaela Säfvenberg, arqueóloga e guia turística em Gotland.

Kerstin, minha mãe, e Ewa Jungstedt, minha irmã, que me ajudaram nas viagens de reconhecimento por Gotland.

Tove Wiklander, por seu apoio constante durante nossos rápidos passeios.

Ao meu editor, Jonas Axelsson, porque confiou em mim, e a minha editora, Ulrika Åkerlund, por toda a ajuda que me prestou com o livro.

As minhas leitoras particulares por seus valiosos comentários: Anna-Maja Perssón, jornalista da televisão sueca, SVT, Lenna Allerstam, jornalista da televisão sueca, SVT, Lilian Andersson, editora da Bonnier Utbildning.

Bosse Jungstedt, meu irmão, e Kerstin Jungstedt, minha cunhada.

E, por último, e muito especialmente, aos meus filhos Rebecka e Sebastian Jungstedt, por seu bom humor, carinho, apoio e a enorme paciência que tiveram enquanto a mãe escrevia.

